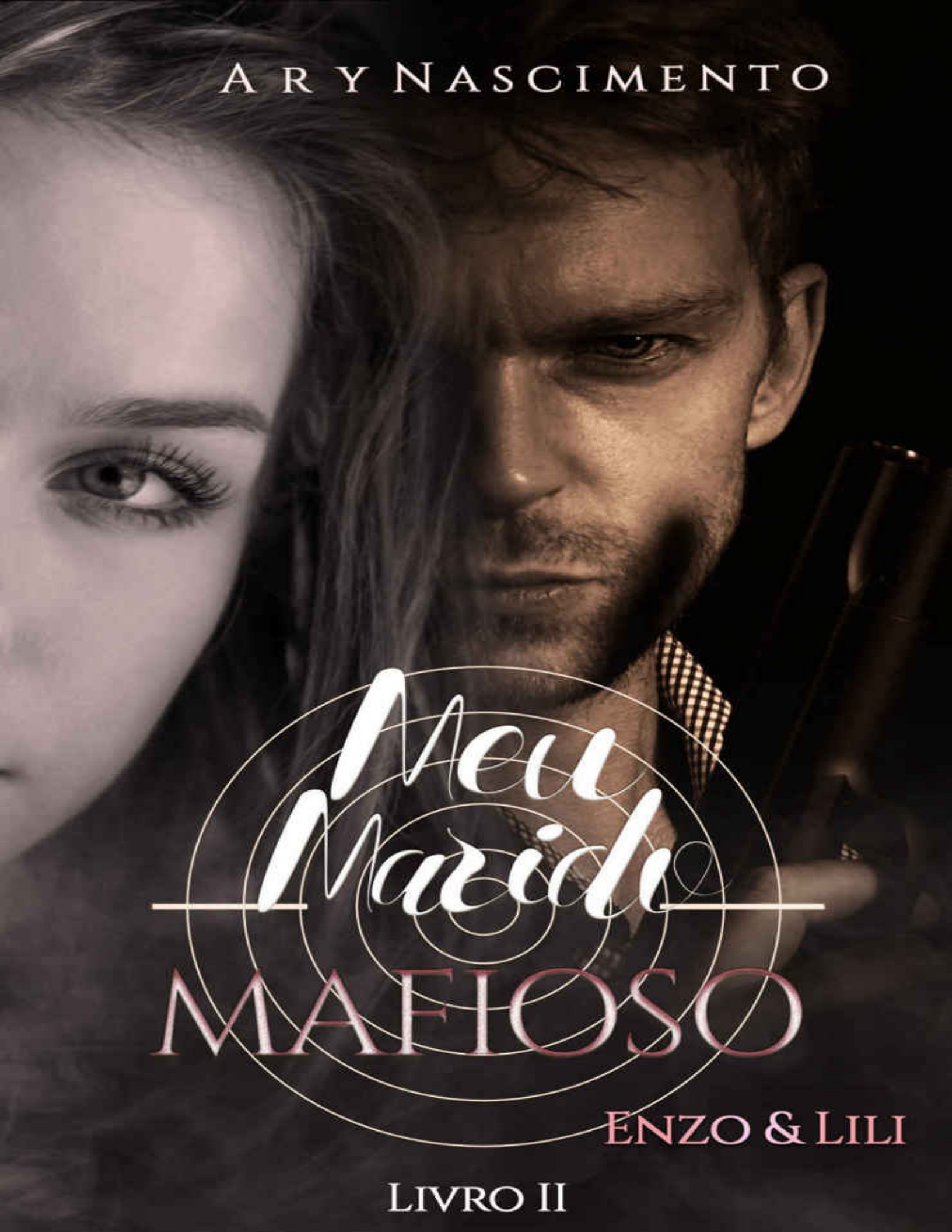




A R Y N A S C I M E N T O

*New
Marido*
MAFIOSO

ENZO & LILI

LIVRO II



The background of the cover is a close-up photograph of a man and a woman. The man, on the right, has a serious expression and is looking slightly off-camera. He has dark hair and a light beard. The woman, on the left, is partially visible, showing her eye and part of her face. She has long, dark hair. The overall tone is dark and moody.

ARY NASCIMENTO

*Novo
Marido*
MAFIOSO
ENZO & LILI

LIVRO II

Meu Marido Mafioso

- LILI E ENZO -

UM ROMANCE DE
ARY NASCIMENTO

SÉRIE CHIEFES DA MÁFIA
LIVRO 2

Publicado independente por Ary Nascimento

Capa: Jota.Capas
Revisão: Ana Terra Bourbon e Christiane Calixto
Diagramação digital: E. A. Capas & Diagramação

Meu marido mafioso 2
Série Chefes da máfia
2021
Brasil

Todos os direitos reservados.
São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra,
através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento
escrito da autora.

Criado no Brasil.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº. 9.610/98 e punido
pelo artigo 184 do Código Penal.

“Não importa em quantos pedaços o seu coração foi partido, o mundo não para,
para que você o conserte.”

William Shakespeare

Aviso da Autora

Esta obra contém situações perturbadoras,
violência, linguagem de baixo calão, conteúdo
impróprio e gatilhos.

Não recomendada para menores de 18 anos.

Esta é uma obra de ficção.

Nomes, personagens, lugares e acontecimentos
descritos são produtos da imaginação da autora.
Qualquer semelhança com nomes e fatos reais é
mera coincidência.

Esta obra segue as regras da nova ortografia da
língua portuguesa.

Sumário

[Dedicatória](#)

[Agradecimentos](#)

[Prólogo](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Enzo](#)

[Capítulo 4](#)

[Enzo](#)

[Capítulo 5](#)

[Enzo](#)

[Capítulo 6](#)

[Enzo](#)

[Capítulo 7](#)

[Enzo](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Enzo](#)

[Capítulo 10](#)

[Enzo](#)

[Capítulo 11](#)

[Enzo](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Enzo](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Enzo](#)

[Capítulo 18](#)

[Enzo](#)

[Capítulo 19](#)

[Enzo](#)

[Capítulo 20](#)

[Enzo](#)

[Capítulo 21](#)

[Enzo](#)

[Capítulo 22](#)

[Enzo](#)

[Capítulo 23](#)

[Enzo](#)

[Capítulo 24](#)

[Enzo](#)

[Capítulo 25](#)

[Enzo](#)

[Capítulo 26](#)

[Enzo](#)

[Capítulo 27](#)

[Enzo](#)

[Capítulo 28](#)

[Enzo](#)

[Capítulo 29](#)

[Enzo](#)

[Capítulo 30](#)

[Enzo](#)

[Capítulo 31](#)

[Enzo](#)

[Capítulo 32](#)

[Enzo](#)

[Capítulo 33](#)

[Enzo](#)

[Capítulo 34](#)

[Enzo](#)

[Capítulo 35](#)

[Enzo](#)

[Capítulo 36](#)

[Enzo](#)

[Matheo](#)

[Capítulo 37](#)

[Enzo](#)

[Capítulo 38](#)

[Enzo](#)

[Capítulo 39](#)

[Enzo](#)

[Capítulo 40](#)

[Bônus Alessandro](#)

[Matheo](#)

[Enzo](#)

[Capítulo 41](#)

[Enzo](#)

[Capítulo 42](#)

[Enzo](#)

[Capítulo 43](#)

[Capítulo 44](#)

[Enzo](#)

[Capítulo 45](#)

[Epílogo](#)

[Lili](#)

[Enzo](#)

[Sinopse](#)

Dedicatória

Dedico este livro a todas as “Lilianes” Collins do mundo: meninas fortes que sofreram em relacionamentos abusivos e violentos e que, mesmo quando se sentiram quebradas e humilhadas, ainda encontraram forças para se levantar; meninas que, mesmo com todo sofrimento, foram capazes de enxergar o lado bom da vida e lutar todos os dias pela sua felicidade.

Agradecimentos

Agradeço a Deus sempre, especialmente e em primeiro lugar, por me guiar, inspirar e proteger todos os dias.

Agradeço à minha família e aos meus leitores e apoiadores, pois como disse Clarice Lispector: “Quem caminha sozinho pode até chegar mais rápido, mas aquele que vai acompanhado, com certeza vai mais longe”.

Um agradecimento especial às minhas revisoras: Chris e Ana Terra. Elas se tornaram grandes amigas e aliadas nessa minha jornada e revisam meus livros lindamente e com muito amor.

Meu marido mafioso: Lili & Enzo é o segundo livro da série Chefes da máfia. Espero que vocês amem lê-lo, tanto quanto eu amei escrever.

Boa leitura!

Prólogo

Liliane aos 7 anos

Eu tinha acabado de chegar da casa da Mel, onde eu adorava ficar brincando, porque minha amiga tinha muito mais bonecas do que eu e um quarto muito mais legal. Além disso, a tia Elisabete sempre fazia muitos doces deliciosos para nós.

Confesso que eu também gostava porque lá tinha paz, silêncio e cheiro de bolo. Tia Elisabete e tio Bernardo sempre falavam baixo, ao contrário daqui de casa onde papai e mamãe viviam gritando.

Tio Bernardo tratava a Mel como uma princesa: trazia doces, beijava e abraçava a filha assim que chegava em casa.

— O que a minha princesa fez hoje o dia inteiro, hein? — ele perguntou.

— Brinquei com a Lili, papai.

— Nossa... e você nem sentiu saudades do papai?

— Senti sim — Mel respondeu toda sorridente.

— Senti nada... — Tio Bernardo falou e fez coceguinhas na barriga dela.

Melissa se desmanchou no colo dele, debatendo-se de tanto rir. Enquanto isso, eu assistia àquela cena encantada, pois achava lindo o amor deles dois. Eu ficava quietinha só admirando.

— Oi, Lili! Tudo bem, princesa? — tio Bernardo perguntou e passou a mão na minha cabeça, bagunçando meu cabelo ao passar por mim.

Eu nunca tive nada disso na minha casa. Na verdade, eu era mais bem tratada pelo meu tio, do que pelo meu pai, que era um dos seus soldados. Meu pai não era nem um pouco como ele, pois não me levava doces, não me beijava e nem me abraçava, parecia que eu nem existia em casa.

Acho que eles não sabem, mas uma vez eu vi mamãe chorando e papai falando que ela não prestava nem para lhe dar um filho homem. Além disso, ele falou que era melhor ela ter me tirado ainda na barriga. Eu não entendi muito bem o que ele quis dizer, mas também não falei nada para mamãe, porque não queria que ela chorasse mais.

Só havia um momento em que papai me tratava bem: na frente do tio

Bernardo. E eu sempre aproveitava esses momentos, pois em casa ele mal falava comigo. Pelo menos ele não me batia... até aquele dia.

Eu estava dormindo em meu quarto quando um barulho, seguido de um grito, me acordou. Meu coração disparou e, mesmo sentindo muito medo, levantei devagarinho, abri a porta do meu quarto e cheguei ao topo da escada, onde escutei um choro. Reconheci imediatamente que era o choro da mamãe e, logo depois, ouvi um tapa e outro barulho. Não pensei duas vezes, desci as escadas correndo e, quando cheguei na cozinha — que era de onde vinha o barulho —, vi mamãe caída no chão em um canto e papai à sua frente com um cinto de couro na mão. Ele já estava levantando a mão para bater nela novamente, mas eu não me contive, corri até ele e segurei nas suas pernas gritando, chorando e pedindo:

— Não, papai, por favor! Não machuca a mamãe, por favor, papai. Deixa ela, assim você vai matar *ela*.

— Me larga, sua imprestável! Sua mãe está merecendo uma lição e, se você não me largar, vai sobrar para você também.

— Liliane, minha filha, volte para o seu quarto. Está tudo bem, filha, a mamãe está bem.

— Não, mamãe, ele está te machucando.

— Ouve a sua mãe, sua peste. Some daqui!

— Não, pai, para!

Movida pelo desespero de vê-lo fazendo aquilo com a minha mãe, fiz algo que eu sabia que iria aumentar sua ira, mas ele deixaria a mamãe em paz, pelo menos. Não me importava se ele descontasse sua raiva em mim.

— Se o senhor não parar, eu vou contar para o tio Bernardo.

Na mesma hora em que as palavras saíram da minha boca, meu pai voltou sua atenção para mim e a expressão que vi em seu rosto me encheu de pavor. Senti minhas pernas fraquejarem, mas não recuei e nem me mexi até que em um rosnado ele falou:

— Sua desgraçada! Você é uma peste e agora vai aprender a nunca mais desacatar seu pai.

Foi então que senti a ardência da cintada na minha carne — uma, duas, três, quatro... — incontáveis vezes. Perdi as contas de quantas vezes ele me bateu. Minha mãe gritava e chorava pedindo para ele parar, mas era inútil, ele não parava. Eu não chorei, não gritei e não tentei fugir, apenas coloquei os braços na frente do rosto para protegê-lo, a tal ponto que a dor foi ficando suportável.

Os gritos da minha mãe pareciam distantes e foram ficando mais inaudíveis até que, de repente, tudo ficou escuro e eu não vi mais nada.



Não sei por quanto tempo fiquei desacordada, mas quando abri os olhos, a primeira coisa que vi foi um teto branco. Fiquei parada, tentando me lembrar o que tinha acontecido, então ouvi a voz da minha mãe:

— Lili, você acordou minha filha. Graças a Deus! Obrigada, Senhor! — ela falou mais olhando para o céu do que para mim e, logo em seguida, voltou a atenção para mim novamente. — Você está sentindo alguma coisa? Onde está doendo, filha? — Ela falava e chorava.

— Eu não sei. Parece que meu corpo inteiro dói e a cabeça também.

— Ah, minha filha, eu sinto tanto. Me perdoa, filha. Me perdoa por não ser capaz de te proteger daquele...

A voz da minha mãe foi ficando distante, enquanto as memórias invadiram minha mente, todas de uma vez só — papai, mamãe e a surra. *Ai, meu Deus, não era um pesadelo.*

— Mamãe, cadê ele?

— Está trabalhando, filha — ela respondeu e depois olhou rapidamente para a porta antes de voltar a falar. — Escuta, meu amor, eu preciso te pedir uma coisa. Ninguém pode saber o que aconteceu lá em casa, porque, se alguém souber, o seu pai nos mata. Me prometa que não vai dizer nada a ninguém.

Mesmo com tão pouca idade, eu entendi que esconder aquilo não estava certo, mas era um pedido da minha mãe.

— Me prometa que nem para a Mel você vai contar, Lili. Promete?

— Sim, mamãe, eu prometo.

— Seu pai disse ao Bernardo e a Elisabete que você caiu e rolou da escada. Você tem que confirmar isso.

Eu baixei minha cabeça, sentindo no fundo uma tristeza pelo que estávamos vivendo. Minha mãe levantou meu queixo, delicadamente, e perguntou:

— Você me entendeu, Liliane?

— Sim, mamãe, eu entendi.

Eu queria sair correndo dali para contar ao tio Bernardo, pois não queria nunca mais ver meu pai, mas não queria que mamãe morresse, então apenas obedeceria e não contaria a ninguém, nem mesmo à minha melhor amiga.

Naquela tarde, Mel e tia Elisabete foram ao hospital me visitar. Minha amiga veio ao meu lado na cama, com uma cara de assustada, segurou minha mão e conversou comigo:

— Nossa, Lili, você está muito feia. Você é tão bonita que nem está parecendo você. O tombo foi grande mesmo, porque seu rosto está roxo e inchado e sua mão está enfaixada. Está doendo muito?

Eu apenas balancei a cabeça afirmativamente. Eu não queria falar nada, porque, se tentasse, ia chorar.

Mel foi até sua mãe e voltou segurando uma das suas muitas bonecas — a que eu mais gostava. Quando se aproximou, esticou os braços e me deu o brinquedo.

— Toma! Eu trouxe *ela* para te fazer companhia aqui e te ajudar a sarar logo. Sei que essa é a sua preferida, então quando você for para casa, pode levar *ela com você*. Agora ela é sua.

Eu não pude me conter mais e comecei a chorar. Ela me abraçou e percebi o quanto estava preocupada comigo, pois começou a chorar também. Nesse momento, eu soube que Melissa e eu seríamos amigas pelo resto de nossas vidas e que, por mais que eu não pudesse contar a ela o que tinha acontecido, tê-la por perto já ajudaria.

Quando minhas visitantes foram embora, eu criei coragem e perguntei à mamãe:

— Por que a gente não foge do papai e vai para bem longe daqui, só nós duas?

— Filha, não é tão simples assim. Ele nos acharia e nos faria mal, acredite em mim. Seu pai nem sempre foi assim, sabe?! Ele já foi um homem bom, então tenho esperança de que um dia ele vá melhorar. Apesar de tudo, eu ainda o amo, filha. Você ainda é muito nova para entender certas coisas, mas às vezes as pessoas agem mal sem a intenção. Ele estava nervoso e alterado pela bebida, mas tenho certeza de que seu pai também me ama.

Eu não conseguia entender como minha mãe ainda podia amar um homem que batia nela e a machucava. Eu não sabia muito sobre o amor, mas o imaginava bonito. As pessoas tratam com carinho quando amam, eu vejo como tio Bernardo trata a Mel e a tia Elisabete, isso sim é amor. Ao contrário do meu pai que está sempre gritando, com cheiro de bebida e ainda, quando ele me olha, parece que quer que eu suma. Se isso é amor, então eu não quero nunca amar...

Naquele momento, deitada na cama do hospital e sentindo dores por todo o meu corpo, eu jurei para mim mesma que nunca me apaixonaria e muito menos me casaria. Afinal, eu sabia que as dores no corpo passariam, mas a dor

que estava em meu coração, essa nunca passaria.

Eu aprendi com a vida que o amor faz as pessoas sofrerem. Mamãe apanhava e dizia que o amava e, pior do que isso, ainda acreditava que era amada também. Se amar era assim, eu nunca ia amar ninguém, nem deixaria ninguém me amar. Estava decidido.

Capítulo 1

Dias atuais

Continuei na cama, mesmo depois de acordar, pois tinha chegado da Itália no dia anterior. Fui para comemorar o terceiro aniversário dos gêmeos da Mel e, com a diferença no fuso horário, ainda estava sofrendo com o *jet lag*.

Na verdade, eu andava mesmo sem ânimo para nada de uns tempos para cá.

Durante toda minha vida, eu consegui proteger meu coração e me privei de experimentar alguns sentimentos pelo meu bem, afinal depois de anos vendo a minha mãe ser maltratada pelo meu pai, apanhando calada e sendo humilhada, percebi que o amor era uma coisa nociva, que nos deixava dependentes e sem amor-próprio. Era impressionante como, depois de tudo, ela sempre o perdoava e ainda dizia que o amava.

Eu nunca consegui perdoar o meu pai. Depois da primeira surra, aos 7 anos, vieram muitas outras, diárias e cada dia mais violentas. A sensação que eu tinha era de que, quanto mais eu crescia e me tornava mais resistente, mais ele me batia. Contudo ele ficou mais esperto, pois não me batia ao ponto de me mandar para o hospital, nem deixava marcas em lugares visíveis.

Essas surras só pararam há pouco tempo, quando eu não consegui mais aguentar e o ameacei:

— É melhor o senhor me matar de uma vez, porque se não me matar agora, não haverá uma próxima vez. Se o senhor encostar um dedo em mim novamente, eu vou correndo colocar a boca no mundo para que todos saibam o covarde que o senhor é.

Ele hesitou com a mão no alto, me olhou de maneira mortal e me deu um forte tapa na cara, que me tirou sangue. Em seguida, apontou o dedo em riste para mim e disse:

— Não me ameace, sua vagabunda. Você nunca prestou para nada e agora ainda quer me ameaçar? Nem para arrumar um casamento bom você presta, pois não se valoriza e se comporta como uma prostituta. Quem vai te querer? Eu sei que você está esse tempo todo se enroscando com o Esposito mais

novo. É ele quem está botando essas ousadias na sua cabeça e te fazendo me enfrentar?

Olhei para ele incrédula pelas coisas que me dizia e, com certeza, minha expressão demonstrava o quanto ele estava me afetando. Então ele continuou a falar:

— A Melissa sim, foi inteligente, porque casou com um capo e deu logo dois filhos para ele. Já você, nem capacidade para isso tem, pois está só sendo usada pelo *playboy*. Ele nunca vai te assumir, sua imbecil. Nunca! Ele só quer se enfiar no meio das suas pernas. Então, vê se trata de largar dele e arrumar um casamento, porque assim você some logo dessa casa e me poupa do desgosto de te olhar todos os dias.

Aquelas palavras me cortaram como um punhal e optei por não responder. Não pelos xingamentos, insultos ou a falta de amor do meu pai por mim, pois isso eu já estava acostumada e não fazia mais questão, mas porque em uma coisa ele tinha razão: o Enzo nunca me assumiria.

Nós nos dávamos muito bem e nos divertíamos demais juntos, disso eu não tinha dúvidas. Ele era engraçado, gentil, leve e, às vezes, até parecíamos duas crianças. Quem nos via não dizia que ele era um mafioso — o segundo no comando da organização criminosa mais poderosa do mundo —, ainda mais porque ele só andava de terno quando estava trabalhando ou em algum evento de gala; na rua, quando saíamos juntos, ele usava roupas casuais, pois não gostava de chamar atenção desnecessariamente.

O sexo também era espetacular, porque Enzo entendia todas as minhas necessidades. Eu estava acostumada com a dor, então gostava de um sexo mais bruto e ele me dava exatamente o que eu precisava. Entretanto nós já estávamos nessa situação há mais de 3 anos e ele nunca — nunquinha — falou em namoro.

Depois que eu o conheci na boate — na despedida de solteira da Melissa —, nunca mais fiquei com outro homem. Era só ele que eu queria. Eu ia umas cinco vezes no ano para a Itália, com a desculpa de visitar Melissa e os gêmeos, é claro que eu também queria ver minha amiga e meus bebês, mas não posso negar que a cada dia ficava mais ansiosa para encontrar com Enzo. Ele também vinha para Nova Iorque umas duas ou mais vezes no ano, quase sempre para tratar de negócios, mas nos encontrávamos, é claro. Ele tinha um apartamento aqui, então eu dormia lá com ele todos os dias, assim como eu fazia quando ia para a Itália.

O chato do Mattheo já nem reclamava mais com a gente. No início, o marido da minha amiga implicava e dizia que Enzo ia acabar me engravidando, mas depois que Melissa engravidou e sofreu as ameaças, a cabeça dele esteve

focada somente nisso e, enfim, ele nos deixou em paz definitivamente. Eu não morria de amores por Matheo, mas tinha que admitir o quanto ele mudou. Agora, ele beijava o chão que Melissa andava, fazia tudo por ela e pelos gêmeos e era um excelente pai e marido. Eu estava imensamente feliz pela minha amiga, porque ela merecia isso e muito mais.

Enzo e eu estabelecemos uma rotina que funcionava bem: quando eu não estava na Itália ou ele aqui, nós nos falávamos todos os dias pelo telefone e, muitas vezes, fazíamos até chamada de vídeo.

Eu sabia que ele saía com outras mulheres quando eu não estava lá e isso me machucava muito, mas eu não podia cobrar nada, afinal ele nunca me prometeu ou pediu fidelidade. Eu não queria ficar com outros caras e, no início, não entendia o porquê, mas fui percebendo, com o passar do tempo, que nenhum outro homem chamava a minha atenção. Durante todos esses anos só estive com ele e essa nossa dinâmica estava funcionando... até que eu estraguei tudo.

Melissa me avisou várias vezes — e até eu me avisei —, mas eu não quis ouvir. Quando dei por mim, já estava completamente apaixonada por Enzo e não era de hoje, já fazia um bom tempo. Agora eu entendia que minha fidelidade a ele não era uma obrigação, mas sim porque eu não queria mais ninguém. Eu era fiel ao sentimento que tinha por ele e nenhum outro homem me faria sentir o que ele fazia. Não se tratava mais de prazer, era o meu desejo de estar com o homem que eu amava.

Desde que meu pai jogou na minha cara o que eu já sabia e percebi que ia quebrar meu coração, tomei uma decisão. Fui aos poucos trabalhando minha mente para acabar com tudo, pois quanto mais eu prolongasse pior seria.

Eu sofria todos os dias pensando em como seria quando tudo acabasse; sofria quando não conseguia falar com ele e imaginava que estivesse nos braços de outra; sofria quando me despedia dele sem saber quando o veria novamente. Então cheguei à conclusão de que, às vezes, tem que doer muito para não doer nunca mais. Assim, deixá-lo me traria uma dor insuportável, mas aos poucos ia passar.

Pensando em tudo isso, no dia anterior e depois de deixar a Itália, eu decidi definitivamente que não veria mais Enzo. Quando eu fosse para a Itália ficaria exclusivamente na casa de Melissa e o evitaria o máximo que fosse possível; Quando ele viesse essa semana para Nova Iorque seria nossa despedida, eu terminaria com ele o que a gente nem começou, pois precisava proteger meu coração.

Resolvi levantar da cama e tomar um banho, porque eu precisava reagir. Sempre fui forte e aguentei coisas muito piores do que um coração quebrado por

um amor não correspondido. *Eu ia superar!*

Quando saí do banheiro, meu telefone tocou. Era Melissa.

— Fala, mulher da minha vida, como estão meus bebês?

— *Estão ótimos, graças a Deus. Pietro só vive atrás do pai, mas a Mia é mais agarrada comigo, inclusive está aqui do meu lado.* — Mel falou para a filha: — *fala com a tia Lili, filha.*

— Oi, tia Lili. *É a Mia, cê tá boa?*

— Oi, meu amor, titia está ótima e você?

— *Mia tá boa, mas papai só leva o Peto pa academia, nunca leva a Mia.*

— É mesmo? Seu pai é um ogro, não liga para ele, meu amorzinho.

— *Lili, para de falar essas coisas para minha filha. Ela repete tudo, tá?!*

— Ué, não falei nenhuma mentira, ou falei?

— *Vamos mudar de assunto, estou sabendo que Enzo vai para aí essa semana e aposto que você está toda animada.*

— É, ele vem.

— *Nossa, que empolgação. Está tudo bem mesmo, amiga? Tenho te achado muito estranha de uns tempos para cá.*

— Que nada, estou ótima! — Tentei forçar uma animação que eu não sentia. — Mel, eu vou ter que desligar agora, preciso fazer umas coisas aqui. Dá um beijo no meu outro bebê por mim.

— *Tá bom, amiga. Beijo, tchau!*

Eu não gostava de omitir nada da Melissa, mas eu não queria preocupá-la. Eu ia superar logo isso, ao menos era o que eu esperava.

Depois de tocar no nome de Enzo, o desânimo me consumiu, então deitei novamente na cama, onde passei o restante do dia, e me permitir ser fraca um dia na minha vida.

À noite, meu telefone tocou e era ele. Fiquei parada com o telefone na mão, olhando aquela foto dele que tirei no dia da festa dos gêmeos. Ele estava tão feliz e seu sorriso era meu motivo para sorrir, muitas vezes.

Acabei não atendendo e me esforcei para dormir. Eu precisava de algum alívio e, pelo menos enquanto eu dormia, não sentia nada.



A semana passou voando, já era sexta-feira. Enzo chegaria hoje e já tinha me ligado para avisar que ia resolver um assunto de trabalho e depois viria direto

me buscar para irmos para o seu apartamento.

Eu decidi passar esse final de semana com ele e conversar somente no domingo. Esta seria nossa despedida.

Às 20h em ponto, ele estava parado na porta da minha casa, então me despedi da minha mãe e saí. Meu pai não estava em casa e, mesmo que estivesse, me ignoraria, pois não ligava para nada relacionado a mim. Na verdade, ele queria mais era que eu ficasse longe. Quando eu estava passando dias na Itália e ele exigia que eu voltasse, era só porque tio Bernardo perguntava e ele fazia uma ceninha de pai preocupado.

Quando cheguei ao carro, Enzo abriu o seu sorriso mais lindo e brilhante para mim. Aquele sorriso era contagiante e não pude deixar de retribuir com meu sorriso mais sincero. Ele me puxou, me deu um beijo de tirar o fôlego e, em seguida, fomos para o seu apartamento. Ao chegarmos lá, mal eu entrei e já fui prensada na parede com as pernas enroladas em sua cintura. Enzo me beijava com fome, loucura e saudades, refletindo tudo que eu mesma sentia naquele momento. Nos beijamos por um bom tempo, até que ele se afastou um pouco dos meus lábios, me olhou e disse:

— Saudades dessa sua boca gostosa.

E voltou a me beijar. Ele tirou meu vestido, depois meu sutiã e, em um minuto, eu estava só de calcinha e salto alto. Enzo beijou todo o meu corpo, acariciou e chupou meus seios, enquanto me levava para o quarto, onde me jogou na cama.

Tive uma visão do paraíso quando Enzo tirou a própria camisa, as calças, chutou os sapatos para o lado e, por fim, a cueca. Ele era tão lindo, tinha um corpo perfeito e um abdômen de tanquinho — daria até para lavar minhas calcinhas ali. *Eu sentiria saudades dele e de nossos momentos.*

Não tive mais tempo para pensar, pois quando me dei conta, ele já estava em cima de mim, me beijando novamente de forma intensa. De repente, ele parou de me beijar e olhou para mim com cara de desconfiado.

— Você está estranha, Lili. Aconteceu alguma coisa? Parece que está com o pensamento em outro lugar.

Ele ficou me observando e olhando dentro dos meus olhos, enquanto aguardava por uma resposta. Enzo me conhecia e era esperto, eu precisava falar alguma coisa para fugir daquele assunto. Não queria falar a verdade hoje, então menti:

— Estou mais sensível por causa da TPM. Será que podemos levar as coisas com mais calma hoje?

— Você está falando do famoso sexo baunilha?

— Tipo isso.

— Está bem, gatinha, seu pedido é uma ordem. Hoje vai ser no amor.

Ele voltou a me beijar, mas dessa vez com carinho e cuidado, depois desceu beijando delicadamente meu pescoço, seios e barriga. Quando ele chegou no meio das minhas pernas, me lambeu de uma forma nunca feita antes. *Putá merda, que delícia!* Eu já não sabia de qual dos dois "Enzos" eu gostava mais, o selvagem ou o baunilha.

Em pouco tempo, explodi em um orgasmo e gemi enlouquecida.

Enzo chupou até a última gota e subiu para me beijar. Seus beijos tinham tanto carinho e devoção que senti vontade de chorar. Depois de um longo tempo entre beijos, ele abriu minhas pernas, posicionou seu pau e se afundou em mim. Eu estava no céu, era a melhor sensação do mundo. Aquele homem entrava e saía de mim na medida certa — nem muito rápido, nem devagar —, com movimentos calmos e certos. Nós dois gemíamos sem parar.

Ele me colocou de lado e voltou a meter, dessa vez estimulando meu clitóris. Eu gemia desesperada até que gozei novamente e rápido — chegava a ser vergonhoso o quão sensível eu estava. Depois que me estabilizei do orgasmo, ele me colocou de quatro e meteu um pouco mais rápido e bruto, pois era a vez dele. Eu gemia e ele também. Nossos corpos se chocavam e os sons se misturavam entre gemidos, respirações ofegantes e palavras chulas que saíam sem parar de sua boca e que eu amava. Algumas estocadas a mais e ele gozou com força.

Capítulo 2

Apesar de não sermos namorados, Enzo era muito carinhoso comigo, mesmo fora do sexo. Ele sempre me tratou com gentileza e respeito, logo eu que sempre fui tratada como uma vagabunda pelo meu próprio pai. Não é de se admirar que eu tenha me apaixonado por ele depois de tudo.

Depois de vários beijinhos e trocas de carícias após o sexo, levantei da cama e fui tomar banho. Quando entrei no box, senti algo escorrer pelas minhas pernas e gelei.

Puta merda! Enzo não usou camisinha e gozou dentro de mim, só agora me dei conta disso.

Durante todos esses anos, em alguns encontros não usamos camisinha. Às vezes, na hora da pressa e com a vontade louca, não tínhamos camisinha por perto, então ele não usava e dizia que eu era a única com quem ele se permitia fazer isso. Enzo também era o único com quem eu transava de toda forma, mas eu não daria o gostinho de dizer isso a ele.

Quando ele não usava o preservativo, sempre tirava antes de gozar ou gozava no anal, mas dessa vez ele não fez nem uma coisa e nem outra. Eu estava tão mexida na hora que não me liguei. *Porra! O que deu nele?*

Já saí do banheiro tirando satisfação:

— Enzo, porque você gozou dentro de mim, ficou louco?

— Ué, você não está de TPM? Quando está menstruada eu sei que pode.

— Você viu algum sangue aqui, Enzo?

— Não, mas pensei que estivesse no início ou sei lá. Você acha que, morrendo de tesão como eu estava e ainda mais no escuro, eu ia reparar nisso? Eu não ligo para sangue de nenhum tipo, Lili, principalmente o seu, afinal um bom guerreiro nunca se importa em sujar sua espada de sangue. Além disso, nós já transamos com você menstruada, qual o drama agora?

— O drama é que eu não estou menstruada, cacete.

Enzo arregalou os olhos na mesma hora e titubeou antes de dizer:

— Mas você disse que estava, porra.

— Não, eu não disse isso. Falei em TPM e a sigla já diz: tensão pré-menstrual! — Fiz questão de aumentar o tom de voz nessa última palavra.

— Você acha que eu me ligo nessas porras de siglas de mulher? Da próxima vez seja mais específica, cacete, principalmente quando eu estiver de

pau duro dentro de você. Agora chega de drama e toma uma pílula do dia seguinte que vai ficar tudo certo.

— É mesmo, Enzo? Seus sobrinhos deveriam se chamar "pílula" e "dia seguinte", ao invés de Mia e Pietro, você não acha? Afinal, Melissa me contou há pouco tempo que eles foram concebidos assim.

Mais uma vez, Enzo arregalou os olhos e desta vez ficou até pálido. Eu fiquei com dó, pois sei que ele não fez por mal, então quis acalmá-lo.

— Tudo bem, estou exagerando um pouco. Vamos sair logo para comprar uma, porque quanto antes eu tomar, mais eficaz ela será. Essas pílulas têm um prazo de 72h para tomar, e quanto mais demora para tomar, menos eficiência ela terá.

— Como é que você sabe dessa porra toda de pílula, Liliane, por um acaso andou tomando algumas por aí?

Enzo me perguntou puto da vida e mudou totalmente o semblante do seu rosto, que ficou muito irritado. Me apressei em responder, mesmo que ele não tivesse o direito de me cobrar nada, pois não queria que ficasse com um pensamento errado a meu respeito.

— Claro que não, Enzo. Nunca tomei, mas tenho muitas amigas que tomaram e mulher sempre sabe dessas coisas.

— Achei que sua única amiga era a Melissa. E, que eu saiba, até meu irmão deflorá-la, ela era totalmente inexperiente.

— Melissa, sem dúvida, é minha melhor amiga, mas não a única. Na verdade, as outras são colegas, mas esse detalhe é irrelevante. Veste logo a roupa e vamos comprar essa pílula, Enzo.

Ele pulou da cama na hora e nem tomou banho; catou a roupa do chão, se vestiu e saímos.

Compramos a bendita pílula e tomei logo na farmácia. No caminho de volta, passamos em um restaurante para pegar comida e, quando chegamos em casa, fomos comer. Eu sentiria falta desses nossos momentos, onde um simples jantar com ele se tornava algo divertido, mas o afastamento era o melhor para nós dois.

Terminamos de comer e fomos deitar. Enzo estava cansado da viagem, porém isso não o impediu de querer transar novamente. Eu não quis porque realmente não estava bem. Eu só conseguia pensar que não teria mais tudo aquilo com ele e no quanto eu sentiria falta daquele homem, que tornava minha vida um pouco mais fácil. Sem ele não me restaria muita coisa.

Enzo ficou me olhando atentamente, estranhando minha reação, pois eu

nunca neguei sexo, nunca.

— Você está estranha, Lili. Você precisa me contar o que está acontecendo, eu fiz algo errado? Não estou falando pelo sexo, apesar de também ser muito estranho, já que você nunca negou fogo, mas você está esquisita o tempo todo. Se eu fiz algo que te incomodou, me fala, porque eu sou meio ogro, às vezes, e nem percebo. Sei que minhas brincadeiras também são chatas em alguns momentos, então me desculpa qualquer coisa, mas me fala o que você tem.

— Não é nada, Enzo, apenas a TPM que esse mês está mais chata, mas vai passar. Podemos dormir? Você está cansado e eu também.

Ele pareceu meio relutante em acreditar, mas por fim aceitou.

— Tudo bem, vamos dormir — ele disse. — Ah, amanhã tem o aniversário de um amigo meu em uma boate e nós vamos, *okay*?!

— Tudo bem, vamos sim. Boa noite, Enzo.

Ele me desejou boa noite, me beijou e, enfim, dormimos.



No dia seguinte, fomos à boate para o aniversário do amigo dele. O lugar estava muito cheio e a área vip, onde seria a comemoração, lotada.

Enzo chegou como sempre, fazendo algazarra, sorrindo e brincando com todos. Ele me apresentou a algumas pessoas, mas a maioria dos convidados eram os de sempre e eu já conhecia.

— Essa aqui é a Lili, uma amiga minha.

Era assim que ele sempre me apresentava e ouvir aquilo me machucava. Na noite anterior, quando ele estava me fodendo, eu não parecia ser apenas uma amiga, mas eu não podia exigir nada, como sempre. Meu pai tinha razão quando dizia que a culpa era toda minha, afinal eu deixei a situação chegar a esse ponto, eu não me valorizei.

Engoli a raiva e respondi a todos com um sorriso enorme no rosto. Fazer isso não era difícil para mim, pois depois de viver anos sendo maltratada e espancada pelo meu pai e ter que fingir que éramos uma família feliz, me tornei uma ótima atriz.

Sentamos com algumas pessoas e logo nossa mesa estava lotada. Enzo era muito popular e sempre o centro das atenções. Todos queriam falar com ele e posávamos para fotos — eu sempre sorrindo por fora, já por dentro, tudo parecia amargo, tudo tinha gosto de despedida. Eu sorria por fora, mas por dentro estava

destruída e, mesmo estando ali entre tantas pessoas, eu me sentia completamente sozinha. Ninguém imaginava o que se passava dentro de mim naquele momento, na verdade, ninguém nunca imaginou, durante toda a minha vida.

A noite estava correndo normalmente. Nos levantamos da mesa, bebendo, dançando e aproveitando como sempre. Depois de uns *drinks*, resolvi deixar para lá a chateação e curtir tudo que ainda me restava.

Um pouco mais à frente, observei que tinha um cara que não parava de me olhar. Provavelmente, Enzo não o conhecia, pois não tinha falado com ele nem me apresentado. Apesar de um pouco afastado de nós, ele não tirava os olhos de mim.

Imaginei que ele soubesse que eu estava com Enzo, pois, apesar de ele não ter me beijado nenhuma vez, estávamos o tempo todo juntos.

Que sujeito mais cara de pau! A forma como me encarava já estava me incomodando.

Certa hora, Enzo falou no meu ouvido que ia ao banheiro e eu assenti. Continuei onde estava, olhando um chiclete que tinha agarrado na minha sandália e, quando levantei a cabeça, o cara estava vindo em minha direção. *Merda, era só o que me faltava!*

Quando ele chegou bem perto, me cumprimentou de maneira simpática:

— Boa noite! Eu estava de longe te observando, doido para vir me apresentar, mas não sei se o cara é seu amigo ou namorado, então achei melhor ficar só observando. Agora que ele saiu, achei que valia a pena vir e me arriscar, se não hoje, quem sabe um outro dia. Prazer, meu nome é Felipe.

— Oi, Felipe, eu sou a Lili. Prazer.

Eu estava agoniada, toda hora olhando para a direção de onde Enzo deveria vir e nada de ele voltar. O cara não estava sendo grosseiro, mas eu estava incomodada. Saí de meus pensamentos quando o ouvi falar novamente comigo:

— Então, Lili, amigo ou namorado?

Inicialmente eu não entendi a pergunta, mas quando a ficha caiu, me atrapalhei toda para responder.

— Amigo. Quer dizer, não amigo, amigo... Não é namorado, mas também não é só amigo.

O cara riu e levantou as mãos em rendição.

— Tudo bem, já entendi, vocês estão ficando. Eu ia te chamar para dançar, mas já que é assim, não vou fazer o convite, quem sabe na próxima?

Eu assenti sem graça, disse que ia encontrar Enzo e saí dali correndo, deixando o cara para trás. Era incrível como, agora, um cara chegando em mim

me deixava desconcertada.

Quando entrei no corredor que dava para os banheiros, paralisei com o que vi. Enzo estava parado, com um sorriso de orelha a orelha, conversando com uma loira que estava perto — na verdade, muito perto — dele, com as duas mãos espalmadas em seu peito. Ela estava claramente se insinuando e ele claramente adorando.

Eu queria correr dali sem ser vista, pegar um táxi e sumir, mas quando fiz menção de virar, Enzo me viu e arregalou os olhos. Eu não esperei por ele, porque uma raiva sem tamanho me subiu. Saí correndo e, quando passei onde estava antes, vi que Felipe ainda estava lá. Em uma atitude impulsiva e movida pelo ciúme e raiva, fui até ele, peguei sua mão e o puxei.

— Mudei de ideia, vamos dançar!

Mesmo sem entender nada, Felipe segurou minha mão e fomos para o meio da área vip. Dançamos na pista lotada e fiz questão de sensualizar e rebolar, quase me esfregando em Felipe. Virei de costas para ele, dançando e me esfregando sutilmente, então ele colocou as mãos na minha cintura e eu deixei.

Quando olhei na outra direção, vi Enzo parado, me procurando com os olhos. No mesmo segundo, como um ímã, ele me encontrou e a expressão que surgiu em seu rosto, quando viu o cara dançando comigo, me deu até um arrepio. Eu nunca vi Enzo assim. Nunca o vi em ação e, apesar de saber que ele era incapaz de me machucar, por instinto eu automaticamente me encolhi. Ele estava com cara de quem ia matar alguém quando andou na minha direção.

Eu não conseguia afastar meus olhos dele, já não via e ouvia mais nada ali e me arrependi na mesma hora da loucura que fiz. Enzo era perigoso e eu tinha colocado a vida do cara em risco. *Que merda eu estava pensando?*

Pra piorar a situação, Enzo já estava bem perto de nós quando Felipe, totalmente inconsciente da situação e ainda com a mão na minha cintura, deu um beijinho no meu pescoço. Vi os olhos de Enzo escurecerem e uma expressão assassina tomar o seu rosto. Foi aí que o mundo desabou.

Capítulo 3

Assisti em câmera lenta o momento em que Enzo afastou Felipe de mim e acertou um soco bem em cheio na cara dele. O cara caiu no chão com tudo e eu fiquei horrorizada, tapando a boca com as mãos em choque. A culpa era toda minha, eu que provoquei Felipe, pois estava cega de ciúmes. Mais uma vez tive certeza de que o amor só fode com a gente, nos deixando burros, cegos e inconsequentes. *Olha a merda que eu fiz!*

Saí do transe e me deparei com Enzo ainda em cima do cara, desferindo vários socos na face já ensanguentada de Felipe. Desesperada com o caos que eu tinha provocado, gritei:

— Larga ele, Enzo! Ele não fez nada, foi tudo minha culpa. Larga ele!

Na mesma hora, os amigos de Enzo se juntaram e o seguraram. Foi preciso quatro homens para tirar Enzo de cima do Felipe e, quando saiu, ele olhou para o cara praticamente desacordado e ainda falou:

— Você está com sorte por eu não te matar hoje, seu filho da puta!

Em seguida, ele se virou para mim, puxou meu braço e esbravejou:

— Vamos embora, porra!

Enzo saiu me arrastando pelo braço para fora da boate. Ele nunca tinha falado comigo assim, por isso eu fiquei muito assustada. Chegamos no estacionamento, ele abriu a porta do carona e, praticamente, me jogou lá dentro; deu a volta, entrou no carro pelo lado do motorista e saiu cantando pneus.

Eu nunca tinha visto Enzo desse jeito. Ele estava transtornado, sem nenhum resquício da costumeira alegria ou suavidade no rosto; refletia puro ódio, ao ponto de eu não ter nem coragem de falar nada. Ele dirigiu olhando para frente por vários minutos e, quando me olhou, estava cheio de ira.

— Está chorando por quê, caralho? Está com pena do seu amiguinho? Eu deveria tê-lo matado.

Apenas nesse momento eu percebi que estava realmente chorando. Não respondi nada, mas Enzo continuou falando:

— Você ficou maluca, porra?! O que deu na sua cabeça para dançar daquele jeito, se esfregando no pau daquele desgraçado e ainda deixá-lo segurar na sua cintura e beijar seu pescoço? Você sabe que eu poderia ter matado aquele cara e faltou pouco. Eu ainda quero muito voltar lá e matá-lo. Você sabe que isso pra mim é fácil, não é nenhuma novidade.

Depois de ouvir aquelas coisas, não aguentei mais ficar calada e explodi:

— E o que deu em você pra dizer que ia ao banheiro e, na verdade, deixar aquela puta se esfregar em você, todo sorridente?

— Não era nada, Lili. Ela era só uma amiga que eu não via há bastante tempo. Não aconteceu nada, porra, eu nem a toquei.

— Eu também sou só uma amiga, esqueceu? Vai dizer que nunca comeu essa sua amiguinha?

Enzo se calou e tive a minha resposta. Ele passou a marcha do carro e acelerou nas ruas de Nova Iorque até chegarmos ao seu apartamento. Dava para perceber o quanto ele ainda estava enfurecido, pois seu maxilar estava travado e os olhos com uma expressão que até então eu não conhecia. *Esse era o lado mafioso que eu ainda não tinha visto.*

Quando chegamos, fui direto para o quarto arrumar minhas coisas. Enzo entrou logo atrás de mim e, quando viu o que eu estava fazendo, perguntou:

— Por que você está arrumando suas coisas? Você não vai embora sem antes resolvermos isso, Liliane!

— Resolvermos o quê? Não temos nada pra resolver aqui, Enzo. Eu não sou sua namorada, então nem deveria ter me importado com aquela puta e nem você com o Felipe. Não temos um compromisso, portanto não temos nenhum direito um sobre o outro.

— Você sabe até o nome do palhaço, pegou o telefone dele também?

— Não enche, Enzo! Não vem bancar o ciumento, porque nós dois sabemos que o que há entre nós é só sexo.

— Não é bem assim, Liliane. Você sabe que é especial para mim, não é só sexo. Concorde que não temos um relacionamento e não nos prometemos nada, mas você é a única mulher que já dormiu na minha casa, a única que toda minha família conhece.

— Grande coisa! Sua família me conhece porque eu sou praticante da família da Melissa, não é como se você tivesse me apresentado a ninguém. Além disso, eu durmo na sua casa porque já estou dentro do condomínio, seria estranho estarmos ao lado da sua casa e sairmos para dormir em um motel.

— Não é só por isso e você sabe! Quando você está na Itália ou eu venho para cá, fico só com você. Nunca, na minha vida toda, fiquei tanto tempo transando com uma mesma mulher e ainda sentindo cada dia mais tesão por ela. Acho que isso quer dizer alguma coisa, você não acha?

Nós dois estávamos abalados e gritando, mas Enzo já começava a se

acalmar ou sabia esconder suas emoções melhor que eu, que ficava cada vez mais nervosa e não conseguia conversar sem gritar.

— Isso não te impede de comer outras assim que eu viro as costas.

— E nem você, caralho! — Ele voltou a se exaltar. — Eu sei que não sou o único para você, inclusive já vi marcas no seu corpo várias vezes, acha que eu sou idiota?

A essa altura, lágrimas escorriam livremente pelo meu rosto e eu já não fazia mais questão de esconder. Nunca me expus tanto assim para ninguém, não chorava nem quando meu pai me dava surras e deixava as malditas marcas, mas também não doía tanto assim.

Eu respirei fundo, acalmei meus ânimos, olhei pra ele e resolvi despejar tudo. Já não dava para me calar mais e também não fazia mais sentido adiar o inevitável.

— Você não sabe do que está falando, Enzo. É aí que você se engana, porque desde que eu estive com você a primeira vez, eu não tive mais ninguém, foi só você.

Por um segundo ele hesitou em baixar a guarda, mas percebi que ele realmente acreditava no que eu tinha dito.

— Eu sabia que você tinha outras, sabia que não te devia fidelidade, mas eu simplesmente não me interessava mais por outros homens. Eu cortei todos os contatos que tinha, não transei ou sequer beijei mais ninguém e não entendia o porquê daquela falta de interesse, já que não éramos namorados. Contudo a vontade que eu tinha de você só crescia mais e mais e me peguei ansiando por cada encontro nosso, cada ida à Itália, cada chegada sua a Nova Iorque. E quando eu vinha ou você ia embora, parecia que faltava um pedaço de mim. Os dias eram sem graça, sem cor e eu dormia todas as noites com aquele casaco que eu peguei de você, apenas para sentir seu cheiro. Eu te ligava, ao invés de mandar mensagem, porque eu precisava ouvir sua voz e, às vezes, a saudade e a ausência eram tão insuportáveis que eu fazia chamada de vídeo, porque necessitava te ver.

Enzo estava cada vez mais calmo agora e eu não podia parar de externar tudo o que eu sentia em relação a nós.

— Melissa já havia percebido e até tentou conversar comigo várias vezes. Ela me avisou, mas eu simplesmente não pude mais controlar... quer dizer, eu nem sabia direito o que estava sentindo. Então, finalmente entendi que eu estava apaixonada por você. Enquanto para você eu era só uma amiga com benefícios, você para mim era único.

Encarei Enzo e ele me olhava abismado, de boca aberta, sem palavras e

pálido. Então eu continuei a falar:

— Não se preocupe, porque eu não o culpo. Você nunca me prometeu nada, nem me deu esperanças de um relacionamento, a culpa é toda minha que me iludi. Eu nunca me apaixonei por ninguém antes, mas já quebrei alguns corações por aí, então era de se esperar que uma hora alguém quebraria o meu. Eu vou sobreviver. Não pense, Enzo, que estou te cobrando alguma coisa, porque eu não estou. E é por isso que eu tomei uma decisão, pelo seu, mas principalmente pelo meu bem. Acabou, Enzo!

Foi apenas nesse momento que ele pareceu sair do transe, me olhou ainda apático, apertou o nariz com os dedos, olhos fechados e, como se estivesse surgindo uma dor de cabeça, falou calmamente:

— Olha, não precisa acabar assim e nem quero que acabe, mas eu não sirvo para essa coisa de sentimentos. Eu não sei como namorar e essa coisa toda, porque não nasci para isso, Lili. Não sou o tipo de cara romântico que leva flores, eu não sei ser assim. Eu vi tudo pelo que Matheo passou depois que casou e se apaixonou pela Melissa e não quero essas coisas para mim. Não sei cuidar direito nem de mim, você sabe que eu só faço merda e não quero te magoar ou...

Eu o cortei, não deixei que terminasse:

— Enzo, está tudo bem, não precisa se explicar. Eu já sabia que esse era você e não vou guardar mágoas ou te odiar, pelo contrário, serei sempre grata por ter acontecido e nunca reclamar por ter acabado. Nós vamos ficar bem! — afirmei, tentando convencer também a mim mesma. — Seremos amigos algum dia e eu nunca vou me esquecer de um só minuto vivido com você. Obrigada por tudo, mas acabou. Desculpe, eu não posso mais.

Peguei minhas coisas que já tinha terminado de juntar, fui até ele que estava totalmente estático e sem reação, dei-lhe um abraço apertado ainda chorando e ele retribuiu, mas parecia inerte. Beijeí carinhosamente a sua bochecha e saí do seu apartamento.

A essa altura o dia já amanhecia. Dei sorte ao sair do prédio, pois estava passando um táxi. Fiz sinal, o carro parou e eu entrei segurando o choro. Apenas quando cheguei no aconchego do meu quarto, eu me joguei na cama e me permiti chorar toda a minha dor.

Enzo

Fiquei parado, vendo Lili ir embora, sem saber o que fazer. Por algum motivo desconhecido, eu queria correr atrás dela, me jogar aos seus pés e pedir para ela ficar. Eu queria dizer que a levaria para dançar e a faria sorrir, porque seu sorriso iluminava tudo ao nosso redor. Eu queria prometer tudo que eu sabia que ela precisava ouvir nesse momento, mas não podia fazer isso.

Eu não podia correr atrás dela e dizer que a amava, pois não seria certo mentir ou magoá-la. Não havia mais nenhuma certeza em mim, mas eu sabia que mesmo que eu tentasse, mais pra frente eu ia acabar fazendo merda e estragando tudo, afinal eu sempre estragava tudo.

Por minha culpa, meu irmão quase perdeu a família dele e eu não gostaria de passar pela dor e desespero que vi estampados nos olhos do Matheo quando tudo aconteceu. Perder os gêmeos o teria matado, tenho certeza, porque ele mata e morre por Melissa e os filhos. *Eu não estou pronto para algo assim.*

Nunca amei ninguém e acho que nem saberia amar, mas tenho uma certeza: Lili é diferente das outras mulheres, porque sinto um vazio enorme que não sei explicar nesse momento. O silêncio da casa, seu cheiro ainda no ar, eu ainda posso sentir o abraço que ela me deu agora há pouco, soluçando de tanto chorar, e eu não pude fazer nada para acalmá-la. Eu nunca tinha visto Lili chorar, porque ela sempre foi tão alegre e forte, mas vê-la naquele estado me deixou sem palavras.

Que merda estava acontecendo? Nós nos dávamos tão bem, por que tinha que terminar assim? Por que não podíamos ser amigos com benefícios para sempre? Eu fazia dezenas de questionamentos mentais o tempo todo.

Fui até o bar, coloquei uísque em um copo e bebi tudo de uma vez só — puro. Depois, um sentimento ruim cresceu dentro de mim e eu joguei o copo com toda minha força na parede. Fui direto para o banheiro, tomei banho para esfriar a cabeça e decidi tentar dormir um pouco. Eu estava virado, tinha bebido e estava estressado. Naquele momento, eu precisava acalmar a minha mente, depois pensaria no que fazer antes de voltar para a Itália hoje à noite.



Acordei bem mais tarde do que de costume e coloquei, instintivamente, o braço para trás na cama procurando Lili, mas só encontrei o vazio e isso

estranhamente me deu um aperto no peito. Comprei esse apartamento depois que a conheci, porque eu não queria ter que levá-la para um motel sempre que estivesse em Nova Iorque e quisesse dormir com ela. Na época eu não prestei atenção nessa minha atitude, mas, refletindo hoje, eu nunca me importei com algo assim antes dela. Então, sim, Lili era diferente.

Até hoje, todas as vezes que dormi aqui foram com ela e, quando senti o vazio na cama, tudo voltou à minha mente e fiquei inquieto. Antes de levantar da cama, escutei meu telefone tocar e corri para atender. Confesso que fiquei um pouco decepcionado quando vi que era Matheo, e não Lili.

— Fala, cara.

— *Porra, isso é hora de estar dormindo?* — Matheo perguntou.

— Ligou para isso?

— *Que bicho te mordeu? Está de mau humor, irmão?*

— Não, mas acabei de acordar e, ao invés de falar para que porra ligou, você fica me enchendo.

— *Baixe essa bola, Enzo. Liguei para saber se conseguiu resolver o que tinha aí, porque você não se deu ao trabalho de me ligar para avisar nada.*

— Desculpa, cara, esqueci de ligar. Claro que resolvi, foi a primeira coisa que fiz quando cheguei aqui. Ontem foi aniversário do Lorenzo e fomos numa boate, por isso acordei agora, mais tarde pego o jatinho e volto.

— *Ótimo, porque estou precisando de você aqui. Mia e Pietro estão com febre, resolveram ficar os dois gripados de uma vez e não querem a babá, só eu ou Melissa. Então, estou tendo que passar mais tempo em casa. Preciso que você volte logo.*

— Que merda, cara! Mas eles vão ficar bem, não é?

— *Claro que vão, não é a primeira gripe deles. Está tudo sob controle, só volta logo.*

— Valeu, cara. Até mais!

— *Até mais!*

Olhei a hora no visor do telefone, eram 15h. *Dormi pra caralho!*

Fui tomar banho, coloquei uma roupa e me decidi: ia à casa da Lili conversar com ela e tentar entender o que estava acontecendo, o que a levou a tomar essa atitude drástica em relação a nós dois. O jato estava marcado para decolar às 17h, mas eu não podia partir sem antes vê-la.

Às 16h, eu estava em frente à casa de Lili. Sua mãe, dona Carmem, foi quem me atendeu toda sorridente.

— Oi, Enzo, veio ver a Lili? Acho que ela está dormindo, mas entra.

— Obrigada, dona Carmem! Eu gostaria de dar uma palavra com ela, a senhora poderia chamá-la para mim, por favor?

— Claro! Senta e fique à vontade, eu vou chamá-la.

Não senti porque estava nervoso e tive receio de que ela nem descesse para falar comigo. Alguns minutos depois ela apareceu, com cara de sono e choro, usando *short* e camiseta. Ela estava linda como sempre, mas faltava algo fundamental, algo que eu amava nela: o grande sorriso que surgia em seu rosto sempre que me via.

Dessa vez não houve sorriso, muito menos uma recepção calorosa, ao contrário, seu rosto refletia tristeza e isso apertou meu coração. Ela me olhou e nem parecia a minha Lili...

Nos olhamos por um tempo e quando ela finalmente falou, a dor que notei em sua voz, enfiou uma faca no meu peito mais uma vez.

— Oi! O que você quer? — ela falou em um fio de voz.

Quando eu ouvi sua voz tão fraca, meu coração perdeu uma batida e, de repente, fiquei tímido também e não sabia muito o que dizer. Eu não estava acostumado a situações como essa, nunca antes me importei dessa maneira, mas me esforcei para falar a coisa certa:

— Oi! É que... Eu... é... — pigarreei pra ver se as palavras saíam. — Eu queria te ver antes de voltar para a Itália. Queria saber se você estava bem.

Ela abaixou a cabeça e respondeu:

— Eu estou bem, fica tranquilo. Só estou cansada por ter passado uma noite sem dormir.

— Certo.

Ficamos em silêncio por um tempo, que pareceu uma eternidade, até que eu resolvi falar logo o que estava pensando.

— Lili, as coisas não precisam terminar assim. Ontem nós estávamos nervosos e falamos muita merda um para o outro. Eu ainda acho que deveria ter matado aquele filho da puta, porque teria me deixado mais calmo. Como não matei, acabei sendo grosso com você e te peço desculpas por isso. Acho que foi tudo um mal entendido e nós podemos deixar isso para trás e continuar como éramos antes e dava muito certo, sem complicações. O que você acha?

— Não. Acabou, Enzo! Se era só isso que você tinha para me dizer, já pode ir embora.

— Só terminou para você, Lili. Eu não quero que acabe.

— Mas também não quer me namorar, me assumir, abrir mão da sua liberdade. — ela esbravejou. — Não se pode ter tudo na vida, Enzo. Você está

acostumado a ter tudo do seu jeito, mas eu não posso mais, sinto muito.

— Lili, não é que eu não quero, eu não consigo. Juro que, se eu fosse capaz, escolheria você, mas eu não fui feito para isso, eu não sou como o Matheo. Eu só faço merda, vou acabar magoando você e eu nunca me perdoaria se isso acontecesse. Não sei lidar com relacionamentos, mas isso não quer dizer que eu não goste de você, porque eu gosto, só não sirvo para ter um compromisso sério com ninguém...

— Enzo, não fala mais nada. Vai embora, por favor.

Ver aquela tristeza em seu rosto me matou e eu era o causador disso, então achei melhor sair e deixá-la em paz.

— Tudo bem, eu já vou indo. Você tem meu telefone, se mudar de idéia, me liga.

Fui até ela, dei um beijo em sua testa e, quando virei as costas pra sair, ouvi ela falar baixinho:

— Eu não vou ligar!

Suspirei e saí de lá, a passos rápidos, direto para o aeroporto. Eu me sentia estranhamente perdido e, pela primeira vez na vida, sozinho.

Depois que embarquei, peguei o celular para tentar me distrair e não resisti, acabei olhando umas fotos minhas com Lili — algumas eram *selfies*, mas a maioria eram tiradas por Melissa e enviadas para mim — nos nossos passeios pela Itália. Eu já estava mal e, para desgrçar tudo de vez, fiquei passando as fotos, vendo seu sorriso e como ela era linda.

Porra, que sensação terrível era aquela que eu estava sentindo? Eu precisava chegar logo em casa, ver meus sobrinhos e trabalhar para esquecer. Isso ia passar, eu sei que ia. Apesar de Lili não ser minha namorada, já estávamos nesse arranjo há mais de 3 anos, então era normal essa sensação de vazio, essa abstinência.

Deitei a cabeça no encosto da poltrona do avião, fechei os olhos e tentei dormir para expulsar aquele incômodo. Quando cheguei à Itália já era tarde, mas vi as luzes da casa do meu irmão acesas e, como sabia que os gêmeos dormiam tarde, fui direto para lá.

Toquei a campainha e Matheo abriu a porta para mim, conduzindo-me para seu escritório. Expliquei tudo o que resolvi em Nova Iorque e ele ficou satisfeito, em seguida perguntei pelos gêmeos e ele respondeu que estavam no quarto com Melissa, amuados de gripe. Pedi para ir até eles e Matheo me acompanhou. Mesmo sem dizer isso ao meu irmão, eu precisava ver as crianças um pouquinho, isso me devolveria alguma energia.

Meus sobrinhos realmente estavam abatidos, deitados na cama dos pais. Fui até eles e os enchi de beijos. Pietro era mais sério — igual ao Matheo — e não me deu muita confiança, mas Mia era mais carinhosa como Melissa e se levantou para sentar no meu colo. Ela colocou as mãozinhas no meu rosto para eu olhar para ela e disse:

— Tá *tiste*, titio?

Era incrível a inteligência e sensibilidade daquela criança.

— Não, meu amor. O titio só está cansado da viagem, mas amanhã já estou novo.

Não convencida da minha mentira, ela ficou em pé na cama, deu um beijinho na minha testa e falou para aquecer meu coração:

— *Ponto*, só dá *bezo* que passa o dodói. *Papa beza* Mia e passa.

Porra, minha sobrinha era fofa para caralho, nem parecia filha do Matheo. Com certeza foi o DNA da Melissa que a salvou. Eu suspirei e abracei apertado aquele pequeno corpinho, era disso que eu precisava.

Matheo e Melissa me olharam sem comentar e, antes que falassem, me despedi e fui para casa, pois não queria conversa. Quando cheguei em casa, vi que realmente estava cansado, porque bati na cama e dormi.



Acordei no dia seguinte e fui direto tomar banho. Depois ia tomar café na casa de Matheo e ir logo trabalhar.

Quando entrei no *box*, vi uma coisa que antes eu odiava. Eu ficava puto, reclamava e ela me ignorava, mas hoje aquilo me trouxe uma enorme saudade e disparou meu coração. Uma calcinha vermelha da Lili estava pendurada no registro do chuveiro. *Porra, que miséria era essa que eu estava sentindo?*

Terminei meu banho e deixei a calcinha no mesmo lugar, porque eu não tinha coragem de tirar dali.

Capítulo 4

Acordei com meu telefone tocando, era Melissa.

Eu não queria atender, pois não queria tocar no nome de Enzo, mas não era justo fazer isso com minha amiga. Uma hora eu teria que contar mesmo, então decidi me livrar logo disso. Suspirei e atendi com o maior nível de animação que consegui demonstrar.

— Fala, garotinha, como estão meus bebês?

— *Oi, amiga! Eles estão se recuperando de uma gripe, mas estão bem, o pior já passou. E você, como está?*

— Estou ótima!

— *Tem certeza? Porque já faz um tempo que ando te achando estranha e ontem, quando Enzo chegou aqui para ver as crianças, ele não estava nada bem. Mia até deu um beijinho nele para sarar o dodói.*

Eu ri e Melissa riu do outro lado também, mas as lágrimas já escorriam sem controle pelo meu rosto, então resolvi abrir logo o jogo com minha amiga.

— Acabou, Melissa. Enzo e eu não vamos mais ficar juntos.

— *Ah, Lili, por que isso? Quem de vocês dois terminou?*

— Fui eu. Vai ser melhor assim, amiga. Essa relação não ia dar em nada. Nós já curtimos muito e uma hora ia ter que acabar, mas está tudo bem, seremos amigos.

— *Eu sei que você não está bem e está tudo certo. Você não precisa ser forte o tempo todo, você é humana, Lili. E, se te consola saber, ele não está muito melhor do que você. Hoje, antes de ele ir trabalhar, tomou café da manhã conosco como sempre e estava com uma cara péssima.*

Nesse momento, eu deixei escapar um pequeno soluço e Melissa ouviu.

— *Lili, você está chorando? Oh, meu Deus, você o ama, não é? Eu sabia que isso ia acontecer. Que droga! Eu vou para Nova Iorque passar uns dias com você, amiga. Vou conversar com Matheo, ele vai entender.*

— Não faça isso, amiga. É só porque ainda está muito recente, afinal de contas foram muitos anos. Mas isso já vai passar, não quero que você se preocupe comigo, eu estou bem, de verdade.

— *Eu não entendo... Se vocês se gostam, por que não se assumem?*

— Enzo não me ama, Melissa. Ele gosta de mim como uma amiga, mas não me ama como mulher. Na verdade, acho que ele nem gosta de mim e sim de

transar comigo. Ele quer o melhor dos dois mundos: um corpo quente para dividir algumas noites e a liberdade de um solteiro que não precisa dar satisfações a ninguém. Nunca houve um compromisso entre nós, eu que fui burra de me apaixonar, porque era para ele ser só um P.A. e nada mais. Mas está tudo bem, isso vai passar. Você sabe que eu supero rápido, afinal já superei coisas piores.

— *Como assim P.A.?*

Eu ri antes de responder, porque às vezes a ingenuidade da Melissa me espantava. Era engraçado ver como éramos tão diferentes em tudo e, no entanto, nos amávamos como irmãos.

— *Pau amigo, Mel. Era para o Enzo ser apenas um pau amigo, mas eu fui tola de me apaixonar. — Balancei a cabeça para espantar aquela bad. — Mas essa paixonite logo passa.*

— *Ah, tá, pau amigo. Você inventa cada coisa, Lili. Nunca tinha ouvido falar disso.*

— Claro que não tinha. Agora me fala, o que as crianças têm aprontado?

— *Menina, o Matheo fez um quarto de bonecas para Mia e ela não quer mais sair de lá, tenho que ficar controlando. Outro dia, cheguei lá e me deparei com Dante dentro do quarto, sentado todo desengonçado, porque ela estava servindo um chá fictício para ele. Quando ele me viu, ficou vermelho de vergonha e disse que ela o obrigou. Eu morri de rir, contei para o Matheo e ele disse que ela também fez isso com ele e o Andreolli. A verdade, amiga, é que ela tem todos eles nas mãos.*

Melissa me contou rindo e eu também acabei rindo ao imaginar a cena: um homem daquele tamanho, sentado dentro de um quarto cheio de bonecas e tomando chá. *Deve ter sido hilário!*

Ficamos conversando sobre amenidades e eu acabei me distraindo um pouco até que me despedi dela.

— Amiga, o papo está muito bom, mas eu vou desligar. Ainda nem saí da cama e preciso levantar. Um beijo e amo vocês, menos o Matheo.

Melissa riu e falou que isso era maldade, se despediu e desligamos a chamada. Eu me levantei da cama e fui tomar banho.

Quando desci, mamãe estava lavando a louça e meu pai já tinha saído, graças a Deus. Me sentei à mesa, que ainda estava posta, para tomar café da manhã e senti o olhar da minha mãe.

— O que está acontecendo, Liliane? Você está muito triste. Faz tempo que não te vejo assim, filha. Foi alguma coisa com o Enzo? Você ficou pior

ontem depois que ele saiu.

— Foi, mãe, nós não estamos mais juntos.

— Oh, minha filha, não fica assim, vai ser melhor para você. Esse rapaz não é para você. Ele é novo, tem muito dinheiro e quer curtir a vida, não quer compromisso. O irmão só se casou com a Mel porque tinha as obrigações da máfia, mas não é o caso dele. Você só estava perdendo seu tempo e a oportunidade de arrumar um marido decente.

— Um marido decente que me bata e me humilhe? Eu não vou me casar, mãe, já te falei isso. Nem que o meu pai me mate, eu não caso, porque não quero essa vida infeliz para mim.

— Filha, não se baseie pelo que você vê aqui dentro de casa. Existem casamentos felizes, Bernardo e Elisabete são um exemplo disso e sua amiga também. Pelo que eu sei, o marido dela a trata muito bem.

— Chega, mãe! Eu não quero mais falar sobre isso. Na verdade, eu queria falar sobre outra coisa com a senhora. Quero fazer um curso de maquiagem que vi na internet. Essa é uma área que dá muito dinheiro e muita gente vive disso. Será que eu poderia me matricular?

— Claro, filha, vou falar com seu pai.

— Obrigada, mãe. — agradecei, dando-lhe um beijo na bochecha e saí.

Mais tarde, naquela mesma noite quando meu pai chegou, eu já estava no meu quarto, mas fiquei atenta e ouvi minha mãe falar com ele.

— Álvaro, a Lili quer fazer um curso de maquiagem e eu acho que vai ser bom para ela aprender uma profissão, sair um pouco dessa casa. O que você acha?

— Eu acho que a Liliane já está na idade de casar. Não tem para quê aprender nenhuma profissão, porque para cuidar de casa e de filho não precisa de curso nenhum. Eu errei em ter deixado essa menina solta, já devia ter arrumado um casamento para ela há muito tempo. Bernardo foi quem fez certo de ter casado logo a filha, mas eu deixei correr frouxo e agora ela está aí, pendurada dia e noite no Esposito mais novo. Esse *playboy* nunca vai assumir essa burra, então ela tem é que pensar em arrumar um marido, pois já me deu prejuízo demais.

— Não fala assim da nossa filha. Ela é uma boa menina, só precisa criar um pouco de juízo. Não obriga a coitada a casar agora, Álvaro, deixa a menina fazer o curso que ela quer. Ainda tem tempo para pensar em casamento, ela só tem 21 anos, está cedo.

— Ela está velha até demais. As meninas da família, que têm a idade

dela, já estão todas casadas. Está decidido, Carmem, já arrumei um pretendente para ela. O rapaz é filho de um capitão e um bom partido, mais do que ela merece.

Eu não podia acreditar no que ouvi. Meu corpo todo tremeu de ódio do meu pai. Eu preferia morrer do que casar com um porco igual a ele.

Eu não viveria isso por nada, nem que eu tivesse que fugir de casa.

Era isso, eu daria um jeito de fugir, não precisava ficar sofrendo antecipadamente por causa disso.



No dia seguinte, liguei para Melissa, contei a ela sobre os planos do meu pai e minha amiga chorou junto comigo ao telefone. *Eu estava virando uma manteiga derretida igual a ela.*

Omiti dela apenas que iria fugir. Decidi que sóalaria quando chegasse o momento, pois não queria preocupá-la antes da hora.

Não comentei com mamãe que ouvi a conversa deles e ela também não me contou a verdade, falou apenas que meu pai não concordou com o curso e eu disse que tudo bem. Ela não teve coragem de falar sobre o casamento e eu achei melhor assim, pois, se eles pensassem que eu não sabia, seria mais fácil escapar.

Estava formando um plano em minha mente: eu diria que ia para a Itália — como já era normal — e seguiria outro rumo, bem longe dali, deixando tudo para trás. Eu só precisava arrumar dinheiro para me sustentar até conseguir um trabalho e, para isso, eu teria que contar com a ajuda da Melissa. Eu sabia que ela tinha um dinheiro guardado na conta que o tio Bernardo abriu para ela quando ainda era criança e Mel nunca precisou usar.



Há 30 dias eu havia terminado minha história com Enzo. Nesse tempo, ele me ligou várias vezes, mas em nenhuma delas eu atendi. Não queria falar com ele, porque seria muito doloroso e eu corria o risco de voltar à estaca zero. Eu ainda o amava na mesma medida, mas estava aprendendo a conviver com essa perda sem chorar, todos os dias, até dormir.

Conversei com Mel por telefone diariamente e, às vezes, ela até tentava falar que ele também não era mais o mesmo, mas eu a impedia de continuar e pedia que não me falasse mais. A única coisa que eu não conseguia evitar era,

por diversas vezes, visitar nossas fotos. Havia milhares delas em meu celular — muitas eu tirei, outras ele ou Melissa me enviavam. Em alguns momentos, como agora, a saudade era tanta que eu precisava pelo menos disso.

No fim, o que nos restava era isso, as lembranças.

Eu já tinha ficado muitos dias sem vê-lo, desde que nos envolvemos, mas nunca sem pelo menos ouvir sua voz. Antes era diferente, porque eu sabia que ele estava longe, mas ao mesmo tempo estava ao meu alcance e eu estaria novamente com ele a qualquer momento.

O casaco dele ainda dormia comigo para amenizar a dor da saudade, mas para o meu desespero, o perfume já estava sumindo e seu cheiro estava bem fraquinho. Às vezes, eu me perguntava quando aquela dor passaria e, o pior, se um dia passaria, porque parecia uma dor física.

Enzo era a última pessoa em quem eu pensava antes de dormir e a primeira ao acordar. Eu sentia falta do cheiro dele, do abraço, da segurança que ele transmitia quando estávamos juntos e, principalmente, da pessoa que eu era quando estava com ele. Ele era meu lugar, meu refúgio, meu sopro de ar fresco nessa merda de vida que eu levava. Quando eu estava com ele era como se nada pudesse me atingir — eu me sentia intocável, imbatível...

Agora, além das lembranças me atormentarem, ainda fico imaginando-o com outra mulher e, quando esses pensamentos vêm, parece que meu peito está se rasgando.

Eu preciso afastar mais esses pensamentos e focar no meu plano, pois meu tempo está acabando. Eu precisava planejar todos os detalhes da minha fuga, afinal ouvi meu pai falar que meu pretendente chegaria de Las Vegas em 1 mês, direto para me conhecer.

Enzo

— Que caralho está acontecendo com você, Enzo? Não presta atenção em nada e só vive desligado! O que você tem, porra? — meu irmão gritava comigo irritado, enquanto eu tomava um café forte para tentar afastar minha dor de cabeça.

— Não está acontecendo nada, Matheo. Estou tomando um café, não posso?

— Deixa de ser idiota! Você sabe do que estou falando e hoje eu não estou para brincadeiras, para de palhaçada.

— Olha só, eu apenas estou sobrecarregado, cara. Não estou reclamando, mas, desde que você teve os gêmeos, tem ficado muito trabalho para mim. Eu entendo que agora você tem a sua família, precisa dar atenção a eles e eu te apoio, mas com o pai aposentado e você passando mais tempo em casa, a porra toda está nas minhas costas, só isso. Me dá uma trégua, cara! Todas as viagens agora quem faz sou eu, porque você evita ficar longe da Melissa e dos gêmeos, e tudo bem, irmão. Eu entendo seu momento e posso fazer isso por você, mas não me cobra tanto, *okay*?

— Eu até concordo que seu trabalho aumentou, Enzo, mas eu não deixo a porra toda nas tuas costas não. Fico menos com minha mulher e meus filhos do que eu gostaria e cumpro meu papel de chefe, então acho que a tua sobrecarga tem nome e sobrenome: Liliane Collins.

— Não fala merda, cara! Eu não falo com a Lili há 30 dias.

— Por isso mesmo. Você acha que eu não te conheço, Enzo? Você não faz mais suas piadinhas insuportáveis, está mais agarrado com os gêmeos do que nunca; só vive pensativo e está agressivo com os soldados, logo você que sempre foi o *bon vivant*, o irmão gente boa. O irmão arrogante aqui sou eu, cara.

Eu quase consegui rir com aquelas constatações do meu irmão, mas meu senso de humor realmente já não era mais o mesmo.

— Você está de quatro pela maluca da Liliane, assume logo essa porra. E, se é o que você quer, vai logo atrás dela, caralho!

O telefone de Matheo tocou, interrompendo aquela palestra, graças a Deus. Era Melissa, percebi pela maneira como ele atendeu mais carinhoso. Enfim, eu teria uns minutos de paz.

Eu não falava com a Lili há 1 mês. *Porra, como eu sentia saudades*

daquele corpo. Na verdade, eu sentia saudades até das chatices dela. Eu odiava quando ela deixava o ralo do banheiro cheio de cabelos e também odiava como ela apertava a pasta de dentes bem no meio e ainda deixava destampada, fazendo-a endurecer. *Fala sério, quem faz isso?* Lili faz!

Detestava que, toda vez que a gente saía, ela ficava com preguiça de levar uma bolsa, então levava o celular na mão, me pedia para guardar a porra do batom no bolso e, como se não bastasse, toda hora pegava comigo para retocar. Era um saco, mas até disso eu sentia falta.

Não saí com nenhuma mulher durante esses dias, pois não tinha nenhum interessante. Para mim, era mais interessante ficar em casa brincando com Mia e Pietro.

Essa abstinência uma hora ia ter que passar! Eu tentei ligar para ela várias vezes, mas ela não atendeu e talvez fosse melhor assim. Ela iria me esquecer e eu nunca iria magoá-la com as minhas merdas.

Desliguei-me dos meus pensamentos quando ouvi Matheo gritar:

— Enzo, estou falando com você! Está surdo, porra?

— Caralho, que mau humor! Por um acaso a Melissa está fazendo greve de sexo ou os gêmeos não estão deixando vocês transarem?

— Nem uma coisa e nem outra. Não que seja da sua conta, mas minha vida sexual vai muito bem, obrigado. Além disso, meus filhos são uns anjos que dormem a noite toda, menos quando um tio filho da puta enche eles de açúcar, deixando-os agitados.

Tive que rir. Eu não resistia quando meus sobrinhos me pediam doce e, alguns dias, acabava dando demais. Matheo sempre me ligava puto da vida, reclamando que eles estavam dando trabalho para dormir.

— Está rindo? Você ainda vai ter os seus e aí você vai ver.

— Deus me livre! Não sei cuidar nem de mim, quem dirá de outro pequeno ser humano. E vamos mudar de assunto, porque Lili já é passado.

— Mas eu nem falei dela, falei de filhos, você que pensou naquela maluca. E que bom que é passado, assim você não vai se importar de saber que ela vai casar. Melissa me contou que o pai dela já até arrumou um noivo e tudo indica que vão se conhecer daqui a 1 mês.

— O quê? Você está de brincadeira comigo?

— Claro que não, irmão, eu nunca brinco. Mas o importante é que você não se importa, não é mesmo?!

— Vai se foder, Matheo.

Saí da sala do meu irmão batendo a porta e fui para o meu escritório, pois

precisava ficar sozinho. Já na minha sala, tirei a gravata — que parecia sufocante naquele momento —, enchi um copo de uísque e bebi de uma vez só. A ardência da bebida na garganta foi bem-vinda.

Eu não acredito nessa porra. Ela vai casar?

Eu nem podia culpá-la, porque sempre soube que nosso mundo é assim. Claro que, uma hora ou outra, o pai iria arrumar um marido para ela. Só me restava esquecê-la e deixá-la ser feliz. Afinal, ela falou que me amava e o que eu fiz? Corri para longe. O melhor é esquecer tudo isso..., mas só de pensar em outro cara tocando-a e fazendo-a sorrir... *Putá que pariu, eu preciso matar alguém!*

Capítulo 5

Estava sonhando com Enzo quando acordei assustada e senti uma náusea forte. Corri para o banheiro e só deu tempo de chegar ao vaso sanitário e colocar todo o meu jantar do dia anterior para fora.

Vomitar é horrível! Todo o estresse que eu vivia nos últimos dias estava mexendo com meu sistema nervoso e, conseqüentemente, com meu estômago. Na minha infância era a mesma coisa, toda vez que eu ouvia meu pai batendo na minha mãe, eu corria para vomitar.

Terminei de colocar até minhas tripas para fora, fiz minha higiene matinal, tomei banho e desci para tomar meu café. Quando cheguei à cozinha, minha mãe colocou os olhos em mim e percebeu que eu não estava bem.

— Filha, o que aconteceu? Você está passando mal? Você está pálida. Senta aqui e bebe um pouco de suco.

— Obrigada, mãe! Não acordei muito bem hoje, mas já vai passar. A senhora sabe que, desde pequena, passo mal assim quando algo me abala.

Ela apenas assentiu e eu tomei meu café da manhã sentindo o seu olhar sobre mim. Eu conheço minha mãe, sabia que ela queria falar alguma coisa.

— Fala, mãe! O que foi?

— Filha, você precisa tentar compreender que as coisas são como são. Não adianta se revoltar, o melhor é você aceitar e tentar viver em paz. Parece ruim nesse momento, mas vai ser até melhor para você no futuro...

— Fala logo, mãe. — Eu a interrompi para que chegasse logo onde queria com aquela conversa.

— Seu pai acertou o seu casamento, filha. Ele já deu a palavra dele, então não tem mais como voltar atrás. Será com o filho de um capitão de Las Vegas. O rapaz tem posses e seu pai falou que vai ser bom para você. A família do seu noivo é rica e, além disso, ele viu fotos suas e já está ansioso para te conhecer.

— Tudo bem, mãe.

— Tudo bem? — Ela arregalou os olhos para mim. — Você não vai se opor?

— Não, mãe, não adianta me opor. Eu tenho outra opção?

— Não, Lili, infelizmente não tem.

— Então é isso! Com licença, mãe, vou voltar para o meu quarto.

— Tudo bem, minha filha.

Voltei para o meu quarto, onde liguei para Melissa e contei tudo o que estava acontecendo. Falei que minha mãe já havia me comunicado sobre o casamento e que agora não tinha mais volta. Caminhei até a porta do meu quarto, ainda falando com minha amiga ao telefone, abri uma brecha e olhei para o corredor para ver se não tinha ninguém ouvindo. Estava tudo tranquilo. Então, tranquei a porta e contei para Melissa sobre o meu plano de fuga.

Minha amiga ficou apavorada, falou que era muito perigoso e tentou de tudo para me convencer a desistir, mas eu fui enfática ao dizer que não mudaria de ideia.

— Não adianta, Melissa, eu não vou me casar, prefiro a morte. A decisão já está tomada, você vai poder me ajudar ou não? Assim que eu arrumar um emprego por lá, eu te pago tudo, eu juro.

— *Não é pelo dinheiro, Lili. Porque agora eu tenho outra conta vinculada com Matheo, então nem mexo nessa que papai fez há tanto tempo. Eu não me importo de te dar tudo que eu tenho na minha conta, mas a questão é o risco que você irá correr. Viajar sozinha e fugida para outro país é muito perigoso, amiga. Você é uma filha da máfia e sabe dos riscos que corremos. Vamos contar para o meu pai, talvez ele possa conversar com o seu e fazê-lo mudar de ideia.*

— Não, nada disso Melissa! — Fui mais enfática do que gostaria. — Você tem que me prometer que não vai contar a ninguém: nem ao seu pai, nem ao Matheo, a ninguém, promete?

— *Tá bom, Lili. Eu não concordo, mas aceito e prometo.*

— Obrigada, amiga. Te amo! Beijo.

— *Também te amo! Se cuida. Beijo.*

Senti-me muito mais aliviada depois que desliguei o telefone. Estava tudo certo: Melissa ia me emprestar o dinheiro e eu ia embora dali.



Uma semana passou desde que minha mãe me contou o que eu já sabia sobre o casamento, depois disso não tocamos mais no assunto. Eu fingia que estava conformada e ela demonstrava alívio.

Eu a ouvi falando ao meu pai que já havia me contado e que eu tinha reagido bem. Meu pai falou que era melhor assim, pois eu me casaria de qualquer forma, nem que fosse arrastada pelos cabelos. *Nojento!* O que ele não imaginava era que, quando desse por minha falta, eu já estaria bem longe do seu

alcance.

Minha fuga seria daqui a dois dias. Melissa já havia depositado o dinheiro em minha conta e eu já tinha dito à minha mãe sobre minha viagem à Itália — papai nunca negava minhas idas para a Itália por causa do tio Bernardo, era minha sorte.

Eu tinha acordado no meu pior dia, pois meu estômago não me dava trégua e eu não conseguia comer nada. Me senti muito fraca, com cólicas e até tonturas. Ainda não tinha saído do quarto.

Resolvi arrumar logo minha mala, porque estava ansiosa. Não poderia levar muita coisa para não chamar atenção, então teria que me virar com pouco. Depois que eu arrumasse um emprego, compraria roupas novas.

Terminei de arrumar minha mala, fui ao banheiro fazer xixi e descobri o motivo de tanto incômodo hoje: minha menstruação decidiu vir e eu já sabia que os próximos 4 dias seriam um inferno de dores e enjoos. *Merda! Logo agora que eu ia viajar.* Nem estava na época dela descer, com certeza foi pelo estresse. Tudo acontecia comigo: eu tinha azar no jogo, azar no amor e sorte no azar.

Deitei na cama para fazer a única coisa que me acalmava um pouco: olhar alguma foto do Enzo. Selecionei uma que tirei enquanto ele dormia, lindo. Suspirei fundo enquanto o olhava naquele registro... *Meu Deus, que dor!* Pensar que eu provavelmente nunca mais o veria me deixava desnorteada.

Enzo

Acordei com uma ressaca do caralho. Levantei da cama quase morrendo e pensei comigo mesmo que nunca mais ia beber, mas logo em seguida ri desse pensamento, pois eu sempre falava essa porra. Nem a mim mesmo eu enganava mais.

Fui para o banheiro e, ao me aproximar do chuveiro, olhei a maldita calcinha lá, pendurada no registro — sim, ela ainda estava lá. Imediatamente lembrei do que Matheo me contou ontem. *Caralho, ela vai casar!*

Coloquei a cabeça debaixo do chuveiro e deixei a água cair à vontade, com o intuito de afastar aqueles pensamentos. Depois de alguns minutos, saí do box, enrolei uma toalha na cintura e fui fazer a barba. Abri o armário, vi o pote de hidratante da Lili e não resisti, abri para cheirar. Ao sentir o cheiro dela meu coração disparou. *Que saudade!*

No mesmo instante, lembrei de uma vez em que ela cismou de passar em mim uma máscara de beleza, igual à que ela estava usando, só porque eu estava zoando ela. Inicialmente eu não deixei, mas a sacana ameaçou fazer greve de sexo, então cedi. Ficamos tão engraçados que até tiramos uma foto. Eu era constantemente ameaçado pela espertinha. Ela dizia que, caso eu não cedesse aos seus desejos, postaria a foto na internet. *Depois eu é que era o bandido.*

Ri sozinho com a lembrança, mas segundos depois aquele pensamento invadiu minha mente novamente.

“Você está de quatro pela maluca da Liliane, assume logo essa porra. E se é o que você quer, vai logo atrás dela, caralho”, a voz do Matheo não saía da minha cabeça, ficava se repetindo e tirando minha paz...

Será que eu tinha me apaixonado por Lili? Será que eu deveria mesmo ir atrás dela e acabar com essa palhaçada de casamento? Mas para eu fazer isso eu teria que casar com ela e o pai não permitiria desfazer um noivado firmado para ela entrar em um namoro. Só de pensar em casar, porra, eu já suava frio.

Eu era bom em muitas coisas, mas a melhor delas era, com certeza, fazer merda. Nisso aí eu era imbatível, então ia acabar magoando a Lili. *Mas eu já não havia magoado quando não correspondi aos sentimentos dela?*

Porra, agora minha cabeça doía mais. O melhor era parar de pensar e ir tomar café, na casa do Matheo, claro. Quando cheguei lá, Gorete abriu a porta para mim. Eu me dirigi à sala de jantar e já estavam todos à mesa, tomando café.

— Bom dia, família, chegou a alegria da casa!

— Tio *Ezo* — gritaram os gêmeos em uníssono, como sempre.

Eu corri até eles e os enchi de beijos. Mia ria e Pietro, um pouco incomodado, limpava o rosto onde eu havia beijava. Meu sobrinho tinha a personalidade igualzinha à do Matheo.

— Meus bebês, lindos!

— Eles não são seus bebês, são meus, Enzo. Bom dia! — Matheo respondeu.

— Bom dia, cunhado — respondeu Melissa de forma seca.

Minha cunhada estava estranha e parecia preocupada. Ela não estava doce e tranquila como sempre, mas achei melhor não falar nada.

Fui tirado de meus pensamentos quando ouvi a voz do meu irmão.

— Enzo, preciso que você vá a Nova Iorque hoje, porque amanhã você terá uma reunião com Bernardo. Ele vai intermediar nossos negócios com os colombianos.

Eu levantei a cabeça espantado e, quando olhei, o rosto de Melissa refletia o mesmo. Normalmente o próprio Matheo resolvia essa parte dos negócios, além disso eu não tinha ido a Nova Iorque desde que terminei com Lili. *Será que eu ia encontrá-la?* Estranhamente, esta possibilidade me deixou ansioso.

— Alguma objeção, Enzo?

— Não, claro que não, Matheo. Que horas eu embarco?

— Agora, depois do café.

— *Okay*, então vou arrumar minhas coisas.

Levantei da mesa, animado, e fui fazer uma pequena mala.

Horas depois, mais precisamente às 15h30, desembarquei em Nova Iorque e fui direto para o meu apartamento. Entrei em casa, várias lembranças me invadindo e eu senti um aperto no peito. Resolvi sair para beber alguma coisa, já que o compromisso com Bernardo seria só no dia seguinte.

Capítulo 6

Acordei morrendo de cólicas e dor de cabeça, mas continuei deitada na cama por mais um tempo. Uma hora essas dores infelizes tinham que passar.

Fiquei um tempo observando cada canto do meu quarto e pensando que hoje era a última noite que eu dormiria aqui.

Apesar de todo o sofrimento que já passei nessa casa — lembranças ruins, das surras e dos maus tratos físicos e psicológicos —, foi onde eu nasci e cresci. Eu não sentiria nenhuma falta do meu pai, no entanto meu coração doía em pensar que eu ia deixar minha mãe sozinha nas mãos de um abusador de mulheres e covarde. Se ela aceitasse ir comigo seria muito melhor, mas eu sabia que ela nunca iria.

Um aperto enorme tomou conta do meu peito e eu comecei a chorar. A verdade é que eu estava muito assustada, porque além de deixar minha mãe para trás, eu sabia o quanto era perigoso, sendo uma filha da máfia, viver em qualquer lugar por minha própria conta. Se eu fosse capturada por algum inimigo, eu não sobreviveria para contar a história.

Também tinha a Melissa e as crianças, que eu não veria por muito, muito tempo. Até do Mat eu sentiria saudades, aquele ogro.

E tinha ele, o dono da porra do meu coração, Enzo. Eu não o tinha, mas só em pensar que eu estaria indo embora para longe e que, provavelmente, nunca mais o veria, rasgava meu coração.

Nesse momento, eu já chorava de soluçar. *Essa TPM dos infernos sempre me deixava sensível, que droga!*

Fui interrompida de meus pensamentos por uma batida na porta e, em seguida, minha mãe entrou e levou um susto ao me ver naquele estado.

— Filha, por que está chorando? Você não desceu para o café, eu vim ver como você estava. O que você tem?

— Nada demais, mãe, só uma TPM dos infernos que está quase me enlouquecendo... fora as cólicas e a dor de cabeça.

— Eu vou buscar um chá para você então, vai te fazer bem.

Ela veio até mim, deu um beijo na minha testa, mas quando ela ia sair eu segurei o seu braço e pedi um abraço. Ela prontamente me abraçou carinhosamente — eu guardaria a sensação dos seus braços na memória para sempre.

Tomei banho, me sequei e vesti uma roupa confortável. Quando voltei para a cama, minha mãe entrou segurando uma bandeja com alimentos e uma xícara de chá. Me esforcei e comi tudo, pois eu precisava ficar forte para executar meus planos.

Quando terminei de comer, bebi o chá que tinha um efeito calmante e acabei cochilando. Acordei, horas depois, com meu telefone tocando.

— Oi, Mel, está tudo bem?

— *Sim, amiga, por aqui está tudo bem. Só queria te avisar que Enzo foi para Nova Iorque a trabalho. Na verdade, já deve estar aí.*

— Puta merda, Melissa, não podia ser em hora pior. Se meu pai vê-lo não vai deixar eu viajar para a "Itália". Ele vai achar que é armação e que estamos juntos. Agora que estou prometida, ele não vai aceitar.

— *Calma, amiga, ele só deve encontrar com seu pai, provavelmente amanhã à tarde, que é quando ele tem uma reunião com meu pai. Até lá, seu pai não saberá que ele está aí.*

— E se seu pai comentar com o meu?

— *Provavelmente não vai. Meu pai, apesar de amigo do seu, não é de ficar falando de negócios com ninguém, a menos que tenha alguma tarefa para eles. Vamos torcer que não fale nada.*

— Eu vou sair de casa amanhã bem cedo. O avião só decola às 10h, mas eu vou sair bem antes, por precaução.

— *Tudo bem, amiga. Antes de ir, me liga.*

— Pode deixar, Mel. Obrigada por me avisar sobre o Enzo. Beijo.

— *Beijo, Lili.*

Desliguei o telefone tremendo. *Meu pai não podia saber que Enzo estava aqui, isso arruinaria tudo.*



Enzo

Olhei no relógio e já eram 18h45. Eu estava ali naquele bar desde às 17h, já consideravelmente bêbado e não parava de pensar em Lili.

Talvez eu pudesse ir lá para a frente da casa dela, esperar ela sair para vê-la, mesmo de longe, pensei alto.

Do que eu estava falando? Desde quando eu tinha me transformado nesse covarde de merda? Eu vou lá, sim, mas vou chamá-la, pois quero vê-la e ela vai ter que me ouvir. Ainda não sei o que vou dizer a ela, mas eu preciso dizer alguma coisa, não adianta mais tentar me enganar.

Quando estava levantando para pagar a conta e sair do bar, dei de cara com Ariel, a loira que foi o pivô da minha briga na boate com Lili. Eu não podia negar que ela era gostosa pra cacete — gostosa de olhar e também boa de cama —, mas naquele momento ela não despertava absolutamente nada em mim.

A mulher veio caminhando em minha direção e falou com sua voz melosa:

— Oi, Enzo, que bom te encontrar aqui, principalmente sozinho.

— Oi, Ariel, tudo bem? Na verdade, eu já estava de saída.

— Que é isso, lindo, logo agora que eu cheguei? Me paga uma bebida e vamos conversar um pouco, quem sabe depois a gente possa ir para um lugar mais reservado?

Eu já estava bêbado, mas não a esse ponto. Meu pensamento continuava em Liliane e eu não queria perder mais tempo, então falei para a Ariel que já estava realmente de saída e que esse encontro ficaria para uma próxima — eu não pretendia encontrá-la novamente, mas ela não precisava saber disso.

A loira finalmente cedeu e falou que, caso eu mudasse de ideia, ela estaria por ali com alguns amigos. Mal dei tempo de ela terminar de falar e saí dali correndo, entrei no meu carro e fui direto para a casa de Lili.

Capítulo 7

Eu estava esparramada no sofá da sala, tentando me distrair com algo na televisão, quando a campainha tocou. Mamãe estava no banho, então fui atender. Quando abri a porta, senti meu mundo girar, pois na minha frente estava Enzo, parado e sorrindo para mim. Uma mistura intensa de sentimentos me invadiu: saudade dolorida, medo, alívio, alegria, tristeza... tudo de uma só vez. Fiquei parada, calada e sem reação, então ele começou a falar, sem pausa:

— Lili, oi. Eu estou bêbado, mas eu precisava vir te ver. Na verdade, eu não sei o que estou fazendo, não sei o que te dizer, mas sei que eu precisava vir aqui te ver. Eu não consigo parar de pensar em você, Liliane. Eu tentei, mas sinto sua falta. A sua calcinha ainda está lá no registro do chuveiro, todos os dias me olhando, e eu não consigo tirá-la do lugar. E eu já não me importo mais com a pasta de dentes ou de carregar seu batom no bolso... Eu já nem sei mais o que estou falando. Merda, eu estou nervoso, porque eu nunca fiz isso... Esquece tudo, vou começar novamente.

Eu ameacei interromper aquele falatório, mas antes de eu conseguir abrir a boca, Enzo declarou:

— Eu não estou conseguindo mais ficar longe de você, Lili. Volta pra mim e fica comigo. De verdade, eu quero tentar.



Eu fiquei ainda mais perplexa, olhando para o Enzo ali, me falando aquilo tudo que eu queria ouvir. Porém eu estava em estado de choque.

Só saí do meu transe quando o ouvi esbravejar:

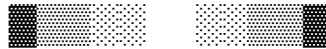
— Porra, Lili, fala alguma coisa!

Naquele momento, um pânico tomou conta de mim, pois se meu pai chegasse e o visse ali, tudo ia por água abaixo.

Está certo que as coisas que ele disse mexeram comigo. Além disso, vê-lo e sentir seu cheiro me mostrou que ele estava mais vivo do que nunca dentro de mim, mas eu precisava pensar e conversar com ele com calma, não assim, correndo o risco do meu pai chegar, porque caso eu ainda fosse fugir, esse encontro estragaria tudo.

— Enzo, você precisa ir embora agora. Eu prometo que converso com você, mas depois. Assim que der, eu vou ao seu apartamento, está bem? Aconteceu muita coisa nesse tempo em que estivemos separados, nada está como antes. Eu vou te explicar, mas você precisa ir embora agora e eu te procuro depois. Você não pode ser visto aqui, vai embora, por favor.

A cara de decepção dele partiu o meu coração em mil pedaços, mas depois eu explicaria tudo a ele e nós decidiríamos com calma o que fazer. De qualquer forma, meu voo era só amanhã.



Enzo

Eu não podia acreditar que Lili estava me mandando embora. *Será que aquele amor que ela dizia sentir acabou assim tão rápido? E eu, o idiota aqui, achando que poderia consertar as coisas.* De repente, lembrei que ela ia casar e um ódio sobrenatural surgiu em mim. Então, antes de pensar em qualquer coisa, comecei a despejar o que veio na minha mente.

— É ele, não é? Ele está aí dentro te esperando? Deixa eu ver quem é esse idiota. Eu aqui feito um imbecil e você já fodendo com outro, Liliane. Eu vou embora, porque nunca deveria ter vindo. Que patético que eu sou! Eu sabia que essas merdas não eram para mim.

— O quê? Ele quem, Enzo? Do que você está falando?

Ela me questionou, com certeza se fazendo de desentendida, mas eu não fiquei para ouvir. Virei as costas e fui andando para o meu carro.

Ia voltar para o meu apartamento, com o ódio fervendo dentro de mim... *Porra! Eu ia matar o primeiro que me irritasse.* Como pude ser tão idiota, ficando esses 30 dias sem comer ninguém, igual um filho da puta, e pensando nela? E aí, quando finalmente a procuro, sou rejeitado por causa do noivinho. Ela já estava fodendo com o cara, nem esperaram o casamento. Eu queria matá-lo.

Eu estava cego de ódio. Então, quando parei no sinal, olhei para o lado e vi o bar que eu tinha deixado Ariel — para ir igual a um capacho atrás de Lili —, e resolvi parar. Essa viadagem ia acabar agora mesmo. Eu ia voltar a ser o Enzo de antes e seguir com a minha vida, começando por Ariel.

Entrei no bar e fui sentar no balcão. Não avistei Ariel, mas foda-se também. Pedi uma dose de uísque puro e bebi em uma golada só; pedi outro e assim sucessivamente. Quando já tinha perdido as contas de quantas doses tinha tomado e já haviam se passado algumas horas, vi Ariel se aproximando de mim. Achei até que ela já tivesse ido embora, então só ia encher a cara e voltar para o meu apartamento.

— Você voltou, gato! Mudou de ideia?

— Voltei.

— E aí, vamos para um lugar mais reservado?

— Por que não? — respondi.

Coloquei uma nota em cima do balcão e nem esperei o troco, peguei na

mão dela e saímos de lá, apressados, em direção ao meu carro.

Levei Ariel para o meu apartamento mesmo, já que era mais perto. Chegamos lá e fui imprensando-a na parede, beijando sua boca e ela retribuía tudo com a mesma fome e intensidade. Tirei a arma da minha cintura, coloquei na mesa da sala e coloquei as pernas dela em volta de mim. Nesse momento, ela se esfregava em mim igual a uma cadela no cio e... *Porra, o caralho do meu pau resolveu não subir!*

Eu não estava acreditando naquela porra. Eu tinha bebido além da conta ou era macumba da Liliane? Aquela maluca deve ter feito um feitiço para mim, só pode.

Continuei tentando. Coloquei a mão na boceta da loira, que já estava encharcada e... nada. *Porra! Era fim de carreira mesmo, eu estava no fundo poço. Aquela feiticeira tinha feito uma mandinga braba para mim, puta que pariu!*

Parei com o beijo e desci Ariel do meu colo. Ela não entendeu nada, então comecei a falar afobado e me atrapalhando todo.

— Ariel, desculpe-me, mas não vai rolar. Não é nada com você, na verdade nem é minha culpa também, foi a feiticeira, a culpa é toda dela. Eu vou ter que procurar uma rezadeira, sei lá...

Quando olhei para a cara de Ariel, ela me olhava sem entender nada, então continuei tentando explicar.

— É que eu bebi demais também e primeiro vou ter que cuidar da mandinga. Além disso, não estou legal hoje e nem no clima. Eu não deveria ter trazido você aqui, foi um erro, me desculpe.

O que eu via no rosto de Ariel era um misto de incredulidade e raiva por estar vivendo aquela situação. Mesmo se ela quisesse ter falado algo, eu nem ao menos dei tempo para isso e voltei a falar:

— Você conhece alguma rezadeira? Esquece, eu vou te levar para casa.

Eu não sabia mais o que estava falando e, quando ia abrir a boca para tentar me explicar novamente, a campainha tocou. Fiquei durante alguns minutos pensando em quem poderia ser, pois já passava das 10h da noite. Então, peguei minha arma, pedi que Ariel ficasse ali e não se movesse. Eu não estava esperando ninguém — *ou será que estava?* —, mas também não queria ser visto com a loira. Na verdade, eu já estava arrependido, mas como sempre, só fazia merda.

A campainha tocou outra vez e, quando abri a porta, perdi o ar. *Putá merda, agora eu estava fodido!* Como diz o ditado: "Nada é tão ruim que não

possa piorar".



Capítulo 8

Observei Enzo indo embora e fiquei sem entender nada. Eu não sabia o que fazer, mas não podia ir atrás dele agora, pois já estava perto da hora do meu pai chegar. Eu não sabia se podia confiar no que Enzo disse, porque ele saiu daqui visivelmente alterado, não só pela raiva, mas principalmente pela bebida. Eu não podia arriscar meus planos sem ter certeza.

Subi para o meu quarto e pensei em ligar para Melissa, mas já era madrugada na Itália e ela devia estar dormindo naquele horário, então arrisquei a mandar uma mensagem, e ela veria quando acordasse.

Assim que ler essa mensagem me ligue, por favor, a qualquer hora.

Não se passaram nem 10 minutos e minha amiga ligou. Ela disse que tinha acordado por causa os gêmeos e ela e Matheo ainda resolveram namorar, então eu dei sorte de ela estar acordada.

Contei a Melissa tudo que aconteceu e ela me disse que acabou falando, sem querer, para o Matheo que eu ia me casar.

Agora eu entendia tudo. Enzo achou que eu estava com meu noivo e que, por isso, tinha mandado ele ir embora. *Merda! ele entendeu tudo errado e eu precisava explicar a ele.* Eu ia dar um jeito de ir até o apartamento dele.

Esperei meus pais dormirem para sair sorrateiramente de casa. Eles adormeciam cedo, pois levantavam sempre nas primeiras horas da manhã. Então, aproveitei a oportunidade, peguei um táxi e fui direto encontrar Enzo.

Eu tinha a chave do apartamento, mas depois de tudo o que aconteceu, achei que o mais correto era tocar a campainha. Toquei uma vez e fiquei aflita esperando, mas ninguém apareceu. Toquei novamente, esperei mais uns minutos e, quando já ia desistir, Enzo abriu a porta e me olhou incrédulo.

— Lili? Você está aqui? — ele perguntou visivelmente pálido.

Percebi que ele ainda estava bêbado, talvez até muito mais agora, mas não me importei. A saudade era tanta que chegava a doer fisicamente.

Não resistindo mais, me joguei em seus braços e o beijei com todo amor que eu sentia por ele. Ainda que aquele fosse nosso último beijo; ainda que amanhã ele voltasse a não querer compromisso; eu não me importei, não naquele momento. Se tudo desse errado, esse seria nosso beijo de despedida.

Enzo me abraçou e me beijou como se eu pudesse escapar a qualquer momento, então quando já sem fôlego nos separamos, ele abriu um grande

sorriso bêbado para mim e disse:

— Você voltou para mim. Você não estava com ele?

— Não, é claro que não. Eu nem o conheço ainda e nem quero conhecer, Enzo. Eu nunca aceitaria esse casamento, por isso ia fugir amanhã. E sim, eu voltei para você, caso realmente queira tentar. Eu não pude ficar longe também, apesar de ter tentado. Você estava falando sério quando disse que me queria? Você tem certeza, Enzo?

De repente, antes que ele me respondesse, a porta do apartamento se abriu e quem apareceu foi, ninguém menos que, a loira da boate. Eu não podia acreditar. *Jesus, como eu era estúpida! Quantas vezes eu ia precisar quebrar a cara com ele para aprender?*

Olhei para Enzo e sua cara não negava a culpa. Ele empalideceu novamente e rapidamente falou:

— Eu posso explicar.

— Você não tem nada para explicar, seu babaca, porque eu estou vendo com meus próprios olhos. Não sei como pude acreditar em você, como pude deixar você me fazer de idiota. Nunca mais chega perto de mim, Enzo.

Saí correndo, sem nem esperar ele falar qualquer coisa.

Eu não acredito que pensei que poderíamos nos acertar. Meu Deus, como fui burra! O amor só fode a vida da gente, eu nunca deveria ter me apaixonado. Vou embora amanhã. Ele não merece o meu amor; ele que vá se foder junto com aquela puta loira dele.

Consegui pegar um táxi rapidamente, pois o apartamento dele era na *Times Square*, onde tinha táxi esperando o tempo todo.

Cheguei em casa em prantos, corri para o meu quarto e, quando acendi a luz, tive a pior surpresa da minha vida: meu pai estava sentado na minha cama, me esperando. Eu gelei, estava arruinada.

— Onde você estava, Liliane? Não me diga que já foi correndo atrás daquele garoto? Sua vagabunda, sem vergonha. Você acha que eu sou idiota? Quando eu soube que ele estava aqui, sabia que você ia aprontar, porque você só me dá desgosto, Liliane. Desde que nasceu, você só me decepciona.

Eu tentava segurar a enxurrada de sentimentos que queria transbordar de mim, então apertei os dentes e respirei fundo enquanto o ouvia falar.

— Você é um karma na minha vida, Liliane, só veio ao mundo para me trazer desgraça e acabar com a minha felicidade. Seu casamento está praticamente marcado e você foi se arrastar atrás daquele *playboy* de merda, que não quer nada com você, a não ser te foder, porque você é melindrosa igual à sua

mãe, garota burra. Hoje você vai aprender uma lição, porque eu já devia ter te matado, sua peste.

Meu pai já estava tirando o cinto para me bater outra vez, mas agora eu não ia permitir tão facilmente. Rapidamente me virei, corri escada abaixo e cheguei a alcançar a porta da sala, abrindo-a para sair, mas ele segurou meu cabelo e, literalmente, me arrastou novamente para dentro de casa. Quando ele ia começar a me bater, minha mãe apareceu desesperada e gritou:

— Pelo amor de Deus, não faça isso, Álvaro. Ela é sua filha, não a machuque.

— Essa sem vergonha foi atrás do Esposito, mesmo de casamento marcado. Ela é uma puta igual a você e não se dá ao respeito, então agora ela vai aprender.

Eu estava possuída de ódio, destruída por ter acreditado no Enzo e me decepcionado outra vez. Dor física nenhuma seria pior do que a que eu estava sentindo no meu coração. Eu parecia estar anestesiada, não me importando com as consequências do meu ato de rebeldia. Olhei nos olhos do meu pai e disse as mais sinceras palavras:

— Você pode até me matar, mas eu não caso. Antes disso acontecer, eu mesma me mato. — Eu não estava blefando.

Ele segurava forte no meu cabelo quando deu a primeira cintada na minha perna, em seguida desferiu outra nas costas e outra... e outra. Eu já estava quase desmaiando, sem forças para lutar contra aquela fivela que, com certeza, estava ferindo minha pele e deixaria muitas marcas. Minha mãe tentou me ajudar, mas ele a empurrou violentamente para longe, derrubando-a em cima da cristaleira e fazendo-a desmaiar com o impacto. Nesse momento, eu percebi que precisava fazer alguma coisa, não por mim, mas por ela. Reuni as últimas forças que eu tinha antes que ele nos matasse, pois percebi que desta vez ele não iria parar e, movida pelo meu instinto de sobrevivência, lutei com ele e consegui tomar o cinto da sua mão.

Ele desferiu um soco forte no meu rosto que me deixou zozado. Quando eu achei que tudo estava perdido, ouvi uma voz. Na verdade, era mais um rosnado do meu anjo caído que veio me salvar.

— Encosta mais um dedo nela e eu te mato, seu desgraçado.

Olhei na direção da porta e vi Enzo parado, com a arma apontada para o meu pai. Ele estava com feições demoníacas no rosto. Se eu achava que já tinha visto a pior versão do Enzo na boate, eu estava muito enganada, porque naquele momento ele estava irreconhecível.

— Você ainda vai defender essa vagabunda? Você acha que ela só abre as

pernas para você? Deixa de ser trouxa, porque você estava esse tempo todo dividindo a marmita. A não ser que você goste de ser corno, aí é um problema seu.

Enzo não esperou mais, partiu para cima do meu pai como um animal e deu um soco na cara dele, fazendo-o cair no chão. Em seguida, chutou-o nas costelas e voltou a apontar a arma para ele. A expressão do Enzo era assassina, eu precisava interceder ou algo muito ruim aconteceria, mas antes fui até a minha mãe e felizmente ela já estava retomando os sentidos. Olhei para Enzo — que olhava para o meu pai com sangue nos olhos — a tempo de ouvir ele dizer:

— Nunca mais se dirija à sua filha desta forma ou encoste um dedo nela, seu covarde miserável. Eu vou te matar, mas antes quero que você sofra. Vou machucar muito você, te fazer sofrer e sentir muita dor. Você vai implorar para morrer, porque colocar uma bala na sua testa agora é muito pouco. Você vai se arrepender de ter encostado essa sua mão podre na minha mulher, seu fodido.

— Enzo, não! Chega, por favor, me tira daqui. Não mata ele, não vale a pena e eu não quero que minha mãe presencie isso.

Gritei desesperada, tentando fazer Enzo olhar para mim. Eu não me importava nem um pouco com a vida do meu pai, mas sabia que se Enzo o matasse, minha mãe sofreria muito.

— Vai embora daqui e leva ela com você, seu babaca. Aqui nessa casa ela não entra mais, pois não é mais minha filha. — Ele olhou para mim e gritou: — Você só me deu desgosto até hoje, Liliane.

Enzo olhou para mim com o rosto vermelho de ódio e a respiração ofegante. Eu percebi que ele estava fazendo muita força para se controlar, pois olhava para o meu pai e depois para mim em um debate interno. Senti-me grata por ele ter chegado naquele momento para nos proteger, entretanto também me senti humilhada por tudo o que ele presenciou. Eu só fazia chorar e, quando olhei para minha mãe, ela também chorava copiosamente.

Enzo me olhou mais uma vez, me estendeu a mão e disse:

— Vamos embora daqui, Lili, outra hora eu resolvo isso.

Em seguida, ele olhou para o meu pai, ainda caído no chão, e deu seu aviso:

— Você só não vai morrer hoje porque ela pediu. Agradeça à filha que você espancou, seu miserável, mas me aguarde, porque eu volto para resolvermos isso de homem pra homem.

Nada mais me restava, a não ser aceitar a sua mão e sair. Contudo, antes de me retirar, dei um beijo rápido na minha mãe e ainda tentei mais uma vez.

— Vamos embora daqui, mãe. Venha comigo para longe desse monstro. A gente dá um jeito de recomeçar, porque aqui ele vai acabar matando você. Por favor, mãe — pedi chorando.

Ela passou a mão no meu rosto e respondeu o que eu já sabia.

— Eu não posso, filha. Vai você e cuida da sua vida. Seja feliz e não se preocupe comigo, eu vou ficar bem.

Não adiantava insistir, pois nós já tínhamos tido essa conversa milhões de vezes. Eu não podia fazer mais nada, a não ser realmente cuidar de mim. Então, sem nem olhar para trás, saí daquele lugar com a certeza de que eu nunca mais colocaria meus pés ali.

Capítulo 9

Fizemos o trajeto até o apartamento do Enzo sem trocar uma palavra sequer; eu apenas chorava e ele se mantinha sério, olhando para a frente, parecia que nem piscava. Quando entramos no apartamento, ele falou pela primeira vez e de forma delicada, na verdade, arrasado:

— Vá tomar banho e vista uma das minhas roupas que está na mala, eu te espero aqui na sala para conversarmos.

Eu apenas assenti, pois precisava mesmo de um banho. Além disso, a humilhação era tanta que me deixara sem palavras.

Tomei banho sem pressa para ganhar mais alguns minutos, afinal eu sabia que teríamos uma conversa difícil. Ao sair do banheiro, coloquei uma de suas cuecas boxer, uma camisa preta e fui para a sala encontrá-lo.

A visão que tive ao chegar na sala me deixou inquieta: Enzo estava sentado no sofá, de cabeça baixa e com as mãos no rosto. Ele levantou assim que me viu e pediu que eu sentasse ao seu lado. Eu fiz o que ele pediu.

— A quem seu pai estava se referindo, Lili?

Suspirei ao ouvir aquela pergunta. Não era possível que de todas as coisas que tinham acontecido, ele estava preocupado com isso?

— Não existe ninguém, Enzo. Aquele homem só queria me humilhar, me colocar contra você e te confundir para que você também virasse as costas para mim. Ele estava naquele estado justamente porque, quando cheguei do seu apartamento, ele estava esperando no meu quarto e deduziu que eu tinha ido atrás de você, então começaram as ofensas e a agressão.

— Por que você deixou ele falar tudo aquilo e ficou calada? Por que não desmentiu?

— Porra, Enzo, se toca! Eu estava sendo agredida e humilhada. Você acha mesmo que essa deveria ser minha maior preocupação naquele momento? Eu já te disse várias vezes que só estive com você desde a primeira vez que ficamos juntos. Eu não tenho porque mentir para você, afinal nós não somos e nunca fomos nada um do outro, mas tudo bem se você não acredita. Eu já estou com a passagem comprada e vou embora para bem longe amanhã de manhã, só preciso ficar aqui esta noite.

Quando terminei de falar, Enzo me olhou assustado e perguntou:

— E aquelas marcas que vi várias vezes no seu corpo, Liliane? Não minta

para mim, porra!

— Você ainda não entendeu, seu idiota? Você é realmente burro ou se faz? Porque não é possível que, depois de tudo que você me viu passar, essa é a sua preocupação, se tem outro cara na equação?

Por um momento notei que ele ficou desconcertado e até ameaçou responder, mas antes disso eu voltei a falar:

— Sempre foi meu pai, seu insensível. Sempre! Ele espanca a mim e a minha mãe desde que eu tinha 7 anos. Na primeira vez, eu fui parar no hospital com o punho quebrado da tentativa de defender meu rosto das cintadas. Fiquei com marcas por todo o meu corpo, passei dias no hospital e ele disse a todos que eu tinha caído da escada. Eu tive que confirmar, caso contrário ele mataria nós duas.

Parei de falar apenas para respirar fundo e a tempo de ver o semblante arrasado que tomou conta do rosto de Enzo ao ouvir minha história.

— Depois disso, foi uma surra atrás da outra por qualquer motivo ou por nenhum motivo. Ele só parou há pouco tempo quando eu ameacei que, se ele não me matasse, eu colocaria a boca no mundo. Ele sabia que eu não estava blefando, então cessou com as agressões físicas, aumentando as agressões verbais. Todas as marcas que você viu, sempre foram ele.

Quando terminei de falar, praticamente gritando e chorando, Enzo parecia que ia explodir de tão vermelho que estava. Ele me olhou e, em seu olhar, vi algo que evitei a vida inteira: pena.

Ele veio para mais perto de mim e me abraçou forte. Apesar de estar magoada com ele, aceitei seus braços de bom grado, pois estava completamente vulnerável naquele momento.

— Por que você está tremendo? — perguntei a ele.

Enzo não respondeu de imediato. Depois de alguns segundos, ele respirou fundo e falou:

— Estou tremendo de ódio e fazendo uma força descomunal para não sair daqui agora e matar aquele desgraçado. Mas eu vou matá-lo, Lili, não posso deixar isso passar.

— Não, Enzo! Por favor, não faça isso. Minha mãe infelizmente vai sofrer e eu não quero que ela sofra. Por favor, deixe pra lá, já passou.

— Você está me pedindo para não ser homem. Não tem como eu saber dessas coisas e deixar passar, Liliane. Eu não vou conseguir viver com isso e conviver comigo mesmo se não fizer nada. Lili, ele machucou você! Seu pai não merece viver depois de tudo que te fez. Eu preciso matá-lo, porra!

Enzo gritou alterado e eu perdi todas as forças que ainda me restavam e comecei a chorar, soluçando desesperada. Eu não me importava se meu pai morresse, mas eu não suportava a ideia de fazer minha mãe sofrer mais do que ela já sofreu durante a vida.

Ao ver meu estado, Enzo me abraçou forte novamente. Eu estremeci com a dor por causa das cintadas, mas fiquei quieta para ele não ficar mais irritado. Ele pareceu não perceber e passou as mãos no meu cabelo, tentando me acalmar e falando:

— Ei, calma, não precisa tremer. Tudo bem, eu não vou matar aquele canalha já que você não quer, não se preocupe. Não vou matá-lo só porque ele é seu pai, fica calma. E me perdoe por me preocupar com besteiras, Lili, o mais importante agora é você ficar bem. Por que você não vai deitar um pouco para descansar?

Eu realmente estava exausta, então ouvi o que ele falou e fui para o quarto. Deitei na cama e me entreguei ao sono. *Amanhã eu penso no que fazer da minha vida.*

Enzo

Eu não conseguia dormir e nem acreditar em tudo o que tinha visto e ouvido. Eu olhava Lili na cama, dormindo serenamente. É inacreditável a força dessa mulher.

O rosto dela estava começando a ficar roxo por causa do soco que aquele infeliz deu. Meu corpo todo tremia de ódio, então eu a abracei e ela gemeu dormindo, como se estivesse com dor. Estranhei e levantei sua blusa para verificar. Fiquei chocado com o que encontrei: várias marcas da fivela do cinto com o qual aquele infeliz tinha agredido a minha Lili. Meu estômago embrulhou e minha respiração acelerou, parecia que eu ia infartar, tamanho era o meu ódio. Levantei da cama e saí do quarto porque eu estava sufocando de raiva. *A morte era pouco para o Álvaro.*

Cheguei na sala me sentindo como um animal enjaulado e impotente. Eu queria quebrar tudo, mas não queria assustá-la com o barulho. Eu só conseguia pensar em vingança, então bebi um copo com água e fui me acalmando aos poucos com o pensamento de que, quando amanhecesse, eu iria atrás dele.

Minutos depois, voltei para o quarto e Lili ainda dormia tranquilamente. Quem a olhava, sempre com um grande sorriso no rosto e tão cheia de vida, não podia imaginar tudo pelo que ela já passou.

Abri uma foto dela em meu celular — linda, sorrindo —, meu peito doeu ainda mais e o remorso me bateu profundamente. Ela sofreu a vida inteira com um pai truculento, viveu um relacionamento abusivo em casa e o que eu fiz? Fui um canalha quando ela confessou que estava apaixonada por mim, pisei mais ainda em um coração já tão maltratado... Eu não podia imaginar como ela devia ter se sentido. Agora, tudo que eu queria era segurá-la em meu colo e nunca mais deixar que nada de mau acontecesse a ela.

Liliane emanava tanta alegria, energia e bom humor, que eu jamais poderia imaginar ou desconfiar que ela estava sofrendo abuso embaixo do meu nariz. Eu via aquelas marcas no corpo dela e o homem das cavernas que habitava em mim só conseguia pensar que eram marcas de sexo selvagem com outro cara. Eu ficava puto pra caralho, mas evitava falar porque eu também dava meus pulos, afinal não tínhamos um relacionamento sério. Eu não cobrava para não ser cobrado.

A primeira vez que vi uma marca no corpo da Lili — quando fui baleado há anos —, eu perguntei sobre aquilo e ela mentiu. Eu soube na mesma hora que

era mentira a desculpa que ela deu, pois fui treinado para conhecer mentirosos, então nas vezes seguintes eu nem perguntei mais nada, porque saber que ela estava mentindo me deixava ainda mais puto.

Agora que eu sei a verdade, tudo faz muito sentido. Realmente, eram marcas de cinto e eu, que estava cego de ciúmes na época, não consegui enxergar.

Eu ainda não sabia direito o que fazer, mas uma coisa eu já havia decidido: Lili voltaria hoje mesmo para a Itália comigo, não ia embora porra nenhuma. Nunca mais aquele verme colocaria as mãos nela e eu podia até não matá-lo, por enquanto, mas eu iria acertar as contas com aquele escroto e não ia ser bonito.

Quando consegui pegar no sono, o dia já tinha clareado. Lili também dormiu muito mal — se mexeu a noite toda, às vezes até gemia — então eu a abraçava com cuidado, por causa dos ferimentos, e ela se acalmava.

Observando-a dormir a noite toda, eu percebi o que eu me neguei a admitir durante muito tempo: eu estava apaixonado por ela. Não poderia e nem queria mais ficar longe daquela mulher, nós íamos dar um jeito na nossa relação.

Quando ela se mexeu na cama, tirou-me de meus pensamentos. Fiquei olhando-a abrir os olhos lentamente, hipnotizado. Quanta saudade eu sentia de ver aqueles olhos, que pareciam ainda mais claros pela manhã.

— Oi! Que horas são? — ela perguntou preguiçosamente.

Eu não respondi de imediato e fiz menção de beijá-la, mas ela se afastou. Meu coração acelerou com a rejeição, mas antes que eu falasse alguma coisa, ela deu um pulo da cama e desatou a falar:

— Enzo, nós precisamos conversar seriamente. Eu estou aqui com você, mas nós não estamos juntos. Quando eu soube que meu pai tinha arrumado um casamento para mim, eu decidi que ia fugir e já está tudo planejado, na verdade, para hoje.

Dei espaço para que ela falasse tudo o que queria, apenas me mantive quieto, encarando-a.

— Ontem à noite, você apareceu, falando aquelas coisas na porta da minha casa, e isso me colocou em dúvida. Eu ainda não havia decidido o que fazer quando vim até o seu apartamento, mas depois que vi aquela piranha aqui com você, eu decidi que iria embora de qualquer jeito. Eu não estava me importando mais, porque você não merece o meu amor, mas agora que você já sabe da minha história, eu sei que não vai querer me deixar ir embora. O que quero dizer é que tudo o que você descobriu sobre mim, não muda o fato de que, há um mês, você rejeitou o meu amor. E ontem, depois de me dizer tantas coisas

que eu gostaria de ouvir, você saiu da minha casa e foi direto à caça, sem nem deixar eu explicar. Eu não vou conseguir esquecer isso, Enzo.

— Lili, não foi assim como você está pensando. Não aconteceu mais do que uns beijos entre a Ariel e eu. Eu estava tão desesperado, achando que você estava com seu noivo, que eu queria tirar você do meu sistema. Então fui a um bar, beber ainda mais, e ela apareceu me dando mole. Em uma atitude impensada, eu a trouxe para cá. Eu estava muito bêbado para pensar direito e também estava confuso, achando que você ia casar, mas não chegou a acontecer nada, eu juro.

— Não aconteceu porque eu cheguei para atrapalhar a sua foda, se não você teria passado a noite comendo aquela vagabunda. É assim que você age? Casais brigam o tempo todo, Enzo. Aí, em uma das nossas brigas você vai sair para beber e, se alguma vaca te der mole, porque você é a porra de um gostoso, você vai comer porque está chateado comigo? — ela gritou já alterada.

— É diferente, porque estávamos separados.

— Você tinha acabado de sair da minha casa, Enzo. E tinha me dito que não conseguia ficar longe de mim, que queria voltar comigo e, no minuto seguinte, só não comeu outra porque eu cheguei e atrapalhei.

— Não foi porque você chegou. Eu já tinha dispensado a garota antes, porque não tinha rolado mais que uns beijos e eu já ia levá-la para casa. Você não interrompeu nada.

— Ah, não? Então por que você a dispensou? Por quê?

— Porque meu pau não quis subir, caralho. Você fez alguma feitiçaria para mim e não saía da minha cabeça. Então eu brochei! Está satisfeita de ouvir isso, Liliane? Brochei! Meu pau não subiu por nada!

— Não estou nem um pouco satisfeita. Você parou porque brochou e não porque quis. É bem feito, tomara que seu pau caia de uma vez!

— Não fala isso nem brincando, Lili, pelo amor de Deus! Eu tenho medo de você, garota. Já estou achando que você fez alguma feitiçaria comigo e se meu pau cair você também vai sofrer!

— Enzo, eu não quero mais falar nesse assunto. Estou emocionalmente cansada, me deixa quieta um pouco, por favor.

— Tudo bem, mas esse assunto ainda não acabou e se você contar para alguém que eu brochei, eu te mato.

— Acabou, sim. E você não é homem suficiente pra me matar. Que horas são? Você ainda não me respondeu.

— 9h30

— Porra, perdi o caralho do vôo. Merda! Nem sei onde está meu celular, ele não despertou e eu perdi a hora. Não dá mais tempo, o embarque era às 10h.

— Eu até poderia dizer que lamento, mas seria mentira, porque eu não lamento porra nenhuma. Estou dando graças a Deus, porque teimosa do jeito que você é, ia me dar um trabalho do caralho para não embarcar, talvez eu tivesse que te amarrar. Mas já que você perdeu o seu voo, não precisa fazer birra para não ir para a Itália comigo.

Eu relaxei na cama, com as mãos atrás da cabeça, depois de saber que a Lili não conseguiria mais ir embora.

— Claro que eu posso ir com você. Inclusive, de lá será muito mais fácil fugir para bem longe. Aqui, meu pai poderia me achar, mudar de ideia e exigir o casamento, mas lá estarei mais segura. Que horas o jatinho sai?

Ela não ia fugir porra nenhuma, mas não precisava saber disso agora, então não discuti sobre isso e apenas respondi:

— Partimos às 15h. Ao meio-dia eu tenho um almoço com o Bernardo para tratar de negócios, depois nós partiremos.

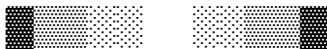
— *Okay.*

— Eu vou sair para comprar nosso café da manhã e já volto. Você quer alguma coisa em especial? — perguntei.

— Não, eu só preciso comer qualquer coisa. Vou tomar banho enquanto você vai. Ah, outra coisa, será que você pode me levar na casa da minha mãe antes de embarcarmos para eu pegar minha mala e me despedir dela? Meu pai não vai estar lá.

— Tudo bem, nós passamos lá.

Dei uma piscadinha para ela e me retirei. *Eu sei que fiz muita merda, mas domarei essa fera, ou não me chamo Enzo Esposito!*



Saí da reunião com Bernardo e os colombianos às 13h15. Os negócios foram bem-sucedidos, mas foi difícil me concentrar, porque eu não conseguia pensar em nada que não fosse acabar com o Álvaro.

Quando acabamos, me despedi de todos e me retirei o mais rápido que pude, pois eu tinha uma missão e estava ansioso para cumpri-la. O restaurante ficava perto do meu apartamento, mas eu precisava correr para acertar minhas contas com o verme e ainda passar na casa da mãe de Lili.

Eu estava entrando no estacionamento para pegar meu carro quando vi

que era o Álvaro quem aguardava por Bernardo, em pé ao lado do carro dele. Um sorriso diabólico surgiu, imediatamente, em meus lábios e eu não perdi tempo. Fui até ele, andando tranquilamente, como se estivesse calmo, mas por dentro eu era uma bomba prestes a explodir.

Álvaro estava de cabeça baixa, mas, ao chegar bem próximo, ele ouviu meus passos e me olhou. Seu rosto transbordou surpresa, mas ele não recuou.

— Foi muito bom te encontrar aqui, filho da puta. Embora eu fosse atrás de você até no inferno, te encontrar aqui facilita as coisas para mim.

Antes que ele tivesse qualquer reação, acertei um soco em cheio na cara dele — quase deu para ouvir o barulho do nariz se quebrando. Longe de estar satisfeito, aproximei-me dele, que estava se apoiando no carro, peguei sua cabeça e soquei na lateral do carro.

Ele me olhou com a mão no nariz, a testa sangrando e os olhos arregalados.

— Está ficando maluco, porra? Está me culpando pelas merdas que a vagabunda da minha filha fez? Eu não tenho culpa se ela é uma sem-vergonha e abre as pernas para qualquer um. Se você gosta de ser corno e vai assumi-la, o problema é seu, não me culpe.

Antes que ele pudesse piscar, eu já estava em cima dele novamente, socando sua cara e dando-lhe uma joelhada no estômago. Ele se curvou, claramente sentindo dor, e eu dei uma cotovelada em suas costas, fazendo-o cair no chão. Parti para cima dele como um monstro, dei-lhe um chute e mais uma sequência de chutes em sua costela. A vontade era de matar aquele filho da puta por todo o sofrimento que causou a Lili e só não o fiz porque ela pediu. Nesse momento eu faria qualquer coisa que ela me pedisse, desde que isso fizesse ela sorrir outra vez. Então hoje ele deu sorte que eu ia dar só um aviso.

— Nunca mais chegue perto da Lili ou encoste um dedo nela, caso contrário eu acabo com você. Por falar em Lili, você só não vai morrer agora porque ela é uma pessoa boa e me implorou para não te matar. Ah... e se eu souber que você bateu na mãe dela e, consequentemente, fez a Lili sofrer, eu te mato de qualquer jeito, entendeu?

Ele mal conseguia me olhar, pois o supercílio ensanguentado tampava os olhos e o nariz também sangrava. Ele estava uma bagunça, mas eu ainda queria mais, então quando ele não respondeu, eu peguei minha arma, encostei na testa dele e repeti a pergunta:

— Você entendeu, filho da puta?

— Entendi, porra, agora me deixa em paz.

Quando eu ia socá-lo de novo, ouvi Bernardo falando atrás de mim.

— Mas que porra está acontecendo aqui? Você ficou maluco, Enzo?

— Bernardo, esse cara é um covarde que espanca Lili e a mãe há anos. Ele chegou até a mandar a menina para o hospital quando ela ainda era uma criança e disse que ela havia caído da escada, você deve se lembrar disso. Como se não bastasse, ontem ele bateu nela novamente e, provavelmente, ia matar ela e a mãe se eu não chegasse para impedir. — Eu me virei mais uma vez para o Álvaro e gritei: — Levanta daí, seu covarde! Vem me enfrentar. Em homem você não bate?

— Que história é essa, rapaz? — Bernardo perguntou, aparentemente chocado.

— É isso mesmo que você ouviu. Esse covarde bateu nelas a vida toda... Fora as agressões verbais. Eu quero muito matar esse filho da puta.

Ameacei ir para cima dele novamente, mas Bernardo me segurou e, em seguida, perguntou, perplexo:

— Isso tudo que eu ouvi é verdade, Álvaro?

— Não dessa forma, chefe.

Bernardo nem deixou ele terminar de falar, já sabia que era verdade.

— Tudo bem, Enzo, agora é melhor você ir. Deixa que eu me entendo com ele. Boa viagem!

Minha vontade era continuar socando a cara do filho da puta, mas Bernardo era sogro do meu irmão e eu não queria me indispor com ele, então eu assenti e saí do estacionamento cantando pneu com meu carro. Eu queria torturá-lo até a morte, mas por hora estava bom. Agora eu tinha coisa melhor para fazer: um lindo coração para reconstruir e reconquistar.

Assim que estacionei o carro no prédio, meu celular tocou. *Porra! Será que meu irmão já sabia das novidades?*

— *Fala, Matheo.*

— *Boa tarde para você também, Enzo. E aí, como foram as coisas com os colombianos?*

— *Ah tá, é isso, né? Foi tudo perfeito, não poderia ser melhor. Eles são nossos.*

— *Bom. Mas que porra está acontecendo, Enzo? Você está mais esquisito do que o normal.*

— *Não foi nada, maninho, estou ótimo e gostoso como sempre!*

— *Pelo seu bom humor vejo que não foram só os colombianos que você encontrou aí. Voltou para a maluca?*

— Não, mas eu vou voltar.

— E o que te faz ter tanta certeza assim? Até onde eu sei, foi ela quem te deu um chute na bunda!

— Deu nada, na verdade ela adora a minha bunda e eu a dela, claro.

— O que você está aprontando, Enzo?

— Depende. Dar uma surra no pai dela, você chama de aprontar? Porque eu dei, mas pelo menos não matei, embora fosse o que eu mais queria.

— Você o quê, Enzo?

— Isso mesmo que você ouviu, dei uma surra no pai dela, mas gostaria muito de ter matado.

— Você está ficando maluco, caralho? Por que essa porra agora?

— Ele espancava a mulher e a filha, irmão. Lili passou a vida apanhando desse covarde.

— O quê? Que fodido! Mas você não deveria ter se metido nessa porra, Enzo. Sei que o motivo foi nobre, mas ela agora vai casar, não é mais da sua conta.

— Vai casar porra nenhuma. Ela está voltando para a Itália comigo hoje.

— Enzo, que porra você está arrumando aí? Você não pode trazer essa garota para cá, ela está prometida.

— Ah, eu posso sim e vou. Matheo deixa eu desligar, cara, se não vai atrasar o embarque.

— Sinceramente, eu não sei mais o que eu faço com você, Enzo. Quando chegar aqui, venha direto para a minha casa, explicar essa porra.

— Pode deixar, chefe! E dá um beijo nas minhas crianças.

— Minhas crianças, filho da puta. Vai fazer um filho para você.

— Ah, então... de repente eu faça.

— Mas o que...

Desliguei sem deixar ele terminar de falar. Matheo vai estar de cabelos brancos quando eu chegar, mas foda-se, ninguém vai estragar meu humor. *Eu estou voltando com a minha mulher para casa, porra.*

Entrei no meu apartamento e quase caí para trás com a visão que tive. Lili estava parada, vestida só com a minha camisa, tomando um café e sorrindo para mim. Apesar de o cabelo estar tampando o rosto judiado, meu coração acelerou. Enquanto a outra se esfregou no meu pau e eu brochei, essa diaba só me olhava e eu já ficava de pau duro. Cada vez tenho mais certeza do feitiço.

Fiquei parado de boca aberta e salivando, quando ouvi ela dizer:

— Já posso me arrumar para irmos lá em casa? Quer dizer, na casa da minha mãe pegar minhas coisas?

— Pode sim, apesar de que eu preferiria que você continuasse assim, só com a minha camisa, mas estamos com pressa, o jatinho vai estar à nossa espera daqui a pouco.

— Tá bom, estou indo.

Quando chegamos na casa da mãe dela, eu desci do carro e entrei junto — não ia arriscar o pai dela estar em casa, ainda mais depois da surra que dei nele. Felizmente só quem estava era a mãe dela.

Lili arrumou o restante das coisas nas malas que já estavam prontas e, quando se despediu da mãe, foi aquela choradeira. A mãe dela me fez prometer que cuidaria da filha e, em resposta, ganhou uma careta da Lili, mas eu fiz questão de tranquilizar a mulher, dizendo-lhe que, dali por diante, eu cuidaria da Liliane.

Pousamos na Itália com o dia já amanhecendo e fomos direto para casa. Ainda dentro do carro, começamos o primeiro debate.

— Enzo, eu vou ficar na casa da Melissa.

— E meu irmão já sabe disso?

— Não, na verdade nem a Mel sabe.

— Pois é, até onde eu sei, você e meu irmão não são muito fãs um do outro, porque ele acha que você é maluca. Mas se você está disposta a aturar o mau humor dele, boa sorte.

— Droga! Eu não tinha pensado nisso.

— Não seja infantil, Liliane. Minha casa é enorme e, além do mais, eu prometi à sua mãe que cuidaria de você e eu sempre cumpro com minha palavra.

— Sei bem como você quer cuidar de mim. Fique sabendo que, mesmo que eu esteja na sua casa, não vai acontecer nada entre nós dois, porque não somos um casal.

— Tudo bem, Liliane. Chegamos.

— Para com essa coisa irritante de me chamar de Liliane.

— Bom, já que não somos mais íntimos, acho que não pega bem chamar você de "Lili", Liliane.

— Idiota!

Entramos no complexo, estacionei o carro e mandei uma mensagem para Matheo.

Mais tarde falo com você. Estamos cansados.

Okay.

Ri comigo mesmo da resposta de Matheo, sempre seco.

Peguei as malas no carro e seguimos para a minha casa. Lili nem hesitou.

Enzo 1 x 0 Liliane.

Entramos em casa e levei nossas malas para o meu quarto. Ela veio atrás de mim, entrou no quarto e sentou na cama antes de falar.

— Por que trouxe todas as malas para cá?

— Achei que você ficaria no meu quarto, afinal, somos dois adultos. — Resolvi me fazer de bobo.

— Mas é claro que eu vou ficar aqui, é a melhor suíte da casa. Estou falando da sua mala, porque você vai ficar no quarto de hóspedes.

— O quê? Você está doida, mulher?

— Estou falando sério, Enzo. É isso ou vou para casa da Melissa, com ou sem o mau humor do Matheo.

— Tudo bem, Liliane, você venceu. Vou ficar no quarto ao lado.

— *Okay*, muito obrigada! Você é muito gentil.

Enzo 1x1 Liliane

Tomei banho e me instalei no quarto de hóspedes. Eu estava muito cansado, não tinha dormido no jato e resolvi dormir um pouco antes de ir para a empresa, no entanto não conseguia dormir sabendo que Lili estava ali ao meu alcance e, ao mesmo tempo, tão longe. Como se não bastasse, o meu pau brocha, ironicamente, estava duro igual a uma estaca, por culpa da feiticeira. *Porra, como eu ia dormir assim?*

Depois de muito rolar na cama, o cansaço me venceu e eu finalmente adormeci.

Capítulo 10

Acordei depois de algumas horas com batidas na porta e demorei alguns segundos para me situar, mas antes mesmo de reconhecer o lugar, escutei uma voz exasperada:

— Lili, abre a porra dessa porta.

Dei um pulo da cama, assustada, e abri a porta me deparando com um Enzo puto, enrolado em uma toalha.

— Precisava trancar a porta? Você achou que eu poderia entrar aqui e te estuprar durante a noite?

— Talvez.

— Não, obrigado. Eu prefiro as receptivas e opções é o que não me faltam.

— Pois é, mas não adianta nada tantas opções se você vai brochar, não é mesmo garanhão? — falei debochada.

Enzo me fuzilou com os olhos e passou por mim igual a um furacão, indo direto para o *closet*. Fui atrás dele e perguntei:

— Por que você não transfere logo suas coisas para o quarto de hóspedes?

— Porque esse é o único quarto com um *closet* que acomoda perfeitamente as minhas coisas. Além disso, eu não vou me mudar daqui. O quarto é meu, folgada! E você não tranque mais essa porta, porque não tem o que temer, eu só vou te comer novamente quando você implorar e, acredite *baby*, você vai.

— Babaca, arrogante... Vai sonhando!

— Vamos ver, gatinha. — ele falou e, logo em seguida, tirou a toalha que estava enrolada em sua cintura, ficando completamente nu.

Filho da puta! Quer me provocar, porque estou há muito tempo sem sexo. Sem poder evitar, dei uma conferida naquele corpo gostoso e Enzo, claro, não perderia a oportunidade de zombar de mim.

— Gosta do que vê, *baby*? Basta você pedir que eu sou todinho seu!

— Não, obrigada. Eu prefiro os que sabem valorizar e opções é o que não me faltam!

Imitei a frase anterior dele e percebi o rosto de Enzo se fechar na mesma

hora. Ele perdeu todo o bom humor e começou a falar em um tom totalmente diferente e ameaçador.

— Você que não ouse, Liliane. Da próxima vez que você deixar um cara te tocar para me provocar eu vou matá-lo — falou muito sério, olhando diretamente nos meus olhos.

Achei melhor mudar de assunto e não provocar mais a fera.

— Já está indo trabalhar?

— Sim, mas antes vou tomar café na casa do Matheo. Você deveria vir comigo.

— Hoje eu vou, mas acho que a gente precisa mudar esse hábito, Enzo. Não queria ver ninguém estando assim, com o rosto machucado, e não quero ficar na dependência de comer na casa do seu irmão. Eu até posso cozinhar, mas na sua geladeira não tem nada. Eu posso ir ao mercado comprar algumas coisas, mas... eu não tenho dinheiro, quer dizer, eu tenho um bom dinheiro na minha conta, do que Melissa tinha me emprestado, mas eu vou devolver tudo a ela, já que não vou embora.

Abaixei o rosto para não encará-lo, pois estava totalmente constrangida de depender do dinheiro dele.

— Tudo bem, Lili, não precisa se envergonhar por não ter dinheiro. Eu tirei você da sua casa, então, a partir desse momento eu assumi responsabilidades com você. Hoje mesmo vou mandar o gerente do banco vincular você à minha conta e te dar um cartão, só me manda depois a foto dos seus documentos. Por enquanto, vou deixar meu cartão aqui para você ir ao mercado e comprar tudo o que quiser. E qualquer coisa que você precisar não quero que sinta vergonha de me pedir.

Eu apenas assenti, mesmo constrangida.

— Outra coisa, você vai andar com segurança a partir de agora.

— Nem vem, Enzo! Não quero nenhum cão de guarda atrás de mim. Não tem necessidade disso, já que não sou sua esposa!

— Tem toda necessidade do mundo, porque você está morando aqui no complexo, já é uma de nós e está correndo perigo. E, de qualquer forma, você é uma filha da máfia, esqueceu? Não discuta comigo, você vai ter um soldado constantemente com você, hoje mesmo vou designar um dos meus homens. Estou falando sério, Lili, nunca saia sem proteção.

— Está bem, Enzo. Agora chega de papo e vamos tomar café que já estou com muita fome.

Quando chegamos na casa de Melissa, fui recebida com muitos beijos,

abraços e carinhos, dela e dos gêmeos. Matheo apenas me cumprimentou com um aceno de cabeça e, depois de tomarmos café da manhã, foi para o escritório com o Enzo.

Enquanto isso, Melissa e eu fomos para a sala conversar. Ela já sabia uma parte da história e o restante todo eu contei. Comecei desde o início: a primeira vez, aos 7 anos, quando éramos crianças e ela achou que minha internação no hospital tinha sido causada por um acidente na escada.

Por fim, contei como estava minha situação com o Enzo e ela disse que eu deveria dar uma chance a ele, pois tudo o que ele estava fazendo por mim era uma prova dos seus sentimentos, afinal atitudes demonstram mais que palavras. Eu ainda estava muito magoada e, apesar de grata, não estava pronta para perdoá-lo.

No final, ganhei um abraço coletivo dela e dos gêmeos. Um tempo depois, minha amiga perguntou se tinha algo que ela poderia fazer para eu me sentir melhor, então eu sorri para ela e respondi:

— Tem sim! Que tal você me dar novamente a sua boneca, que é a minha favorita? — Olhei para Mia, peguei a garotinha no colo e a enchi de beijos. — Essa aqui, posso levar? — falei e caí na gargalhada junto com Melissa, que riu também.

— Sinto muito, amiga, mas com essa boneca aí não tem negociação. O pai dela me mata. Mas posso te emprestar, às vezes.

Mia olhou para o meu rosto ferido e perguntou curiosa:

— Tá dodói? Mia vai dar um *bezo* pra *sará!*

Ela me beijou e eu a apertei ainda mais forte nos meus braços.

Mudamos a conversa para um assunto mais leve. Melissa me contou todas as peripécias dos gêmeos e eu acabei esquecendo todos os meus problemas e me sentindo feliz, pela primeira vez em muitos dias.

Depois que os homens foram trabalhar, despedi-me da Melissa e dos gêmeos e voltei para a casa do Enzo, pois nem as minhas malas tinham sido desfeitas ainda.

Arrumei tudo no *closet* e fui tomar banho. Quando saí do banheiro, liguei para minha mãe, disse a ela que estava tudo bem e ela me contou que meu pai tinha tido o nariz e três costelas quebradas pelo Enzo. Eu sabia que ele não ia deixar essa história de lado tão fácil, mas com um nariz e algumas costelas quebradas dá para sobreviver, então não me importei.

Depois de alguns minutos de conversa, despedi-me da minha mãe e desliguei, me vesti e resolvi arrumar o quarto e o banheiro. Já que eu estava ali

como hóspede, pelo menos ia fazer alguma coisa para ajudar, O restante da casa estava impecável, pois Enzo tinha uma faxineira que ia uma vez na semana — uma senhorinha muito simpática, dona Beatriz —, eu já a tinha visto várias vezes.

Lembrei que a despensa e a geladeira estavam totalmente vazias e que eu precisava cuidar disso, porque uma coisa era Enzo tomar café da manhã e jantar na casa da Mel todos os dias, outra coisa era eu também tomar café da manhã, almoçar e jantar lá, não tinha cabimento. Eu iria cozinhar. Era o mínimo que eu poderia fazer diante de tudo o que ele estava fazendo por mim, sem que nós, ao menos, fôssemos um casal.

Resolvi que ia sozinha ao mercado, já que ele tinha dito que ia mandar um soldado para fazer minha segurança, mas ainda não o tinha feito. Se eu fosse agora, daria tempo de fazer o almoço.

Pensei em pegar um táxi, mas ia ser difícil sair assim do complexo, pois Enzo já deveria ter avisado aos seguranças sobre mim. Então uma brilhante ideia surgiu: peguei minha bolsa, meus óculos escuros, o cartão que Enzo havia deixado e fui aonde eu sabia que ele guardava as chaves dos seus brinquedinhos.

Escolhi a chave de um dos carros que sempre me atraiu — e Enzo nunca me deixou tocar — e quando abri a porta, o controle do portão estava dentro, já que era o carro que ele mais gostava e usava. *Perfeito!*

Sentei no banco confortável, coloquei o cinto de segurança, liguei o motor da sua Lamborghini Aventador e meu coração vibrou junto com ele — sempre quis dirigir esse carro, seria uma aventura.

Me aproximei do portão, apertei o controle e ele começou a abrir. Eu estava pronta para aquela aventura, quando um dos seguranças apareceu e tentou me impedir de sair. Dei uma acelerada e, quando quase atropelei o homem, ele me olhou de boca aberta. Ainda olhei para trás, sorri e soprei um beijinho para ele, antes de acelerar novamente e ir embora.

Acho que vai dar merda, mas quem liga? Eu precisava ir ao mercado, ué.

Enzo

Eu estava sentado na sala de Matheo, resolvendo algumas questões pendentes dos colombianos, quando meu telefone tocou.

— Fala, Jason — atendi ao ver o nome de um dos seguranças da casa no visor do celular.

— *Chefe, a senhorita Collins saiu sozinha com um de seus carros — o homem falou totalmente hesitante.*

Eu ia matar a Lili, pensei e trinquiei os dentes, de raiva, antes de falar:

— Qual carro e por que diabos ela saiu sozinha se eu mandei o Alessandro fazer a segurança dela?

— *Alessandro chegou minutos depois, chefe, e o carro foi... a Lamborghini.*

Puta que o pariu, eu ia infartar, pensei.

— *Desculpe, chefe, eu tentei impedir, mas ela acelerou para me atropelar e não foi só uma ameaça. Eu senti que ela ia me atropelar mesmo se eu não saísse da frente. Quando passou por mim, ela ainda sorriu e... mandou um beijo, chefe.*

Que mulher peste do caralho, ela flertou com o meu segurança e ainda roubou o meu carro preferido. Porra! Se ela se machucasse ou machucasse o meu brinquedo ia me pagar caro.

Desliguei o telefone e, na mesma hora, disquei o número dela que, é claro, não atendeu.

Inferno de mulher possuída!

Capítulo 11

Havia pouca movimentação no mercado, então fui comprando as coisas e observando todas as prateleiras, especificamente na sessão de guloseimas. De repente, meu telefone tocou e, claro, era o Enzo.

Resolvi não atender, porque se fizesse, ele iria me obrigar a dizer onde eu estava e, conseqüentemente, viria correndo atrás de mim e eu gostava de liberdade, não estava acostumado a viver presa ou com alguém o tempo todo me seguindo. *Eu só estava no mercado, meu Deus, qual é o crime?*

Compreei tudo o que precisava e o rapaz do mercado estava me ajudando a levar os sacos para o carro quando, de repente, vejo um carro entrando no estacionamento em alta velocidade e freando bruscamente ao meu lado. Fiquei paralisada e totalmente assustada, olhando a cena e, quando a porta do carro abriu e eu já estava pronta para correr, Enzo saiu muito puto de dentro do carro, me fuzilando com os olhos. Apesar de estar em apuros, eu fiquei aliviada ao vê-lo.

— Como você me encontrou aqui?

— Você acha que meu carro não tem GPS, linda? O que eu falei para você sobre não sair sozinha, Liliane? Ainda por cima roubou meu carro!

O menino do mercado assistia a tudo de boca aberta.

— Eu não roubei seu carro, Enzo, só peguei emprestado porque precisava vir ao mercado. Você não tinha mandado nenhum soldado para mim ainda, então resolvi vir logo. Está tudo bem, não precisa disso tudo.

Olhei para o rapaz, que me olhava assustado, e o instruí:

— Pode colocar as compras ali na mala, por favor.

— Não, ele não pode. Você vai voltar no outro carro com o Alessandro, seu novo segurança, e eu vou para a empresa com o meu carro, pois preciso trabalhar. Mais tarde, em casa, a gente conversa.

E assim, sem mais, ele saiu e me deixou plantada no estacionamento com cara de boba. Sem ter mais o que fazer, fui para o outro carro emburrada e voltei para casa. *Se ele pensa que eu tenho medo dele está muito enganado.*

Cheguei na casa de Enzo e fui arrumar as compras na despensa. Depois que guardei tudo, tomei banho e, sem ter muito o que fazer, resolvi ir na Melissa. Antes de sair, meu telefone tocou, era minha mãe.

— Mãe, tudo bem? Aconteceu alguma coisa?

— Oi, filha, mais ou menos. Seu pai anda mais nervoso que o normal, pois já comunicou o fim do acordo do seu noivado com o filho do capitão. Parece que eles não reagiram muito bem e exigiram que seu pai cumpra o acordo. Eu não queria tirar sua paz com isso, mas precisava te avisar.

— Fez bem, mãe. O que a senhora acha que o pai pretende fazer?

— Eu não sei, filha, talvez exigir que você volte e se case.

— Ele não pode fazer isso. Não pode! Enzo não permitiria. — falei já exaltada, com o coração acelerado, as mãos suando e tremendo.

— No mundo em que a gente vive, você sabe que ele pode. Eu sinto muito, filha. Gostaria de poder te ajudar, mas não posso fazer nada.

— Tudo bem, mãe, obrigada por me avisar. Eu vou conversar com Enzo.

Desliguei o telefone tremendo tanto, que até desisti de ir na Melissa. *É melhor eu ficar sozinha e pensar.*

Passei a tarde pensando qual seria a melhor solução. Talvez eu ainda pudesse fugir, já que não cheguei a devolver o dinheiro da Melissa, ou... quem sabe seja melhor pedir a ajuda de Enzo.

Depois de um tempo deitada e pensando, sem encontrar solução, resolvi levantar e preparar o jantar. Ao terminar tudo, tomei banho e fui à cozinha provar alguns vinhos para escolher o do jantar, quando Enzo chegou. *Ele estava lindo!* Ficamos parados nos encarando até que eu resolvi quebrar o silêncio.

— Oi! Você está bem? Que cara é essa?

— Oi! Tirando o fato de que você tira a paciência até de um santo, que estou até o pescoço de trabalho, estressado e há mais de 30 dias sem sexo... então sim, estou ótimo.

Só assimilei a parte do tempo sem sexo, mas claro que eu não iria falar isso, então mudei de assunto.

— Eu fiz o jantar, quer comer agora?

— Obrigado, seria ótimo. Deixa só eu tomar um banho rápido.

— Claro, enquanto isso vou colocar a mesa.

Quando ele desceu, já lindo e cheiroso, a mesa estava posta e começamos a comer. Assim como eu, ele parecia incomodado com alguma coisa, mas eu fui a primeira a falar:

— Enzo, minha mãe me ligou hoje e disse que o cara a quem meu pai me prometeu não está aceitando bem o fim do acordo. Ele está exigindo o cumprimento do combinado e minha mãe acha que, talvez, meu pai possa querer me obrigar a voltar para casa.

Enzo suspirou e me olhou, não parecia surpreso.

— Já estou sabendo de tudo, Lili. Bernardo ligou para o Matheo hoje e, embora ele não esteja nada satisfeito com o comportamento do Álvaro, disse que não pode se meter nessa questão, pois seu pai já tinha dado a palavra ao capitão de Las Vegas e a palavra de um homem dentro da máfia é questão de honra, até para um covarde como o seu pai.

Eu fiquei atônita com o semblante que vi no Enzo, mas não falei nada.

— Eu também conversei com o Bernardo e ele me deu apenas uma alternativa para resolver esta situação. Ele tem você como uma filha, então vai pessoalmente conversar com o capo, o capitão e seu filho em Las Vegas, para acalmar os ânimos. Matheo também é amigo pessoal de Demétrio, que é o capo de Las Vegas, então ligou para ele hoje, explicou toda a situação e ele nos deu seu apoio. Você não precisará voltar para Nova Iorque e muito menos se casar com nenhum babaca. Já está tudo resolvido, fique tranquila.

— Enzo, estou muito grata por você intervir a meu favor, mas posso saber como conseguiu resolver tudo assim, tão rápido?

— Claro que pode, aliás, deve!

Ele me olhou com aquele sorriso cafajeste que eu já conhecia bem e, com a cara mais deslavada do mundo, soltou a bomba:

— Nós vamos nos casar, Liliane. Mais precisamente, vamos nos casar em 1 mês — ele falou como se fosse a coisa mais natural do mundo.

— O quê? Não, nós não vamos nos casar, porque eu não quero casar com ninguém agora. Na verdade, eu não quero casar nunca! Obrigada por tudo, Enzo, mas estou bem assim. Nós vamos dar outro jeito, está bem? Ninguém aqui precisa casar, para de falar besteira que eu ainda tenho bem fresco na minha memória a imagem daquela vagabunda no seu apartamento.

Nessa hora, para o meu espanto, Enzo explodiu. Ele bateu com as duas mãos na mesa, fazendo um enorme barulho com os talheres e me fazendo dar um pulo de susto, em seguida começou a falar, totalmente alterado:

— Então volta para Nova Iorque e casa com o cara que seu pai escolheu para você, caralho! Eu não sei mais o que fazer para provar que eu estava errado. Eu não sabia que sentia algo por você, Liliane. Eu estava errado e você tem que me perdoar, porque é tudo totalmente novo para mim. Eu fui atrás de você, disse tudo o que estava sentindo e você me mandou embora, lembra?

Eu ameacei responder, mas ele colocou um dedo em riste, como se me pedindo para não abrir a boca e continuou:

— A Ariel estava lá, disposta a me ajudar a tirar você da cabeça. Hoje eu sei que nenhuma mulher conseguiria, mas naquele dia eu estava bêbado e insano,

me sentindo rejeitado por você, achando que tinha te perdido para outro cara. Eu não imaginava tudo o que estava se passando com você, eu nunca pude imaginar e me odeio cada vez que penso em tudo que você passou e eu não pude impedir. Foi tudo a porra de um mal-entendido e, quando vi que você também me queria, eu fui atrás de você, disposto a consertar as coisas entre a gente. Quando vi o desgraçado do seu pai machucando você, eu queria matá-lo por estar lhe infligindo dor, só não o matei por sua causa. Eu faria qualquer coisa, Liliane, para ver o seu sorriso outra vez.

Eu tentava a todo custo segurar uma teimosa lágrima que queria cair, pois conseguia perceber a real aflição que o Enzo estava sentindo.

— Ver você arrasada daquele jeito me quebrou. Ver seu corpo marcado pelas agressões foi pior do que qualquer tortura, pior do que levar um tiro. Eu te olhei dormindo a noite toda, pensando em como você era forte e determinada, imaginando quantas vezes você precisou sorrir quando, por dentro, estava totalmente quebrada; pensei em quantas vezes fiquei puto pra caralho com você ao perceber as marcas no seu corpo, pensando serem marcas deixadas por outro cara quando, na verdade, você estava sofrendo abusos debaixo do meu nariz sem que eu percebesse. Você estava sempre tão feliz, cheia de energia e sorridente, quem poderia imaginar?

— Você não tem que sentir culpa por isso, Enzo, não tinha como você saber.

— Eu queria ter o poder de mudar tudo que você passou, mas eu não posso, então eu prometi a mim mesmo que, daquele dia em diante, eu iria trazer de volta o seu sorriso e nunca mais ia permitir que ninguém machucasse você. Quando você acordou, no dia seguinte, e me rejeitou, eu entendi e quis te dar um tempo. Eu quis deixar você voltar para mim no seu tempo, sem pressa, mas agora surgiu essa merda toda e Bernardo falou que só poderia intervir se eu me casasse com você e eu não pensei duas vezes em aceitar, porque se você voltar para Nova Iorque e seu pai encostar um dedo em você, eu vou até lá para matá-lo, sem pensar duas vezes. Além disso, não quero que você se case com outro cara, porque agora eu sei o quanto eu estava errado. Eu... estou apaixonado por você, Lili!

Enzo terminou o discurso com o peito subindo e descendo. Ele estava nervoso, ofegante, vermelho e eu estava sem palavras. Fiquei parada, olhando para ele e sem saber o que dizer. Então, ele me olhou com uma expressão magoada e acrescentou:

— A decisão é toda sua. Eu não vou te obrigar a nada e, por mais que você vá me quebrar, se você decidir ir embora, eu vou deixar e não vou atrás de

você.

Dito isto, ele me deixou sozinha à mesa, subiu as escadas, sumindo do meu campo de visão e me deixando completamente sem palavras.

Ele disse que está apaixonado por mim.

Isso era tudo o que eu queria ouvir há tanto tempo e a minha vontade agora era de correr e me jogar nos braços dele, mas a Ariel não era o único problema. Eu não queria quebrar meu coração novamente. E se ele mudasse de ideia? E se isso tudo fosse só um sentimento de posse, porque ele ficou sabendo que eu ia me casar?

Meu coração estava calejado demais para se entregar tão fácil assim.

Eu precisava pensar com a cabeça fresca, não podia entregar novamente meu coração e tê-lo quebrado em pedacinhos, pois não suportaria passar por isso outra vez.

Enzo

Tive uma noite horrível. Dormi e acordei várias vezes. Acho que, na verdade, eu esperava que Lili entrasse no meu quarto a qualquer momento e dissesse que me aceitava de volta e que se casaria comigo, mas ela não o fez.

Porra! Eu tinha me aberto totalmente com ela, dito que estava apaixonado e ela simplesmente ignorou os meus sentimentos. Eu nunca imaginei me declarar para uma mulher, aliás nunca imaginei que me apaixonaria e logo por uma onça. *Eu estava pagando pelos meus pecados, com certeza era um castigo.*

Levantei da cama, tomei banho e vesti o terno que peguei ontem no quarto dela antes de dormir, pois não queria ter que ir até lá hoje de manhã, depois de tudo que falamos ontem.

Saí do meu quarto e a casa estava totalmente silenciosa. Lili com certeza ainda estava dormindo e hoje eu não iria acordá-la. Também não passei na casa do Matheo para comer, fui direto trabalhar. Mal cheguei na minha sala e sentei, Matheo entrou sem bater e já começou a me atormentar.

— O que aconteceu? Por que você veio direto para a empresa? Os gêmeos perguntaram por você.

— Mais tarde eu vou lá ver minhas crianças.

— Já se arrependeu, Enzo? Eu falei para você pensar bem antes de se comprometer com meu sogro a casar com a maluca. Agora eu não vou permitir que você volte atrás, até porque eu já liguei para o Demétrio também, você sabe disso.

— Não é nada disso, cara, eu não me arrependi de porra nenhuma, mas ela simplesmente não quer casar. Quem não quer é ela, aquela onça malcriada! O que eu posso fazer?

Matheo me olhou perplexo por alguns segundos e depois explodiu em uma gargalhada, antes de falar rindo:

— Eu não acredito, ela te rejeitou? Quem diria... Afinal a maluca tem algum juízo. Eu acho que até gosto da Liliane, porque ela é a única que consegue tirar esse seu humor irritante e te tirar dos eixos, preciso dar um crédito a ela.

— Vai se foder, Matheo, não tem graça nenhuma. Se ela tivesse juízo, teria aceitado se casar comigo. O que ela vai fazer agora? Voltar para Nova Iorque e se casar com o merdinha que o pai dela arrumou? E pare de chamar minha mulher de maluca!

— Ela não é sua mulher, pois nem te quer mais. E talvez ela esteja interessada no "merdinha", como diz você.

— Porra nenhuma, não fala merda! Eu mato esse filho da puta antes de ele casar com ela. Aquela mulher me ama, só não consegue esquecer que me pegou com Ariel.

— Agora você quer matar todo mundo? Vê se fica calmo e pensa com frieza, irmão. Acho que o melhor que você tem a fazer agora é ligar para o meu sogro e explicar a situação, afinal você não pode obrigá-la a ficar com você, Enzo.

— Claro que não, Matheo. Eu não vou permitir que ela volte para casa, muito menos entregá-la de bandeja para outro. Você consegue imaginar a Melissa na mão de outro cara?

— Enzo, você só fala merda. Às vezes eu tenho vontade de te dar um tiro, não me faça imaginar uma porra dessa, caralho.

— Pimenta no cu dos outros é refresco, né?

— Só estou dizendo que se ela não quiser ficar, você não pode obrigar. O Álvaro tem direitos sobre ela, não podemos impedi-lo de levá-la para casa.

— O caralho que eu não posso! Mato ele e qualquer um que tentar tirar a Liliane de mim. Que direito ele tem sobre ela? De levá-la para bater e humilhar a garota? Eu não vou permitir que ele encoste um dedo nela, irmão. Nunca mais. Antes disso, eu o mato e também a qualquer pessoa que ouse provocar um arranhão sequer na pele dela.

— As coisas não funcionam apenas como você quer, Enzo.

— Porra, cara, você ainda não entendeu, não é? Eu amo a Lili. Estou apaixonado por ela, Matheo. Eu demorei para entender, mas agora não tenho mais nenhuma dúvida. Eu estou fodido para caralho com essa mulher encapetada.

— Então, acho que você vai ter que dar seus pulos para provar isso para ela e convencê-la a casar com você, caso contrário eu não vou poder ajudá-los em nada.

Matheo veio até mim, colocou a mão no meu ombro e deu um leve aperto.

— É, irmão, chega uma hora que a gente precisa crescer, é inevitável para qualquer homem. A gente acha que vira homem quando é iniciado na máfia, mas a gente aprende a ser homem de verdade quando ama uma mulher. E espera só até seu primeiro filho nascer... Matar é fácil, mas amar alguém mais do que a si mesmo, mais do que você poderia supor ser capaz, isso sim é difícil e assustador

pra caralho.

Eu já estava aprendendo isso e, por mais que fosse me quebrar se a Lili escolhesse partir, eu deixaria ela seguir seu caminho, não ia ter outro jeito, mas antes eu ia lutar e tentar mudar isso de todas as maneiras. *Eu não vou desistir dela tão facilmente.*

Capítulo 12

Escutei quando Enzo saiu de casa e só então me levantei para ir ao banheiro. Fiz minha higiene, tomei um banho rápido e desci para comer alguma coisa. Enquanto eu me preparava para o café, fiquei pensando na minha vida.

Fui puxada de meus pensamentos quando ouvi a campainha tocar. Corri para atender e, ao olhar pelo olho mágico, sorri ao ver Melissa com a Mia em seu colo, de lado e apoiada em seus quadris, e dando a mão a Pietro. Aquela era uma cena linda, minha amiga era uma mãe incrível.

Abri a porta com um sorriso largo no rosto e recebi de volta três sorrisos do mesmo tamanho. Eles eram minha família, a única que eu tinha agora, além da mamãe que estava longe. Olhar para os três acalmou meu coração. Abracei um por um, peguei Pietro no colo e dei espaço para que entrassem. Fomos direto para a sala e nos sentamos, Melissa foi a primeira a falar.

— Trouxe sua boneca favorita para sarar o seu dodói, mas desta vez é só emprestada.

Nós duas rimos e um tempo depois eu disse:

— Você já sabe de tudo que está acontecendo? Queria entender como a minha vida virou esse drama todo! Na verdade, eu já sei, foi a droga do amor. Foi aí que tudo começou!

— Sim, amiga, eu já sei de tudo. Matheo me ligou agora há pouco, falando que chegou no escritório e já encontrou o irmão lá, com cara de poucos amigos. Enzo contou que você se recusou a casar com ele. Lili, por quê?

Eu olhei pra ela e, quando ia responder, Mia fez força para descer do colo da minha amiga e ir até o tapete, onde Pietro estava mexendo nas coisas da mesa. Levantei para ir até o escritório de Enzo, que ficava ao lado, peguei dois blocos em branco e alguns lápis e dei às crianças para desenhar. Eles adoravam e, com essa distração, nós poderíamos conversar tranquilamente, sem que eles ficassem prestando atenção, porque algumas coisas eles já entendiam.

Quando os meninos se distraíram com os blocos, eu comecei a falar:

— Por que, Melissa? Você ainda pergunta? O único homem nesta vida que me fez querer mais e cogitar querer dividir uma vida, foi o Enzo. Eu tentei não me apaixonar por ele, porque eu sei que o amor pode dar às pessoas o poder de nos despedaçar... Mas eu falhei miseravelmente e caí de amores por ele. Quando eu me declarei, a reação do Enzo foi pedir desculpas e dizer que não podia me amar. Ele me rejeitou, Melissa! Ele deixou claro que poderíamos

continuar como éramos, mas não ter um relacionamento exclusivo, e olha que eu nem cogitei casamento. Foram os piores dias da minha vida!

Minha amiga me olhava em silêncio, pois sabia que eu precisava desabafar. Continuei:

— Além de ter que aguentar as agressões verbais do meu pai, o que já era uma rotina, eu sentia a falta do Enzo como se fosse algum órgão vital do meu corpo. Sem ele, era difícil respirar e essa ausência doía fisicamente. Eu mal comia, mal dormia e chorava todos os dias até dormir, olhando nossas fotos. Emagreci mais de 5kg em um mês e voltei a ter enjoos e crises de dores no estômago, provocadas pelo meu nervosismo. Eu não vivi, Melissa, apenas sobrevivi sem ele e, quando eu soube que teria que me casar com um cara que meu pai tinha escolhido, pensei até em me matar.

Nessa hora, lágrimas já rolavam pelo meu rosto e pelo da Melissa também. Olhei para as crianças, vi que continuavam distraídas com seus desenhos, então continuei:

— Sabe, Mel, no mesmo dia em que cogitei me matar, eu entendi que não poderia desistir porque tinha sobrevivido a tantas agressões físicas e verbais do meu pai ao longo dos anos. Quando ele parou de me bater porque o ameacei, ele passou a me trancar no quarto com fome e sede. Meu pai levava a chave com ele, para minha mãe não entrar e me alimentar, Melissa. Eu bebia água da bica do banheiro para não morrer desidratada, pois os castigos duravam até 2 dias.

Melissa colocou sua mão em cima da minha no sofá, claramente demonstrando solidariedade a mim, pelo que passei. Eu não ia parar de falar agora, então continuei contando tudo sobre mim.

— Quando eu me livrava do castigo, sempre erguia minha cabeça e ia à luta sem me deixar abater. Eu só pensava que precisava viver para ir atrás de uma vida melhor, porque meus dias de glória neste mundo iam chegar, afinal, ninguém nasceu para viver triste até o dia de sua morte. E eu tinha sede de vida, de ser feliz, sabe, amiga? Cada vez que você me viu sorrir, era de verdade, não era falso. Eu sorria porque tinha ganhado mais um dia de vida; porque eu vivia momentos verdadeiramente felizes com vocês e eram esses momentos bons que eu iria contabilizar no fim de tudo. No final das contas, eu preferia agradecer e ser feliz com o pouco de bom que eu tinha, do que viver lamentando e remoendo as minhas dores. Então, quando eu vinha para cá, eu realmente era feliz e me agarrava a cada um destes momentos como um fôlego de vida.

Eu percebi que minha amiga estava me deixando bem à vontade para conversar, então aproveitei, já que nunca tínhamos conversado tão francamente sobre esses assuntos.

— Quando eu conheci o Enzo, tive um motivo a mais para sorrir. Ele era engraçado, carinhoso, leve, extrovertido, inteligente... Estar com ele me dava esperanças de que a vida ainda podia ser boa. Nós dois éramos tão felizes nos momentos em que estávamos juntos que eu me agarrei a esses momentos, tentando ao máximo não me apaixonar por ele, mas foi inútil. Quando dei por mim eu já o amava e sabia que não era recíproco. Conteí tudo ao Enzo, já sabendo que eu seria rejeitada, mas eu precisava falar, porque ele não me deixaria ir sem um motivo forte. Então eu dei a ele esse motivo e, como eu já imaginava, ele me deixou ir.

— Ele deve ter ficado apavorado, acuado, logo Enzo, que é um espírito livre.

Eu precisava concordar com minha amiga, afinal eu também estava extremamente apavorada só de pensar nesses sentimentos.

— Quando tudo aconteceu e ele me trouxe para cá, eu ainda pensava em fugir, mas achei que seria muito mais fácil ficar aqui, sob a proteção dele. O problema foi que ontem, quando ele me propôs casar e eu soube que foi por uma exigência do tio Bernardo, eu lembrei de todas as palavras que ouvi minha mãe falar a vida inteira para tentar justificar os atos do meu pai. — Eu até imitei a voz da minha mãe ao falar. — "Lili, seu pai não era assim, filha. Ele era alegre, espontâneo, carinhoso comigo, vivia sorrindo e eu me apaixonei pela alegria dele."; ou então ela contava: "Sabe filha, não foi fácil para o seu pai. Nós éramos muito jovens, eu fiquei grávida de você por acidente e fomos obrigados a casar, então ele não reagiu muito bem e se transformou nesse homem que é hoje, mas eu ainda tenho esperanças dele mudar, filha, e de voltar a ser o Álvaro encantador por quem me apaixonei."

— Lili...

— Essas palavras não saem da minha cabeça, Mel. Meu pai também não era esse monstro, quem me garante que Enzo não vai mudar com o peso dessas obrigações nas costas?

— Eu te entendo, minha amiga, mas são situações diferentes. Você não está grávida e Enzo não é seu pai. Ele disse ao Matheo que ama você!

— Disse para mim também, mas ele pode estar confuso, Melissa. Pode ser só um sentimento de posse, por saber que talvez eu vá me casar com outro cara, ou pena porque agora sabe da minha história. Eu quero atitudes, amiga, palavras vazias podem sair da boca de qualquer pessoa.

— Lili, não faça pouco caso de você. Ele te ama, sim! Você não sabe o quão amável você é e o quão fácil é te amar. Você é a pessoa mais forte que conheço e precisa se dar uma chance de ser feliz, amiga. Qual a alternativa que

você tem? Voltar para casa para o seu pai te humilhar ou casar com um cara que você nunca viu, quem te garante que será um bom marido? O Enzo, pelo menos, você ama e pode tentar fazer dar certo, amiga, mas esse outro cara você nem sabe o que vai encontrar.

Eu ouvia aqueles questionamentos e sabia que ela tinha razão, mas ainda relutava.

— Às vezes a gente precisa arriscar, Lili. Você pode estar deixando a chance de ser feliz escorrer entre os seus dedos. Eu conheço meu cunhado e vejo como ele é amável com meus filhos. Sei que os homens da máfia têm o seu lado negro, mas eu não acredito que Enzo seja capaz de fazer nada de ruim para você, mesmo que um dia ele deixasse de te amar. Matheo falou que ele não perdoa o fato do teu pai ter batido em você, que ele está doente por não poder matá-lo por um pedido seu. Pensa bem, onde está a esperança de que sua hora poderia chegar? Talvez ela tenha chegado e você a esteja desperdiçando! Está na hora de irmos. Vamos, crianças, a mamãe vai dar almoço a vocês. Vamos deixar a tia Lili pensar. Dêem um beijo nela.

Pietro e Mia vieram se despedir e minha bonequinha falou docemente, como sempre.

— Titia, a Mia pode levar o *cadeno* de desenho?

— Claro que pode, meu amor. Leva o seu também, Pietro.

E assim eles foram embora, sorrindo e me deixando sozinha com meus pensamentos.

Passei o dia inteiro deitada, pensando, e sequer almocei. Quando estava se aproximando a hora em que Enzo normalmente chegava, resolvi me levantar, tomar banho e preparar o jantar.

Minha decisão estava tomada. Eu precisava escolher e pensar em mim em primeiro lugar, não deixaria nunca mais ninguém me ferir, independente de qualquer coisa!

Capítulo 13

Quando Enzo chegou, eu estava na cozinha. Tinha terminado o jantar, tomado banho e estava apenas esperando por ele para conversarmos.

Assim que ele passou pela porta da cozinha, afrouxando a gravata, e me viu, parou na porta para me olhar. Eu não consegui decifrar o que se passava em seus olhos, mas parecia cansado. Enzo tinha olheiras e uma expressão um pouco triste, porém eu não queria mais adiar esse momento, então comecei logo a falar:

— Enzo, nós precisamos conversar.

— Eu sei — ele respondeu e suspirou, visivelmente exausto daquele assunto. — Vi que você já fez o jantar, vou tomar um banho rápido e desço para comermos e conversarmos.

Ele nem esperou pela resposta, virou as costas e subiu. Aquele homem estava frio e contido comigo, mas eu não poderia culpá-lo depois de tudo, então apenas sentei à mesa para esperar.

Quando ele desceu, ainda seco e sério, sentou à mesa. Ele colocou sua comida, eu também coloquei a minha e começamos a jantar em silêncio. Eu estava sem apetite, nervosa com tudo que tinha para falar, mas me forcei a comer, afinal eu nem tinha almoçado.

Quando terminamos de comer ele foi o primeiro a falar.

— Pronto, Lili, agora sou todo ouvidos. Pode falar, embora eu já saiba exatamente o que você tem para dizer. Eu só gostaria de te lembrar que punindo a mim, por todas as burradas que eu fiz, você estará condenando a si mesma, pois voltará para a casa do seu pai, correndo o risco de ser espancada novamente. Além disso, estará se sujeitando a casar com um filho da puta que você nem conhece e que pode, inclusive, ser um covarde igual ao seu pai.

Enzo suspirou mais uma vez e eu percebi que ele estava tentando se acalmar antes de voltar a falar.

— Mas dessa vez, Lili, eu não vou te impedir de ir. Se essa merda toda acontecer, eu não vou estar lá para te proteger, por isso espero que você saiba exatamente o que está fazendo.

Ele começou falando calmamente, como se tivesse resignado, mas depois vi a raiva tomar suas expressões, contudo também pude perceber mágoa e sinceridade. Isso apertou meu coração, então o interrompi para falar o que precisava.

— Enzo, apenas me escute — falei e ele apenas assentiu. —Você me ganhou quando me disse “oi”, lá na boate em Nova Iorque. Não era preciso dizer mais nada, porque quando eu te vi naquele dia, eu já me apaixonei, só não sabia. Seu sorriso foi um carregador de baterias para mim e eu me apaixonei totalmente por ele desde o primeiro instante. E a sua leveza, sua alegria de viver, sua espontaneidade me deram esperança de que a vida podia ser boa fora do meu quarto, longe de casa e das agressões físicas e verbais do meu pai.

Enzo me encarou por alguns segundos, depois baixou a cabeça e continuou me escutando.

— Quando eu estava com você, eu parecia estar em outro mundo, outra realidade; eu era feliz. Cada sorriso que você viu em meu rosto foi verdadeiro, aliás, tudo com você sempre foi real. Como eu poderia não me apaixonar? Eu custei a aceitar e, quando finalmente aceitei, eu sabia que seria rejeitada, então minha primeira reação foi me afastar, pois no fundo eu sabia que você não estava pronto.

— Lili...

— Deixa eu continuar, Enzo. Te dizer adeus doeu mais do que qualquer surra que meu pai tenha me dado em toda minha vida. E o pior é que a dor das surras passava em pouco tempo, mas a dor de não ter você na minha vida parecia que nunca ia embora. Dia após dia, essa dor estava lá me consumindo, e eu lutava todos os dias para não sucumbir, pois a única parte boa da minha vida tinha ido embora. Eu tinha a Melissa, os gêmeos que eu amo, a minha mãe, mas ninguém, absolutamente ninguém me trazia a paz e a segurança que você me traz. Quando eu não estava com você, eu sentia falta de mim mesma, era um vazio sem fim. Estes foram os dias mais difíceis da minha vida.

Eu respirei fundo, toquei a mão de Enzo que estava em cima da mesa e disse:

— A vida inteira eu tentei proteger meu coração do amor e tive sucesso durante muito tempo, até você chegar como um furacão e mudar totalmente a minha vida. Eu cresci vendo a minha mãe apanhar, ser humilhada e aceitar tudo calada, com a justificativa de que meu pai nem sempre foi assim, que antes ele era um bom homem e que ela ainda o amava. Essas vivências me proporcionaram uma visão totalmente deturpada sobre o amor, então eu me fechei, ou pelo menos eu tentei. Mas agora eu não quero mais me fechar. Pode entrar, Enzo! Porque eu te amo e não vou lutar mais contra nós dois.

Durante alguns minutos, ele só me olhou, parecia não acreditar em tudo que tinha acabado de ouvir.

— O que você disse, Lili?

— Eu não vou para lugar nenhum, Enzo, vou ficar e casar com você, porque eu te amo.

Nesse momento, Enzo levantou da mesa, correu até mim e abraçou-me, tirando-me do chão. Ele começou a me beijar, rindo, e eu o beijava chorando... Em seguida, ele secou minhas lágrimas com o polegar, deu beijinhos nos meus olhos e sussurrou:

— Para de chorar, linda, porque agora é só alegria. Você me tem, eu sou seu para sempre; não vou a lugar nenhum e sempre vou te proteger. As lágrimas acabaram, Lili, quero seu sorriso de volta e prometo dar a você motivos para sorrir todos os dias.

Enzo voltou a me beijar com vontade, eu enlacei minhas pernas na cintura dele e ele foi me levando para o quarto, sem interromper nosso beijo. Ao entrarmos, ele me colocou na cama e começou a tirar minha roupa lentamente, sem desviar os olhos de mim. Quando eu já estava totalmente nua, ele tirou a própria roupa, veio para cima de mim e colocou sua boca na minha com fome. Nos beijamos como se fôssemos nos fundir um no outro, de tanta intensidade e saudade.

Ele beijou meu pescoço, depois meus seios, um por um. Eu já gemia e me arqueava oferecendo mais a ele, que aceitava de bom grado. Aquela boca macia foi descendo, beijando minha barriga, meu umbigo. Então, ele abriu minhas pernas e quando senti sua língua percorrer toda a minha extensão, eu deixei escapar um gemido saudoso. *Eu estava novamente no paraíso e não queria nunca mais sair dele.* Eu já estava totalmente molhada e necessitada dele. Enzo chupava, lambia, massageava meu clitóris, enfiava o dedo em mim e eu já estava desesperada para gozar. Quando não aguentei mais, explodi em um orgasmo, gemendo, gritando e falando palavras desconexas.

Enzo nem esperou eu recuperar meu fôlego. Depois que sugou tudo de mim, ele subiu o corpo e beijou minha boca, fazendo-me sentir meu próprio gosto. Eu fiz menção de virá-lo para ficar por cima, mas ele não deixou, me segurou e sussurrou:

— Não, hoje é tudo sobre você, linda. Vou cuidar de você e te dar tudo que você merece. E agora eu preciso urgente entrar em você, não posso esperar nem mais um minuto.

Ele posicionou o pau na minha entrada e começou a dar pinceladas deliciosas, fazendo-me estremecer outra vez. Novamente enlouquecida de prazer, eu abri mais as minhas pernas e as enlacei em seu quadril, puxando-o para mim. Então ele entrou com tudo, rasgando-me e fazendo-me gritar. Nesse momento, lembrei do quanto era maravilhosa esta nossa conexão e o quanto eu

amava senti-lo dentro de mim.

Enzo estocava forte, rápida e intensamente, assim como era a nossa necessidade um do outro. Ele metia sem parar e nós dois gemíamos e suávamos, enlouquecidos de prazer. Eu gozei novamente, descontroladamente e, dessa vez, Enzo quase parou os movimentos esperando eu me recuperar, mas eu olhei para ele e falei da forma mais safada que eu sabia que ele gostava.

— Vem, Enzo, me fode forte. Agora!

— Porra, mulher, quer me matar? É por isso que eu e meu pau te amamos.

Ele saiu de dentro de mim, me colocou de quatro e fez o que eu pedi. No início, ele teve uma certa dificuldade, eu senti um certo incômodo e um pouquinho de dor, pois fazia um tempo que eu não transava e ele não era pequeno. Quando ele conseguiu me preencher toda, começou a massagear meu clitóris e se mexer devagarinho. Nesse momento, todo o incômodo e dor foram esquecidos. Eu relaxei e Enzo meteu mais rápido, nos enlouquecendo, até que nós dois juntos gozamos loucamente, fazendo amor pela primeira vez.

Enzo deitou-me em seu peito e começou a fazer carinho na minha cabeça. Nossas respirações estavam irregulares, estávamos ofegantes, mas aos poucos fomos nos acalmando e eu tive a sensação de estar no paraíso. Naquele momento, fiz uma prece silenciosa a Deus para que nunca deixasse aquela alegria acabar; pedi que eu tivesse feito a escolha certa e finalmente fosse feliz.

Quando nos recuperamos, tomamos banho juntos e voltamos para a cama para nos deitarmos abraçados. A última coisa que eu ouvi antes de dormir aqueceu meu coração:

— Eu te amo, Lili, e vou te provar isso todos os dias. Prometo que vou te recompensar por tudo que te fiz passar.

— Eu acredito em você.

— Eu preciso do seu perdão...

— Eu nunca senti raiva de você, Enzo.

— Eu poderia ter evitado muita coisa se tivesse admitido antes que te amava, por isso eu te peço perdão.

— Eu já disse que não tenho nada para perdoar. Perdoe a si mesmo e vamos seguir com a nossa vida. Eu também te amo, meu malvado favorito — respondi já muito sonolenta.

E então dormimos em paz, nos braços um do outro.

Capítulo 14

Acordei no domingo sentindo o peso todo de Enzo em cima de mim. Com muito sacrifício, mas uma enorme felicidade, desvencilhei-me dele e fui para o banheiro tomar um banho relaxante. Eu não conseguia parar de sorrir, dava até medo de tanta felicidade. Minutos depois, saí do banheiro vestindo meu roupão, ajustei o aquecedor da casa e fui procurar uma roupa para vestir.

O dia amanheceu frio e chuvoso, o que só tornava tudo muito mais maravilhoso. Desci, ainda sorrindo, para fazer o café da manhã e, quando estava terminando, Enzo apareceu todo gostoso, vestindo calça de moletom e camisa, e me puxou para um beijo.

Finalmente eu encontrei a minha felicidade.

Naquele dia não saímos de casa. Passamos o dia inteiro matando a saudade um do outro: tomamos café, transamos; fiz o almoço, almoçamos e transamos; à noite pedimos uma pizza, comemos, transamos; deitamos no sofá para assistir a um filme e, no meio dele, transamos outra vez. Acabamos o dia dormindo agarrados no sofá, até que acordei de madrugada e chamei Enzo para a cama.



A semana passou rápido. Enzo saía cedo todos os dias para trabalhar e eu ficava, ainda preguiçosa, deitada. Quando enfim eu levantava, dava uma ajeitada na casa nos dias em que a empregada não ia e depois ia almoçar na casa da Melissa, com ela e os gêmeos, para não fazer comida só para mim. Às vezes, Matheo e Enzo também apareciam para almoçar com a gente, e até o meu cunhado chato estava mais legal comigo. *Eu não poderia estar mais feliz com a minha vida.*

À noite, eu fazia o jantar em casa e comíamos só Enzo e eu, depois assistíamos um pouco de tv, transávamos e dormíamos. Eu não imaginava que a rotina poderia ser uma coisa tão boa. *Eu estava apaixonada pela vida ao lado dele.*

Na sexta-feira, Enzo me chamou para ir a uma boate comemorarmos nosso noivado e encontrar um amigo dele que estava de passagem na Itália. Eu ainda não usava o anel de noivado, pois oficialmente nosso compromisso seria firmado no domingo, quando teríamos um jantar na casa dos pais de Enzo, que

tinham voltado de viagem especialmente para isso. Tio Bernardo e tia Elisabete também viriam e eu liguei convidando a minha mãe, mas ela disse que não poderia vir, pois meu pai estava doente e ela não poderia deixá-lo sozinho. Eu sabia que era desculpa — ele não viria e não deixou que ela viesse —, mas fingi acreditar. Eu estava tão feliz que isso não me abalou em nada.

Quando chegamos à boate, ela já estava lotada. Encontramos Paolo, o amigo do Enzo, e sua namorada Estela, ambos muito simpáticos. Todos sentamos e engatamos em uma conversa leve e divertida.

Diferente da outra vez, hoje eu sorria com honestidade e fui apresentada como noiva. Meu coração quase explodiu de tanta felicidade.

Enzo

Acompanhei Lili até a porta do banheiro e disse a ela que esperaria no bar. Eu estava sentado, tomando uma bebida, quando senti uma mão no meu ombro, me puxando para virar. Automaticamente coloquei a mão na minha arma e virei e, para minha surpresa, era Lucca que estava sorrindo para mim. Já fazia bastante tempo que eu não o via.

— Como vai, primo? Há quanto tempo não nos vemos.

— Lucca, não esperava te encontrar aqui.

— Pois é, agora eu moro em Las Vegas permanentemente. Só estou aqui a passeio, tirei uns dias de folga para ver a minha mãe.

Eu senti que ele estava disfarçando a raiva em sua voz. Lucca nunca tinha engolido o fato do Matheo mandá-lo para Las Vegas. Além disso, depois do que ele aprontou com meu irmão e minha cunhada na casa de Antônio, as coisas só pioraram, pois o pouco de consideração e contato que eu tinha com ele foram para o ralo e nunca mais nos falamos.

Matheo sempre me alertou que Lucca era falso e eu sabia que ele já tinha feito muita merda, mas ainda tentava acreditar e dar um crédito para ele, por sermos primos. Quando ele agarrou a Melissa na boate do pai dela, eu fiquei puto pra caralho. Ele alegou que nunca imaginou que era a noiva do meu irmão e eu sabia que ele realmente não sabia, mas o fato de ele tentar forçar uma garota que disse "não" para ele, já era uma merda grande. Ali eu já comecei a me afastar, mas ele sempre entrava em contato. Às vezes eu falava com ele, outras não, mas ele sempre insistia. Entretanto, depois do que aconteceu na casa de Antônio, eu nunca mais o atendi quando ligava, pois não queria mais falar com ele e, muito menos, o queria perto de Lili.

Fiquei encarando-o e ele foi o primeiro a quebrar o silêncio.

— Soube que você ficou noivo da patricinha, amiga da sua cunhada. Meus parabéns, primo! Eu esperava receber um convite para o noivado, mas depois pensei que não, já que você nem atende as minhas ligações.

As palavras do Lucca pingavam sarcasmo e eu achei melhor deixar logo as coisas às claras ali, até porque ele já estava me irritando.

— Meu noivado é oficialmente no domingo, mas não espere por um convite meu. Depois da merda que você arrumou com o Matheo, agradeça a Deus por meu irmão ter sido misericordioso e não ter matado você. Na primeira vez você alegou que não sabia, mas e na casa de Antônio, qual é a sua defesa,

Lucca? Você sempre teve inveja do Matheo, a verdade é essa.

Meu primo me olhava com um sorriso cínico no rosto.

— Eu ainda tentei ser seu amigo, pois somos da mesma família, mas você só faz merda atrás de merda. E quando você faz algo contra o meu irmão e a minha cunhada, você está fazendo contra mim também. Minha escolha sempre será o Matheo, cara. Sempre estarei ao lado do meu irmão que, além de tudo, é meu capo, então não espere nada de mim e muito menos se aproxime da minha mulher.

— Você sempre foi um pau-mandado do Matheo. Eu já deveria saber que você nunca ligou para mim de verdade e nunca foi meu amigo. Eu sempre fiquei com a sobra, mas eu quero que você, seu irmão e as putinhas das mulheres de vocês vão todos se foder.

Eu parti para cima dele sem nem pensar duas vezes. Dei-lhe um soco, mas ele não caiu — Lucca também era bom de porrada, mas não tão bom quanto Matheo e eu. Ele tentou me acertar um soco, mas eu esquivei e, em um movimento rápido, dei uma joelhada no abdômen dele, que se curvou e ainda assim não caiu. Lucca se reergueu, partiu para cima de mim e, dessa vez, me acertou um soco de raspão. Eu me lancei para cima dele, nós caímos no chão — eu em cima dele — e acertei-lhe mais um soco, dessa vez no nariz, que logo começou a sangrar.

Antes que eu o acertasse outra vez, Paolo me segurou e Lili chegou do banheiro, assustada, perguntando o que estava acontecendo. Nesse momento de distração, depois que fui tirado de cima dele, Lucca se levantou e rapidamente sumiu no meio da multidão, me deixando ainda espumando de raiva e com uma certeza: esse filho da puta ainda iria nos dar trabalho e eu ia acabar matando-o.

Capítulo 15

Quando saí do banheiro, me assustei com o aglomerado de gente que havia no bar e imediatamente senti que era algo com o Enzo. Cheguei na confusão e o vi no chão, em cima do primo Lucca, socando-o. Paolo logo o segurou. Eu pedi para ele parar e Lucca aproveitou e fugiu.

Cheguei perto de Enzo — que ainda estava louco de raiva —, segurei o seu rosto e fiz ele me olhar. Eu o beijei e ele pareceu se acalmar instantaneamente. Voltamos para nossa mesa um tempo depois e continuamos com a nossa noite, sem tocar novamente no assunto, mas depois dessa situação com Lucca, Enzo não relaxou mais.

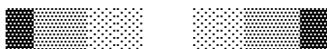
Passamos o sábado na casa de Melissa, com ela, Matheo e as crianças — que eram a alegria da casa — e foi maravilhoso. Minha amiga estava muito feliz por mim e até Matheo aparentava estar contente. Meus sogros e os pais de Mel chegaram no sábado à tarde. A minha alegria estaria completa se minha mãe também estivesse aqui, mas eu procurava não pensar nisso, porque não deixaria nada estragar a minha felicidade.

O domingo chegou e eu acordei sentindo muitos beijos por todo o meu corpo. Logo Enzo já estava em cima de mim e fizemos amor.

— Eu juro que, se você não me acordar assim todos os dias, eu peço o divórcio — eu disse.

— Você tem a minha palavra — ele falou e piscou para mim.

Estávamos muito felizes. A vida era boa e hoje seríamos oficialmente noivos.



Minha sogra preparou, em sua casa, uma mesa linda para o jantar de noivado.

Já estavam todos lá embaixo, mas eu ainda estava no quarto de hóspedes da casa de Patrícia, terminando de me arrumar. Optei por usar um vestido preto de mangas e justo, todo bordado à mão. Estava terminando os últimos detalhes da minha maquiagem, quando Enzo entrou para me buscar.

Descemos de mãos dadas e os primeiros a nos abraçar foram minha sogra, tia Elisabete e Melissa com os gêmeos, que estavam a coisa mais linda do

mundo. Mia estava com um vestido de princesa e de maria chiquinha nos cabelos; já o Pietro vestia um pequeno *smoking*, com gravata azul, igual ao pai dele.

Não resisti, peguei Mia no colo e a enchi de beijos; depois peguei Pietro e fiz o mesmo. Ele estava muito estiloso. Quando chegou com a mãe, mais cedo, foi lá no quarto me ver e eu passei gel e penteei o cabelo dele. Ficou muito melhor do que antes, porque Matheo penteava o cabelo do menino igual a um mauricinho. Pietro logo se desvencilhou do meu colo e saiu correndo em direção ao pai, que pegou-o no colo e lhe deu um beijo na bochecha. Ele sorria lindamente para o Matheo, aquele menino era apaixonado pelo pai. Da distância em que eu estava, escutei a conversa deles.

— *Papa.*

— Oi, meu filho.

— Olha meu cabelo novo.

— Quem fez esse penteado no seu cabelo?

— Foi a tia Lili, *papa*. Ela disse que tô *nindão*, *agola* só vô *andá* assim. *Cê* gostou, *papa*?

— Sim, tá muito lindo, filho. E claro que foi a Liliane, só podia ser.

Ele olhou para a minha cara e eu ri largamente, até pude vislumbrar um pequeno sorriso dele também.

A noite estava perfeita, num clima harmonioso. Patrícia, Melissa, tia Elisabete e eu estávamos falando dos detalhes do casamento, que seria em um mês; e os homens estavam em outro canto, conversando e sorrindo em um clima descontraído. Pietro e Mia corriam pela casa brincando. Eu estava muito feliz, mas sentia falta da minha mãe. Então me afastei um pouco das meninas, peguei meu celular em cima da mesa e subi para um dos quartos. Entrei na sacada e liguei para minha mãe, pois precisava ouvir sua voz. No segundo toque, ouvi a voz familiar do outro lado da linha.

— *Filha, tudo bem?*

Na mesma hora uma lágrima desceu, sem controle, pelo meu rosto, eu limpei e respondi:

— Oi, mãe, tudo bem e com a senhora?

— *Eu estou bem.*

— Está acontecendo agora o meu jantar de noivado e eu queria que a senhora estivesse aqui. Liguei apenas porque queria ouvir sua voz.

— *Eu sabia que estava acontecendo agora e nem consegui tirar o meu cochilo da tarde, porque não parei de pensar em você. Eu também queria estar*

aí, compartilhando esse grande momento com você, filha.

Naquele momento, meu coração apertou. Eu sabia que, pela vontade dela, estaria aqui, mas a minha mãe nunca teve vontade própria, sempre foi uma marionete nas mãos do meu pai. Com certeza ela estava sofrendo ainda mais nas mãos deles, agora que eu não estava mais lá.

— Tudo bem, mãe, só queria que a senhora soubesse que estou muito feliz. Eu amo o Enzo, ele me ama também e nós seremos muito felizes, acalme o seu coração.

— *Ah, minha filha, graças a Deus! Saiba que sua mãe ora todas as noites por você. Eu te amo, meu amor.*

— Eu também te amo, mãe. Agora vou ter que voltar para os convidados.

— *Tá bom, minha filha. Deus te abençoe.*

— Amém e Deus te abençoe também. Tchau, mãe!

Quando desliguei, foi impossível segurar as lágrimas. De repente, senti braços fortes me abraçando, virei e encostei a cabeça no peito de Enzo. Sentindo o seu coração bater, fui me acalmando. Ele não perguntou nada, pois com certeza já sabia. Então, ele apenas levantou meu rosto, secou minhas lágrimas e deu um beijo leve na minha boca.

— Não chora, amor, eu estou aqui com você e nunca mais você estará sozinha. Eu vou cuidar de você e te proteger, não quero te ver chorando mais.

— Eu estou bem, foi só porque ouvi a voz da minha mãe e sei que ela queria estar aqui e não pode, mas já passou. Vamos descer.

Chegamos na sala e minha sogra veio nos encontrar no pé da escada, dizendo que o jantar já seria servido.

Sentamos todos à mesa e Enzo se levantou pedindo a palavra. Olhei para ele, que me olhava nos olhos antes de começar a falar.

— Lili, não é novidade para ninguém aqui que eu nunca planejei casar, mas eu sabia que seria inevitável por causa dos meus compromissos com a máfia. Eu esperava encontrar uma mulher tranquila, que me trouxesse paz e me aceitasse do jeito torto que eu sou. Aí eu conheci você, que é totalmente o oposto disso.

Nessa hora eu ri e todos me acompanharam rindo também.

— Ao invés de ser uma mulher tranquila, você é um furacão; ao invés de me trazer paz, você virou minha vida e minha mente do avesso. Mas você, graças a Deus, me amou exatamente do jeito que eu sou. Entretanto e felizmente, você não me aceitou, porque depois de perder você, eu me tornei um cara muito melhor para ser merecedor desse lindo e forte coração que bate aí no seu peito. A

partir de agora, Liliane, você me tem e nunca mais estará sozinha. Você é minha e eu sou seu. Eu te amo e é por isso que vou me casar com você. Um brinde à minha bela noiva.

Todos levantaram as taças, brindaram e, em seguida, bateram palmas. Minha sogra, tia Elisabete e Melissa já estavam chorando, e eu também não consegui segurar as lágrimas. Levantei, me joguei nos braços dele e nos beijamos como se estivéssemos sozinhos ali, em nossa bolha.

Só paramos de nos beijar quando ouvimos uma voz infantil e suave dizer:

— Eca, tio *Ezo*, isso é *nozento*. *Laga* a tia Lili! — Mia puxou-o pelo braço. — Que *nozo*, cê tá *babano* ela.

Todos nós rimos e ouvi Matheo falar em seguida.

— Isso mesmo, minha filha. Papai está muito orgulhoso de você, viu?! Isso é nojento, então nunca faça isso, só pode beijar o rosto do papai.

Nós rimos novamente e Mia parecia satisfeita de ter agradado o pai.

Depois disso, nós jantamos e, quase à meia-noite, cada um foi para sua casa. Pietro já dormia no colo do pai e Mia no colo do tio Bernardo.

Quando Enzo e eu chegamos em casa, a primeira coisa que eu fiz foi tirar meus saltos — meus pés estavam me matando. Fui direto tomar banho, Enzo veio logo atrás e entrou comigo na banheira, sentando-se atrás de mim. Ele lavou cada parte do meu corpo sem pressa, começou a beijar meu pescoço, depois colocou uma mão em cada um dos meus seios e apertou-os suavemente, massageando-os. Depois de um tempo, ele foi descendo as mãos pela minha barriga, até chegar no meu clitóris, e começou a me estimular ali, deixando-me totalmente entregue a ele. Não aguentando mais aquela tortura gostosa, levantei e sentei de frente para ele, peguei seu pau — que já estava duro como uma pedra —, posicionei na minha entrada e, sem nenhuma delicadeza, sentei. Enzo entrou em mim rasgando tudo — porque ele era grande —, mas eu gostava da sensação.

— Eu gosto assim, quando entra rasgando — sussurrei em seu ouvido.

— Safada! Então toma meu pau.

Eu comecei a subir e descer, cada vez mais rápido e forte, até que gozamos juntos e nos perdemos um no outro, entre beijos e respirações ofegantes. Derramamos boa parte da água da banheira com os movimentos e fizemos uma bagunça, mas não nos importamos.

Algum tempo depois, nos secamos e deitamos para dormir abraçados, saciados e felizes.

Capítulo 16

1 mês depois

Hoje era o dia mais feliz da minha vida e, sim, agora minha felicidade estava completa porque mamãe chegou ontem aqui no complexo para o meu casamento, com tia Elisabete e tio Bernardo. Eu não imaginava que ela viria, então foi o melhor presente de casamento que eu poderia receber.

Soube por Melissa que foi o Enzo que convenceu tio Bernardo a dar um jeito para que meu pai deixasse minha mãe vir. Eu não tinha nenhuma esperança de que ela viesse e nem sei como eles fizeram para que meu pai permitisse, mas o que me importava era que ela estava aqui.

Ontem, quando a vi chegar, eu a abracei forte e só sabíamos chorar. Não achei que seria possível amar ainda mais o Enzo, e depois desse cuidado que ele teve comigo, eu definitivamente o amava muito mais.

Acordei cedo e muito ansiosa. Tomamos o café da manhã todos juntos na casa dos meus sogros e logo a equipe do spa chegou para arrumar minha mãe, tia Elisabete, Melissa e eu.

Meu casamento será à tarde, ao ar livre, em um parque lindo que escolhemos.

Durante todo o tempo em que estava me arrumando, recebi fotos da equipe de decoração. Estava tudo maravilhoso, um casamento digno de uma princesa, coisa que eu nunca sonhei, mas hoje me via totalmente satisfeita com essa conquista. Eu estava vivendo um sonho e tinha até medo de acordar.

Nós não teríamos uma lua de mel — pelo menos não agora. Enzo estava muito atolado de trabalho e não poderia deixar Matheo sozinho cuidando de tudo no momento, mas eu simplesmente não me importava, pois tudo o que eu queria era Enzo sempre ao meu lado e o lugar não importava.

O casamento estava marcado para às 16h e, para o desespero de Enzo, eu me atrasei por 30 minutos de propósito. *Se não fosse para causar eu nem sairia de casa.*

Quando finalmente cheguei e ouvi o som da marcha nupcial, meu coração parecia que ia sair pela boca.

Enzo estava lindo, parado, me esperando.

Mia e Pietro entraram antes de mim. Mia espalhando pétalas de rosas e Pietro segurando uma plaquinha com as seguintes palavras:

"Capitão, perdemos mais um soldado."

Com certeza isso foi ideia de Enzo, mas o Pietro estava a coisa mais fofa do mundo, com aquela placa e usando suspensório. Eu mudei novamente o penteado do cabelinho dele na última hora. Matheo ia odiar, pois ele dizia que isso não era cabelo de um futuro chefe, mas o casamento era meu, então eu que decidi e, quando ele visse, já seria tarde.

Eu entrei de mãos dadas com a minha mãe e, antes de me entregar a Enzo, ela lhe deu um abraço apertado em agradecimento.

Ficamos diante do padre e meu sorriso não saía do rosto. Enzo também estava muito feliz, sorrindo o tempo todo.

Fizemos nossos votos e o padre perguntou se alguém tinha algo contra, que falasse naquela hora ou se calasse para sempre. Confesso que meu coração acelerou, com medo de alguma ex-namorada maluca de Enzo aparecer para estragar meu momento — eu a tiraria de lá pelos cabelos. Felizmente, nenhuma ousou.

Depois da cerimônia, saímos sob aplausos direto para a festa e, a cada momento, eu me sentia mais feliz.

Quando chegamos na recepção, recebemos os cumprimentos de todos os convidados, fizemos uma sessão de fotos e chegou a hora da nossa primeira dança.

Alguns detalhes foram decididos pela minha sogra e Melissa, mas a música da primeira dança eu fiz questão de escolher: *Because You Loved Me*, da Celine Dion.

Cada palavra dita naquela música parecia escrita por mim para Enzo e eu disse isso a ele. Enquanto dançávamos declarei todo o meu amor na forma daquela música, sussurrando cada frase em seu ouvido.

"Por todas as vezes que você ficou ao meu lado.

Por todas as verdades que você me fez ver.

Por toda alegria que você trouxe para minha vida.

Por tudo de errado que você fez certo.

Por todos os sonhos que você realizou.

Por todo o amor que eu encontrei em você.

Eu serei sempre grata.

Foi você quem me segurou, nunca me deixou cair.
Foi você quem me viu através disso tudo.
Você foi minha força quando eu estava fraca.
Você foi minha voz quando eu não podia falar.
Você foi meus olhos quando eu não podia ver.
Você viu o que tinha de melhor em mim.
Me levantou quando eu não conseguia alcançar.
Você me deu fé porque acredita em mim.
Eu sou o que sou porque você me amou.
Você me deu asas e me fez voar.
Você tocou minha mão, eu pude tocar o céu.
Eu perdi a fé, você me devolveu.
Você disse que nenhuma estrela estava fora de alcance.
Você ficou ao meu lado e eu tive coragem.
Eu tive seu amor, eu tive todo ele.
Eu sou grato por cada dia que você me deu.
Talvez eu não saiba muito, mas sei que isso é verdade.
Eu fui abençoada porque fui amada por você.
Uma luz no escuro, fazendo seu amor brilhar na minha vida.
Você foi minha inspiração
Atrás das mentiras, você era a verdade
Meu mundo é um lugar melhor por sua causa.
Eu sou o que sou porque você me amou."

Depois da minha dança com Enzo, dancei com meu sogro e com tio Bernardo. Por último, dancei com Matheo e acho que, pela primeira vez na vida, tivemos uma conversa amigável.

— Sabe, Mat, agora é oficial, sou sua cunhada e você vai ter que me engolir.

— Sabe, Liliane, meu nome é Matheo. E não vai ser tão difícil te aturar. Eu meio que gosto de você, porque você é a única que consegue irritar o Enzo e tirar aquele bom humor irritante dele.

— Jura? Liliane Collins, ops... Liliane Esposito faz milagres. Primeiro, consegui arrastar Enzo para o altar, agora tenho a honra de ouvir que o rabugento do meu cunhado gosta de mim. Nossa, estou mesmo de parabéns!

— Não fica se achando muito, garota. Eu meio que gosto de você

também porque você foi a única capaz de colocar um pouco de juízo na cabeça do meu irmão e isso, confesso, me livrou de enormes dores de cabeça. Além disso, minha mulher e meus filhos também te amam, mas eu continuo achando você meio maluca e irritante, na maioria das vezes.

Eu ri, numa gargalhada gostosa, e Matheo acabou rindo também — coisa muito rara —. Quando acabou a música, eu dei um beijo em sua bochecha e o agradei por tudo.

O jantar foi servido, tivemos a hora dos brindes e também dos discursos. Esse dia não poderia ter sido mais perfeito. Eu me sentia a mulher mais feliz e realizada deste mundo, pois tudo de ruim que eu já havia passado me fortaleceu e serviu de degrau para eu chegar até aqui.

Depois da cerimônia, fomos passar a noite no Hotel Villa Athena, simplesmente lindo. Enzo reservou a melhor suíte para a nossa noite de núpcias.

Chegamos ao quarto do hotel, meu marido me ajudou a tirar o vestido e fomos tomar banho. Pedi que ele saísse primeiro e me esperasse na cama que eu tinha uma surpresa.

Eu já tinha pedido no hotel que deixassem uma música preparada no sistema de som da nossa suíte, assim bastaria eu apertar o *play* no controle remoto. Apertei o botão, enquanto estava no banheiro mesmo, e a introdução de *Earned It* começou a tocar. Então eu saí do banheiro vestida com o espartilho que eu tinha comprado para esta ocasião e comecei a dançar de uma forma sensual para o meu marido.

Enzo nem piscava olhando para mim. Eu dançava rebolando, provocando-o, aproximava-me dele e, quando ele ia me tocar, eu saía de perto. Ele estava completamente enlouquecido. Não sei quem estava mais seduzido: ele me vendo dançar ou eu percebendo o quanto ele me desejava.

Quando a música acabou, eu não tive tempo nem de prever o movimento do meu marido. Ele levantou e, quando percebi, seu corpo já estava prensando o meu na parede. Enzo me beijou com desespero, enquanto eu coloquei as pernas enroladas em sua cintura e ele me segurava pela bunda, sem parar de me beijar.

Com uma das mãos, ele abaixou as alças do meu espartilho, deixando meus seios livres, e começou a chupar cada um deles avidamente. Nós tínhamos fome, tínhamos pressa, então preliminares a essa altura eram dispensáveis. Eu precisava dele dentro de mim e não hesitei em pedir:

— Eu preciso de você, Enzo. Preciso de você agora. Me fode!

Não precisei falar duas vezes. Ele afastou minha calcinha para o lado e meteu forte e duro dentro de mim, dando várias estocadas fortes e me enlouquecendo de prazer. Depois ele me colocou no chão, me virou, de costas

para ele e de frente para a parede, e meteu fundo outra vez. Ele metia forte e eu, dando impulsos para trás, ia de encontro ao seu pau, ajudando nas estocadas. Não demorou muito e eu gozei.

Enzo percebeu o quanto o orgasmo tinha me deixado fraca, então ele me levou para a cama em seus braços, me deitou de bruços e continuou metendo em mim por trás. Era uma sensação deliciosa e eu me sentia totalmente preenchida. Ele me dava alguns tapas na bunda enquanto metia e eu gemia loucamente. Eu percebia que ele já estava perto do clímax, sentia seu pau pulsar dentro de mim e, agora que eu já tomava anticoncepcional há pouco mais de um mês, não tínhamos com que nos preocupar. Depois de mais algumas estocadas, ele se entregou e gozou, violentamente, dentro de mim.

Não tivemos mais forças nem para tomar outro banho e dormimos totalmente saciados do jeito que estávamos mesmo.

Acordamos horas depois, tomamos café da manhã e voltamos para casa. Passamos o domingo inteiro grudados, só saímos um pouquinho para eu me despedir da minha mãe e dos meus tios que já estavam voltando para Nova Iorque. Em seguida, voltamos direto para casa para passarmos o resto do dia nos braços um do outro.

Capítulo 17

5 meses depois

Acordei sozinha na cama e me senti melancólica. Era a primeira vez que Enzo e eu nos separávamos desde o casamento, pois ele precisou fazer uma viagem urgente junto com Matheo e ficariam fora pelo menos 2 dias. Claro que, antes de sair, reforçaram a segurança do complexo.

Alessandro parecia uma sombra desde ontem — onde eu estava, ele estava atrás —. Até quando eu corria, dentro do complexo mesmo, ele ia atrás. Eu o olhava de cara feia e ele se desculpava dizendo que eram ordens de seu chefe.

Eu odiava isso, mas Enzo era o melhor marido deste mundo e, nesses 5 meses de casados, eu o amava cada dia mais. Meu marido me amava, mimava e cuidava de mim. No mês passado, eu tive febre em decorrência de uma infecção urinária e precisei tomar antibióticos. Ele acordava de madrugada para me dar o medicamento e agora vivia me cobrando tomar água, porque o médico disse a ele que, provavelmente, fora a falta do líquido que tinha causado a minha infecção. Ele já tinha feito tanto por mim, que não custava aturar isso, já que o deixava mais tranquilo.

Acordei com um aperto no peito, um pressentimento ruim, provavelmente por estar pela primeira vez longe do meu marido.

Resolvi levantar, tomar banho e ir na casa de Melissa me distrair um pouco. Antes, peguei meu celular para ligar para o Enzo, que atendeu no segundo toque.

— Oi, linda! Tudo bem por aí, aconteceu alguma coisa?

— Não, vida, está tudo bem. Só acordei um pouco angustiada e quis ouvir sua voz.

— Está tudo bem, fica tranquila. Essa angústia já é a abstinência do seu marido gostoso do pau grande. Relaxa, vou fazer tudo rápido aqui e logo estarei aí.

— O que você está fazendo agora?

— Nada de importante, estou com Matheo, torturando um filho da puta que tentou nos dar um prejuízo do caralho em uma das cargas enviadas para os nossos sócios colombianos. Mas ele vai falar rápido e vai morrer, já está

acabando, não se preocupe.

— Porra, não precisava entrar em detalhes! Toma cuidado, se você se machucar, eu faço greve de sexo quando você voltar.

— *Deus me livre! Vou me cuidar, volto sem nenhum arranhão.*

Nessa hora, fomos interrompidos por uma voz bem longe, que reconheci ser de Matheo.

Enzo, vai ficar namorando, caralho? Desliga essa porra que eu estou precisando de você aqui.

— *Amor, tenho que ir, você não é a única que não vive sem mim, Matheo também não.*

Eu ri, nos despedimos e desliguei, mas, mesmo depois de ouvi-lo, a angústia continuava em meu peito.

Na casa de Melissa, distraí-me um pouco com ela e os gêmeos. Minha amiga falou que a minha angústia provavelmente era pela falta de Enzo e que, com o tempo, eu me acostumaria... Devia ser mesmo.

Depois que almoçamos, meu telefone tocou, era a tia Elisabete. Estranhei um pouco, mas logo atendi.

— Oi, tia! Tudo bem? Estou na casa da Mel, a senhora quer falar com ela?

— *Não, minha querida, é com você mesmo que quero falar.*

O tom de voz dela espremeu meu coração e me fez compreender, na mesma hora, que algo de muito ruim tinha acontecido.

— Tia, fala logo o que aconteceu. Foi alguma coisa com a minha mãe?

— *Foi sim, Lili. Infelizmente, sua mãe sofreu um acidente em casa e está internada no hospital, em estado grave. Ela vai ser operada agora, meu bem. Eu sinto muito!*

Eu não consegui reagir. O telefone caiu da minha mão e parecia estar tudo acontecendo em câmera lenta. Vi a Melissa pegar o telefone do chão e começar a falar com a mãe, também vi que ela ficou muito nervosa com a notícia e veio na minha direção, falando alguma coisa, mas eu não conseguia prestar atenção. Tudo o que eu ouvia ser repetido na minha mente era: *Ela está em estado grave...*

Melissa ficou nervosa e a Mia começou a chorar, mas eu não conseguia falar nada, pois minha voz tinha sumido. Eu também não conseguia raciocinar direito, mas de repente... *Não foi acidente nenhum, foi ele... Meu pai quis matar a minha mãe!* Esse pensamento me surgiu e, imediatamente, uma raiva enorme cresceu dentro de mim e me fez reagir. Quando eu dei por mim, escutei a

Melissa falar comigo:

— Lili, você está me ouvindo? Reage, amiga, nós precisamos ir para lá. Eu vou com você, vou ligar para o Matheo.

Olhei pra ela e comecei a despejar:

— Foi ele, Melissa! Tenho certeza de que foi ele, não foi apenas acidente.

— Ele quem, Lili?

— Foi o meu pai! Foi o Álvaro. Ele tentou matar a minha mãe, não foi um acidente.

— Calma, amiga! Talvez tenha sido só um acidente mesmo, não vamos nos precipitar.

— Foi ele sim, Mel. Eu sei que não foi acidente, acredite em mim. Eu preciso fazer alguma coisa ou ele vai terminar de matá-la. Cadê o Enzo? Eu quero meu marido. Liga para ele, Mel, eu preciso dele agora.

— Calma, Lili, eu estou tentando, mas o celular dele e do Matheo estão desligados.

— Tenta o Andreolli ou o Malone.

— Já tentei e estão desligados também, devem estar sem sinal.

Eu chorava copiosamente e Melissa não sabia o que fazer. Ela tentava me amparar, enquanto Mia também chorava no colo de Gorete e Pietro olhava tudo sem entender nada.

Ouvi minha amiga gritando por Dante e, quando o soldado apareceu, ela pediu que ele tentasse contato com alguém que estivesse com nossos maridos. Quando Dante saiu, rapidamente eu falei para ela:

— Melissa, eu não vou esperar, preciso comprar uma passagem no primeiro voo para Nova Iorque.

— Lili, é perigoso irmos em vôo comercial. Acho melhor esperarmos nosso jato voltar com os homens.

— Vai demorar muito, Mel, não posso esperar. Eu vou pesquisar na internet os próximos horários de voos. Se você quiser ir comigo, a gente leva o Dante e o Alessandro para fazer a nossa proteção. Se você não quiser ir, amiga, eu entendo, mas eu vou!

— Eles não vão poder ir armados em voo comercial, mas tudo bem, eu vou com você de qualquer jeito.

Melissa foi ao escritório de Matheo, voltou correndo com o *notebook* na mão e me entregou.

— Procura aí para ver qual o primeiro voo.

Peguei o computador e comecei a procurar. Encontrei passagens na

primeira classe, em um voo com partida em 3 horas. Quando eu ia falar com a Melissa, Dante entrou.

— Senhora, sinto muito, mas nenhum deles está com o celular ligado. Muito provavelmente estejam em algum lugar que tenha bloqueio de sinal, é muito comum isso acontecer nessas viagens. Em que posso ajudá-las?

— Dante, nós vamos para Nova Iorque.

— Nós quem, senhora?

— Eu, Lili e os gêmeos, inclusive você e Alessandro também.

— Senhora, o chefe está com o jato.

— Nós vamos em voo comercial mesmo.

— Senhora, desculpe, mas não posso permitir, o chefe não vai gostar.

Nessa momento, eu o cortei e comecei a falar no tom mais ameaçador que consegui, já totalmente exaltada.

— Dante, o chefe de vocês não está aqui, assim quem dá as ordens nessa merda somos nós. Minha mãe está morrendo, então eu vou pegar o cacete do próximo avião e vou para Nova Iorque. Se a Melissa quiser, ela vai comigo e a única coisa que você pode fazer é nos acompanhar, caso contrário, eu vou assim mesmo.

Ele me olhou hesitante, mas por fim se rendeu.

— Sim, senhora! Alessandro e eu iremos acompanhá-las.

— Ótimo! Sairemos em uma hora.

Finalizei a compra das passagens e fui para casa arrumar uma bolsa, enquanto isso Melissa foi arrumar as coisas dela e dos gêmeos. Enquanto eu arrumava tudo, continuei tentando ligar para o Enzo e o telefone só dava desligado. A cada minuto eu ficava mais nervosa.

Chegamos ao aeroporto uma hora antes do voo, fizemos todos os procedimentos e, antes de embarcarmos, tentei ligar uma última vez para o Enzo, enquanto Melissa também tentava ligar para o Matheo, mas só caía na caixa postal. Como eu sabia que ia ficar horas no voo, resolvi deixar um recado para ele e já comecei a falar chorando.

Amor, assim que ouvir essa mensagem me liga, eu preciso muito de você. Estou indo para Nova Iorque. Desculpe, não pude te esperar, mas depois te explico tudo.

Estávamos todos tensos no embarque. Eu sentei com Alessandro e Melissa e as crianças com Dante. Os soldados estavam em seu nível máximo de tensão por terem que fazer nossa segurança desarmados, mas tio Bernardo estaria nos esperando no aeroporto com seus soldados e armas para dar a eles.

Eu só conseguia pensar na minha mãe e no quanto eu precisava de Enzo ali comigo.

Enzo

Depois que falei com Lili, saímos do galpão e fomos direto para a empresa do chefe colombiano resolver nossa situação. A carga enviada havia sido interceptada e não chegou até ele. Quando fomos avisados do acontecido, Matheo decidiu ir pessoalmente tratar disso, porque apesar da carga ter sido interceptada em seu território, ele não queria ficar no prejuízo e nem nós — estávamos falando de milhões —. Matheo ficou puto pra caralho com a postura dele, mas preferiu não enfrentá-lo para evitar uma guerra.

Santiago, o chefe colombiano, sugeriu que nos uníssemos para tentar recuperar a carga e, assim, ninguém ficaria no prejuízo. Foi o que fizemos. Conseguimos pegar um dos responsáveis, chegamos até a mercadoria roubada, acionamos Santiago e ele mandou sua equipe resgatar a carga. Nosso trabalho estava feito. O bastardo só não queria ter o trabalho de caçar e nós fizemos isso por ele; descobrimos o paradeiro da mercadoria e agora a responsabilidade de resgatar a carga era dele. Finalmente poderíamos voltar para casa, para nossas garotas.

Matheo quis ter uma conversa séria com Santiago. Embora ele não o tivesse enfrentado dessa vez, queria deixar claro como as coisas funcionavam caso acontecesse outra vez e fez questão de demonstrar sua insatisfação com a postura do colombiano.

Muitas horas depois, quando saímos da empresa, percebi que meu celular estava sem sinal e me senti incomodado. Perguntei logo ao Matheo:

— Cara, teu celular está com sinal?

— Não sei.

Ele respondeu pegando o celular no bolso para olhar e também estava sem sinal; os soldados também conferiram, todos estávamos sem sinal.

— Esse filho da puta deve ter bloqueio de celular dentro da sala de reuniões e não avisou nada. Não gosto de ficar sem contato, porque a Melissa pode precisar de mim, ter alguma emergência com as crianças. Reiniciem os telefone que o sinal volta e vamos logo embora daqui.

Quando reiniciamos os aparelhos, senti meu sangue gelar. Tinham 51 notificações de chamadas perdidas, a maioria da Lili, mas havia outras da Melissa e dos soldados. Na mesma hora, tentei retornar para ela e deu desligado. Olhei para Matheo e ele também olhava o celular nervoso.

— Matheo, o que aconteceu? Tem uma porrada de chamada perdida lá de

casa e o celular da Lili está desligado.

— Eu não sei, mas no meu tem muitas chamadas também. Já liguei para a Melissa e está desligado, o de Dante também, tentou o Alessandro?

— Acabei de tentar, está desligado.

— Tem uma mensagem na caixa postal.

Matheo então colocou no viva-voz para nós dois ouvirmos a mensagem, era de Dante.

Chefe, tivemos uma emergência aqui. A mãe da senhora Lili sofreu um acidente em casa e está em estado grave. Ela ficou transtornada quando soube e quis ir para Nova Iorque imediatamente. A senhora Melissa não quis deixar a amiga viajar sozinha e resolveu acompanhá-la com os gêmeos, então Alessandro e eu não tivemos outra saída a não ser acompanhá-las.

Por um minuto senti-me relaxar. Claro que eu me preocupava com a minha sogra, mas estava aliviado por não ser nada com a Lili.

— Porra, a gente sai de casa um minuto e acontece essa merda toda. Matheo, vamos mudar o destino do jato, vamos para Nova Iorque.

— Eu não estou acreditando nessa porra. Não estou acreditando que a Melissa está viajando em um avião comercial com meus filhos e os seguranças desarmados. É muita falta de responsabilidade dela, caralho! Dante nunca deveria ter permitido que ela saísse.

— Cara, ela não podia deixar a Lili ir sozinha, elas são como irmãs. Agora não adianta ficar puto, vamos embarcar para Nova Iorque o mais rápido possível.

Chegamos ao aeroporto e percebi que tinha uma mensagem na caixa postal, quando ouvi meu coração perdeu uma batida.

Amor, assim que ouvir essa mensagem me liga, eu preciso muito de você. Estou indo para Nova Iorque. Desculpe, não pude te esperar, mas depois te explico tudo.

Minha mulher precisava de mim. Ela estava chorando e eu não estava com ela. Às vezes eu odiava essa vida de merda da máfia.

Capítulo 18

Desembarcamos e já era quase noite em Nova Iorque, tio Bernardo estava no aeroporto nos esperando com a tia Elisabete. Fomos direto para o hospital, mas só Melissa, tio Bernardo, eu e alguns soldados ficamos; tia Elisabete foi para casa com os gêmeos, pois hospital não é ambiente para eles.

Eu estava muito nervosa, meu corpo todo tremia e as familiares náuseas dos dias difíceis da minha vida, depois de muito tempo, reapareceram.

Felizmente, eu não vi meu pai em nenhum lugar do hospital.

Quando chegamos ao andar em que minha mãe estava, fui direto falar com o médico, pois precisava saber o estado real dela. Fui levada até a sala dele e pude reparar que ele era muito jovem — deveria ser recém-formado — e confesso que senti um receio... Talvez fosse preconceito da minha parte, mas eu me sentiria mais tranquila se um médico com mais anos de experiência a tivesse acompanhando.

Ele foi muito receptivo comigo e, percebendo minha aflição, logo começou a me explicar tudo:

— Você deve ser a Liliane, filha da paciente Carmem. Muito prazer, sou o doutor Peter.

— Prazer, doutor, pode me chamar de Lili. Eu gostaria de saber, sem rodeios, o quadro clínico da minha mãe.

— Então, Lili, a sua mãe sofreu um traumatismo craniano grave e entrou em coma profundo de imediato. Esse coma pode durar algumas horas ou até dias. Infelizmente, ela corre risco de morte e os riscos de sequelas são elevados. Nós conseguimos conter o sangramento, mas as próximas 24 horas serão decisivas. O estado geral dela é muito grave, eu sinto muito.

Nesse momento, eu não consegui conter o choro. Alguém bateu à porta, era Melissa que tinha ficado para trás, dando algumas recomendações sobre os gêmeos para a sua mãe ao telefone. Quando ela viu meu estado, correu para me abraçar e eu chorei como uma criança nos braços da minha amiga. Doutor Peter me emprestou o lenço dele e me serviu um copo com água para tentar me acalmar.

Quando eu já estava mais calma, perguntei a ele se poderia vê-la. O médico me informou que ela tinha acabado de sair da cirurgia e estava sendo encaminhada para a UTI, mas que liberaria apenas por alguns poucos minutos e pediria a uma enfermeira para me levar para trocar de roupa e me acompanhar,

dentro de mais ou menos uma hora.

Quando entrei na UTI e vi minha mãe desacordada, com a cabeça enfaixada, os olhos roxos e ligada a aparelhos, tive a sensação de que eu ia desmaiar. Respirei fundo e fui até ela ainda respirando fundo para me acalmar, segurei sua mão e fiz uma oração, pedindo a Deus que não a tirasse de mim e me desse a chance de cuidar dela.

Eu ia dar um jeito de tirá-la de perto do meu pai, na verdade, nunca deveria ter deixado ela sozinha com ele. Deveria ter tirado minha mãe de casa nem que fosse arrastada. Me arrependo muito da minha inércia, pois eu não fiz nada para ajudá-la, para tirá-la daquele inferno em que vivia.

Já ao seu lado, abaixei, aproximando-me do seu ouvido e sussurrei:

— Mãe, sou eu, a Lili. Não precisa mais ter medo, porque eu estou aqui e vou cuidar de você. Vou te proteger e, quando você ficar boa, vou te levar para morar comigo na Itália, assim você nunca mais vai precisar passar por isso. Por favor, mãezinha, seja forte! Nós já passamos por coisas muito piores juntas, você precisa reagir.

Nesse momento, as máquinas começaram a apitar descontroladamente e eu entrei em desespero. Uma equipe médica entrou correndo e eu ouvi o doutor Peter gritando para me tirarem dali. Fui levada para a sala dele por uma enfermeira que disse para eu esperar lá e que ela me traria notícias logo. Poucos minutos depois, Melissa entrou, me abraçou forte e nós choramos juntas por um longo tempo, até que o doutor Peter voltou. Ele nos explicou que ela teve uma parada cardíaca, mas que, felizmente, haviam conseguido reanimá-la. Só então pude respirar um pouco mais aliviada.

Nessa hora, o telefone de Melissa tocou e ela saiu da sala para atender. Resolvi perguntar ao doutor Peter quais eram as chances de minha mãe sobreviver — pedi que ele fosse sincero. Ele me deu 30% de chances de ela sobreviver e apenas 10% de não ter nenhuma sequela. Eu o ouvia em pé, pois já tinha levantado para sair da sala, então meus joelhos fraquejaram. Ele correu até mim e me segurou, apoiando-me em seus braços. Eu mal tinha forças para abrir os olhos, então minha cabeça tombou em seu peito.

Escutei a porta sendo aberta de forma abrupta e uma voz familiar ecoou na sala:

— Lili, o que está acontecendo? Eu estou aqui amor...

Então tudo ficou escuro.

Enzo

Quando desembarcamos em Nova Iorque, o celular de Lili e Mel ainda estavam desligados, então liguei para o Bernardo e ele nos informou o hospital em que estavam.

Matheo e eu chegamos ao hospital e não vimos ninguém conhecido. Embora na recepção já tivessem nos informado o andar, nem Melissa, nem Bernardo ou Lili estavam ali. Tentei ligar para Lili e ainda estava caindo na caixa postal. No mesmo instante, Matheo ligou para Mel, que atendeu e veio nos encontrar. Ela viu meu irmão, se jogou em seus braços chorando e ele a abraçou. Eu estava desesperado e perguntei onde Lili estava, então minha cunhada me explicou e eu corri para lá.

Abri a porta do consultório e vi uma cena que me deixou puto, mas não tive nem tempo de pensar muito, pois Lili estava sendo apoiada por um homem que deveria ser o médico. Praticamente desacordada, a cabeça da minha mulher estava apoiada no peito do homem e ele a segurava fortemente.

Mesmo na situação em que estávamos, aquilo me incomodou pra caralho, porque ainda por cima o filho da puta era jovem e simpático. Engoli o ciúme e me concentrei no mais importante.

— Lili, o que está acontecendo? Eu estou aqui, amor.

Vi que ela chegou a ouvir minha voz, mas logo em seguida desmaiou. Corri para tirá-la dos braços da porra do médico, segurei seu corpo junto ao meu e perguntei a ele:.

— Para onde eu posso levar minha mulher para que seja cuidada? Ela precisa de um médico.

— Eu sou Peter, o médico. E quem é o senhor?

— Então faça alguma coisa caralho — falei exaltado, mas respirei e me recompus. — Eu sou Enzo, o marido. Para onde a levo?

— Venha por aqui.

Carreguei Lili em meus braços e a levamos para um quarto de enfermaria.

— Coloque-a nessa maca, vou aferir a pressão dela.

Deitei Lili, cuidadosamente, na maca, e ele se aproximou dela. O médico colocou o aparelho de pressão em seu braço, verificou e disse que a pressão dela estava muito baixa e, por isso, ela havia desmaiado. Ele disse que iria acordá-la e

administrar um calmante, mas que era melhor eu levá-la para descansar em casa, pois não adiantaria ficarmos no hospital.

Quando Lili acordou, ainda estava um pouco desorientada. O médico mandou a enfermeira servir água para ela e disse que lhe daria um calmante, mas minha mulher marrenta se recusou a tomar. Aproximei-me e, quando me viu, ela se agitou, querendo levantar. Segurei a mão dela, para acalmá-la e disse:

— Shii... fica calma, estou aqui agora, meu amor. Você precisa ficar deitada um pouco, porque sua pressão está muito baixa por conta do estresse. A enfermeira vai trazer algo para você comer, e você vai comer, pois precisa melhorar para eu te levar para descansar.

— Não, Enzo, eu não quero ir embora, mas preciso falar com você em particular.

Quando o médico ouviu isso, disse que ia esperar na sala dele e que, qualquer coisa de que precisássemos, poderíamos chamá-lo. Logo em seguida, ele saiu.

— Não foi acidente, amor, eu sei que não foi. Tenho certeza de que meu pai tentou matar minha mãe. Aquele monstro não pode mais chegar perto dela, nunca mais. Por favor, Enzo, não deixa. Você precisa protegê-la, senão ele virá até aqui acabar de matá-la.

— Calma, amor! Eu não vou deixar que nada aconteça à sua mãe, mas você tem certeza de que ele seria capaz de chegar tão longe? Eu sei que ele batia em vocês e que é um covarde, mas matar a própria esposa já está em outro patamar.

— Eu sei que foi ele, amor, me escuta, por favor. Eu tenho certeza, porque ele ameaçou nos matar várias vezes. Álvaro sempre dizia que não prestávamos para nada e que só dávamos prejuízo para ele. Eu sei que foi ele e você precisa me ajudar a mantê-lo longe daqui, longe de nós.

Ela me pedia chorando, descontroladamente. Nesse momento, percebi o quão grande era o trauma que a minha mulher tinha, porque ela estava tremendo e o rosto refletia todo o seu pavor. Então, sem poder fazer mais nada, eu a abracei para acalmá-la e fazer com que se sentisse segura.

— Fica calma! Eu não vou deixá-lo machucar vocês, mas precisarei conversar com Bernardo sobre isso, afinal aqui é o território dele e seu pai trabalha para ele.

— Tudo bem, mas chama ele aqui, não sai de perto de mim.

Minha mulher era tão forte que vê-la assim, totalmente vulnerável e fragilizada, estava me matando. Liguei para o Bernardo e, em poucos minutos,

ele apareceu no hospital.

Lili relatou para ele a mesma história, falou da sua certeza e das ameaças do pai. Bernardo caminhou até ela, segurou sua mão com carinho e disse:

— Lili, eu conheço você desde o ventre da sua mãe. Vi você ainda recém-nascida, parecendo uma boneca de tão linda que era. Elisabete ficou louca quando te viu pela primeira vez, ela desejou que a Melissa viesse tão linda quanto você e ela veio. Vocês duas são as meninas mais belas e especiais nas quais eu já pus os olhos e, claro, agora tem a Mia também que está no páreo com vocês...

Percebi que Bernardo estava tentando quebrar o gelo da conversa séria e, de certa forma, conseguiu. Lili suavizou a expressão de pavor ao ouvir as palavras dele.

— O que eu quero que você saiba, minha filha, é que, da mesma forma como eu amo e cuido do bem-estar da Melissa, eu também vou cuidar do seu. Mesmo que vocês já sejam mulheres casadas e tenham a proteção dos seus maridos, vocês podem sempre contar comigo. O Álvaro não será mais um dos meus homens e, para o bem dele, eu espero que ele fique bem longe daqui e de vocês neste momento. No entanto, um dia eu quero acertar minhas contas com ele.

Vi quando uma lágrima solitária escorreu pelo rosto de Lili, antes de Bernardo terminar de falar.

— Não se preocupe que nada vai te acontecer. Além disso, colocarei dois soldados na porta da UTI para fazer a proteção da sua mãe. Se você está dizendo que foi ele, Lili, eu acredito em você.

— Eu tenho certeza, tio. O senhor não conhece meu pai, ele era muito diferente na sua frente, mas dentro de casa era um monstro comigo e com minha mãe. Ela sofreu muito mais do que eu e, agora, eu tenho mais certeza de que foi ele.

— Tudo bem. Ele não vai se aproximar dela, eu te garanto. Agora, vá para minha casa descansar com seu marido, a Melissa e o Matheo também estão indo. Eu vou conversar com os soldados e vou para casa também, logo em seguida. Não adianta nenhum de nós ficar aqui, porque ninguém poderá vê-la ou ficar lá com ela, mas eu te prometo que deixarei dois soldados da minha confiança na porta da UTI vigiando e mais alguns espalhados por todo o hospital. Vou providenciar isso agora mesmo.

Ele deu um beijo terno na testa dela e saiu.

Bernardo acabou de ganhar muitos pontos comigo. Eu já sabia que ele era um ótimo pai para a Melissa, mas a partir de agora eu sempre serei grato a ele

pelo carinho que demonstrou por Lili em um momento tão difícil para ela.

Aproximei-me da cama, abracei minha mulher e senti que ela relaxou nos meus braços, soluçando de tanto chorar. Eu passava a mão nas costas dela e repetia que ia ficar tudo bem; dava para ver o quanto ela estava emocionalmente esgotada. Então deixei que ela colocasse toda a dor para fora e só depois chamei a enfermeira para lhe trazer algo para comer, porque a pressão dela precisava estabilizar para irmos embora. Ela reclamou, disse que não ia comer, mas eu insisti e ela comeu, mesmo contra vontade. Depois a enfermeira verificou novamente a pressão e já havia normalizado. Eu a peguei no colo e fomos para casa do Bernardo, pois minha esposa precisava descansar.

Quando chegamos na casa do pai da Melissa, Elisabete nos acomodou em um dos quartos, eu agradei e ela saiu. Ao fechar a porta e olhar para Lili, vi que ela estava pálida e logo correu para o banheiro. Fui atrás dela, assim que ouvi que ela estava vomitando tudo o que tinha comido. Segurei seu cabelo, assustado e muito preocupado com a minha mulher, em seguida dei-lhe banho e a levei para a cama. Lili me explicou que sempre ficava assim quando passava por algum estresse e que, inclusive, ela vomitou várias vezes quando estávamos separados. Amaldiçoei-me, mais uma vez, quando ouvi isso.

— Perdão, meu amor, eu ainda não sabia o que era amar. Eu te amo e nunca mais vou te machucar e te deixar sozinha.

Ela me abraçou forte, enfurnou a cabeça no meu pescoço e eu senti sua respiração normalizando aos poucos, até que ela dormiu e eu também.

Capítulo 19

Acordei e fiquei deitada pensando. Minha cabeça estava doendo e eu estava sozinha na cama. Levantei e, quando ia sair do quarto, vi Enzo vindo do banheiro com uma toalha enrolada na cintura e outra na mão, secando o cabelo. Parei na porta, ainda meio desorientada e, quando ele me viu, veio até mim, deu-me um beijo carinhoso desejando um bom dia, pegou minha mão e me puxou para sentar na cama.

— Calma, amor, acorda devagar que está tudo bem. Eu já liguei para o hospital e o estado da sua mãe continua o mesmo, mas isso é bom, sinal de que não piorou. Arrume-se e vamos descer para tomar café.

— Tudo bem, eu já volto.

Tomei banho, lavei meus cabelos e, quando saí do banheiro, Enzo já estava vestido e sentado na cama me esperando. Descemos para tomar café e encontramos tia Elisabete, Melissa e os gêmeos à mesa.

Tia Elisabete foi a primeira a nos ver e cumprimentou:

— Bom dia, meus queridos! Venham, sentem para tomar café.

— Bom dia! — Enzo e eu respondemos e nos sentamos.

— Cadê meu irmão? — Enzo perguntou.

— Está no escritório com o Bernardo — tia Elisabete respondeu.

Terminamos de comer, Enzo foi para o escritório falar com Bernardo e Matheo e eu fui para a sala com as meninas.

Enzo

Comi o mais rápido que pude, tentando disfarçar minha preocupação, mas eu sabia que alguma coisa séria estava acontecendo, para o meu irmão e Bernardo estarem trancados de manhã cedo no escritório. Assim que terminei de comer, fui até lá, bati à porta e nem esperei resposta, já fui entrando.

— Bom dia! O que aconteceu?

Os dois me olharam e Bernardo começou a falar:

— Enzo, eu acho que sua esposa estava certa. Ontem, depois que todos nós saímos do hospital, o Álvaro apareceu lá e foi direto para a UTI onde está a mãe de Lili. Quando o canalha se aproximou e viu os soldados na porta, se alterou e quis entrar de qualquer maneira. É claro que não conseguiu, pois, além dos soldados, os seguranças do hospital também foram chamados.

— Filho da puta, não acredito que ele ousou fazer isso.

— Segundo relatos dos meus soldados, ele estava descontrolado como se estivesse bêbado e drogado, porque mesmo depois de ser expulso do hospital, o Álvaro ficou gritando frases meio desconexas. Um deles filmou para me mostrar:

Essa vagabunda não vai me impedir. Eu tenho meus direitos e devia ter terminado o serviço de uma vez, mas ela não vai me deter, porque eu vou acabar com ela. Se ela pensa que eu tenho medo daquele playboyzinho do marido dela, está muito enganada. Eu vou acabar com essa piranha! — gritava o pai de Lili no vídeo.

Meu corpo todo tremeu de ódio ao assistir aquela cena e meus punhos já estavam fechados buscando algum controle.

— Eu mato aquele... Onde ele está? Onde esse filho da puta está, Bernardo? Eu vou matá-lo antes que ele sequer olhe para a Lili.

— Aí é onde está o problema, Enzo. Depois disso, ele sumiu. Meus soldados já vasculharam tudo e não o encontraram.

— Bernardo, nós precisamos encontrar esse desgraçado antes que ele chegue até a Lili. Ele não pode chegar perto da minha mulher e nem da mãe dela, no hospital.

— E ele não vai, Enzo, pode ficar tranquilo. Vou reforçar a segurança do hospital e você reforça a segurança da Lili. Tem soldados vigiando a casa dele também, para o caso de ele aparecer por lá. Fique calmo, rapaz, nós vamos pegá-

lo.

Calmo era a última coisa que eu estava naquele momento, mas eu precisava me controlar pela Lili, porque não podia deixar que ela soubesse de nada disso.

— Bernardo, eu não quero que a Lili saiba do que aconteceu, pois ela já está passando por muita coisa. Não quero que ela fique ainda mais preocupada.

— *Okay*, você que é o marido, você quem decide.

— Obrigado.

Saí do escritório e fui imediatamente procurar minha mulher. Agora, mais do que nunca, eu não poderia sair de perto dela.

Capítulo 20

Passaram-se 15 dias e o estado da minha mãe continuava o mesmo. Todos os dias eu ia vê-la, mas apenas durante 15 minutos. Enzo esteve comigo em todos esses dias, mas somente eu entrava na UTI.

A resposta do doutor Peter era sempre a mesma: "Ela está estável". Ainda assim, a incerteza do que iria acontecer me matava por dentro

Meu pai nunca apareceu, graças a Deus! Na verdade, eu não tive mais notícias dele. Ninguém me falava nada, eu também não perguntava, pois, enquanto ele ficasse longe de mim e da minha mãe, estava tudo bem.

Melissa e Matheo foram embora dois dias depois que chegamos, porque meu cunhado não podia ficar mais tempo e também não quis que a Melissa e as crianças ficassem.

Enzo e eu permanecemos na casa do tio Bernardo, pois ele disse que era mais seguro ficarmos lá do que no apartamento dele.

Aonde nós íamos, a qualquer hora do dia, os soldados sempre estavam junto.

Eu sabia que Enzo estava largando muita coisa para trás no trabalho para permanecer lá comigo e isso me confortava de certa forma. Por outro lado, eu via o meu marido muitas vezes ao telefone, super estressado, às vezes ficava até de madrugada no notebook trabalhando e eu me sentia muito mal por estar atrapalhando. Mas eu não poderia ficar longe da minha mãe nesse momento e também era egoísta o suficiente para não querer ficar longe dele. Eu precisava dele comigo.

A verdade é que eu nunca imaginei me tornar tão dependente de um homem assim. Vivi 19 anos da minha vida sem ele, porém hoje não poderia mais. Ao mesmo tempo que é reconfortante saber que tenho o Enzo ao meu lado, é assustador pensar no quanto me tornei dependente dele.

Eu estava sentada na cama, esperando Enzo terminar de tomar banho para irmos ao hospital, quando meu celular tocou. Eu gelei e logo atendi.

— Alô.

— Senhora Liliane Esposito? Aqui é do hospital *New York Presbyterian*. Estamos entrando em contato a pedido do doutor Peter Smith, que solicitou que a senhora viesse ao hospital conversar com ele o quanto antes.

— Aconteceu alguma coisa com a minha mãe?

— Não, senhora, ele apenas pediu que venha assim que possível.

— *Okay*, estou indo agora mesmo.

Desliguei o telefone com as mãos tremendo e fui correndo para o banheiro chamar Enzo. Assim que me aproximei da porta, já comecei a falar chorando. Ele estava saindo do box e me olhou assustado.

— Enzo, ligaram do hospital. O doutor Peter quer que eu vá até lá para falar com ele. Deve ter acontecido alguma coisa. Rápido, vamos.

Vi que Enzo empalideceu, mas ainda assim ele tentou me tranquilizar.

— Calma, Lili, às vezes não foi nada. Se eles pediram para você ir conversar, pode ser algo bom, não pense logo no pior.

— E se eles não quiseram falar por telefone? E se minha mãe... morreu?

— Minha voz embargou ao pensar nessa possibilidade. — Eu não vou aguentar, Enzo, não posso perder minha mãe.

Meu marido se secou rápido, então terminou de colocar a camisa e veio me abraçar.

— Fique calma, amor, vai ficar tudo bem. Já estamos indo.

Saímos de casa apressados. Enzo dirigia nosso carro na frente e um outro veículo com Alessandro, Malone e mais alguns soldados ia atrás fazendo nossa segurança.

Quando chegamos em frente ao hospital, pedi ao Enzo que me deixasse logo na porta e depois fosse estacionar o carro, pois sempre demorava. Ele ficou hesitante, mas ligou para Alessandro e mais um soldado, que estavam no carro de trás, e mandou eles me acompanharem, enquanto ele e o outro estacionavam os veículos.

Desci do carro correndo e entrei no hospital. Eu já sabia onde era a sala do doutor Peter, então fui direto para lá, com Alessandro e o outro soldado logo atrás de mim.

Bati à porta do consultório e o médico mandou que eu entrasse. Alessandro abriu a porta para mim, passou os olhos pelo local para ver quem estava dentro da sala e, não vendo nada suspeito, deu passagem para que eu entrasse e ficou do lado de fora me aguardando.

— Bom dia, doutor! O senhor quer falar comigo? Aconteceu alguma coisa com a minha mãe? Por favor, fale logo.

Falei quase começando a chorar outra vez, totalmente exaltada e tremendo.

— Calma, você está tremendo e gelada — ele falou segurando minha

mão. — Primeiro, me chame de você, não de senhor. Segundo, sim, aconteceu algo com sua mãe, mas algo maravilhoso. Ela acordou, Liliane! E, apesar de meio desorientada, os primeiros exames indicam que ela não ficou com nenhuma sequela relevante.

Eu sorria e chorava, ao mesmo tempo, ouvindo aquelas palavras e, exatamente neste momento, Enzo entrou pela porta sem nem bater.

Enzo

Estacionei o carro o mais rápido que pude. O estacionamento era imenso, no entanto estava quase sempre lotado, era impressionante o tempo que custava para acharmos uma vaga.

Eu estava nervoso. A verdade é que eu tentei confortar Lili, mas também estava preocupado que o pior tivesse acontecido. Então, entrei correndo no hospital e fui direto para a sala do doutor Peter. Quando cheguei lá, Alessandro e Malone que estavam vigiando à porta, deram-me passagem e eu nem bati, já entrei. Eu não confiava muito nesse médico, pois reparei várias vezes ele olhando o corpo de Lili e só não soquei a cara dele em respeito à minha sogra que estava sendo cuidada por aquele homem.

A primeira coisa que vi ao abrir a porta foi o filho da puta segurando a mão da minha mulher... *Porra!* Meu sangue esquentou de uma maneira que até esqueci a situação em que estávamos. Eu poderia controlar o impulso de socá-lo, mas a minha boca eu não pude.

— Larga a mão da minha mulher, caralho.

Caminhei rápido até eles e soltei a mão dos dois. Ela me olhou, vermelha e de boca aberta.

— Enzo, o que você está fazendo? Ele só estava me confortando.

— Quem conforta você sou eu, que sou seu marido. Ele é só o médico da sua mãe, não tem que te tocar.

— Para com esse ciúme sem cabimento, seu insensível. Você nem perguntou qual era a notícia sobre a minha mãe. Às vezes, você me irrita, Enzo.

Só então me dei conta da burrada que fiz. Ela estava certa, aquela não era hora para ciúmes.

— Afinal, como ela está?

A expressão de Lili mudou radicalmente e, finalmente, depois de 15 dias eu vi o sorriso que tanta amava no rosto da minha esposa outra vez.

— Ela acordou, amor. Minha mãe voltou!

Um alívio enorme tomou conta de mim, mas depois parei para pensar: se a notícia era boa, porque o filho da puta precisava confortá-la?

Capítulo 21

O doutor Peter permitiu que eu visse a minha mãe. Ela ainda estava na UTI, mas só de saber que estava acordada, já era um alívio imenso. Aproximei-me do seu leito e segurei sua mão gelada. Minha mãe ainda estava de olhos fechados e, quando sentiu meu toque, abriu-os para mim. Eu sorri para ela e, automaticamente, uma lágrima escorreu de seu rosto.

— Oi, mãe, você sabe quem sou eu, né? Sua filha, Lili. Se a senhora se lembra, aperta uma vez minha mão.

Ela ainda estava com aparelhos que a impossibilitavam de falar, então apertou minha mão e eu sorri novamente, até perceber que ela estava tremendo.

— Calma, não precisa ficar com medo, o pior já passou. A senhora se lembra do acidente?

Desta vez ela só balançou a cabeça, confirmado que sim. Eu queria saber mais sobre o que aconteceu, mas não queria deixá-la nervosa, então comecei a falar sutilmente:

— A senhora estava sozinha na hora do acidente?

Ela balançou a cabeça em negação.

— Foi o meu pai que trouxe a senhora aqui para o hospital. Ele viu o acidente?

Ela balançou a cabeça afirmativamente e seu choro intensificou. Fiquei com medo de ela ficar nervosa e isso agravar o seu quadro, então tentei acalmá-la.

— Mãe, a senhora não pode ficar nervosa. Está tudo bem agora, tem dois soldados do tio Bernardo guardando a porta da UTI e muitos outros por todo o hospital. Além disso, tem a tia Elisabete, o tio Bernardo e Enzo que estão sempre por perto, e eu que sou a única pessoa autorizada a entrar, ninguém mais, entendeu?! A senhora está com medo?

Ela pareceu se acalmar um pouco e balançou a cabeça assentindo.

— Medo de alguém especificamente?

Minha mãe assentiu novamente.

— Mãe, é importante eu saber o que houve para conseguirmos te proteger melhor. Não foi um acidente, né?! Foi meu pai que tentou machucar a senhora?

Ela assentiu na mesma hora e desviou o olhar do meu.

Desgraçado, eu sabia!

Um nó se formou na minha garganta quando eu tive a confirmação do que aquele desgraçado fez. Naquele momento, senti-me impotente, sem chão. Como esse homem foi capaz de fazer isso com a própria mulher? Como ele pôde ser tão ruim com alguém que a vida inteira só cuidou dele, sempre abaixou a cabeça para ele e apanhou calada?

De repente, senti uma náusea forte me atingir e precisei respirar fundo para me conter. Eu precisava tranquilizá-la e saber o quanto eu estava nervosa não ajudaria minha mãe em nada.

— Meu pai não vai mais te machucar, porque ele foi embora, mãe. Tio Bernardo e Enzo estão cuidando da sua proteção, você está a salvo e, quando sair daqui, você vai embora comigo. Ele nunca mais vai encostar um dedo em você, mãe, eu prometo. Agora eu quero que se recupere logo. Não pense em mais nada de ruim, porque acabou, ele nunca mais vai judiar da senhora.

Só então dona Carmem olhou para mim novamente e eu vi refletido em seus olhos toda a fragilidade e medo que minha mãe sentia.

— A senhora precisa se fortalecer, se recuperar para sair deste hospital e viver uma nova vida, bem longe daqui, bem longe dele. A senhora vai recomeçar, na Itália, comigo e com o Enzo. Não precisa mais ter medo — falei e apertei de leve sua mão. — Agora eu vou ter que sair, porque não posso passar muito tempo aqui dentro, mas os soldados estão e sempre estarão aí fora, fique tranquila.

Dei um beijo na mão dela, que ainda segurava a minha, e, com um pesar enorme no coração, caminhei rápido em direção à porta. Eu estava me sentindo zozza, sem ar e desorientada. Quando cheguei do lado de fora, o meu nível de estresse estava altíssimo. Olhei para frente e a última coisa que vi foi Enzo, parado no corredor, me esperando. Em seguida, tudo escureceu.

Enzo

— Lili!!!! — gritei e corri até ela.

Minha mulher já estava sendo amparada por um soldado do Bernardo quando me aproximei. Depois de ter desmaiado, eu a peguei no colo, chamei um enfermeiro que estava passando e ele nos levou até um dos quartos vazio, enquanto saía para chamar um médico.

Eu a deitei cuidadosamente na maca. Estava apavorado, porque já era a segunda vez que ela desmaiava em menos de um mês, boa coisa não podia ser.

Meu nervosismo não me deixava ficar parado, então, enquanto aguardava, fiquei andando de um lado para o outro do quarto. Quando o doutor pau no cu entrou, tive que engolir minha raiva e deixá-lo se aproximar para examiná-la. *Que sorte a minha! Pelo visto só tem esse cara como médico neste hospital imenso.*

Ele aferiu a pressão, olhou as pupilas e, por último, pediu ao enfermeiro que pegasse o necessário para colher o sangue da minha mulher. Alguns segundos depois, Lili despertou me chamando e o médico pau no cu abriu espaço para eu passar.

Segurei sua mão assim que cheguei perto dela. Lili parecia não ter uma gota de sangue no rosto, estava totalmente pálida. Passei a mão no cabelo dela, quebrado em vê-la assim, e falei:

— Amor, está se sentindo bem? Você desmaiou novamente, o que está acontecendo, baby?

Abaixei e beijei sua testa, mas quando ia levantar, ela me segurou e sussurrou no meu ouvido:

— Enzo, reforça a segurança, por favor. Minha mãe confirmou, foi ele.

— Tudo bem, pode deixar. Nós já imaginávamos isso, então fica calma que nada vai acontecer a ela ou a você. Eu estou aqui e te prometo que vai ficar tudo bem.

Escutei um pigarro, era o médico querendo colher o sangue dela. Mesmo contra minha vontade, afastei-me para ele fazer o seu trabalho.

— Lili, eu vou colher o seu sangue, mas é só uma precaução por causa desses desmaios, está bom?

Que intimidade era essa, chamando minha mulher de “Lili”? Esse médico estava brincando comigo, só podia ser.

Fiquei observando atentamente ele colocar o garrote no braço dela, passar um algodão com álcool e colher o sangue. O médico entregou o tubo de coleta, quase cheio de sangue, para o enfermeiro levar e tirou o garrote. Aconteceu tudo muito rápido: de repente, Lili se curvou e, em seguida, vomitou violentamente. O jato atingiu boa parte da calça e dos sapatos do doutorzinho, que deu um pulo para trás, mas era tarde demais, ele já estava coberto de vômito. *Que desgraça!*, pensei preocupado com minha mulher, mas com vontade de rir ao ver o pau no cu todo sujo.

Fiquei orgulhoso da minha garota. Olhei para Lili, percebendo que ela estava muito constrangida e ainda enguiava, como se tivesse mais para sair. Não resisti e falei em tom sarcástico:

— Tudo bem, amor, coloca tudo para fora, pode vomitar à vontade.

E ela vomitou mais um pouco, mas desta vez, infelizmente, o bastardo conseguiu desviar, pois estava afastado o suficiente.

Capítulo 22

Meu Deus, o que estava acontecendo comigo? Eu estava roxa de vergonha. Coitado do doutor Peter, está coberto de vômito e com os olhos arregalados me olhando. Quando olhei para Enzo, apavorada, percebi que ele estava segurando o riso. *Filho da mãe! Estava com ciúme do médico e se divertindo às custas da minha vergonha.*

— Doutor, me perdoa, eu não consegui segurar. Senti uma náusea muito forte e estou fraca, não consegui sair da cama para chegar ao banheiro.

— Tudo bem, Lili. Eu sou médico, estou acostumado com essas coisas, não é a primeira vez que acontece, acredite. Com licença, vou me limpar e volto quando tiver o resultado do seu exame de sangue, enquanto isso fique aqui de repouso e, se precisar de alguma coisa, é só chamar.

Ele falou rápido, saiu do quarto como um foguete e, logo em seguida, eu ouvi uma gargalhada. Era Enzo, claro.

— Está rindo de quê? Não teve graça. Da próxima vez, vou mirar em você!

— Ah, meu amor, teve graça sim. Teve muita graça, aliás. A cara dele foi hilária e eu achei muito bem feito. Esse médico pau no cu está testando minha paciência, ele pensa que não percebi os olhares dele para você. E que palhaçada é essa de chamar você de Lili? Só os íntimos te chamam assim.

— Fui eu que falei para ele me chamar assim, Enzo. Eu me apresento a todos assim, esqueceu?

— Pois fique sabendo que eu não gostei e não quero nenhum homem, que não seja da família, te chamando de Lili. Eu só não arrumei um problema ainda aqui neste hospital, em consideração à recuperação da sua mãe.

Bufei para aquele ciúme do Enzo, mas logo percebi que ele estava realmente puto, então achei melhor não provocar a fera, pois nós tínhamos problemas maiores do que esse para tratar.

— Enzo, quando minha mãe sair do hospital, eu quero levá-la para a Itália. Ela não precisa morar na nossa casa, mas eu quero tê-la perto de mim e o mais longe possível do meu pai.

— Ótima ideia! Lá no complexo tem uma casa vazia, que foi feita para hóspedes, não é uma mansão, mas é bastante confortável. Se ela não quiser ficar na nossa casa, ela pode ficar lá, tenho certeza de que nem meus pais e nem

Matheo vão se opor, até porque meus pais nem ficam mais na Itália.

— Obrigada, amor, eu tenho certeza que ela vai preferir morar sozinha do que com a gente. Minha mãe tem essa mania de achar que está atrapalhando, mas lá, mesmo morando sozinha, sei que ela estará segura.

Agora eu conseguia me sentir mais tranquila e tinha a sensação boa de que todo esse pesadelo estava chegando ao fim. Eu só queria que terminasse logo e eu pudesse voltar para a minha vida na Itália, com a minha mãe e o meu marido, para o mais longe possível do Álvaro.

Enzo

Lili acabou dormindo enquanto esperávamos o resultado do exame de sangue.

Eu estava dando graças a Deus que minha sogra tinha acordado, por todos os motivos. Eu não podia mais ficar em Nova Iorque, mas eu não sabia como abordar o assunto com a Lili, pois ela não iria querer ficar longe da mãe. Além disso, com o pai dela ainda sumido, deixá-la aqui sem mim não era uma possibilidade. Cheguei a pensar em remover dona Carmem para um hospital na Itália — até conversei com o médico sobre isso —, mas ele disse que não era aconselhável no estado em que ela se encontrava. Agora que ela, felizmente, acordou e está melhor, acho que não será um problema transferi-la.

Matheo já está quase enlouquecendo sem a minha ajuda e sei que ele entende os meus motivos, mas é muita coisa para ele resolver sozinho, ainda mais agora que os nossos negócios se expandiram com os colombianos e ele não confia em mais ninguém no mundo, além de mim e do nosso pai, para ficar à frente dessas coisas.

Eu já não sabia o que fazer, então foi um alívio minha sogra ter acordado; primeiro por saber que ela está bem, claro, e segundo porque isso resolve boa parte dos meus problemas.

Fui interrompido dos meus pensamentos por uma voz sonolenta.

— Enzo, quero ir embora. Amanhã a gente pega o resultado do exame, pode ser? Já estou me sentindo bem, por favor, vamos embora, preciso de um banho.

— Tudo bem, vou chamar o médico.

Depois que o Peter aferiu novamente a pressão da minha mulher e constatou que ela estava realmente melhor, deu-lhe alta. No dia seguinte, quando voltássemos para visitar minha sogra, pegaríamos o resultado do exame.

Quando chegamos à casa do Bernardo, fui logo tomar banho. Eu estava no box, virado para a parede e de olhos fechados, enquanto deixava a água quente relaxar os meus músculos. De repente, escutei a porta do boxe abrir e senti mãos pequenas e delicadas me abraçarem por trás, tocando meu peito.

Meu pau na mesma hora deu sinal de vida e eu virei. Naquele instante,

tive a visão da minha mulher nua, gostosa pra caralho.

Nesses últimos 15 dias, nós não transamos, pois ela estava muito preocupada com a mãe — e eu entendia isso —, mas eu estava estressado pra caralho sem sexo e nem todas as punhetas do mundo superavam a boceta perfeita da minha mulher.

Eu virei, ficando de frente para ela, que começou a beijar meu peito. Depois de um tempo, Lili levantou a cabeça, olhou-me e sussurrou, toda sexy, como a deusa que ela era.

— Saudades do meu homem.

Put a que pariu! Essa mulher ainda vai me matar de tesão.

Minha mulher desceu os beijos e eu fui ficando cada vez mais excitado. Lili sempre me enlouqueceu na cama. Nenhuma mulher foi capaz de causar em mim o que ela causava; o que ela causa. Quando ela segurou meu pau e lambeu a cabeça, eu achei que estava no paraíso, então logo em seguida ela o chupou com vontade. Lili engolia meu pau quase todo, depois chupava e lambia só a cabeça; lambia minhas bolas, depois voltava para o meu pau... *Caralho!* Eu estava me controlando para não gozar rápido, igual a um adolescente, mas estava difícil, porque meu pau já soluçava e ela sugava cada vez com mais vontade.

Tive que pará-la, pois eu não queria gozar na boca dela. Eu precisava me enfiar todinho naquela boceta quente e gostosa. Eu a levantei sob alguns protestos, mas não dei tempo a ela de falar nada. Comecei a beijar sua boca com vontade e ela retribuía com a mesma intensidade. Fui descendo a mão e, quando coloquei um dedo dentro dela, vi que estava encharcada. Eu precisava sentir o gosto dela, então me agachei e coloquei a boca em sua boceta. Eu lambi, chupei e suguei tudo, enquanto isso ela se contorcia e gemia desesperada de prazer, até que gozou na minha boca, deixando-me sentir o gosto delicioso daquela boceta que eu amava, era um viciado sem cura.

Mais do que nunca, eu necessitava estar dentro dela. Virei minha mulher de costas para mim, encostada no box, e enfiei meu pau nela de uma vez só. Lili deu um grito e eu tive que tapar a boca dela, pois, mesmo com o barulho do chuveiro e o quarto fechado, corria o risco de alguém estar passando no corredor e nos ouvir.

Era o paraíso estar com aquela mulher, minha mulher. Comecei a meter forte e nós dois estávamos loucos de prazer. *Meu pau todo dentro dela, era meu lugar favorito no mundo.* Beijei o pescoço dela, vi todo o seu corpo se arrepiar e sussurrei em seu ouvido:

— Boceta quente, apertada e toda minha.

Desci novamente minha mão e massageei o clitóris dela, que estava pingando para mim. Lili gozou forte e eu não consegui mais aguentar, gozando também. Em seguida, segurando-a apertado e abraçando-a por trás, enchi minha mulher com a minha porra e sussurrei outra vez em seu ouvido:

— Eu te amo, minha rainha louca.

— Eu te amo mais.

Capítulo 23

Estava sentindo-me leve e relaxada, como há muitos dias não acontecia. Ontem ainda fizemos amor mais uma vez antes de dormir e, depois, Enzo trabalhou um pouco no *notebook* deitado na cama. Eu até tentei ficar acordada, mas não consegui e apaguei.

Acordamos um pouquinho mais tarde hoje e enquanto eu fui tomar banho para me preparar para o dia, Enzo ficou na cama analisando uns relatórios do trabalho.

Quando saí do banheiro, vi que tia Elisabete tinha mandado nosso café para o quarto. Eu estava faminta.

Sentei na cama para tomar café e conversar um pouco, por mensagem, com a Melissa, pois daqui a pouco Enzo e eu sairíamos para o hospital.

Quando terminamos de comer, me arrumei e esperei meu marido tomar banho e se arrumar para irmos ao hospital. No caminho, paramos para comprar uma água e um café e depois seguimos para o hospital. Dessa vez, quando chegamos lá, esperei Enzo estacionar e saímos de mãos dadas do estacionamento. Eu estava muito mais tranquila agora, sabendo que minha mãe estava acordada.

Na recepção do hospital, peguei meu crachá e fui direto ver minha mãe, que já estava mais corada, com uma aparência muito melhor e parecia serena, isso me deixou muito feliz. Não tocamos no nome do meu pai durante o tempo em que estive lá, apenas contei a ela sobre o complexo e avisei que ela poderia ficar em minha casa ou ter a liberdade dela. Dona Carmem não conseguiu esconder a felicidade com os novos planos para sua vida e, finalmente, seria feliz. Acho que ela caiu na real de que meu pai não prestava e não iria mudar nunca, e acredito que ela não o perdoaria desta vez, mas, de qualquer forma, graças a Deus ele continuava sumido.

Quando saí da UTI, muito mais tranquila, encontrei Enzo no corredor. Já estávamos indo embora, quando escutei o doutor Peter me chamando.

— Oi, doutor, eu já vi minha mãe e ela parece bem melhor. Já estávamos até indo embora. Desta vez nem ia procurá-lo para saber o estado dela, pois eu mesma pude ver que está bem melhor.

— Ela está sim, Lili. Sua mãe é uma guerreira, muito forte e está surpreendendo a todos nós, mas hoje eu queria falar sobre outra coisa, podemos ir ao meu consultório?

Senti que Enzo estava nervoso ao meu lado, se segurando para não estourar com o médico. Ele era exagerado, mas realmente o doutor Peter se dirigia sempre somente a mim, como se ignorasse a presença do meu marido e, pelo visto, a antipatia era mútua.

— Claro, doutor — falei e imediatamente olhei para o meu marido e disse: — Vamos, amor, o doutor quer falar conosco.

Fiz questão de incluir Enzo na conversa.

Quando chegamos ao consultório, o médico pediu que nos sentássemos, pegou um envelope e, em seguida, começou a falar:

— O resultado do seu exame de sangue saiu e acusou algumas alterações. A má notícia é que você está com anemia e, agora mais do que nunca, vai precisar repor algumas vitaminas e se alimentar com qualidade. A boa notícia é que vocês vão ter um bebê. Você está grávida de aproximadamente 8 semanas, Lili.

Ele falou tudo rápido, sem pausas, de forma que eu mal consegui assimilar aquelas informações.

— O quê? — Enzo e eu perguntamos em uníssono.

Olhei para meu marido e ele não tinha uma gota de sangue no rosto.

— Doutor, eu tomo anticoncepcional regularmente, como isso é possível?

— Nenhum método é 100% eficaz, Lili. Além disso, existem vários fatores que influenciam na eficácia da pílula como, por exemplo, esquecer de tomar algum dia ou tomar em horários muito diferentes. Às vezes, por interação medicamentosa, algumas substâncias atrapalham a eficácia do anticoncepcional.

— Eu sempre tomo na hora certa e não esqueço, coloco meu celular para despertar, como pode?

— Não é comum, mas o método falha.

Eu estava atônita e reflexiva, não conseguia nem raciocinar direito. Então olhei para Enzo e ele nem piscava, parecia em choque. Neste momento, uma lembrança me surgiu. *A infecção urinária*. Eu precisei tomar remédio para tratá-la, será que foi isso? *Putá merda, que falta de sorte!*

— Doutor, eu tive uma infecção urinária e fiz uso de antibiótico, será que pode ter sido isso?

— As chances não são muitas, mas parece que vocês foram contemplados. Parabéns!

Eu estava chocada, mas o que eu via no semblante do meu marido me preocupava, ele parecia nem respirar.

— Enzo, fala alguma coisa!

Só então ele me olhou e abriu a boca umas duas vezes, sem dizer uma palavra, antes de enfim conseguir falar:

— Eu não sei o que dizer, Lili. Eu vou ser pai, fudeu!

Enzo era inacreditável! De tantas coisas que poderia dizer, ele resolveu xingar na frente do médico. Antes que ele me envergonhasse mais, levantei, despedi-me do doutor Peter e saí do consultório. Enzo me acompanhou sem dizer uma palavra.

Fomos para o carro em silêncio, pois nenhum de nós esperava por uma notícia dessa. Há pouco tempo, eu não esperava nem me casar, agora eu simplesmente iria ser mãe e não estava pronta para isso. *Que Deus me ajude!*

Enzo

Minha ficha ainda não tinha caído. Era surreal demais pensar que eu ia ser pai. Eu não sei cuidar nem de mim, tenho medo todos os dias de fazer alguma merda e perder a Lili, agora eu ia ser responsável por uma criança. Eu estava muito fodido e, com certeza, nem um pouco preparado.

Saímos do hospital e quando paramos em um restaurante para almoçar, percebi que Lili, assim como eu, estava muito assustada. Minha mulher estava calada, com o pensamento distante.

— Lili, você está bem? Está sentindo alguma coisa?

— Estou bem, pelo menos fisicamente, mas ainda estou assimilando tudo o que acabei de ouvir.

Queria muito confortá-la, mas eu também estava precisando assimilar a notícia. Eu não sabia o que dizer ou como agir, então apenas puxei minha cadeira para perto dela, abracei-a, dei um beijo em sua cabeça e falei para ficar calma que íamos dar um jeito.

Saímos do restaurante e, no caminho para a casa do Bernardo, olhei para Lili e ela estava muita pálida novamente. Antes de eu conseguir perguntar se ela estava passando mal, minha mulher gritou desesperada.

— Enzo, para esse carro agora!

— O que foi? O que aconteceu?

— Para logo ou eu vou vomitar ele todo.

Porra! Parei apressado no acostamento, ela abriu a porta do carro e colocou tudo para fora. Eu me inclinei no banco e segurei o seu cabelo. Quando ela terminou, peguei uma garrafinha com água que tinha comprado mais cedo e dei para ela lavar a boca e depois se hidratar.

Lili me encarou com os olhos perdidos, cheio de lágrimas.

— E eu achando que era apenas nervoso — ela disse para mim.

Em seguida, minha esposa olhou para baixo, em direção ao seu corpo, colocou a mão sobre a barriga ainda plana e falou:

— Então era você, seu sapequinha? Já vi que vai me dar trabalho igual ao seu pai.

Eu ri e quase quis chorar também, porque era estranho escutá-la falando de mim como pai, mas eu teria que me acostumar com essa novidade.

Quando chegamos na casa de Bernardo, fomos recebidos por Elisabete,

mas, inicialmente, não falamos nada sobre a gravidez. Lili não estava se sentindo muito bem e disse que ia deitar, então fui para o quarto com ela. Em poucos minutos, ela apagou. Fiquei ao lado dela na cama trabalhando — eu estava todo enrolado, cheio de trabalho acumulado —. Quando ela acordasse, conversaríamos sobre a transferência da mãe dela e a nossa volta para a Itália.

Meu telefone tocou, era Matheo. Saí do quarto para atender, pois não queria acordar Lili.

— Fala, cara, como estão as coisas por aí? — perguntei ao meu irmão.

— *Foda! Está muito cansativo, nem eu estou me aguentando, imagina a Melissa. Já faz quase uma semana que chego em casa e Pietro e Mia já estão dormindo; quando saio no outro dia ainda não acordaram. Eu praticamente não tenho visto meus filhos e isso é o que mais está me incomodando — ele desabafou. — E por aí, como estão as coisas?*

— Sinto muito, irmão. Você já deve saber que minha sogra acordou. Eu vou providenciar a transferência dela para a Itália o mais rápido possível.

— *Faça isso, Enzo. Está foda para o meu lado. E como está a maluca?*

— Ela está bem... Eu acho.

— *Aconteceu alguma coisa, Enzo? Você está estranho.*

— É que... Eu vou ser pai. A Lili está grávida, irmão!

— *Devo te dar os parabéns? Você não me parece feliz.*

— Não é isso. É que...

— *Você está com medo de ser uma merda de pai.*

— Por aí. Você também sentiu isso?

— *Claro que senti. Na verdade, eu sinto até hoje, não só medo de falhar como pai, mas também pavor de que algo aconteça a eles. Tenho medo que alguém os machuque ou que fiquem doentes. Quando eles foram sequestrados aquela vez, eu morri mil vezes, não gosto nem de lembrar! Também tenho medo de quando eu precisar iniciar o Pietro, porque não quero que outra pessoa toque no meu filho, mas também não sei se vou ser capaz de fazer com ele o que é preciso. É medo o tempo todo. E eu só descobri como era sentir medo quando Melissa ficou grávida.*

Eu ouvia atentamente, surpreendendo-me com as palavras do Matheo.

— *Mas, Enzo, ser pai vai muito além do medo. Quando você olha para sua criação, quando você pega pela primeira vez nos braços aquele pedaço de gente, tão pequeno e frágil, tão dependente de você, o mundo começa a fazer mais sentido. Você começa a se preocupar mais em voltar para casa todos os dias vivo, você descobre que é capaz de amar alguém mais do que a si mesmo,*

irmão. Então você descobre que todos os medos compensam. E não precisa se preocupar, porque o seu filho te ensina a ser pai.

— Que bonito isso, Matheo.

— Agora vamos parar com o drama. Volta logo que preciso de você aqui.

E sem sequer dar tchau — típico do meu irmão —, ele desligou. Eu ri, pois já me acostumei com esse jeito dele.

Quando voltei para o quarto, Lili ainda dormia. Olhei para ela e sorri admirando a mulher linda que eu tinha ao meu lado. Não resisti, fui até a cama e dei um beijinho na barriguinha dela, porque meu filho estava morando ali agora.

Capítulo 24

Acordei, mas fiquei quietinha na cama ainda sonolenta e só abri os olhos quando escutei aquela voz grossa e rouca que eu amava.

— Ei... Acordou, dorminhoca?

— Só minha alma, porque meu corpo ainda está dormindo. Que horas são?

— Cheguei a olhar se você estava respirando, de tanto que dormiu. Já são 18h — Enzo falou rindo e depois completou — Precisamos conversar.

Sentei na cama e olhei pra ele. O Enzo querendo conversar não devia ser coisa boa.

— Pode falar, meu amor.

— O Matheo me ligou, ele está precisando de mim na Itália, porque o trabalho aumentou muito depois da parceria firmada com os colombianos. Fica muito complicado para ele lidar com tudo sozinho, Lili. Nós precisamos voltar, mas eu sei que você não quer ficar longe da sua mãe, então eu pensei que nós poderíamos conversar com o médico e tentar transferi-la para a Itália já agora, porque eu não vou voltar e deixar você aqui. Ainda mais agora que você está grávida, isso não é uma opção.

— E se eles não permitirem a transferência dela?

— A gente redobra a segurança no hospital, contrata uma enfermeira particular, faz o que for preciso para mantê-la segura, mas não me peça para deixar você ficar aqui sozinha, amor, porque isso eu não vou poder fazer. Eu faria qualquer coisa por você, mas ir para Itália e te deixar aqui, eu não posso, principalmente com o seu pai solto por aí e com você esperando nossa criança. Você volta comigo!

— Tudo bem, eu também não quero ficar longe de você.

— Sério? Assim sem fazer birra? Essa gravidez está te deixando mais calminha. Agora estou vendo vantagem! — ele provocou com um sorrisinho no canto da boca.

— Cala essa boca, se não mudo de ideia! — eu disse séria, mas logo depois nós dois rimos. — A verdade é que estou mais sensível, sim. Estou me sentindo vulnerável e isso só melhora quando estou perto de você.

— Tadinha. Vem cá, vem.

Enzo se aproximou de mim, puxou-me para o colo dele e me deu um

beijo carinhoso, cheio de significados. Depois que os beijos ficaram mais urgentes, ele me deitou na cama e veio por cima de mim, sem cessar o contato dos nossos lábios.

Meu marido tirou minha blusa e olhou para os meus seios — eu já estava sem sutiã — como se fosse a comida mais succulenta do mundo.

— Como eu não percebi antes... eles estão enormes, só de olhar me dá água na boca. Nosso bebê vai ter que dividir comigo, é meu também!

Eu ri, mas logo parei quando senti a boca dele no meu seio. Eles estavam mais sensíveis, porém ter o seu toque me proporcionava uma sensação deliciosa. Ele chupava e lambia com suavidade, me deixando louca, em seguida foi descendo pelo meu corpo deixando um rastro de beijos. Ao chegar à minha barriga, meu marido parou, olhou para ela e sussurrou:

— Desculpa, filhão, mas o papai vai te dar umas cutucadas.

Eu tive que rir, Enzo não existe.

Parei de rir quando ele começou a descer ainda mais os beijos e chegou à minha vagina. Na primeira vez que ele passou a língua, eu já fui ao céu e voltei. *Meu Deus, como eu estava sensível.* Enzo tinha a língua dos céus; ele me chupava, lambia e chupava novamente, era uma tortura deliciosa!

Quando ele, de repente, enfiou um dedo no meu ânus, pensei que ia morrer de tanto tesão. Eu gemia, arqueava e contorcia meu corpo e Enzo não parava. Na verdade, ele só parou quando eu gozei violentamente, tremendo meu corpo inteiro. Ele me beijou novamente, com o meu gosto em sua boca. Ainda me beijando, ele posicionou o pau na minha entrada e entrou de uma vez só.

— Eu queria pegar leve, porque você está carregando meu bebê, mas você é a tentação em forma de mulher, então fica difícil.

— E quem disse que eu quero que você pegue leve? Eu quero que você me foda forte!

Ele respirou fundo depois disso e começou a estocar forte e rápido. Eu, é claro, fui à loucura. Meu marido metia e eu pedia mais e mais... Eu estava tão molhada que podia ouvir o barulho dele entrando e saindo, logo senti outro orgasmo vindo e gozei outra vez. Senti Enzo ficar parado, esperando eu me recuperar; ele apenas me beijava e eu sentia o seu pau pulsando dentro de mim.

— Fica difícil segurar quando a sua boceta aperta meu pau, desse jeito, com você gozando.

Ele me colocou de quatro e começou a meter com vontade, até que não aguentou mais e se entregou, gozando tudo dentro de mim. Em seguida, nossos corpos suados caíram na cama, totalmente saciados.

Enzo

Cochilamos depois do sexo, saciados de prazer e amor.

Acordei, horas depois, com uma sensação diferente e gostosa, quando olhei para baixo, ainda sonolento, Lili estava me chupando. *Porra! Essa mulher ia me matar, ela estava ainda mais insaciável.*

Minha mulher me chupou, incansavelmente, até que eu não aguentei, explodi na boca dela e a safada engoliu tudo.

— Porra, bem que dizem que as grávidas ficam mais safadas.

— São os hormônios.

— Você está cheia do hormônio da sacanagem, né, minha gostosa? Estou feito!

Ela riu e aquele, com certeza, era o sorriso mais lindo do mundo.

Quando eu ia segurá-la para retribuir, ela escapuliu e saiu da cama.

— Agora não, amor. Vamos descer para jantar, estou morrendo de fome.

Tomamos banho rápido, descemos e jantamos com Bernardo e Elisabete. Enquanto comíamos, Lili contou a eles sobre a gravidez e ambos nos parabenizaram e demonstraram estar muito felizes.

Depois do jantar e de conversarmos um pouco com os sogros do meu irmão, nós subimos para o quarto, onde Lili voltou a dormir e eu fui trabalhar. Fiquei até tarde no *notebook*, mas eu não aguentava mais essa rotina. Estava cansado pra caralho, precisava voltar logo para a Itália.



No dia seguinte, fomos para o hospital assim que acordamos. Conversamos com o doutor pau no cu e ele pediu pelo menos mais 10 dias com minha sogra ali, antes da transferência. Na mesma hora, Lili começou a chorar — essa gravidez estava deixando-a definitivamente mais sensível.

Eu estava perdido, porque não suporto vê-la assim, então vai ser foda lidar com toda essa sensibilidade. Não estou acostumado com essa Lili sensível e vê-la chorar me quebra, mas sobre isso, eu não vou ceder e não vou deixá-la aqui, enquanto eu volto para a Itália. Estou pronto para realizar toda e qualquer vontade da minha mulher, mas isso eu não faria por ela.

Liliane entrou na UTI e, desta vez, o médico liberou que eu entrasse

também. Conversamos com minha sogra, explicamos tudo e ela concordou em ir para a Itália em 10 dias. Por fim, Lili contou à mãe que estava grávida. Ela começou a chorar e, claro, Lili chorou também.

Além dos soldados de Bernardo, que estavam no hospital fazendo a segurança da minha sogra, eu deixei três dos meus soldados lá também.

Chegamos na Itália já à noite e fomos direto para a cama depois de tomarmos banho, pois ambos estávamos exaustos. Contudo eu não tive nenhuma folga, no dia seguinte acordei cedo para ir trabalhar e deixei a Lili apagada na cama. Ela ainda devia estar exausta, pois a beijei e ela nem se mexeu.

Capítulo 25

Precisei fazer um esforço imenso para sair da cama no dia seguinte. Estava com tanto sono e preguiça que nem vi o Enzo sair para ir trabalhar, acho que só acordei agora porque meu estômago roncou... Eu estava morrendo de fome.

Depois de tomar banho, liguei para o hospital para obter notícias da minha mãe e, graças a Deus, estava tudo bem. Minutos depois, desci para comer e quase levei um susto quando vi a dona Beatriz na cozinha, mexendo nos armários.

— Bom dia! Não sabia que a senhora viria hoje.

— Bom dia, minha querida! O senhor Enzo me ligou e pediu que, a partir de agora, eu venha todos os dias, pois a senhora não pode fazer esforço, já que vão ter um bebê. A propósito, meus parabéns.

— Obrigada, dona Beatriz, mas é exagero do Enzo, porque não estou inválida, mas vai ser bom ter sua companhia.

— Obrigada, senhora.

— Não me chame de senhora, só Lili, por favor.

Sorri para ela e tomei meu café, depois resolvi subir e me trocar para fazer uma caminhada. Eu precisava me exercitar ou ficaria gordinha.

Fui caminhar pelo complexo mesmo. Primeiro porque era imenso — depois das casas, ainda tinha muita área verde, perfeito para uma corridinha — e segundo porque Enzo não ia querer que eu saísse dali.

Eu estava caminhando distraída e me assustei com um latido. De repente, um cachorro branco veio correndo na minha direção e começou a pular em mim, como se me conhecesse. Ele era muito fofo, então peguei-o no colo e conversei com ele:

— Oi, amiguinho! Você está bem tratado, com certeza tem dono, como veio parar aqui? Bom, acho que vou ficar com você até seu dono aparecer, mas tomara que nunca apareça!

Como resposta recebi várias lambidas. *Ele também me queria*, pensei. Agora preciso escolher um nome para ele.

Voltei para casa levando meu doguinho. Alessandro me acompanhava de longe e percebi quando balançou a cabeça de forma negativa quando viu o cachorro em meus braços, como se não aprovasse eu levá-lo. *Não estou nem aí!*

Agora estou grávida e não posso ser contrariada, ninguém vai ousar mexer comigo, então meu doguinho fica!

Enzo

Cheguei em casa à noite e me deparei com uma cena que achei bonitinha: Lili estava se olhando no espelho, com a mão na barriguinha, ainda praticamente inexistente. Entrei no quarto e a beijei, depois abaixei e beijei a barriga dela, dando um “oi” para o meu filho.

— Oi, filhote, papai chegou!

Quando levantei, vi que ela sorria toda derretida. Comecei a perceber que a Lili sempre foi uma menina sensível e delicada, que se derrete com carinho e declarações de amor, ela apenas fingia que não se importava com nada disso, porque, na verdade, nunca teve. Quem não se importa, não sofre.

Pensando nisso, eu decidi mimá-la tanto quanto eu puder. Aproximei-me para beijá-la novamente, mas levei um susto com um latido fino e alto que vinha do corredor. Quando olhei para a porta do quarto, um cachorro vinha correndo em nossa direção.

— Que porra é essa, Lili? De onde saiu esse cachorro?

Ainda por cima, o pestinha começou a puxar a barra da minha calça como se quisesse me afastar de Lili. *Era só o que me faltava.*

— Alcapone, não! Esse é seu papai, você não pode mordê-lo.

— Eu não sou pai de cachorro, Liliane. Meu filho ainda não nasceu. E que porra de nome é esse?

— Achei que esse nome combinava com a nossa família, ué.

— Lili, onde você arrumou esse cachorro?

— Então... Eu fui caminhar aqui no complexo hoje cedo e ele veio correndo até mim. Na verdade, foi ele quem me achou, Enzo. O bichinho precisa de alguém para cuidar dele até os donos aparecerem. Veja, ele está bem cuidado, com certeza tem um dono. Podemos ficar com ele até o dono aparecer, por favorzinho? Olha a carinha dele.

O cachorro olhava de Lili para mim, com a boca aberta e a língua do lado de fora. *Sempre me perguntei se os cachorros sorriem, como as pessoas falam.* Espantei aquele pensamento e respondi à Lili:

— Para mim, ele tem cara de atentado. E não, Lili, não acho uma boa ideia. É melhor levarmos ele para algum *petshop*, até os donos aparecerem.

— Ai, amor... — ela gemeu e se aproximou de mim.

— O que houve, meu amor?

— Acho que minha pressão baixou, estou ficando tonta. Não estou me sentindo bem.

— Calma! Vem, senta aqui na cama.

— Eu não posso ficar nervosa, faz mal para o bebê. Como posso abandonar esse lindo doguinho, sozinho em um *petshop*? Só de pensar, aperta meu coração e não posso me aborrecer.

— Tá bom, Lili, você venceu, mas só até o dono dele aparecer.

Ela pulou no meu colo me beijando. *Incrível como ficou boa rapidinho.* Eu estava ferrado com essa mulher nos próximos meses.

— Mas não quero ele aqui no quarto e nem em cima de mim. Ah... e se esse “doguinho” destruir alguma coisa na casa, ele vai embora na mesma hora.

— Tá bom, obrigada, amor! Alcapone e eu amamos você.

— Seeeei... Você é muito espertinha e eu estou ferrado com você.

— Vem cá, vem, que eu vou te agradecer de uma maneira muito melhor.

Minha mulher desceu da cama, onde estava sentada ao meu lado, se ajoelhou na minha frente, abriu meu zíper para tirar meu pau da calça e começou a me chupar... *Porra! Desse jeito, eu deixo ela ter um zoológico em casa.*

Capítulo 26

Acordei e, no segundo em que abri os olhos, só tive tempo de chegar até o vaso e colocar todo o meu jantar para fora.

Enzo estava tomando banho, levou um susto e saiu nu e molhado do boxe, para me ajudar.

— Porra, Lili, você tem que ver isso! Você está vomitando demais e não deve ser normal. Já marcou a consulta?

— Já. Melissa marcou um médico para amanhã, até esqueci de te falar.

— Bom. É mulher, né?

— É, Enzo. Jesus, quando você ficou tão ciumento assim?

— Não é ciúme... é proteção. Qual é o horário da consulta?

— 8h da manhã.

— Tudo bem, estaremos lá.

Enzo

Chegamos na clínica às 8 horas da manhã, bem em cima da hora da consulta, pois tivemos que parar no caminho para Lili vomitar. Essa situação já estava me deixando agoniado.

A médica dela era a mesma que fez o parto dos gêmeos, a doutora Helena, e isso me deixou um pouco mais aliviado.

Quando entramos no consultório, ela nos cumprimentou e pediu que nos sentássemos. A médica fez algumas perguntas a Lili, depois falou que a pressão dela — que já tinha sido aferida pela enfermeira — estava boa, assim como o peso, que também estava normal. Além disso, ela receitou algumas vitaminas e nos tranquilizou de que os enjoos, mesmo frequentes, eram super normais e, provavelmente, melhorariam no fim do primeiro trimestre.

Alguns minutos depois, a médica nos encaminhou para a sala ao lado, onde seria feito o exame de ultrassonografia.

Doutora Helena pediu para a Lili deitar na maca, passou uma gosma na barriga dela e veio com um aparelho para começar o exame. Não aguentei a ansiedade e perguntei:

— Doutora, já vamos saber hoje o sexo do bebê?

— Ainda está um pouco cedo, Enzo, talvez na próxima ultrassom. Vamos ver há quanto tempo exatamente sua esposa está grávida.

Ela começou a passar o aparelho na barriga da Lili e, quando apareceu uma mancha preta, disse que era nosso filho.

Eu não estava enxergando muita coisa, mas ela mexeu nos botões da máquina e, logo em seguida, surgiu um som alto e rápido. Ela sorriu para nós e explicou:

— Ouçam, essas são as batidas do coração do bebê de vocês, forte como um touro.

Acho que, naquele momento, meu coração estava tão acelerado quanto o do bebê. Era indescritível a emoção de escutar aquele som e saber que era meu, que eu o fiz, com uma pequena participação da Lili, é claro. Era mágico!

Saímos do consultório e fomos direto para casa, onde deixei Lili em segurança e fui trabalhar. Cheguei na empresa e fui correndo na sala de Matheo, estava ansioso para conversar com meu irmão. Entrei sem bater e ele me olhou com a cara feia que sempre fazia quando eu não batia, mas eu não me importei.

— Cara, eu ouvi o coraçãozinho do meu bebê e foi incrível, você nem imagina. Quer dizer, você imagina, sim, até porque no seu caso, ainda eram dois. O meu é um só, mas foi incrível, irmão.

Matheo olhou para mim com um grande sorriso — raro, por sinal —, pois sabia qual era a sensação.

— Eu sei, é maravilhoso. Espera até ele mexer na sua mão para você ver o que é incrível.



O dia passou rápido. Tive muito trabalho, não parei um minuto e estava doido para voltar para casa. Já tinha ligado para dona Beatriz, porque a Lili não atendeu o celular e ela me disse que ela estava dormindo. Depois minha mulher me retornou a ligação e disse que estava passeando pelo complexo com o Alcapone — ela tinha se apegado tanto a esse cachorro que, se eu bem conheço a minha mulher, nunca mais ia querer devolvê-lo.

Por telefone, ela me pediu para levar alguma coisa gostosa para comer. Então, quando saí da empresa, passei em uma padaria e comprei o tiramisù — doce que ela mais amava.

Lili estava muito sensível e cheia de dengo desde que soube que estava grávida, e eu ia fazer todas as vontades dela. Quando eu lembrava o que ela tinha passado nas mãos do pai e todas aquelas marcas em seu corpo, meu sangue fervia de ódio e eu tinha vontade de me jogar aos pés dela para que soubesse o quanto era amada e que nunca mais sofreria abuso daquele filho da puta.

Quando entrei em casa, me assustei com a cena: Lili estava chorando e comendo no sofá, cheia de comida à sua volta e com o Alcapone encolhido perto dela.

— Lili, por que você está chorando? Aconteceu alguma coisa?

— Aconteceu, Enzo... Aconteceu que eu não consigo parar de comer. Estou com vontade de comer todas as porcarias do mundo e o pior é que, na maioria das vezes, depois de um tempo que eu comi, eu vomito tudo e logo depois quero comer novamente. Daqui a pouco eu vou estar uma bola, de tão gorda, e você nem vai mais sentir tesão por mim. Mas eu juro, amor, eu vou parar de comer. Aliás, já parei.

Ela falava e soluçava de tanto chorar, eu estava pasmo com a cena. Que hormônios são esses, que estão deixando minha mulher descontrolada desse jeito? Eu só sabia dos da sacanagem.

A minha primeira reação foi rir, mas depois ela me lançou um olhar mortal, então eu resolvi parar de rir e consolar minha mulher. Sentei ao lado dela no sofá e puxei-a para o meu colo antes de falar:

— Em primeiro lugar, meu tesão por você é infinito, não vai acabar nunca. Segundo, você não vai ficar gordinha, só barrigudinha, porque você tá carregando meu filhote aí. Além do mais, se você ficar cheinha, depois que nosso filho nascer, a gente malha junto e você vai ficar sarada outra vez. Já ouviu falar que sexo queima muitas calorias? Poderíamos fazer uma maratona. — Ofereci a ela o meu sorriso mais sacana. — Em terceiro lugar, é normal sentir desejos na gravidez e eu vou realizar todos eles com prazer, porque eu te amo e porque é minha obrigação, já que fui eu que coloquei um filho aí dentro de você.

Ela me olhou, deu um último soluço e depois riu lindamente, o sorriso que eu tanto amava.

— Você é tão bom pra mim, Enzo. Eu te amo! O que tem aí na sua mão? O que você trouxe pra mim?

Eu dei uma gargalhada.

— Ué, você não disse que já tinha parado de comer?

— Ah, cala essa boca! Eu estou grávida e não posso ser contrariada, então fala logo, o que tem aí de bom?

— Adivinha? O que minha gostosa mais gosta?

— Não, eu não acredito! Tiramisù?

— Isso mesmo!

Sem esperar, ela puxou o pacote da minha mão, rasgou a embalagem de papel, olhou o que tinha dentro e seus olhos brilharam. Ela me encheu de beijos agradecendo, depois me olhou com cara de sonsa e disse:

— Amor, tem mais uma coisinha, mas foi um acidente, ele não teve culpa!

— O que foi, Lili?

— O Alcapone comeu um dos seus sapatos, mas nós já tivemos uma conversa e eu falei que ele não pode comer os sapatos do papai. Ele ficou muito arrependido, amor. Não vai fazer outra vez, eu vi isso na carinha dele.

— Porra, Lili, meu sapato? Esse bicho não é meu filho. Já te avisei, mais uma dessa e este cachorro vai embora. Tira ele de cima do sofá! Agora, vamos subir que eu vou te mostrar o tamanho do meu tesão por você de um jeito que você nunca mais vai duvidar. Mas larga este cachorro aí!

E eu mostrei!

Capítulo 27

Um mês já havia se passado desde que voltei de Nova Iorque.

Dez dias depois que voltei para casa, minha mãe foi transferida para cá. Tio Bernardo e tia Elisabete vieram com ela e aproveitaram para passar uma semana na casa de Melissa. Meu tio explicou ao Enzo que ninguém havia encontrado meu pai ainda e que, sendo o covarde que ele era, provavelmente fugiu com medo das consequências, caso minha mãe acordasse e contasse o que ele fez. Foi exatamente o que dona Carmem fez assim que pôde respirar sem os aparelhos, relatou tudo o que havia acontecido. *Finalmente, ela não iria perdô-lo.* Minha mãe estava disposta a falar todos os abusos que sofreu e fazer o Álvaro pagar pelos seus crimes. Ela já se convenceu de que ele nunca vai mudar, porque ele simplesmente não tem caráter e honra.

Ela contou que, depois que veio para o meu casamento e voltou para casa, as coisas só pioraram. Meu pai estava muito mais agressivo e batia nela todos os dias. Um dia ele chegou muito bêbado, mais agressivo que o normal e falou que tinha cansado dela, que a mataria e faria parecer que foi um acidente. Então, ele a agrediu, empurrou-a do segundo andar e, depois disso, ela não lembra de mais nada, não lembra nem de como chegou ao hospital. Tio Bernardo contou que ligou para o meu pai naquela noite e ele estava muito nervoso, dizendo que tinha chegado em casa e encontrado minha mãe desacordada, mas que já tinha chamado a ambulância para levá-la ao hospital.

Ele fez todo esse teatro achando que ela iria morrer, para então encenar o papel de viúvo triste e se isentar da culpa. Como ele mesmo disse, faria parecer um acidente. *Não para mim, que jamais cairia nesse papo furado!*

Minha mãe ficou mais dez dias internada no hospital daqui e, quando teve alta, veio direto para o complexo.

Enzo designou um soldado só para ela e a casa que ela está morando, assim como todas do complexo, é vigiada 24 horas por dia. Também contratamos uma enfermeira particular para ficar à disposição, pois apesar de eu mesma querer cuidar dela, Enzo insistiu que eu não deveria fazer muito esforço por causa do bebê.

Eu estava com um pouco mais de três meses e minha barriga já começava a aparecer. Enzo a beijava todos os dias — quando saía e quando chegava —, e conversava com o filho. A cada dia eu me derretia mais pelo meu marido.

Naquele dia que ele chegou em casa com um tiramisù para mim, eu

contei a ele que, quando era criança, ficava encantada que o tio Bernardo trazia doces para Melissa todos os dias e a enchia de mimos. Nunca tive isso do meu pai. Eu achava lindo o modo como minha amiga era tratada como uma princesa, por outro lado eu nem carinho tinha do meu pai.

A partir desse dia, o Enzo nunca mais chegou em casa sem doces para mim, cada dia trazia um diferente ou até mais de um. Eu adorava o mimo, embora ficasse preocupada com meu peso, mas na consulta de três meses, surpreendentemente, eu só tinha engordado mais 1kg — estava no padrão. Com tantos doces, achei que engordaria muito mais, mas eu ainda vomitava muito também. Apesar de não ter engordado muito, a doutora me advertiu sobre a quantidade de açúcar e o risco de uma diabetes gestacional. Então Enzo passou a trazer apenas um doce por dia.

Deus era tão bom comigo. Enzo não podia ser um marido melhor, pois tudo de ruim que eu já passei ficou totalmente esquecido e insignificante diante da felicidade que eu vivo hoje.

Depois que meu marido ia trabalhar, eu passava boa parte do meu dia na companhia de Alcapone e minha mãe. Às vezes, Melissa se juntava a nós com os gêmeos; e meus sogros voltaram para a Itália e ficariam até depois do bebê nascer.

Minha sogra, como sempre, estava eufórica planejando as comemorações, mas desta vez não seria um chá de bebê. Eu optei por algo que estava super na moda e decidi que faríamos um chá de revelação, ou seja, apenas durante o chá, descobriríamos o sexo do bebê.

Eu estava ansiosa para saber o sexo do nosso filho, mas Enzo me superava, ele já tinha ultrapassado todos os níveis de ansiedade.

Ele dizia que não tinha preferência, que apenas queria que viesse saudável. Eu lembro que, quando Melissa ficou grávida, ele torcia por um menino, mas ele disse que, quando é nosso filho, é diferente, pois a gente só quer que venha com saúde. Eu também penso assim, mas confesso que ficaria feliz com uma menininha para fazer de boneca.

Alcapone é meu amigo inseparável. Todas as tardes passeamos pelo complexo, os gêmeos também o amam e agora estão perturbando Matheo, pois também querem um cachorro. Meu cunhado estava enrolando, tentando ganhar tempo para eles esquecerem isso, mas eu os lembrava todos os dias e os ensinava como deviam pedir para conseguir dobrar o Matheo.

Melissa só ria e dizia que eu não prestava.

Minha mãe estava cada dia melhor.

E eu... Eu não poderia estar mais feliz com a minha vida.



Os dias estavam passando rápido e hoje era minha consulta onde, possivelmente, saberíamos o sexo do bebê. Minha sogra estava conosco e a doutora contaria só para ela, assim, o resto de nós só ficaria sabendo no domingo, durante o chá de revelação.

Tenho certeza de que Enzo tentaria fazer chantagem emocional com a mãe para saber antes, mas ela não contaria, pois era a mais empolgada com a ideia de fazer surpresa.

Queria que minha mãe também viesse ver o bebê, mas ela ainda não foi liberada pelo médico para sair de casa.

Quando chegamos ao consultório e começamos o exame, o bebê estava com as perninhas fechadas, mas depois de muita insistência da doutora mexendo na minha barriga, o bebê abriu as perninhas e foi possível ver o sexo. Eu quase desisti do chá, porque queria muito saber, mas me controlei, pois seria emocionante descobrir na hora da festa.

Desta vez, não seria uma festa tão grande como o chá dos gêmeos, pois optamos por algo mais íntimo.

Enzo

Acordei no sábado e deixei a Lili na cama dormindo. Ela passou a dormir para caramba depois que descobriu a gravidez. Como a dona Beatriz não vinha hoje, então desci e fui fazer pelo menos um café.

Estava distraído pensando em nada, quando senti alguém me olhando. Olhei para o lado, vi que era o Alcapone e tentei não dar confiança, mas ele começou a latir escandalosamente e ia acabar acordando Lili. Corri até ele, peguei-o no colo e o levei para fora.

— Pronto, agora faz logo cocô aí. Só pode ser dor de barriga para você estar com essa cara estranha — falei para o cachorro.

Ele continuou me olhando e latindo, eu não sabia o que era. *Será que era fome?*

Levei-o para a área e o coloquei perto do pote de comida que já estava cheio, mas ele continuou me olhando e latindo.

— Cala essa boca, cara, assim vai acordar sua mãe. Quer dizer, ela não é sua mãe, mas ela fala isso. Fica quieto, vai acordar sua dona!

Ele continuou latindo, depois foi andando para o canto da área e voltou com a coleira na boca e me entregou.

— Nossa, você é esperto. Agora entendi, você quer passear. Desculpe, cara, não vai rolar. Não vou sair com você para passear.

Ele ignorou minha recusa e continuou latindo. *Filho da mãe, já tinha aprendido muita coisa com a Lili!*

— Fica aqui, eu vou lá dentro trocar de roupa. Vou aproveitar para dar uma corridinha também. Não late. Espera!

E como se me entendesse, o ser estranho que a Lili chamava de cachorro, ficou quietinho me esperando. Voltei, minutos depois, já com minhas roupas de correr e levei o espertinho para passear.

Quando cheguei da corrida com Alcapone, Lili ainda estava dormindo, então fui direto tomar banho e o cachorro foi atrás de mim. *Só me faltava essa agora, ele ficar me seguindo.* Saí do boxe e lá estava ele, sentado à minha espera. *Pelo menos tinha parado de latir, pensei.*

Esse cachorro tem uma cara estranha, eu não confio nele.

Capítulo 28

Senti beijinhos nas minhas costas e acordei.

— Acorda, dorminhoca! Já está quase na hora do almoço e minha mãe está nos esperando para comer. Vamos todos almoçar com ela hoje, inclusive sua mãe.

— Se você continuar me beijando assim, vai ficar difícil sair da cama.

— Só vou parar porque já estão todos nos esperando.

— Que horas são?

— Meio-dia.

— Minha nossa, nunca dormi tanto. Você está esgotando minhas energias, marido!

Levantei da cama e corri para o banheiro. Não queria deixar todo mundo me esperando e também estava morrendo de fome, pois tinha ido dormir muito tarde essa noite. Como diz Enzo: meus hormônios da sacanagem estão impossíveis, tenho estado insaciável.



No dia seguinte, acordei sorridente, pois era o grande dia: iríamos saber se nosso bebê era menino ou menina. A ansiedade me consumiu tanto que acabei acordando cedo demais.

Desci e fiz o café, pois dona Beatriz não vinha nos fins de semana. Quando terminei, fui acordar o Enzo, porque não queria desfrutar daquela ansiedade sozinha. Alcapone já estava atrás de mim quando entrei no quarto.

— Amor, acorda! — Toquei de leve o braço do meu marido, mas ele nem se mexeu. — Acorda, Enzo! — Sacudi um pouco mais. — O que acha de escolhermos os nomes?

— O quê? Que horas são?

— 7h40. Acorda, vamos escolher os nomes!

— Porra, Lili! Desde quando você madruga em pleno domingo?

— Desde que é O domingo. É hoje que vou saber se meu filhote é ele ou ela.

Nesse momento, Enzo sorriu, ainda de olhos fechados e cheio de

preguiça. Então eu continuei a falar:

— O que você acha de Kiara?

— Não gosto, acho feio. — Enzo nem hesitou.

— Feio nada, mas tudo bem... e Paola?

— Não, é feio também!

— Assim fica difícil. Já sei... Nina! O que você acha de Nina?

— Nina eu gostei, é delicado.

Bati palmas alegre, porque eu adorava esse nome.

— Então está decidido. Se for menina, será Nina.

— E se for menino, eu queria Lorenzo. Eu ia me chamar Lorenzo, pois era o nome do meu avô, mas na última hora meu pai resolveu mudar para Enzo. Minha mãe ficou muito chateada com ele na época, eu também preferia Lorenzo.

— Pois eu amo Enzo e amo você. Mas eu gosto de Lorenzo também. Então está decidido, Nina ou Lorenzo.



O jantar do chá de revelação estava marcado para às 19h. Seria uma celebração só para os mais íntimos.

Além dos meus sogros, minha mãe, Melissa, Matheo e os gêmeos, só estariam no chá o Vincenzo — que é o consigliere de Matheo —, sua esposa Alessia, e a irmã da minha sogra, Pérola — que é a mãe de Lucca. Ela estaria sozinha, pois seu esposo já era falecido e Lucca não foi convidado, claro.

Quando Enzo e eu passamos pela porta da casa da minha sogra, todos já estavam lá e, um a um, vieram nos cumprimentar.

Minha sogra tinha preparado, além da mesa de jantar, uma pequena mesa separada para a hora da revelação.

A noite estava muito agradável, as mulheres estavam conversando, sentadas no sofá, e os homens em um canto da sala. Pietro estava no colo do pai e Mia no colo do meu sogro. Os dois conversavam e riam em um clima descontraído. Eu contava para as meninas que já havíamos escolhido os nomes e minha sogra ficou muito feliz em saber que Enzo tinha escolhido o nome do pai dela, caso fosse um menino.

O jantar foi servido às 20h30. A comida estava deliciosa, mas a ansiedade não me deixou comer muito. A cada minuto que nos aproximávamos da revelação eu ficava mais nervosa.

Minha sogra contratou a fotógrafa da família e, depois do jantar, nós tiramos fotos com todos os convidados.

Finalmente, chegou o ponto alto da noite. Minha sogra trouxe um balão cheio de interrogações desenhadas e pendurou em um gancho estrategicamente colocado perto da mesa. Deu-me um palito e pediu que eu furasse para revelar o sexo do bebê.

Enzo e eu fomos até o balão e fizemos uma pequena contagem:

— 3, 2, 1... Já!

E sem mais delongas, eu enfiei o espeto no balão e uma chuva de confetes rosas explodiu pelo ar. Meu marido e eu nos entreolhamos e joguei-me em seus braços, abraçando-o forte. Ele me apertou, levantando-me do chão e a sala explodiu em aplausos.

Eu dei um beijo carinhoso nele, agradecendo-o silenciosamente por ter feito de mim a mulher mais feliz e completa desse mundo. Enzo me deu um lar de verdade, uma vida e o mais importante de tudo, me deu seu coração e o fruto desse amor estava crescendo dentro de mim.

Teríamos uma menina, nossa Nina estava vindo aí!



Acordei de madrugada com a bexiga me matando, então levantei pra fazer xixi e aproveitei para descer e comer sorvete de pistache, que estava desejando.

Quando abri a geladeira, percebi que o pote tinha acabado. *Merda, eu precisava de sorvete de pistache!* Olhei para o relógio do microondas, eram 3h da manhã, nem era tão tarde assim.

Subi as escadas correndo, com Alcapone atrás de mim, e fui pedir socorro para o meu marido.

Enzo

Senti alguém me balançar e escutei falar:

— Amor, acorda!

Não me mexi. Eu estava morto de cansado, só podia ser um sonho.

— Amor, acorda, me ajuda!

Essa última palavra me despertou automaticamente. Sentei na cama no susto, já pegando minha arma na mesinha ao lado da cama.

— Calma! Larga essa coisa, é só um desejo.

Olhei para o lado e Lili estava sentada na cama, vestindo apenas blusa e calcinha, me olhando com olhos arregalados.

— Porra, Lili! Não me acorda falando essas coisas, porque eu me assusto e meu instinto é pegar a arma. O que foi que aconteceu?

— É que eu estou com fome e não consigo mais dormir.

— A geladeira está cheia, por que não fez um lanche?

— É que eu estou com fome de sorvete de pistache e acabou o que tinha em casa.

— Sério isso, Lili? Que horas são?

— Um pouco mais de 3h.

— 3h da manhã? Porra! Aonde eu vou arrumar sorvete de pistache a essa hora?

— Não sei, amor, mas sua filha quer muito.

Respirei fundo e vi que ela me encarava com aquele olhar suplicante que fazia quando queria me dobrar. Como eu poderia negar? *Essas coisas só acontecem comigo*. Não lembro de Matheo falar que Melissa teve algum desejo, ainda mais de madrugada.

— Tá bom, Lili, eu vou atrás do seu sorvete. Fica aqui deitadinha, eu já volto.

Coloquei uma camisa e desci as escadas com uma preguiça do caralho, mas quando cheguei lá embaixo, tive uma ótima ideia.

Voltei ao quarto para pegar meu celular e ela logo me olhou em expectativa, mas expliquei que só tinha ido buscar o aparelho e desci novamente.

Cheguei no térreo, disquei o número da minha salvação e uma voz

sonolenta atendeu.

— Chefe, aconteceu alguma coisa?

— Aconteceu, Alessandro. Minha filha quer sorvete de pistache e você vai ter que ir comprar.

O outro lado da linha ficou em completo silêncio. O homem devia estar chocado com o meu pedido. Confesso que me deu até vontade de rir, mas fiquei quieto esperando a resposta.

— Mas... chefe, são 3h20 da manhã, onde vou arrumar sorvete de pistache?

— Não sei, Alessandro, deve ter em qualquer conveniência de posto de gasolina. Vai logo comprar. Eu vou deixar a porta da sala encostada, não toque a campainha. Estarei na sala esperando e, quando você chegar, eu te dou o dinheiro.

— Tá bom, chefe.

Desliguei o celular e deitei no sofá para esperar. *Sempre soube que eu era um gênio.*

Uns 30 minutos depois, Alessandro entrou na sala com 3 potes de sorvete. Eu apenas olhei para ele e sorri satisfeito.

— Obrigado, cara! Você evitou que minha filha nascesse verde. Está aqui o dinheiro, pode ficar com o troco.

Dei uma nota de cem dólares para ele, fechei a porta de casa, fui até a cozinha para pegar uma colher e subi para o quarto, satisfeito. Quando cheguei lá, Lili estava cochilando, alisei seu rosto delicadamente e ela acordou.

— Aqui o seu sorvete, meu amor. Foi difícil demais para achar, tive que ir em 3 lugares diferentes. Acho até que mereço uma recompensa.

— Obrigada, você é o melhor marido do mundo.

Ela me deu um beijo rápido na boca e correu para abrir a embalagem, mas, ao olhar para o sorvete, fez uma cara muito estranha e me entregou o pote.

— Leva isso daqui, amor, acho que o desejo passou.

— Você só pode estar brincando comigo, Liliane. Vai fazer eu comer todo este sorvete só de raiva? Porque tive que sair às 3h da manhã, caminhando nesse frio, só pra comprá-lo para você e simplesmente você não quer mais?

— É uma boa ideia, dá aqui que vou até dar na sua boquinha pra agradecer pelo seu esforço.

Ela pegou o pote de sorvete da minha mão, encheu uma colher e quis enfiar à força na minha boca, como não afastei os lábios, fez a maior melação no meu rosto. Rindo, ela pediu desculpa, passou o dedo e lambeu um pouco do

sorvete. Depois ela me deu um beijo, limpando o sorvete do meu rosto e disse com cara de safada:

— Huum...acho que você merece mesmo uma recompensa! Enzo e sorvete de pistache são uma ótima combinação. Vem cá, vem!

Ela me puxou para perto, depois me empurrou para eu deitar na cama e fiz o que ela queria. Minha esposa lambeu o restante de pistache que tinha no canto da minha boca, tirou minha camisa e sentou em cima de mim. Em seguida, colocou um pouquinho de sorvete na minha barriga e lambeu... Fiquei todo arrepiado! Ela colocou mais um pouco daquele gelo e lambeu novamente. Eu não imaginei que poderia ficar melhor, até que ela tirou meu pau, já totalmente duro, do *short*, colocou sorvete nele todo e chupou com vontade.

Porra! Era gelado pra caralho, mas era uma delícia aquele contraste: a sensação da língua quente da minha mulher depois do gelado; ela repetiu o processo algumas vezes, me chupando com vontade, como se meu pau fosse a coisa mais succulenta do mundo. Estava gostoso pra caralho e eu não estava mais aguentando, então avisei:

— Eu preciso gozar.

Ela parou de me chupar, olhou para mim com cara de safada e disse:

— Goza, gostoso. Goza tudinho aqui na minha boca.

Porra! Aquele foi o meu fim. Gozei forte na boca dela, ela bebeu até a última gota e, quando fez menção de levantar, segurei seu braço, para deitá-la na cama, e falei:

— Sua vez.

Então, eu me perdi naquele corpo gostoso, dessa vez com um toque de pistache.



Acordei morto de cansaço para ir trabalhar. Dei um beijo em Lili, outro na minha filha e saí para a empresa sem nem tomar café, pois já estava atrasado. Quando cheguei em frente ao prédio, vi Matheo também entrando e fui falar com ele.

— Bom dia, cara.

— Bom dia. Que cara é essa?

— Lili me acordou às 3h da manhã com desejo de sorvete de pistache.

Matheo deu uma gargalhada alta, enquanto entrávamos no elevador privativo, e não perdeu a oportunidade de me zoar.

— Cara, até minha sobrinha nascer, essa mulher vai te deixar maluco.

— Sim, ela vai, mas eu a amo e também as maluquices dela! Alessandro foi comprar, enquanto eu fiquei deitado no sofá da sala esperando, mas claro que ela não sabe disso e o crédito ficou para mim.

— Você é muito cara de pau, Enzo. Seu soldado não foi treinado para isso.

— Ué, mas ele é o segurança dela, então tem que dar até a vida por ela, se for preciso.

— Mas quem fez a filha foi você, a mulher é sua.

— Bom, o importante é que minha mulher satisfez o desejo dela, foda-se o Alessandro, não foi nada demais.

— Quem te viu e quem te vê, Enzo. Caidinho por uma mulher.

— Olha quem fala, você lambe o chão que Melissa pisa, Matheo. Vai dizer que, quando estava grávida, ela não teve nenhum desejo?

— Ah, ela teve! Mas os dela foram muito fáceis e digamos... prazerosos de realizar. Eu não precisava sair de casa, muito pelo contrário. Minha mulher é perfeita em tudo.

— Lili também teve esse desejo, mas foi depois, por isso estou na merda aqui. Fui dormir só às 5h da manhã. Esses hormônios da sacanagem são a melhor parte, mas, porra, a mulher está me sugando, acho que estou até mais magro.

— Está negando fogo, irmão?

— Nunca! — respondi rapidamente para não restar dúvidas. — Estou aproveitando cada minuto, mas dormir um pouco mais seria legal. Minha mulher me acorda no meio da noite quase todos os dias e não posso deixá-la passar vontade, então faz tempo que não durmo uma noite inteira.

— Fica tranquilo, irmão, só piorará quando a neném nascer, aí você não vai dormir por outros motivos. Mas chega de papo e vamos ao trabalho.

Cada um foi para sua sala e mais um dia de trabalho começou.



Alguns meses depois

Acordei de madrugada, fui abraçar Lili e ela não estava na cama. Nem me assustei, porque ela vivia perdendo o sono ultimamente por causa da Nina,

que mexia muito durante a noite. Ela já estava com 7 meses de gestação, indo para o oitavo, e a barriga enorme para o tamanho dela, muito desconfortável, imagino. Acredito que, para as duas, algumas noites eram mais difíceis. Minha mulher não conseguia dormir, então levantava e ia para a sacada do nosso quarto.

Levantei e fui direto para onde já sabia que a encontraria. E ela estava lá, parada na sacada, de camisola, olhando para o jardim, distraída e alisando a barriga.

— Eu já te pedi para colocar um roupão por cima da camisola quando vier para cá. Tenho homens em todos os lugares, Lili. Você não os vê, mas eles te veem, aliás essa é a obrigação deles, então não posso nem reclamar.

— Você me assustou! Não faz um barulho sequer para andar e sempre me assusta. E quem vai estar interessado em olhar para uma grávida gorda como eu?

Lá vamos nós de novo...

Lili adorava fazer drama de que estava gorda, só para ouvir elogios e, claro, eu fazia isso por ela sem nenhum esforço, porque ela realmente estava linda e não gorda e, ainda que estivesse gordinha, eu ia amá-la da mesma maneira.

— Para de besteira que você não está nada gorda. Está muito gostosa com esses peitões e esse bundão grande e gostoso. Olha aqui como você está gorda, sinta. — falei rindo e esfreguei meu pau já duro na bunda da minha mulher.

Lili realmente estava um tesão. Ela tinha ganhado belas curvas e a gente ainda transava praticamente todos os dias. Eu só pegava mais leve porque a Nina ficava super agitada, mexendo na minha mão, e isso me dava nervoso, pois eu tinha receio de que pudesse machucá-la. Então eu ia devagar, mas morria de tesão pela Lili, exatamente ou até mais do que quando a conheci. A barriga não mudava nada, pelo contrário, só aumentava meu instinto de posse, afinal era minha semente que estava ali. Elas eram as minhas meninas.

Lili riu, sentindo meu pau duro, e suspirou.

— Perdeu o sono novamente? — perguntei.

— É, ela não para de chutar, está mais agitada do que o normal hoje e está muito grande, acho que puxará a você na altura. Ela está empurrando minhas costelas e isso dói, às vezes eu fico sem ar deitada, mas a doutora disse que é assim mesmo.

Beijei o pescoço dela com carinho e a abracei. Eu não podia fazer muita coisa, era injusto só ela ter que lidar com todas as dificuldades da gestação.

— Nossa menina será agitada como a mãe!

— O pai não, né?! Você é muito mais elétrico do que eu, Enzo. — Ela me acusou e nós rimos.

— Minha mãe vai com você à consulta amanhã, né?

— Vai sim, já que a minha ainda não pode e também porque adoro minha sogra.

— E ela te adora também. Desculpe não poder ir dessa vez.

— Tudo bem, nem vai ter ultra amanhã.

— Eu sei, se tivesse eu iria de qualquer jeito. Você precisa dormir, quer que eu converse com ela?

— Bom, normalmente ela fica mais agitada ainda quando escuta sua voz, mas podemos tentar — ela falou e virou de frente para mim.

Eu me abaixei, coloquei as duas mãos na barriga dela, dei um beijinho rápido e comecei a conversar com a minha filha.

— Ei, meu amor, é o papai aqui. Você pode me ouvir?

— Uau, acho que agora ela deu uma cambalhota. Jesus, mais um pouco e ela nasce — Lili falou rindo.

— Para de falar besteira, ainda tá cedo. Será que você pode ficar quietinha e me deixar conversar com a minha filha?

— Sim, senhor.

— Bebê, isso não é hora de estar acordada e chutando, assim você não deixa a mamãe dormir. Você tem que dormir para ela dormir também!

Senti ela dar outro chute e depois outro. *É, não estava dando muito certo*, pensei, mas não desisti.

— Ei, amorzinho, ouve o papai. Sei que você está doida para sair daí e ver a cara lindona do seu pai e, acredite, o papai também está doido para te ver, mas ainda não chegou a hora. Então, será que você pode ficar quietinha mais um pouquinho aí dentro e deixar a mamãe e o papai dormirem?

Ela ficou quietinha, mas passados alguns segundos, começou a chutar novamente.

Desisti de falar com ela, puxei Lili para dentro do quarto e fui tentar uma última alternativa. Lili dizia que amava me ouvir tocar e cantar, então talvez nossa filha também gostasse e se acalmasse. Comecei a cantar e tocar para elas a música de uma banda brasileira que eu gostava:

"Um anjo do céu que trouxe pra mim
É a mais bonita, a joia perfeita

Que é pra eu cuidar, que é pra eu amar
Gota cristalina, tem toda inocência

Vem, oh, meu bem
Não chore não, vou cantar pra você
Vem, oh, meu bem
Não chore não, vou cantar pra você

Um anjo do céu
Que me escolheu
Serei o seu porto
Guardião da pureza

Que é pra eu cuidar, que é pra eu amar
Gota cristalina, tem toda inocência

Vem, oh, meu bem
Não chore não, vou cantar pra você
Vem, oh, meu bem
Não chore não, vou cantar pra você..."

Quando terminei de cantar, olhei para Lili e ela sorria, com lágrimas nos olhos.

— Funcionou, meu amor? Ela dormiu?

— Sim, ela ficou quietinha ouvindo o papai cantar.

— Então, vem! Vamos para a cama, pois está na hora da mamãe mais linda do mundo dormir.

Capítulo 29

Acordei cedo, junto com Enzo, pois a consulta era às 08h. Tomamos banho juntos e descemos para tomar café — dona Beatriz já tinha posto a mesa.

Quando estávamos terminando de comer, minha sogra chegou para me acompanhar na consulta.

— Bom dia, meus amores! Como está minha netinha?

— Sua neta não nos deixou dormir quase nada esta noite. Estou na merda.

— Ah, filho, tadinha dela, já está tão pequeno para ela aí dentro. É isso que acontece quando o pai é grande e a mãe pequena, o bebê fica espremido. Eu também sofri com você e seu irmão.

Minha sogra me olhou de forma carinhosa e disse:

— Não se preocupe, minha querida, logo logo ela estará aqui com a gente e você nem vai mais se lembrar dos incômodos da gravidez.

— Não vejo a hora, minha sogra. Vamos?

— Vamos.

Enzo nos levou até o carro blindado, esperou eu me acomodar junto com sua mãe no banco de trás, se despediu e falou alguma coisa com Alessandro e o outro soldado que nos acompanhariam. Seguimos para a consulta e ele foi para o trabalho no carro dele, acompanhado por Malone.

Quando chegamos em frente ao hospital, ainda faltavam 40 minutos para a consulta. Eu sempre chegava muito cedo, ansiosa, então chamei minha sogra para irmos à confeitaria em frente para comer um tiramisù — meu doce favorito.

O garçom da confeitaria logo veio nos atender. Eu pedi meu tiramisù e minha sogra, só um café.

Eu praticamente devorei o meu doce assim que chegou, pois era viciada naquele sabor. Estava quase terminando, quando o garçom voltou a se aproximar, trazendo uma caixa de presente. Ele me entregou e disse que uma mulher tinha pedido para me entregar e, logo em seguida, ido embora.

— Ela só disse que era um presente para o seu bebê, senhora.

Eu achei muito estranho, mas antes que eu pudesse piscar, Alessandro já estava tomando a caixa da minha mão.

— Com licença, senhora. Perdoe-me, mas não posso deixar a senhora

abrir um embrulho dado por um estranho.

— Bom, pelo peso com certeza não é uma bomba, mas então abra você.

Falei rindo, mas ele continuou sério. Alessandro analisou bastante o embrulho, virou as costas para mim e, em seguida, abriu-o. Eu estava super curiosa, então olhei por cima dos ombros dele e vi que eram duas roupinhas de bebê dobradas.

— Viu, não é nada demais. Agora me dê aqui, que eu quero ver.

Tomei da mão dele, admirei aqueles dois *bodies* fofos — um preto e um branco —, mas quando li o que estava escrito na roupinha, senti meu mundo girar e perdi o fôlego.

No body branco estava escrito: "O que acontece na casa do vovô, fica na casa do vovô". Como se não pudesse ficar ainda pior, corri para ver o body preto e li: "Eu sou do vovô".

Eu gelei. *Era ele, o Álvaro quem os enviou. Ele estava por perto, havia vindo atrás da gente e já sabia sobre o meu bebê.*

Um pânico tomou conta de mim, eu larguei as roupinhas no chão e, segundos depois, senti uma dor forte na minha barriga. Dei um grito e me curvei de dor.

Minha sogra correu até mim e perguntou:

— Lili, minha querida, o que você está sentindo?

— Dor. Uma dor muito forte na barriga.

— Calma, minha filha! Estamos em frente ao hospital, vai ficar tudo bem — ela me disse e, em seguida, falou com Alessandro. — Pega a minha nora no colo, precisamos levá-la para o hospital.

Minha sogra pegou as roupinhas no chão, enquanto Alessandro me carregava no colo até o hospital. Eu suava frio... de dor, nervoso e medo.

Quando chegamos lá, fomos rapidamente encaminhados para um quarto e a doutora Helena veio me encontrar.

— O que aconteceu com ela? — a médica perguntou à minha sogra.

Enquanto Patrícia contava, a doutora se aproximou para me examinar.

Olhei para minha sogra e pedi já chorando:

— Liga para o Enzo, eu preciso dele aqui. Por favor, chama meu marido.

— Alessandro já está ligando, meu bem. Tenta se acalmar para que a doutora consiga te examinar bem. O Enzo já vem.

Enzo

Entrei bocejando na sala de Matheo, assim que cheguei ao escritório, e ele automaticamente bocejou também.

— Parece que não foi só eu quem não dormiu esta noite.

— Pietro teve febre a noite toda, quase não dormi.

— Que merda, irmão! Ele está melhor?

— Está. Hoje pela manhã, a pediatra foi lá em casa vê-lo, é só uma virose.

— Ainda bem.

— E você, por que não dormiu?

— Nina estava agitada e não deixou Lili dormir, consequentemente eu acabo acordando também.

— É tua filha mesmo, nem nasceu e já está dando trabalho.

Eu ri e, quando ia responder ao Matheo, meu telefone tocou. Olhei o visor do celular e vi a foto de Lili na tela, então atendi na mesma hora.

— Oi, amor, já está com saudades?

— Senhor, sou eu, Alessandro. Desculpe ligar do telefone da sua esposa, mas é uma emergência e o meu telefone ficou no carro.

Eu gelei na mesma hora e perguntei:

— O que aconteceu? Cadê minha mulher?

— Estamos no hospital, chefe. Ela se assustou com algo e sentiu dores fortes, mas a doutora já a está examinando.

— Estou indo pra aí.

Contei rapidamente a Matheo o que tinha acontecido e saí desesperado para o hospital.

Peguei um pouco de engarrafamento no caminho e, como já estava nervoso, fiquei a ponto de matar alguém. Quando finalmente cheguei ao hospital, encontrei a doutora Helena no corredor e fui direto falar com ela.

— Doutora, onde está minha mulher? O que aconteceu?

— Calma, ela está bem e descansando. Liliane começou a entrar em trabalho de parto prematuro, mas eu consegui interromper as contrações e agora ela está estável. Vou deixá-la algumas horas em observação e mais tarde ela poderá ir para casa, mas precisará ficar de repouso, beber muito líquido e nada

de estresse.

— Tudo bem, cuidarei disso. Eu ainda nem sei o que aconteceu. Onde ela está?

— Está no quarto 510, com sua mãe.

— Obrigado.

Parti para lá a passos rápidos e, assim que entrei no corredor onde era o quarto dela, avistei Alessandro e o outro segurança. Nem parei para falar com eles, apenas entrei no quarto e vi uma cena que partiu o meu coração. Lili estava com as mãos no rosto, deitada na cama chorando. Ao me ver, ela chorou ainda mais.

— Ei, meu amor, não chora. A doutora falou que você não pode se estressar. Seja lá o que for, vai ficar tudo bem, porque eu vou resolver, prometo.

— Ele está aqui, Enzo. Ele veio atrás da minha mãe e também sabe do nosso bebê.

— Ele quem? — perguntei com os dentes trincados, sem querer acreditar que fosse quem eu estava pensando

— O Álvaro, aquele homem que se diz meu pai. Olha o que ele mandou.

Quando ela me entregou as roupinhas e eu vi o que tinha escrito, senti meu corpo todo tremer de ódio. *Como ele ousava fazer uma merda dessas? Como ele ousava mencionar a minha filha? Dessa vez ele vai morrer!*



Quando finalmente Lili foi liberada do hospital, eu a levei direto para casa, deixei-a no quarto e pedi a dona Beatriz que levasse algo lá para ela comer. Pedi à minha mãe que ficasse com ela e fui direto para a casa de Matheo, com a cabeça a mil. Eu só pensava em acabar com o filho da puta do Álvaro.

Toquei a campainha e Gorete abriu a porta. Dei um beijo rápido nela e perguntei pelo meu irmão, ela respondeu que ele estava na sala com Melissa e as crianças.

Quando entrei, recebi o cumprimento gostoso de sempre de Mia e Pietro.

— Tio Ezo.

— Oi, meus amores! Tudo bem com vocês? Boa noite, irmão! Boa noite, Mel.

— Boa noite, cunhado.

Mel respondeu fazendo carinho na cabeça de Pietro, que estava amoadado em seu colo.

— Mia tá boa, mas *Peto* tá dodói.

— Fica bom logo, campeão. Você tem que ficar forte para cuidar da sua irmã e da sua prima, que logo logo também estará aqui.

— Tá, titio. Tô *case* bom já.

— É isso aí.

Dei um beijo na cabecinha dele e olhei sério para o meu irmão.

— Posso falar com você um minuto, Matheo.

— Claro, cara, diz aí.

— Lá no escritório — falei assinalando com a cabeça para nos afastarmos.

— Claro, vamos.

Meu irmão levantou, caminhou para o escritório e eu o segui. Ao chegarmos lá, fechei a porta e comecei a relatar toda a história que Lili, minha mãe e Alessandro haviam me contado. Meu irmão ouviu tudo pacientemente, mas percebi que também ficou preocupado.

— Interrogaram o garçom que entregou o embrulho?

— Sim. Alessandro o interrogou e ele quase se cagou de medo, mas não sabia de nada. Ele jurou que uma mulher jovem e simpática entregou o presente a ele e pediu para entregá-lo a Lili, dizendo que não queria incomodá-la.

— Ele não correria o risco de ir pessoalmente e ser visto, provavelmente pagou a alguém aleatório, no caso essa mulher, para fazer o serviço.

— Cara, dessa vez eu mato esse bastardo. Acabou a consideração, não me importa se ele é o pai da Lili. Minha filha quase nasceu prematura por causa do filho da puta.

— Calma, irmão! Lembre-se de que cabeça fria pensa melhor. Ele quer alguma coisa e vamos descobrir o que. O Álvaro só meteu sua filha no meio justamente para te apavorar, mas não acredito que ele queira a Nina. Acho que ele pode querer terminar o serviço que não conseguiu — matar a esposa. Não sei, preciso pensar.

— Ele estava muito bem escondido, irmão. Por muito tempo, nem os homens do Bernardo, nem os nossos, conseguiram achá-lo. A essa altura, ele já deve saber que minha sogra já abriu a boca, então não faz sentido ele voltar sabendo que seria pego. Você acha que ele correria o risco só por vingança?

— Talvez o dinheiro tenha acabado e ele precise de mais para continuar fugindo. Ele sabe que está na sua mira e até na do Bernardo.

— Faz sentido. Eu não posso arriscar, Matheo. Preciso pegá-lo.

— Vamos reforçar a segurança das mulheres, sair só no blindado e,

apenas, quando muito necessário.

— Ainda bem que Lili não vai poder sair até a Nina nascer, porque a médica recomendou repouso e sem estresse.

— Vamos fazer melhor: aumentaremos a segurança delas e colocaremos mais homens no rastro dele.

— Tudo bem, vamos fazer isso. Agora vou voltar para casa, nossa mãe está lá com Lili, mas tem que ir embora.

— Acho melhor eu nem contar a Melissa o que aconteceu, porque ela ia querer correr para sua casa e, com Pietro doente, melhor nem falar.

— Tudo bem, já vou indo. Obrigado, irmão.

Toquei o braço do meu irmão, que me olhou de forma reconfortante. Matheo estava muito diferente depois que virou pai.

Minutos depois, quando cheguei em casa, encontrei minha mulher sentada na cama, alisando a barriga e conversando com minha mãe. Ela parecia bem melhor.

Minha mãe foi embora logo depois, nos deixando a sós.

— Você comeu? — perguntei a ela.

— Comi e você?

— Acabei de chegar do Matheo. Daqui a pouco eu desço e como alguma coisa. Está se sentindo melhor?

— Estou bem, só me recuperando do susto. Tenho medo só de pensar que ele está aqui na Itália, Enzo.

— Lili, olha para mim. — Pus a mão em seu queixo e ela me olhou. — Não importa onde ele esteja, eu não vou deixar que machuque você, sua mãe ou nossa filha. Eu o mato antes disso.

Vi Lili engolir em seco com a minha resposta, então achei melhor esclarecer uma questão que estava me incomodando.

— Você se importa?

— Com o quê?

— Com a vida do seu pai?

— Queria que as coisas fossem diferentes. Gostaria de ter um pai para estar aqui, me mimando, igual o tio Bernardo fez quando a Melissa estava grávida. Gostaria de ter um pai presente igual ao seu, que se preocupa e ama você, Matheo e os netos. Meu pai, infelizmente, não é e, na verdade, nunca foi nada disso. No coração dele, o único sentimento que existe é ódio. Aquele homem se aproveitou da minha gestação para me assustar e quase matou minha mãe; minha filha nem nasceu e já está sofrendo ameaças implícitas dele. Então

não, Enzo, eu não me importo. Faça com esse homem o que você achar melhor.

Eu assenti e me aproximei dela para beijá-la e abraçá-la. Em seguida, disse para ela esperar eu tomar banho e comer, que logo voltaria para ficar com ela.

Eu não ia ficar falando nada dos meus planos para Lili, pelo contrário, queria que ela esquecesse esse assunto.

Ela sabe quem eu sou, pois também nasceu na máfia. Sabe exatamente como as coisas funcionam nesse meio, entretanto ela nunca me pergunta nada sobre o meu trabalho, nem quando, às vezes por algum descuido, eu chego em casa com a roupa respingada de sangue.

Eu percebo que ela me examina com os olhos, para ter certeza de que o sangue não é meu, mas quando ela vê que estou inteiro, finge que não viu nada e muda de assunto. Eu prefiro assim, deixando tudo fora da nossa casa para que, aqui dentro, nós possamos construir a nossa bolha, um lugar de paz.

Existem dois de mim. Quando estou no trabalho, eu não tenho pena de ninguém que tenta prejudicar a mim ou à minha família. Não sei definir se eu gosto de matar, mas eu cresci assim e simplesmente não me importo de matar alguém que não seja inocente. Cresci nesse meio e fui treinado para isso, não só meu corpo, mas minha mente também.

Eu não tenho remorso e não fico pensando nisso — antes ou depois —, apenas faço o que tenho que fazer, tentando poupar inocentes na medida do possível. Entretanto, quando eu entro em casa e vejo a Lili, outro cara se manifesta em mim. É claro que todos os meus instintos continuam aflorados, mas eu me derreto pelo sorriso dela. É tudo sobre ela, porque quero vê-la feliz, protegê-la e dar o meu melhor a ela, principalmente agora que carrega minha filha.

Como pude demorar tanto para entender que eu amava essa mulher?

Saí do banho e fui comer alguma coisa. Quando terminei, dispensei dona Beatriz e retornei para o quarto, para ficar ao lado da minha Lili.

Mal entrei no cômodo e deitei na cama, Lili já foi para cima de mim e começou a me beijar. Em um primeiro momento eu retribuí o beijo, mas quando ela foi ficando mais afoita, eu a interrompi. Infelizmente eu teria que me controlar.

— Amor, para, a gente não pode.

— O quê? Por quê?

— Você precisa fazer repouso e isso, infelizmente, inclui o sexo.

— Mas o sexo me relaxa, Enzo, qual o problema? Quem te disse isso?

— A doutora Helena disse. O problema não é o sexo, meu amor, mas a contração que seu corpo faz na hora do orgasmo. Se você tivesse um marido cuzão, que não te fizesse gozar, não teria nenhum problema, mas eu sou foda como você já sabe, né?!

— Você perguntou isso para ela, Enzo?

— É claro, eu precisava saber.

— Que sem vergonha você é!

— É, mas não fui eu que parti para cima de você agora com tudo.

— Ué, são os hormônios.

— Sim, você está demais, mas você sempre foi safada. Minha safada gostosa.

— Melhor você dormir no sofá então e, de preferência, bem longe de mim.

— Você está é louca, daqui eu não saio!

Abracei-a forte, dei-lhe um beijo na bochecha e sussurrei para provocá-la.

— Dorme, safada.

Capítulo 30

Estava sozinha na cama quando acordei. Fui ao banheiro, tomei banho, coloquei um vestido e desci. Ao chegar lá embaixo, me surpreendi, pois Enzo ainda não tinha saído de casa.

— Lili, o que está fazendo aqui?

— Vim tomar café, estou faminta.

— Dona Beatriz já ia levar. Você não sabe o que quer dizer repouso?

— Enzo, para de exagero, já estou bem melhor. Não estou doente e nem inválida — falei, não me importando com o chique dele.

— O bebê quase nasceu antes da hora, cacete! Você entende o quanto é perigoso ela nascer prematura?

Ele se exaltou um pouco e eu comecei a ficar com raiva também.

— Você não precisa me ensinar como proteger minha filha. Por enquanto ela está aqui dentro de mim e eu sei o que estou fazendo.

— Não parece, porque você fica de teimosia com uma coisa tão simples. E ela não é só sua filha, é nossa filha, ou por acaso você fez sozinha?

— Enzo, você está me irritando! É isso que você quer? Isso sim eu tenho que evitar, então é melhor você sair de perto de mim. Ou melhor, deixa que eu saio, perdi a fome.

Virei as costas para ele e subi. Eu sabia que ele só queria cuidar de mim, mas eu estava com os nervos à flor da pele. Nós estávamos.

No andar de cima, não fui direto para o nosso quarto, pois passei no quarto da Nina e entrei para me acalmar. Só de olhar para tudo ali arrumadinho, esperando ela chegar, já me acalmava.

Fiquei ali parada, olhando tudo, até que senti as mãos dele me abraçando por trás. Aceitei o abraço, ele deu um beijo no meu pescoço e sussurrou:

— Me desculpa?

— Tudo bem, você está certo.

— Eu não deveria ter perdido a paciência com você, porque sei que você está sensível, passando por coisas demais. Eu também estava nervoso, por isso me desculpe.

Virei de frente para ele e o beijei carinhosamente. A última coisa que eu precisava agora era ficar brigada com meu marido.



Depois que Enzo foi trabalhar, a enfermeira trouxe minha mãe aqui em casa. Dona Carmem soube que eu tinha passado mal, mas não sabia o motivo e eu não queria que soubesse.

— Oi, minha filha! Você está melhor?

— Estou sim, mãe, foi só essa sapequinha querendo nascer antes do tempo. Agora, a doutora me aconselhou a ficar em repouso.

— Sei como é. Na minha gravidez, você também queria sair antes do tempo. Sempre foi espreitada, desde dentro da barriga.

Eu ri e deitei no colo dela na cama. Enquanto minha mãe alisava meu cabelo, eu comecei a fazer uma prece silenciosa para que Deus não permitisse que aquele homem chegasse perto da gente.

Ela ficou comigo até Enzo chegar do trabalho.



Um mês havia se passado, sem nenhum incidente. Álvaro não tinha dado mais sinal de vida. Apesar de tudo ele era inteligente e sabia que agora estava sendo caçado por Enzo e Matheo, ou melhor, toda *Cosa Nostra* estava.

Eu tentava me convencer de que aquilo foi apenas uma brincadeira de mau gosto da parte dele para me assustar e conseguir uma pequena vingança, mas meu coração me dizia que ele estava aprontando algo pior.

Não passei mal outra vez e Nina agora estava esperando seu momento, contudo também meu sobrenome era repouso. O parto cesariana estava marcado para daqui a 15 dias e eu estava ansiosa para tê-la em meus braços. Além disso, eu não aguentava mais ficar dentro do meu quarto olhando para a carinha do Alcapone — acho que nem ele me aguentava mais, pois só vivia dormindo, também entediado. Eu precisava sair um pouco, ver gente.

Meu celular apitou com uma mensagem do Enzo:

Como estão as mulheres da minha vida?

Estamos ótimas, embora extremamente entediadas. ❖❖

Calma, amor, agora falta pouco.

Seu garotinho tá aqui com a gente, pelo jeito muito entediado também.

Mande uma foto do Alcapone para ele, todo arreganhado dormindo.

Esse cachorro é muito folgado mesmo e é um sortudo por ter encontrado

você!

Amor, vamos jantar fora hoje?

Não sei, Lili. Você já está no final da gestação, é complicado ficar saindo.

Pelo amor de Deus, Enzo, é só um jantar. Eu vou de carro, com você e os seguranças, nada vai acontecer. Não aguento mais ficar trancada aqui.

Tudo bem, Lili, você venceu. Esteja pronta às 19h.

Obrigada, amor. Nina e eu amamos você. Alcapone também!

Eu também amo vocês, menos o Alcapone.

Malvado! Tadinho do nosso menino. Beijo.

Seu menino, não meu. Beijo.



Às 19h, eu já estava pronta e ansiosa, esperando Enzo chegar para sairmos. Quando ele chegou, levantei e fui correndo até ele para beijá-lo.

— Devagar, Liliane, pra quê está correndo com esse salto enorme. Quer cair?

— Eu sou uma *lady*, meu bem. Sei andar muito bem de salto, não cairei.

— Você sabe que não gosto que use salto alto enquanto está grávida, é desnecessário.

— Desnecessário é eu parecer uma anã perto de você, com seus quase dois metros de altura.

— Boba! Vamos logo que eu fiz reservas.

— Não vai tomar banho, porco?

— Já tomei no escritório para não atrasar, palhaça. Você sabe que eu sou o cara mais cheiroso desse mundo.

— E gostoso também — falei e apertei a bunda dele.

Ele riu e saímos de casa no blindado, com Alessandro dirigindo e Malone no carona. Atrás do nosso veículo, vinha um outro carro, com mais cinco soldados fazendo a escolta.

Quando chegamos ao restaurante, depois que Alessandro averiguou o local e deu sinal, Enzo desceu e me ajudou a sair do carro, pois meu barrigão dificultava tudo.

Assim que parei ao lado dele, meu marido colocou a mão na minha cintura e falou no meu ouvido:

— Você está um espetáculo, de tão linda.

— Obrigada. Você também está um gato, marido.

Entramos no restaurante e, imediatamente, a *Hostess* nos recebeu e nos encaminhou até a mesa que Enzo havia reservado. Eu estava toda boba de, enfim, estar fora de casa.

Pedimos Tortellini de Bolonha, um dos pratos preferidos de Enzo, acompanhado de vinho para ele e água para mim. Estava tudo uma delícia. Comemos e, antes da sobremesa, levantei para ir ao banheiro.

— Vai aonde?

— Ao banheiro.

— Eu vou com você.

— Não precisa, Enzo. Olha ali a porta, daqui dá para você ver.

— Tá bom, mas não demora.

Quando cheguei ao banheiro, tinham três divisórias e apenas uma estava vazia. Fui até a última e, quando estava esvaziando minha bexiga, escutei uma voz enjoada falando.

— Você viu quem está aí?

— Depende, está falando do Enzo Esposito?

— O próprio, em carne, osso e gostosura. Nossa que homem gostoso, não gosto nem de lembrar.

— Você é uma safada! Ele está com a esposa, você viu?

— Claro que vi. Com uma barriga enorme daquela, era impossível não ver. Ela está gorda, parecendo uma pata choca.

— Olha o recalque, Ariel. Ela está uma grávida muito bonita e ele parece muito apaixonado.

Ah, piranha! Quando ouvi o nome daquelazinha, meu sangue ferveu. Essa mulher só não vai sair daqui careca porque eu estou grávida, se não, eu ia ralar a cara dessa vagabunda no asfalto. Mas ela vai ouvir, porque falar eu posso!

Abri a porta com força, fazendo barulho de propósito, e saí do reservado. A piranha, que estava retocando o batom, ficou pálida ao me ver pelo espelho.

Não perdi tempo e comecei a falar com uma calma fingida:

— Sabe, Ariel... você deveria ouvir sua amiga e parar de ser recalçada. Que coisa mais feia, queridinha! Sabe aquele dia que Enzo levou você ao apartamento dele pela última vez? Ele fez uma tentativa frustrada de te usar para me esquecer, pois nesse mesmo dia eu o havia rejeitado. Então você, oferecida como é, apareceu dando mole e ele achou que uma fodinha, mesmo que mal

dada, poderia ajudá-lo a me esquecer. Mas veja só, nem para isso você prestou. Ele brochou! Você contou isso para a sua amiga?

E continuei com o sarcasmo:

— Que triste, né, lindinha... quando um homem brocha com a gente é fim de carreira mesmo. Você é até bonitinha, tem um corpinho legal, mas quando abre a boca, essa sua voz de gralha já é brochante, sem contar a falta de conteúdo. Tente se dedicar a alguma coisa útil, querida, porque a beleza só conta nos primeiros minutos, depois você vai precisar ter mais para oferecer. Ah...antes que eu esqueça, sabe o que ele fez depois que te largou naquele dia? Foi atrás de mim novamente e implorou para eu voltar e, logo depois, para me casar com ele. Tudo isso ele pediu dizendo que me amava.

Levantei a mão e mostrei o anel. Ariel estava vermelha de raiva e era isso mesmo que eu queria, então continuei linda e plena, como a dona da porra toda que eu era:

— Pois é, nós nos casamos. E veja só... comigo ele nunca brochou. Olhe aqui o resultado!

Passei a mão na barriga e voltei a falar:

— Estou grávida da filha dele, do homem que você queria, mas que nem pra sexo você serviu mais!

Terminei de falar e saí sem esperar resposta. Por dentro eu estava puta, mas voltei para a mesa sorrindo.

— Você demorou, já estava quase indo lá. Está tudo bem?

— Tudo ótimo! Cansei de ver gente, vamos para casa.

— Mas e a sobremesa?

— Perdi a fome.

Enzo é esperto, então não cutucou a onça com vara curta. Ao contrário, ele chamou o garçom e pagou a conta. Nós saímos do restaurante e, assim que entramos no carro e longe de todos os olhos, dei um tapa no braço dele.

— Aiiii... mãozinha pesada da porra! Vai me contar o que está acontecendo? Por que quis ir embora de repente e está me batendo? Está doida mulher?

— Porque você é um safado que não presta e não pode ver um buraco que já quer enfiar esse pau. Que ódio daquela vaca!

Enzo me olhou puto e fechou a divisória do carro para que os seguranças não nos ouvissem mais.

— Está ficando doida? Que história é essa de falar comigo assim, na frente dos meus soldados? E fique sabendo que o único buraco que enfio meu

pau é o seu! Que bicho te mordeu?

— Uma bicha piranha chamada Ariel.

— Onde você a viu? Eu não a vejo faz tanto tempo.

— Mas ela te viu direitinho hoje, aquela piranha. A sorte dela é a Nina na minha barriga. A vadia ousou te chamar de gostoso e falar que eu estou gorda.

Dei outro tapa no braço dele, mas logo depois meu marido segurou a minha mão, me olhou sério e disse:

— Para com isso, Lili. Para de me bater, que isso está me deixando puto e eu não quero perder a paciência com você. Não me teste, porque minha cabeça está quente e estou com coisa pra caralho para resolver. A única pessoa que ainda tem minha paciência é você, então não faça eu perdê-la. Eu não fiz nada de errado, pelo contrário, trouxe você na porra do jantar que queria. Eu nem queria estar aqui, mas vim por você, para te agradecer, então agora, para de dar chilique e sossega, porra.

Quando ele terminou de falar eu já estava chorando. *Esses malditos hormônios que me deixam parecendo uma viadinha.* Ao me ver aos prantos, a expressão de Enzo suavizou um pouco e ele voltou a falar, mais suave desta vez:

— Para de chorar. Ariel é passado e nunca foi importante para mim. Sinto muito que vocês se encontraram no banheiro e que ela te falou essas merdas, mas se te conheço bem, tenho certeza de que você não deixou barato e falou coisas muito piores para ela.

— Falei mesmo. Aquela vagabunda invejosa.

— Eu ficaria decepcionado se você não tivesse falado. — Meu marido riu e completou. — Então esquece, ela não é nada nem nunca foi. Você é a mulher que eu amo e a mãe da minha filha. Eu quero você e só você.

Enzo

Mal terminei de falar e a doida da minha mulher subiu no meu colo e começou a me beijar, tentei afastá-la, mas não consegui. Ela colocou a mão no meu pau e apertou... *Caralho! Eu não era de ferro, estava na seca.*

Ela desceu do meu colo, sentou ao meu lado e começou a abrir meu zíper e tentar tirar meu pau da calça.

— Amor, para. Você sabe que a gente não pode, então não me tortura assim. E quanto a sua barriga?

— Você pode e eu quero sentir seu gosto. E, quanto à minha barriga, deixa comigo que eu dou um jeito.

— Não é justo com você.

Parei de falar quando senti a boca dela no meu pau... *Putá que pariu, que saudade.*

Ela começou a chupar o meu pau com vontade. Chupava, lambia, me masturbava... *Porra, eu não ia durar nada.*

— Desse jeito eu vou gozar.

— Goza, gostoso! Me dá sua porra que eu quero beber tudinho.

— Porra! Assim eu não aguento, mulher.

Realmente não aguardei mais por muito tempo, gozei na boca dela e minha mulher me sugou até a última gota.

Eu amava essa mulher maluca. Em um segundo ela me batia e, no outro, me chupava. Assim até valia a pena apanhar!

Capítulo 31

No domingo, resolvemos sair para almoçar em família, já que as empregadas não trabalhavam nos fins de semana. Fomos todos para um restaurante da máfia, não muito longe da nossa casa. Até minha mãe foi acompanhada pela enfermeira dela.

Quando chegamos lá, já tinha uma mesa esperando para nos acomodar.

Almoçamos tranquilamente. Eu adorava a massa desse restaurante e eles tinham o meu amado tiramisù. Esse era um daqueles lugares afetivos, pois eu vinha aqui com Enzo quando ainda nem éramos casados.

Quando terminamos de almoçar, Melissa e Matheo não quiseram sobremesa e foram logo embora com as crianças, pois Pietro ainda não estava totalmente recuperado e a febre estava voltando. Meus sogros também foram logo em seguida e minha mãe foi com eles, pois depois do acidente ela não se sentia bem ficando muito tempo em lugares cheios — ela dizia que a cabeça dela doía —. Então ficamos só eu, Enzo e nossos soldados para trás.

Enquanto eu estava comendo minha sobremesa, Enzo disse que precisava ir ao banheiro, mas o vi fazendo sinal para o Alessandro — que estava a alguns metros de nós — ficar de olho em mim.

Estava sentada, distraída, quando senti mãos masculinas taparem os meus olhos. Fiquei tensa na mesma hora, tirei as mãos e, quando virei para saber quem era, a primeira coisa que vi foi Alessandro vindo, igual a um foguete, em minha direção — o que já me deu certo alívio.

Olhei para cima e me surpreendi, mas não foi uma surpresa ruim. Era Christofer, um amigo antigo e querido — um ex-ficante, na verdade, com quem eu fiquei mais vezes até conhecer Enzo.

Depois que conheci meu marido, esse homem ainda me procurou, mas conversei com ele e disse que podíamos continuar apenas amigos. Ele, como sempre muito gentil, não insistiu e aceitou numa boa.

Alessandro estava super perto quando fiz sinal pra ele parar. Ele hesitou, mas parou. Então voltei minha atenção para Christofer, que tinha um sorriso enorme no rosto e olhava para mim, levantei da cadeira e sorri também. Ele foi o primeiro a falar:

— Lili, que coisa boa te encontrar aqui, que saudade! E esse barrigão? Caramba, quanto tempo!

Antes que eu pudesse responder, ele me puxou para um abraço e deu um beijo na minha bochecha. Apesar de adorá-lo, eu fiquei tensa, pois fazia tempo que não o via. Não tínhamos mais nenhuma intimidade e eu sabia que isso não ia dar certo, então me afastei logo.

— Nossa, muito tempo mesmo, mais de quatro anos. Como você está?

— Estou ótimo! Melhor agora em te ver, claro. Está com quantos meses? Qual é o sexo? Você casou? Que surpresa te encontrar aqui na Sicília!

Nossa, ele estava eufórico e fazendo muitas perguntas, quase um interrogatório. Olhando-o agora, eu não entendia o que eu vi nele um dia para ficarmos tantas vezes. Não que ele seja feio, muito pelo contrário, ele é muito bonito, mas talvez agora eu não consiga achar graça mais em nenhum homem que não seja o Enzo.

Christofer sempre foi assim, acelerado, e acho que é por isso que nos dávamos tão bem na época. Hoje, na realidade, eu o estava achando inconveniente.

— Estou no oitavo mês. É uma menina, vai se chamar Nina. E, sim, casei. Na verdade, estou casada há pouco mais de um ano e moro aqui na Sicília, meu marido é italiano.

— Que legal! Eu me lembro que você falava nesse nome, Nina. Até brincava que seria o nome da nossa filha. Quem é o pai sortudo?

Ele falou colocando a mão na minha barriga e isso me incomodou bastante, me deixando ainda mais tensa. Fiquei vermelha com a lembrança dele, pois na época eu falava brincando. Nunca me imaginei sendo mãe, na realidade, e muito menos com ele, porque nunca tive nenhum sentimento por ele, era apenas uma amizade colorida. Quando eu ia tirar sua mão da minha barriga e ia abrir a boca para responder, escutei uma voz muito irritada atrás de mim responder por mim, quase rosnando.

— O sortudo, marido e pai da filha dela sou eu, Enzo Esposito. Acho que você deveria tirar as mãos da barriga da minha mulher agora, se não quiser ficar sem elas.

Christofer arregalou os olhos e tirou a mão na mesma hora. Enzo me puxou para mais perto e ficou encarando-o com o maxilar trincado e as mãos em punho. Ele estava se segurando para não perder o controle. O clima estava tenso, então achei melhor interferir.

— Amor, esse é Christofer, um antigo amigo. Christofer, esse é meu marido, Enzo.

O rapaz estendeu a mão para Enzo, mas ele não a apertou, continuava

olhando para ele de cara feia. Christofer, muito sem graça, puxou a mão de volta.

— Prazer, cara, sou só um amigo. Não crie uma imagem errada a meu respeito, eu só fiquei feliz em revê-la, pois já faz muito tempo, então vim cumprimentá-la e dar parabéns aos dois pelo bebê.

Christofer estava claramente nervoso. Eu o conhecia, ele era um cara de paz e, só a cara com que Enzo o olhava, já era de assustar. Achei que meu marido não o responderia, mas ele o fez.

— Desde que você não a toque, ficará tudo bem. Apenas mantenha distância, para o seu bem. — Em seguida, ele se virou para mim. — Vamos embora, Lili.

Dei um rápido tchau para Christopher e, sem graça, me retirei na frente de Enzo. Meu marido colocou a mão nas minhas costas e me guiou para fora. Eu já o conhecia e sabia que ele estava muito puto, por isso achei melhor ficar quieta. Enzo me colocou na parte de trás do carro e fechou a porta... estranhei, mas vi que ele foi para perto de Alessandro. Tentei escutar o que falavam mas não consegui.

Enzo

Eu estava me controlando para não dar um tiro na cara do filho da puta. Sabia que era um certo exagero, mas quando eu vi outro homem colocar a mão em Lili, ainda mais na barriga, como se quisesse tocar na minha filha, meu sangue subiu. Porra! Precisei de todo o meu autocontrole para não quebrar a cara dele, no mínimo. Não fiz questão nenhuma de esconder a minha raiva e ele deu sorte que consegui me controlar.

Coloquei Lili no banco de trás do carro, fechei a porta e fui falar com Alessandro.

— O que aconteceu antes de eu chegar?

— Eu vi o sujeito se aproximando, chefe, e na mesma hora fui pará-lo, mas algumas pessoas estavam se acomodando na mesa da frente e isso atrasou um pouco minha abordagem. Então ele chegou até ela e tapou-lhe os olhos. Ela se assustou, tirou a mão dele e virou, mas quando me viu indo em sua direção e viu quem era o cara, fez sinal para eu parar. Então, eu fiquei parado observando, ele a abraçou e deu um beijo na bochecha.

— Filho da puta — falei, tentando controlar meu instinto de voltar lá e acabar com aquele imbecil.

— E você a obedeceu quando ela mandou você parar? Está maluco, porra? Ela não sabe o que é bom para ela e você trabalha para mim. Foda-se se for o rei da Inglaterra, não quero nenhum homem perto da minha mulher, muito menos tocando-a. Você não tem que obedecer às ordens da minha mulher nesses casos e, se isso se repetir, você vai se ver comigo. Eu vou descontar toda a minha raiva em você, caralho.

— Chefe, eu só parei porque vi que era conhecido dela.

Eu já estava irritado pra caralho e Alessandro ainda queria testar minha paciência.

— Não interessa, cacete! Nenhum homem deve chegar perto dela, a não ser meu pai ou meu irmão. Mantenha isso na sua mente, porque da próxima vez você vai sofrer as consequências junto com o filho da puta. Eu deixei sob sua proteção e supervisão o que eu tenho de mais importante na vida, minha mulher e minha filha. Você tem noção da confiança que eu estou depositando em você?

— Sim, chefe!

— Você ganha bem mais que os outros, justamente pela responsabilidade

que carrega. Eu escolhi você porque, entre os meus soldados, te considero o melhor e não vou admitir nenhuma falha. A ordem é clara: ninguém que não seja da família chega perto delas. Estamos entendidos?

— Sim, senhor. Não irá se repetir.

— Bom, agora vamos embora.

Entrei no carro, fechei a divisória com o motorista e vi que Lili estava doida para falar alguma coisa, mas eu preferi ficar quieto para não falar merda, e ela nos faria um favor se ficasse quieta também. Minha mulher me conhece e sabe quando estou puto, mas é claro que ela não se aguenta. *É a Liliane, o que mais eu esperava.*

— O que foi, Enzo? Por que está tão puto?

— Se você ainda tem um pinga de sanidade, me deixa quieto.

— Está me ameaçando? Sou sua mulher, não um dos seus soldados!

— Eu não esqueci disso.

— Então, não me ameace.

— Não estou te ameaçando, só não quero ser estúpido com você. Estou tentando me controlar, não deu para perceber?

— Não tem motivos para isso tudo, Enzo. Christofer era só um amigo.

— Vai me dizer que nunca ficou com esse amigo? Não fode a minha paciência, Lili, porque eu o ouvi falar que vocês planejavam ter uma filha com o nome de Nina. Você está me fazendo querer voltar lá e matá-lo. É melhor você parar de me fazer lembrar.

— Era só uma brincadeira. Eu não pretendia ter filhos, nem com ele e nem com ninguém naquele momento. E, sim, eu não vou mentir, já fiquei com ele, mas nunca depois de ter ficado com você pela primeira vez, nem com ele nem com ninguém.

— Você deixou o cara te abraçar, beijar seu rosto e colocar a mão na minha filha. Como você queria que eu reagisse?

— Alessandro é um fofaqueiro!

— Você iria me esconder isso, caso ele não falasse?

— Não, mas isso não teve importância para mim.

— Pois para mim teve, e muita. Você não imagina como tive que me controlar quando cheguei e o vi com a mão na minha filha.

— Ah, é... Você deixou a Ariel colocar as mãos no seu peito na boate e depois tentou comê-la no seu apartamento, Enzo, só não comeu porque brochou.

— Fala baixo, porra! Vai ficar jogando isso na minha cara eternamente? E é muito diferente, a gente nem era casado, nem tinha um compromisso sério.

Você quer comparar?

Nessa hora, ela ficou sem resposta, abriu a boca e fechou, mas não tinha argumentos. Entretanto, sendo Lili quem ela é, não ia ficar quieta, pois sempre acha que tem que ter a última palavra.

— Você está exagerando!

— Não, eu não estou. Sou homem e vi a cara com que o filho da puta te olhou. A baba quase escorreu da boca dele.

— Pelo amor de Deus, Enzo! Olha o tamanho da minha barriga, eu estou grávida.

— E ele queria ser o pai! — falei já muito alterado, a raiva me vencendo.
— Filho da puta, eu devia ter dado um tiro na cara dele.

— Não deveria nada, porque ele não fez nada demais.

— Chega, Liliane! Eu não vou ficar discutindo com você, pelo bem da nossa filha. Só me deixa quieto antes que eu fale alguma merda e magoe você.

Finalmente ela se calou. Quando chegamos em casa, Lili foi direto para o quarto e eu fiquei na sala para tomar meu uísque e refrescar minha cabeça. Eu sabia que era exageradamente possessivo em relação a ela, mas eu não conseguia controlar. Subi, vi que ela tinha tomado banho e deitado na cama, então coloquei minha roupa e fui correr no complexo, para refrescar o turbilhão de pensamentos que fervilhava na minha cabeça.

Quando voltei, já mais calmo, dei de cara com Alcapone sentado na calçada e me esperando. Esse cachorro era muito esquisito, às vezes parecia que me olhava como se me julgasse.

— Está fazendo o quê aqui, maluco? Vamos para dentro.

Entrei em casa e ele veio atrás. *Cachorro estranho!*

Entrei no quarto, Lili estava dormindo e eu fui direto para o banho. Ao sair, ela estava em pé, parada, me olhando e alisando a barriga.

— Ei, não quero ficar brigada com você, já passou. Vamos esquecer isso, provavelmente eu nunca mais verei o Christofer. Minhas costas estão me matando, a Nina está pesada demais e a última coisa que preciso agora é brigar com você.

Ela veio andando em minha direção, chegou perto, abraçou meu pescoço e me beijou. No início eu hesitei, mas acabei retribuindo, pois ela me irritava e me acalmava na mesma proporção.

De repente, Lili parou o beijo e me olhou assustada. Em seguida, ela olhou lentamente para baixo e, ao acompanhar seu olhar, vimos que tinha uma poça no chão.

— O que é isso? Você mijou nas calças?

— Claro que não, idiota, minha bolsa estourou. Ai, Enzo... que dor!

Ela falou e se curvou. Eu gelei. *Putá merda, chegou a hora!*

Capítulo 32

— Calma, amor. Fica calma, vai dar tudo certo!

— Eu estou calma, Enzo, fica calmo você. Coloca uma roupa, que eu também vou trocar a minha. Pegue a chave do carro, a minha bolsa e a da Nina que já estão prontas lá no quarto dela.

Ao invés de fazer o que eu falei, ele pegou o celular na mesinha de cabeceira e foi andando para o banheiro.

— Aonde você vai, Enzo? Suas roupas estão no closet, não no banheiro.

— Só um minuto, amor. Eu estou nervoso, já volto. Enquanto isso, vou mandar o Alessandro arrumar o carro e os soldados.

— Tudo bem, vou trocar minha roupa.

Eu estava tentando não entrar em pânico, principalmente porque Enzo claramente já estava. Contudo, quando a dor forte vinha, era difícil não ficar apavorada, doía demais.

Não era para isso estar acontecendo, era para ser parto cesáreo e estava marcado para daqui há uns dias.

Respirei fundo depois de mais uma onda de dor e troquei de roupa. Quando já estava pronta, voltei para o quarto para esperar Enzo. De repente, ele saiu do banheiro correndo, entrou no *closet* igual a um furacão e já saiu de lá vestido, graças a Deus.

— Precisava ficar tão bonito? Eu não estarei em condições de controlar as enfermeiras assanhadas!

— Para de bobeira que eu estou nervoso pra cacete.

Quando eu ia responder, outra contração veio... *Putá merda, como doía!* Me curvei de dor e Enzo correu para me pegar!

— Enzo, vamos agora! Cadê as bolsas?

— Alessandro já pegou. Ele está nos esperando no carro. Vamos!

Ele me pegou no colo e me levou para o carro, acomodou-me no banco de trás do blindado, sentou ao meu lado e, graças a Deus, fomos para o hospital escoltados por dois outros carros — um na nossa frente e outro atrás.

No caminho, vi que meu marido ligou para a doutora Helena, depois para a mãe dele e pediu a ela para avisar à minha mãe e a Melissa.

Enzo

As contrações estavam vindo em intervalos muito curtos e isso estava me deixando mais nervoso. Lili quase quebrou minha mão de tanto apertar. *Tadinha, devia estar doendo muito.* Ela queria cesariana para evitar a dor, mas não adiantou nada, porque Nina já estava vindo e mostrando quem manda no pedaço!

Quando chegamos ao hospital, peguei Lili no colo e entrei com ela. No *hall* de entrada, uma enfermeira trazia uma cadeira de rodas onde eu a sentei e fui empurrando até o elevador. Apesar do nervosismo, eu não esqueci da segurança que precisávamos ter durante a nossa estadia no hospital, então Alessandro nos acompanhou e Malone ficou lá embaixo para organizar a segurança em todo o ambiente.

Quando chegamos à maternidade, que ficava no décimo andar, já fomos recebidos pela doutora Helena, que nos encaminhou para a sala de pré-parto a fim de examinar Lili.

A enfermeira responsável pela sala de pré-parto se aproximou, colocou uma pulseira com identificação no braço de Lili e depois ligou-a a alguns aparelhos para monitorar o bebê.

A médica, por sua vez, a examinou e disse que ela já estava com 7 centímetros de dilatação — dilatando muito rápido, por sinal —, por isso nos aconselhou que seria melhor realizar um parto normal. Lili concordou.

Ela disse que ia sair por alguns minutos, mas que em pouco tempo retornaria para ver como minha esposa estava evoluindo e em quanto já estava a dilatação.

Quando a doutora saiu, aproximei-me da Lili e fiz um carinho em seu cabelo.

— Ei, como está aí? Está doendo muito?

— Só na hora da contratação, mas depois passa. Quero que ela nasça logo.

— Eu também! Ela logo estará aqui. Estou morrendo de ansiedade. Minha mãe, Melissa e Matheo estão vindo e trazendo sua mãe.

Nessa hora uma lágrima escorreu dos olhos dela e eu sequei.

— Ei, não chora, meu amor. Está com medo? Eu sei que não posso fazer muito por você, mas estou aqui e não vou a lugar algum.

De repente, ela apertou forte minha mão e eu já sabia que era outra contração. Olhei para Lili, suas feições mudaram completamente e ela começou a falar com os dentes trincados:

— Agora você não pode fazer mais nada, mas antes você podia não ter enfiado esse pau em mim e me engravidado, seu filho da mãe! Agora eu sou a única aqui com essa maldita dor.

Então o aperto na mão aliviou e eu sabia que a dor tinha ido embora.

— Devo te pedir desculpas?

Falei meio sorrindo e ela me fuzilou com os olhos, então parei de rir.

— Desculpas não vão fazer a dor passar. Eu só quero que isso acabe logo, Enzo. Nunca senti dor igual a essa.

— Me desculpe! Queria fazer algo que pudesse aliviar sua dor, mas infelizmente não posso.

— Eu sei, você não tem culpa. É que dói demaaaaais, que dooor!

Era outra contração. Elas estavam rápidas demais, então achei melhor chamar a doutora. Apertei o botão ao lado da cama e logo entrou uma enfermeira, seguida pela doutora Helena.

— Será que já está na hora? Vamos dar uma olhada. Nossa, já está em 10.
— A médica sorriu para Lili, claramente com a intenção de tranquilizá-la e, em seguida, falou com a enfermeira: — Raquel, prepara a sala de parto.

— É agora? — perguntei.

— Sim, paizinho, você vai colocar uma roupa apropriada, enquanto nós vamos levá-la para o centro cirúrgico.

Eu gelei na mesma hora. Medo e empolgação tomaram conta de mim, tudo misturado.

A enfermeira me conduziu para o que parecia ser um vestiário e me entregou um kit completo com calça, blusa, toca, luvas, máscara e algo para colocar nos pés também. Depois, fomos correndo para o centro cirúrgico.

Lili já estava deitada na maca com as pernas abertas quando entrei, então fui logo para o lado dela. A doutora falou:

— Lili, eu acho que isso vai ser rápido. Vamos lá, minha querida. Quando vier a dor, faça força.

E assim ela fez. Cada vez que a dor vinha, ela quase quebrava meus dedos e empurrava nossa bebê. Ela fez isso umas cinco vezes e nada da minha filha nascer. Lili suave e estava pálida, e eu já estava ficando apavorado com todo aquele martírio que minha mulher estava enfrentando.

— Isso mesmo, Lili, ela já está chegando — falou a médica.

Segundos depois, minha esposa empurrou mais uma vez e um choro estridente ecoou na sala de parto.

Eu não conseguia nem piscar. Olhei para a doutora e ela estava com a minha filha nas mãos, toda suja de sangue e chorando muito. Automaticamente, meus pés foram até ela.

A médica me olhou sorrindo e me ensinou a cortar o cordão umbilical. Eu o fiz, ela enrolou a Nina em um pano e colocou-a em meus braços. *Que emoção do cacete!*

Quando eu segurei minha filha, ela parou de chorar na mesma hora. Eu a admirava, encantado, e ela me olhava também, com os olhos bem abertos, como se estivesse me reconhecendo. Nina ficou quietinha, como se estivesse me encarando e eu não pude evitar que uma lágrima escorresse dos meus olhos.

Eu não lembro a última vez que chorei — acho que eu ainda era uma criança —, mas naquele momento eu não pude evitar, porque era a maior emoção que eu já tinha vivido em toda a minha vida.

Eu sussurrei para ela, que ainda me olhava atentamente.

— Oi, neném, sou eu, seu papai. Seja bem-vinda, meu amor!

Depois, eu a levei até a Lili e ela chorava copiosamente. Coloquei a Nina no colo da mãe e ela beijou a cabecinha suja da nossa filha. Em seguida, a enfermeira disse que precisava levá-la para realizar exames e fazer a limpeza necessária. Eu fui junto, claro.

Ela começou a limpá-la e a Nina chorou novamente. Meu coração apertou, mas eu sabia que era necessário. Além de limpá-la, a enfermeira fez alguns procedimentos, depois colocou uma pulseirinha nela e a enrolou em uma manta limpa.

Logo em seguida, a pediatra entrou para examiná-la e eu voltei para o centro cirúrgico para falar com a Lili.

Quando me aproximei, ela logo perguntou:

— Cadê ela?

— Está sendo cuidada pela pediatra. Daqui a pouco, vão te levar para o quarto e ela chega logo depois.

Dei um beijo em sua testa e falei novamente com ela:

— Obrigado, amor. Obrigado por tudo, nossa filha é perfeita!

Depois que eles terminaram de conferir o canal do parto e dar os pontos na Lili, ela foi encaminhada para o quarto. A enfermeira me avisou que Nina já tinha ido para o berçário e ficaria lá por 2 horas. Então fui avisar à minha família.

Quando entrei na sala de espera, todos me olharam em expectativa e eu exclamei:

— Nasceu, família! Ela é perfeita e já está no berçário. Vocês podem vê-la pelo vidro.

A primeira a correr para me abraçar foi a minha mãe, que me deu um abraço forte e emocionado, depois falou:

— Parabéns, meu filho! Estou muito feliz em te ver assim, um pai de família.

— Obrigado, mãe! Nem eu acredito que me transformei em um.

Falei e ri. Em seguida, recebi abraços e os parabéns de todos os outros e fomos até o berçário. Ao chegarmos lá, a enfermeira trouxe Nina no colo e virou-a de frente para o vidro para que todos a vissem melhor.

— Senhoras e senhores, apreciem a minha mais perfeita criação: Nina Esposito — falei orgulhoso.

E lá estava ela, abrindo a boquinha com sono, no colo da enfermeira. Minha filha era linda e perfeita, e eu com certeza era o pai mais feliz e coruja do mundo!

Capítulo 33

Depois do parto, no quarto do hospital, eu estava descansando quando ouvi uma algazarra e, de uma vez só, entraram Enzo, Melissa, Matheo, minha sogra, meu sogro e minha mãe. Na mesma hora, veio à minha mente aquele filme “A família buscapé”. Eu não resisti e abri um largo sorriso.

Enzo caminhou até mim e deu-me um beijo cheio de carinho. Ele ainda estava se desculpando pela dor que senti, já o conheço. Na hora do desespero da dor, eu acabei jogando na cara dele, mas agora só gostaria de agradecê-lo por me dar uma família de verdade.

Se há um tempo eu me sentia tão oprimida, humilhada e sozinha, hoje eu tinha uma família linda, que me amava e só me trazia alegria. Embora fossem mafiosos, assim como o meu pai, ali existia amor e respeito entre todos.

Ao receber todos os cumprimentos e parabéns, eu poderia dizer que esse era o dia mais feliz da minha vida.

Algum tempo depois que estávamos lá conversando, a enfermeira entrou no quarto empurrando o bercinho com a Nina e parou ao lado da minha cama, pegou-a e colocou-a em meu colo dizendo que era hora da primeira mamada.

Eu estava vendo minha filha direito pela primeira vez e constatei que ela era o bebê mais lindo e cheiroso do mundo. O meu peito estava explodindo de amor.

Olhei para Enzo e ele também olhava para nós duas com o maior sorriso do mundo. Na verdade, todos estavam muito encantados com ela.

A enfermeira me ensinou como amamentar e, nesta hora, apenas Enzo, Melissa e minha sogra estavam em pé perto da cama. Os homens gentilmente tinham ido sentar no sofá do quarto para nos dar privacidade e minha mãe, que não podia ficar muito tempo em pé, os acompanhou.

Nina era gulosa igual ao pai, pois assim que sentiu meu mamilo na boca, começou a sugar instantaneamente. Nina não me deu trabalho nenhum. Quando ela terminou de mamar, entreguei-a à minha sogra para fazê-la arrotar e me deitei novamente, porque estava muito cansada do parto.

Minutos depois, Nina dormiu novamente e todos foram embora, exceto Enzo que ficou comigo para passar a noite.

Enzo

No meio da madrugada, acordei assustado ao ouvir um chorinho alto no quarto. Vi que Lili também já tinha acordado.

— Amor, pega a Nina para mim, acho que ela quer mamar.

Levantei, peguei uma Nina muito impaciente e entreguei para a mãe.

Minha filha tem um pulmão forte e só parou de chorar quando sentiu o peito da mãe na boquinha, aí começou a sugar. Já percebi a primeira semelhança dela comigo, ambos amávamos os peitos da Lili.



No dia seguinte, minha mulher teve alta do hospital e fomos direto para casa. Eu estava exausto, porque tivemos uma noite difícil. A Nina não gostava de dormir e chorava toda hora, querendo mamar.

Minha mãe e minha sogra já estavam nos esperando quando chegamos em casa e, confesso, seria uma ajuda muito bem-vinda, já que Lili e eu não tínhamos nenhuma experiência com bebês.

Nina não dormiu durante a noite, mas, em compensação, dormiu quase o dia todo, ou seja, seria mais uma noite em claro. Hoje pelo menos eu tive folga, mas amanhã já voltaria ao trabalho.

Ela era um sonho, mas com um dia de vida já tinha mudado toda a minha rotina.



Acordei para trabalhar depois de, praticamente, só ter cochilado. *A noite foi difícil.*

Tomei banho para me arrumar para o trabalho, peguei Nina dormindo no berço que colocamos em nosso quarto e coloquei-a ao lado de Lili, na nossa cama, com o intuito de facilitar para Lili quando nossa filha acordasse para mamar. Dei um beijo nas duas, mas nenhuma delas sequer se mexeu — estavam com o sono pesado —, depois descii para tomar um café.

Algum tempo depois, cheguei na empresa e Matheo já tinha deixado recado com a secretária para eu ir encontrá-lo em sua sala.

— Bom dia, irmão! Quer falar comigo?

— Bom dia, Enzo! Está tão ruim assim, é? Suas olheiras estão enormes.

— Cara, ela não gosta de dormir, ou melhor, não gosta de dormir durante a noite. E, para piorar, essa noite ela não parou de chorar nem no peito. Lili e eu ficamos nervosos, pois não sabíamos o que fazer. Pensei em ligar para a minha mãe, mas Lili não queria acordá-la, então ligamos para a pediatra que, pelo menos, é paga para isso. Ela falou que deveria ser cólica e ensinou a Lili a fazer algumas coisas lá que aliviaríamos. Só depois de um tempo, ela finalmente mamou e dormiu, mas agora elas estão lá dormindo e eu estou aqui, olhando para essa sua cara linda, morto de sono.

— Quem diria, o *bon vivant* virou homem de família!

Matheo falou e riu da minha cara.

— Muito engraçado, você.

— Isso passa, cara. É normal eles terem cólicas, os meus também tinham. Mia, então, tadinha.

— Bem que você podia ter me avisado, assim eu já estaria preparado psicologicamente.

— Eu não. Na minha vez ninguém me avisou! Mas vamos ao que interessa, porque estamos com um problema aqui. Recebi informações de que Paolo comprou uma droga de merda, bem mais barata, com outro fornecedor e está vendendo aqui no nosso território como se fosse a nossa. Como se não bastasse, ele está atrasado com nosso pagamento. Quero que você resolva isso.

— Paolo já está esgotando minha paciência. Toda vez ele atrasa, mas hoje ele está com azar, porque não estou de bom humor. Pode deixar que vou resolver isso.

— Não vá sozinho, Enzo. Mesmo que esse merda seja um frouxo, a gente não pode arriscar, afinal agora você tem uma filha. Pense nisso e seja mais prudente, não resolva mais essas merdas sozinho.

— Vou levar o Malone e mais um soldado, é o suficiente.

Matheo assentiu e eu saí da sala dele.

Quando cheguei no bordel do bastardo, senti logo o cheiro característico desses lugares: charuto, álcool e sexo. Entrei, seguido por Malone e Guido, e fui até o bar que ainda estava fechado. Em outro ponto do ambiente já tinham prostitutas no palco ensaiando, pois o bar já estava sendo preparado para a noite.

Quando sentei em frente ao balcão, senti todos os olhares virarem na minha direção. O barman, que já me conhecia, me ofereceu uma bebida e eu aceitei um uísque puro. Uma mulher veio andando lentamente em minha direção

e parou bem na minha frente se insinuando. Ela colocou a mão na minha coxa e já ia subindo para segurar o meu pau, mas eu agarrei o punho dela, sem nenhuma delicadeza, impedindo-a de prosseguir.

Eu nunca transei com prostitutas, nem quando era solteiro era fã de frequentar bordéis. Confesso que até ia, às vezes, por insistência de Lucca, mas nunca comia ninguém, embora sempre se aproximassem duas ou mais mulheres se oferecendo para nós. Lucca acabava comendo as duas, porque eu não me interessava. Não tenho nada contra a profissão, mas eu gostava da caça, não da facilidade, e agora que eu era casado, não trairia minha mulher, muito menos com uma puta.

— Oi, gostoso! Não quer se divertir?

— Não! — respondi curto e grosso. — Quero falar com seu patrão, vá chamá-lo e diga a ele que Enzo Esposito está aqui.

Ela arregalou os olhos e saiu de fininho, correndo para trás do palco.

Alguns minutos depois, ela reapareceu acompanhada de Paolo, que veio falar comigo cinicamente.

— Enzo, meu amigo, há que devo a honra da sua presença?

Eu não tinha um pinga de paciência para o cinismo dele e respondi de forma ameaçadora, pois queria que ele entendesse logo a porra do recado.

— Eu não sou seu amigo e você sabe muito bem o que me trouxe aqui.

Percebi que ele engoliu em seco antes de responder.

— Vamos até o meu escritório. Venha!

Levantei do bar, fiz sinal para Malone e Guido me acompanharem e, quando chegamos ao escritório, Malone entrou comigo e Guido ficou na porta.

— Chefe, eu... eu...

Completamente sem paciência, segurei-o pela garganta, apertando, e falei:

— Para de gaguejar, caralho, seja homem! Se é homem na hora de fazer merda, seja também para assumi-las.

— Eu preciso de mais um prazo, por favor. Só mais um pequeno prazo — ele respondeu com dificuldade.

Soltei o bastardo, antes que o matasse e ficasse no prejuízo, depois falei:

— Você acha que sou otário? Eu sei a merda que você está fazendo. Você é um viciado de merda, que fuma e cheira boa parte da porra da carga que recebe e o que consegue vender não dá nem para pagar o que pegou. Pra piorar, se achando esperto, comprou uma carga mais barata e de péssima qualidade com outro fornecedor, está vendendo para tentar repor a porra toda que usou e assim

arrumar o dinheiro para nos pagar.

— Chefe...

— Você achou mesmo que essa era a solução, seu fodido? Vender uma carga inferior no meu território, como se fosse a minha, e ainda atrasar o pagamento. Está querendo um passe mais cedo para o inferno?

— Não, chefe. Eu... Eu... Eu não queria trair vocês. Sei que aqui só vocês fornecem. Eu só preciso de mais tempo, por favor. Eu imploro por mais um pequeno prazo, eu vou pagar tudo.

— O que você vai fazer não me interessa. Você pode fumar, cheirar e até enfiar no cu essa porra toda de droga, mas eu não vou admitir mais um erro sequer. Se você comprar droga de outro fornecedor novamente ou atrasar a porra do meu pagamento, eu volto aqui e acabo com você, está entendendo? Não vou fazer isso agora, porque eu quero o caralho do meu dinheiro. Você tem 24 horas e nem um minuto a mais.

Ele me olhava pálido e, quando terminei de falar, vi alívio passar por seu rosto. Contudo, se ele não resolvesse essa porra em 24 horas, ia morrer, porque já tinha nos causado dor de cabeça demais.

— Recolha a porra da sua mercadoria barata, não quero que pensem que essa merda sem qualidade é nossa. E não se esqueça, 24 horas.

— Não vou esquecer, chefe. Muito obrigado por me dar mais uma chance, o senhor não vai se arrepender.

— Eu realmente espero que não, porque se eu tiver que voltar aqui não será para uma conversa amigável como esta.

Eu já tinha me virado para sair, quando ouvi o idiota suicida falar:

— Ah, chefe, parabéns pela sua menina. Ouvi dizer que ela é linda igual à mãe.

Do mesmo lugar onde eu estava, me virei. Tirei uma faca do coldre que eu levava na cintura e lancei-a, acertando a perna do imbecil que caiu no chão gritando de dor. Em seguida, fui até perto dele e deixei o meu recado:

— Nunca mais mencione minha mulher e minha filha nessa sua boca suja, seu filho da puta. Se eu souber que você as mencionou ou sequer pensou nelas, eu te mato.

Olhei para Malone e ordenei:

— Pegue minha faca, não quero respingar sangue no meu terno.

Virei as costas e saí de lá a passos firmes. *Babaca, estúpido do caralho, deu sorte de não morrer hoje.* Minha filha não tinha nem uma semana de vida e esses vermes já sabiam do nascimento dela.

Antes de sair da sala ainda ouvi os gritos dele. Pelo que conheço de Malone, ele não deve ter sido nada carinhoso ao tirar a faca.

Sorri e segui, ainda tinha muito trabalho a fazer.

Quando entrei no carro, meu celular apitou, era uma mensagem de Lili dando bom dia e mandando fotos da Nina. Automaticamente esqueci a raiva anterior. *Ela era um sonho. As duas eram meu pequeno paraíso particular.*

Capítulo 34

Algumas semanas depois.

Acordei com o choro da Nina, ela estava completando um mês de vida hoje e esse primeiro mês não tinha sido nada fácil. Ela teve muitas cólicas, ficou noites sem dormir. Enzo e eu estávamos exaustos, apesar da doutora Helena dizer que era normal e enfim ter liberado um medicamento para as cólicas da nossa filha, eu tinha esperança de que agora as coisas iam melhorar.

Todos os dias eu recebia a visita da minha mãe, da minha sogra e de Mel com os gêmeos. Eles estavam encantados com a Nina e começaram a pedir um irmãozinho para a Mel. Eu ainda colocava pilha, é claro, mas Melissa me olhava de cara feia.

Estava dando mama para a Nina, já tinha dado banho e arrumado ela para irmos à sua primeira consulta. Enzo logo chegaria para nos buscar e eu ainda precisava tomar banho e me arrumar também.

Deitei Nina no bercinho e ela começou a chorar. Minha filha não gostava mais de ficar na cama quando estava acordada. Graças à minha mãe, Melissa e Patrícia, ela estava super mimada e só queria colo. dona Beatriz sempre me ajudava segurando-a quando eu precisava — ou Enzo quando estava em casa.

Hoje nenhum dos dois me ajudaria. Dona Beatriz não estava se sentindo bem e não veio trabalhar e Enzo ainda não tinha chegado do trabalho para nos buscar.

Quando me aproximei do bercinho, a safadinha já parou de chorar quando me viu.

— Mamãe tem que tomar banho, minha princesa. Por que você não fica quietinha esperando?

Mal me afastei e começou o berreiro de novo, então peguei meu celular e liguei para o meu salvador.

— Alessandro, você pode vir aqui no meu quarto, por favor?

— Claro, senhora, já estou indo.

— Obrigada.

Peguei a chorona no colo e fiquei aguardando Alessandro. Em alguns segundos, ele bateu à porta e mandei que entrasse.

— Pois não, senhora.

— Alessandro, preciso que segure a Nina para eu tomar banho.

— Eu, senhora?! Mas eu não sei pegar neném!

— Deixa de ser frouxo, homem, você faz coisas muito mais difíceis do que segurar um bebê. Será apenas por um momento, só para eu tomar banho. Ela não fica no berço.

Fui falando e já entregando a Nina para Alessandro, que a pegou super desajeitado. Arrumei o corpinho dela no colo dele, disse para ele esperar ali no quarto mesmo e fui tomar banho.

Enzo

Cheguei em casa e encontrei tudo estranhamente silencioso, então fui direto para o meu quarto atrás de Lili. Quando abri a porta, dei de cara com Alessandro, todo desconcertado, segurando Nina nos braços.

— O que você está fazendo aqui? Cadê a mãe dela? — perguntei, já pegando Nina do colo dele.

— Está no banho, chefe.

— E posso saber o que você está fazendo aqui dentro do meu quarto, segurando minha filha, enquanto minha mulher toma banho?

Eu sabia que aquilo tinha uma explicação e que meu ciúme era insano, mas eu não conseguia controlar, porra.

— Foi a sua esposa quem me chamou, chefe. Ela precisava tomar banho e a neném não queria ficar no berço, então eu fui obrigado a segurá-la.

— Tudo bem, Alessandro, agora já pode ir. Obrigado!

Olhei para minha filha, que me encarava atentamente, e suspirei. *Meu dia estava sendo uma merda.*

Álvaro foi visto há algumas quadras do nosso condomínio, hoje mais cedo. Os soldados o identificaram pelas câmeras de segurança da rua, mas não conseguiram pegá-lo. Só fui informado agora há pouco, quando chegava em casa, já fervendo de raiva e com a cabeça mil. Mandeí triplicarem a segurança do complexo, mas não vou falar nada com Lili, pois não quero preocupa-la. A doutora falou que se ela se estressar, o leite pode secar e é importante ela amamentar nossa filha, pelo menos até os 6 primeiros meses.

— Oi, amor, que bom que chegou.

— Cheguei e não gostei de encontrar Alessandro aqui no quarto com a Nina no colo, enquanto você tomava banho!

— E você queria que eu fizesse o quê? Preferia que eu deixasse minha filha se esgoelando no berço? Eu não tenho culpa se nossas mães a deixaram mimada e ela agora só quer colo. Minha única opção era ele.

— Isso porque você não quis uma babá para te ajudar.

— Não quero mesmo, porque eu posso, perfeitamente, cuidar da minha filha sozinha.

— Tá bom, Lili. Agora se arruma logo que eu preciso voltar para a empresa depois.



Correu tudo bem na consulta, nossa filha estava saudável, com um bom desenvolvimento e o peso ideal. Quando voltamos para casa, Nina veio dormindo no colo da mãe. Eu as deixei em casa e voltei para a empresa, onde fui direto falar com meu irmão.

— Já soube do Álvaro, Matheo?

— Já! E também soube que você aumentou a segurança e isso é ótimo. Vamos evitar que as mulheres saiam de casa, por enquanto.

— Cara, ele não deve estar sozinho. Alguém o está ajudando, pois não teria como aquele bastardo se manter aqui, sozinho, por tanto tempo.

— Eu também acho. Nós vamos descobrir tudo, fica tranquilo.

— Só vou ficar tranquilo quando eu matar esse filho da puta.

— Calma, irmão, a hora dele vai chegar.

Fiquei até mais tarde na empresa, pois ter saído para levar Nina ao médico me atrasou o trabalho. Quando saí, Matheo já tinha ido embora, então peguei minhas coisas e fui embora junto com Malone no meu carro.

No meio do caminho, percebemos que havia um carro nos seguindo. Eu acelerei e, automaticamente, o carro que nos perseguia acelerou também. O veículo tinha os vidros muito escuros — daqueles que não dá para ver nada dentro —, mas Malone conseguiu anotar a placa, investigou e era fria.

Não tinha trânsito naquele horário, então acelerei o quanto pude e o outro carro acelerou atrás de mim. Eu tinha a vantagem de a Lamborghini ser blindada, então reduzi a velocidade e deixei, de propósito, que ele se aproximasse. Malone já sabia exatamente o que fazer. Quando ele chegou mais perto, bateu na traseira do meu carro... *Filho da puta, vai pagar caro!*

O motorista conduziu até emparelhar ao meu lado e bater na lateral. Ele era corajoso, pois quanto mais amassava o meu carro, mais ódio despertava em mim.

Malone desceu alguns centímetros do vidro e atirou na lateral dele. O bastardo perdeu, por alguns segundos, o controle do carro, mas se recuperou logo. Desta vez, fui eu que bati na lateral do seu carro e ele se descontrolou na pista e ficou um pouco para trás. Malone novamente abaixou o vidro e atirou na direção dele, acertando o vidro da frente e quebrando uma parte dele. Ainda assim, não dava para identificar quem estava ao volante.

Ele voltou a acelerar, ficou ao meu lado e bateu outra vez na minha

lateral. Eu queria passar dele para interceptá-lo e ver a cara do bastardo, mas de repente escutei uma buzina alta, que me assustou pra caralho. Quando olhei para frente, um caminhão vinha na minha direção. Meu instinto de proteção fez com que eu jogasse o carro para a esquerda e eu acabei descendo um barranco ao lado da estrada. O carro só parou quando chegou lá embaixo, depois de derrapar e bater em uma parede de pedras.

Nós estávamos vivos. Tivemos sorte, mais ainda porque o carro era blindado e, por isso, mais resistente. Tentei me mexer, mas minhas costelas doíam como o inferno. Ao meu lado, vi que Malone tinha um corte na testa e parecia atordoado. Comecei a procurar meu celular, porém não o encontrava.

— Malone, está me ouvindo, cara?

— Estou, chefe.

— Você está com seu celular?

Ele fez um esforço para pegar o aparelho e, assim que achou o celular no bolso, me entregou. Liguei direto para o meu irmão, que atendeu no segundo toque.

— Matheo, eu fui atacado, irmão. Sofri um acidente, meu carro caiu em um barranco na estrada. Vou te mandar minha localização, chame um médico para vir com você até aqui.

— Enzo, qual é o seu estado? E o agressor, fugiu?

— Acho que quebrei algumas costelas e cortei a testa. Malone também tem um corte na testa, mas parece que bateu a cabeça, pois está meio desorientado. O agressor provavelmente fugiu, mas caso esteja nos rondando, será difícil para ele ter acesso a onde estou, tanto a pé como de carro.

— Já estou entrando no carro. Vou acionar o helicóptero com o médico, mande logo a localização.

Com muito esforço, consegui desafivelar meu cinto de segurança, mas achei melhor não me mexer muito, pois não poderia correr o risco de que minha costela perfurasse algum órgão. Eu só esperava que o socorro chegasse logo, porque estava doendo pra caralho.

Quando escutei o barulho do helicóptero, alguns minutos depois, um grande alívio tomou conta de mim. Nossa sorte era que onde estávamos tinha espaço o suficiente para o helicóptero pousar. A aeronave pousou a uma certa distância do meu carro e vi uma equipe de bombeiros correndo em nossa direção, acompanhada pelo médico da família.

Os socorristas nos tiraram de dentro do carro, colocaram-nos em macas para começar os primeiros socorros, imobilizaram meu pescoço e me colocaram

no helicóptero junto com Malone. Quando levantamos voo, vi de relance na pista o carro do meu irmão seguido de mais uns 5 carros, mas nem sinal do veículo que me perseguiu.

Chegamos ao hospital e fomos levados imediatamente para a sala de exames. Depois de todos os exames feitos, foi constatado que eu tinha quebrado três costelas, mas felizmente não tinha sofrido nada na cabeça e já poderia ser transferido para um quarto. Já Malone sofreu traumatismo craniano leve e teria que permanecer internado.

Logo que cheguei no quarto, Matheo entrou.

— Como você se sente, irmão?

— Vou sobreviver. Você falou alguma coisa para a Lili?

— Quando saí de casa, a Melissa viu meu desespero, então contei a ela rapidamente o que tinha acontecido, mas pedi que não contasse nada para a sua mulher. Agora há pouco, quando o médico me avisou que você estava fora de perigo, liguei para ela e mandei que avisasse a Lili. Nosso pai também já sabe e está vindo para cá. Nossa mãe vai ficar em casa com as meninas, pois ninguém tem permissão para sair do complexo, já avisei aos seguranças.

Eu apenas assenti. Precisava voltar logo para casa, pois Lili devia estar apavorada.

Capítulo 35

Eu tinha acabado de amamentar Nina, na sala. Olhei para o relógio e estranhei que já era tarde e Enzo estava demorando para chegar, então coloquei Nina deitada no moisés, na sala mesmo, e fui pegar o celular para ligar para ele. No meio do caminho, a campainha tocou. Fiquei apreensiva quando vi que era Melissa, pois o semblante dela estava diferente.

— Entra, amiga. Cadê as crianças, aconteceu alguma coisa?

— As crianças estão bem, amiga, mas... o Enzo sofreu um acidente e está no hospital.

Na mesma hora, senti uma tontura e minhas pernas ficaram moles. Antes que eu caísse, Alessandro me amparou e me levou para o sofá.

Eu não conseguia raciocinar, apenas pensava que eu não podia perder o Enzo. Eu não podia. *Ele me salvou, me deu uma vida, me amou e me deu uma filha.* Eu queria perguntar como ele estava, mas a minha voz não saía. Naquele momento, todo o meu corpo tremia.

Olhei para Melissa e ela me encarava assustada, esperando por alguma reação. Com dificuldade e chorando, comecei a falar:

— Diz que ele está bem, amiga, por favor.

— Ele quebrou 3 costelas, mas não corre risco de morte.

Tentei me levantar, mas Alessandro me impediu.

— Me solta, Alessandro! Eu preciso ver o meu marido. Quero ir até o hospital, me leva para lá agora.

— Desculpe, senhora, mas não posso. As ordens do chefe são claras: as senhoras não podem sair de casa.

— O quê? Por quê? Eu preciso ver o Enzo com meus olhos. Preciso ver que ele está bem.

— Não pode, senhora.

Meu desespero aumentou e eu comecei a gritar. Eu realmente fiquei histérica.

— Por quê? Vocês estão mentindo para mim, só pode ser isso. Ele morreu? Não mintam para mim, eu quero meu marido.

— Não é nada disso, Lili. Ele está vivo, é que todos acham que não foi um acidente, e sim um atentado, amiga.

— Não, não, não... Eu preciso ver o meu marido agora. Preciso realmente

ter certeza de que ele está vivo. Me leva até ele, Alessandro.

Eu olhei para Alessandro apavorada, suplicando, mas ele nem se mexeu. Em um ato de desespero, eu voei para cima dele, socando seu peito, arranhando-o e mandando-o me levar até Enzo. O soldado segurava minha mão e pedia para eu me acalmar. Eu estava muito histérica e não queria me acalmar, pois precisava ver o meu marido.

Apenas quando ouvi a Nina chorar, obriguei-me a me acalmar um pouco e pedi a Melissa que a pegasse, pois eu tremia muito e não estava em condições.

Olhei para o Alessandro, desesperada e chorando. Eu temia que eles estivessem mentindo para mim, então pedi com mais calma desta vez.

— Eu preciso ver o Enzo, Alessandro. Por favor, me leva até ele. Se algo acontecer ao meu marido eu não vou aguentar. Você está mentindo para mim.

— Não estou mentindo, senhora, se acalme. Vou ligar para o senhor Matheo, talvez ele possa falar com a senhora.

Olhei para ele arrasada e falei em um fio de voz.

— Por favor.

Alessandro então pegou seu celular e começou a ligar para o meu cunhado.

Enzo

O telefone do Matheo tocou, ele atendeu e logo passou para mim.

— Enzo.

— Chefe, sua esposa está histérica aqui, querendo ir vê-lo no hospital.

Antes que ele terminasse de falar, já o cortei.

— Não, Alessandro! Ela não sai de casa de forma alguma. Eu vou sair daqui ainda hoje, fala para ela se acalmar.

— Melhor o senhor falar, chefe. Ela até me agrediu, parece estar possuída.

— Alessandro, eu não quero que ela saia de casa, essa é minha palavra final. Não importa o que ela faça ou diga, contenha minha mulher, mas não ouse machucá-la, porque eu não quero ver um arranhão na pele dela. Agora passe para ela.

Imaginei a Lili agredindo o Alessandro e acabei rindo. Eu estava tranquilo, pois sabia que ele não seria louco de revidar, mas Lili era impossível e não tinha noção do seu pequeno tamanho.

Fui interrompido dos meus pensamentos por uma voz desesperada e chorosa.

— Enzo, amor, você está bem? Fala comigo!

— Ei, calma! Eu estou bem, foi só um susto. Daqui a pouco, estou indo para casa, não se preocupe.

— Você está bem mesmo? Você jura que vem hoje?

— Juro, fica calma! Agora, deixa eu desligar para acelerar minha alta aqui e estar logo aí com vocês. Ah... e não bata mais no Alessandro, Lili, porque ele só está respeitando as minhas ordens.

— Sempre fofoqueiro. Bati mesmo, porque ele não queria me levar até você. E se ele me irritar, eu bato nele novamente.

— O cara só está cumprindo ordens, amor. Fique calma, eu estou bem.

— Tudo bem, não vou bater mais nele então, mas só sossegarei quando vê-lo com meus próprios olhos. Estamos esperando por você, vem logo. Eu te amo muito.

— Eu também. Até daqui a pouco!

Devolvi o celular a Matheo e comecei a retirar os acessos do meu braço.

— Enzo, larga essa merda aí no lugar, cara. É melhor chamar uma

enfermeira.

— Você acha mesmo que vou passar a noite aqui? Não mesmo, irmão. Estou indo embora.

— Calma! Deixa pelo menos eu chamar o médico. Não levanta agora.

Minhas costelas quebradas protestaram e eu fiquei deitado esperando. O médico me examinou e disse que o ideal seria que eu passasse a noite em observação, mas como eu não queria, teria que assinar um termo de responsabilidade.

— Me dê logo essa merda para assinar, que eu estou indo embora.

— Eu vou colocar uma faixa em volta das suas costelas, para que você mantenha a postura. Além disso, será preciso fazer repouso, de preferência sempre deitado. Vou te receitar uns medicamentos para dor e também para acelerar a cicatrização — recomendou o médico.

— Tudo bem.

Meia hora depois, eu estava saindo do hospital. Quando entrei em casa, com Matheo e meu pai, Lili correu até mim e abraçou-me forte. Eu tive que trincar os dentes por causa da dor, minhas costelas quebradas não estavam gostando do “carinho”.

— Amor, vai com calma, minhas costelas doem.

— Ah, meu Deus, me desculpe. Vem, vamos sentar.

Na sala estavam minha mãe, Melissa, Nina e Alessandro. Sentei entre minha mãe e Lili, meu pai sentou na poltrona e Matheo ficou ao lado de Melissa.

Contei a elas, mais ou menos, o que havia acontecido e minha mãe e Lili não paravam de chorar. Logo depois, Matheo levantou carregando Melissa com ele.

— Enzo, eu vou para casa. Começarei a tomar minhas providências e ver o que conseguimos encontrar nas imagens das câmeras da estrada, depois nos falamos. Se precisar de alguma coisa, me liga. Já que você não quis ficar no hospital, ao menos veja se sossega em casa.

— Tudo bem, cara, obrigado.

Meu pai levantou e disse que ia com Matheo, então eles saíram. Minha mãe estava com Nina no colo, me olhando e chorando.

— Você quer matar a sua mãe do coração? Achei que você já tinha quebrado todos os ossos do corpo, mas ainda faltavam as costelas. Agora está completo.

Eu ri e me arrependi, pois doeu muito.

— Deixa de ser exagerada, mãe. Eu estou bem — falei e cheirei a cabecinha da Nina, que estava no colo dela.

O melhor cheiro do mundo era o cheiro da minha filha, ele me acalmava.

Um tempo depois, minha mãe foi embora deixando-me sozinho com Lili. Eu estava moído, só queria cama. Tomei um banho relaxante e desci devagar, pois precisava comer alguma coisa.

— O que você está fazendo aqui? — Lili perguntou assustada quando me viu chegando na sala.

— Estou com fome, preciso comer alguma coisa — falei, deitando-me no sofá.

— Eu já vou fazer, só ia chamar o Alessandro para segurar a Nina para ela não chorar.

— Não precisa chamar ninguém. Me dá ela aqui.

— Não, Enzo, você não pode fazer esforço, vai machucar suas costelas.

— Para de exagero, amor. Deita ela aqui em cima de mim, nossa filha não pesa nada.

Lili deitou Nina no meu peito e foi para a cozinha. Abracei o pequeno corpinho, fechei os olhos e tentei relaxar, pois ainda estava tenso do acidente. Contudo, estar em casa com a minha família era tudo que eu precisava.

Capítulo 36

Voltei da cozinha com um sanduíche para meu marido. Nina já tinha dormido em cima de Enzo, então tirei minha filha de cima dos braços dele com cuidado, coloquei-a no moisés e o ajudei a sentar para comer.

Ao terminar de comer, fomos para o quarto, pois ele precisava ficar deitado e não podia abusar. Depois que acomodei Nina, deitei ao lado de Enzo. Ele estava deitado de barriga para cima, pensativo. Eu o olhava e só conseguia agradecer a Deus por ele estar aqui comigo, vivo e bem. Eu não podia sequer pensar na possibilidade de perdê-lo.

Deitei de lado, coloquei a mão de leve no peito dele e perguntei:

— Está pensando em quê?

— No meu azar. Logo hoje que a doutora liberou você para transar, eu quebro as costelas.

— Não acredito nisso, Enzo. — Não aguentei e ri. — Você está todo quebrado e mesmo assim só pensa nisso, seu pervertido?

— Minhas costelas estão quebradas, mas meu pau está intacto. Pega aqui para você ver!

— Sossega, Enzo! Nem pensar, você não pode.

— Só posso estar pagando todos os meus pecados.

— Exagerado! Você tem é que agradecer a Deus por estar vivo aqui comigo e com a sua filha.

— Eu sei, linda, estou brincando! Mas se você quiser transar, então estou falando sério.

— Bobo. Vamos dormir que é melhor. O dia foi longo e cansativo.

Eu o abracei, o mais suavemente que pude, e dormi agradecendo a Deus por estar nos braços do homem que eu amava.



Acordei com Nina resmungando no berço e fui logo pegá-la. Não queria que Enzo acordasse, pois ele custou a achar uma posição boa para dormir por causa da dor nas costelas.

Amamenteei minha filha, dei-lhe banho e depois desci com ela para ver se dona Beatriz havia chegado. A simpática senhora já estava na cozinha e eu dei

graças a Deus, porque ela estava fazendo muita falta aqui, principalmente agora com o Enzo precisando de cuidados.

— Bom dia, dona Beatriz! Está melhor?

— Bom dia, minha filha! Estou bem, sim. Como está o senhor Enzo?

— Está melhorando. A senhora soube do acidente?

— Soube sim, saiu no jornal.

— Mentira... — exclamei incrédula.

— Saiu. Eu até comprei um exemplar, olha aqui — ela disse e me entregou o jornal. — Deixa eu segurar a Nina para a senhora ler.

Ela pegou a Nina do meu colo e, assim que olhei o papel, a notícia estava logo em destaque:

O empresário Enzo Esposito, 28 anos, vice-presidente das Empresas Esposito — maiores empresas no ramo de importação e exportação da Itália —, sofreu acidente de carro nesta quinta-feira. O empresário estava apenas com o seu segurança e os dois passam bem. Enzo sofreu algumas fraturas nas costelas, mas já está em casa; o segurança pessoal dele, Malone Peterson (33 anos), sofreu traumatismo craniano leve e permanece internado, mas a equipe médica esclareceu que ele não corre risco de morte. Enzo casou-se há pouco mais de um ano e é pai de uma menina de um mês, mas felizmente, sua esposa e filha não estavam no veículo na hora do acidente.

Meu Deus, como a fofoca corre rápido na mídia. Agora todos já sabem do acidente e, seja lá quem esteja por trás disso, já sabe que ele sobreviveu.

Pedi para dona Beatriz ficar com Nina alguns minutos, enquanto eu preparava uma bandeja de café da manhã para levar para o quarto. Quando terminei, pedi a ela para levar a Nina para tomar um solzinho enquanto nós tomávamos café. Eu sabia que ela gostava de ficar com minha filha, então não me importei de pedir.

Quando subi para o quarto, Alcapone veio atrás de mim. Chegando lá, Enzo já estava acordado.

— Bom dia, amor! Trouxe nosso café da manhã, você consegue sentar?

— Claro que sim, já estou pronto para outra. Cadê a Nina?

— Não fala besteira, nem brincando. Nina foi tomar sol com a dona Beatriz.

— Aqui dentro do condomínio, né?!

— Sim, aqui na frente de casa. Além disso, Alessandro também está lá, mas por que esse tom?

— Só estou preocupado, como sempre estive.

— Você sabe que está mentindo e eu já sei que não foi acidente, Enzo. Vocês já descobriram quem fez isso com você?

— Eu fui seguido ontem, por isso acabei sofrendo o acidente, por pouco não vi quem era o filho da puta que estava no outro carro. Mas, apesar de ter outros inimigos, meus instintos me dizem que tem a ver com o seu pai, Lili.

— Não sei se o meu pai seria tão ousado, afinal ele sabe que toda a *Cosa Nostra* está atrás dele.

— Eu não acho que ele esteja agindo sozinho. Não teria como ele se manter escondido, em outro país, por tanto tempo. Ele nem teria dinheiro para isso.

— Você acha que ele tem um aliado?

— Tenho certeza que sim.

— Mas quem? Meu pai não tem ninguém que tenha um interesse em comum para ajudá-lo.

— Isso eu ainda não sei, mas vou descobrir — ele disse firme e eu desabei. — Por que você está chorando?

— Você ainda pergunta? Primeiro, desde que me apaixonei por você e, mais ainda, depois que me tornei mãe, virei uma banana. Segundo, ontem quase te perdi. E terceiro por saber que o meu progenitor, o homem que deveria me amar e proteger, está tentando tirar de mim o homem que eu amo, pai da neta dele.

— Pessoas como o Álvaro não pensam assim, Lili. Ele só se importa com ele mesmo. Sei que eu também não sou um exemplo de homem, pois já fiz coisas das quais não me orgulho. Eu já matei pessoas inocentes, não por divertimento, mas porque eu tive que fazê-lo por algum motivo, entretanto eu seria incapaz de encostar um dedo em você. Eu não posso sequer pensar na possibilidade de qualquer pessoa machucar a Nina e não sei como ele foi capaz de machucar você, filha dele. Eu mataria e morreria por vocês.

Ele terminou de falar e secou as lágrimas que caíam dos meus olhos.

— Vamos parar com esse papo de morte — ele disse.

Terminamos de tomar nosso café tranquilamente, na medida do possível. Em seguida, tirei a bandeja da cama e me deitei ao lado dele, de frente um para o outro.

Meu marido me olhou de um jeito que eu já conhecia e passou a mão por

todo o meu braço, me causando um arrepio. Depois ele apertou a minha cintura e, embora eu soubesse que não podíamos, eu já estava ficando excitada e ele também. Enzo estava deitado de barriga para cima e o volume em sua calça de moletom já era visível, então aproximei-me mais um pouco dele, apoiei-me nos cotovelos para não soltar meu peso em cima dele e comecei a beijá-lo. Ele retribuiu o beijo com vontade e, imediatamente, sua mão foi para a minha bunda. Eu desci os beijos, passeando levemente pelo seu pescoço, peito e barriga e, quando cheguei no cóis da sua calça, ele segurou meu cabelo.

Tirei o pau dele do pijama e fiquei com água na boca. Não perdi tempo e comecei a chupá-lo e masturbá-lo com vontade. Eu lambia a cabeça, chupava, descia mais um pouco e chupava suas bolas. Em pouco tempo, vi que Enzo estava enlouquecido e com a respiração totalmente ofegante. Às vezes ele tentava se mexer, mas eu o ameaçava de parar, aí ele sossegava.

Eu continuei com minhas investidas, chupando, lambendo e massageando, e ele estava cada vez mais louco. Com certeza não ia demorar para gozar, pois seu pau já soluçava. Eu continuava chupando-o com vontade, até que o ouvi falar:

— Eu preciso gozar.

Levantei a cabeça e respondi, olhando-o nos olhos de forma provocante:

— Então goza, gostoso, que eu vou engolir tudinho.

Voltei a chupá-lo e, em pouco tempo, ele gozou na minha boca. Suguei tudo o que tinha e me levantei para ir ao banheiro.

— Ei, onde você pensa que vai? Volta aqui e coloca essa boceta deliciosa na minha cara que eu quero te chupar.

Ri e voltei para a cama. Eu não estava em condições de negar, porque estava muito excitada. Comecei a tirar a roupa, sob o olhar brilhante e faminto do meu marido, e quando eu fui caminhando para o lado dele, bateram à porta. Levei um susto e corri para o banheiro onde peguei o roupão. Nesse momento, escutei Enzo responder com uma voz sofrida:

— Entra. — A voz dele estava tão desolada que eu ri.

— Desculpa incomodar, senhor, mas a Nina já estava ficando inquieta, então eu a trouxe.

— Tudo bem, dona Beatriz. Coloca ela aqui do meu lado, por favor.

Segundos depois, escutei a porta sendo fechada e Enzo falando com a Nina:

— Oi, filha, bom dia! Você estragou a brincadeira do papai, sabia? Se continuar assim vai ser difícil ter irmãos.

Eu saí do banheiro já na defensiva e disse:

— Nada de irmãos por um longo tempo, porque só essa já vale por duas. Agora que as cólicas estão melhorando, Deus me livre que não quero outro filho nem tão cedo.

Enzo riu e eu deitei ao lado da Nina, deixando-a entre nós dois.

Enzo

Alguns meses depois

Tudo estava quieto demais e isso vinha tirando o meu sossego. Eu não sou idiota, sei que as coisas não tinham acabado com meu acidente.

Infelizmente nós não conseguimos descobrir nada sobre o meu perseguidor. A placa do carro era fria e naquele local, infelizmente, tinham poucas câmeras e não deu para ver direito. Porém eu tenho certeza de que Álvaro estava por trás do atentado.

Ele está quieto demais, mas eu sei que é porque também não estamos facilitando as coisas para ele. Depois do meu acidente, aumentamos ainda mais a segurança no complexo e, agora, as mulheres só saem com escolta e quando muito necessário.

Lili está tranquila depois de todo esse tempo em paz. Para ela é um bom sinal e eu a deixo ter essa ilusão, mas sei muito bem que ele está apenas esperando o melhor momento para agir novamente e, quando esse dia chegar, estarei esperando ansiosamente pelo retorno do meu sogrinho.

Saí dos meus pensamentos quando escutei a Lili me chamando:

— Enzo, venha aqui, por favor.

— O que foi? — perguntei já saindo do escritório.

Minha mulher estava deitada no tapete da sala com a Nina. Eu fui até elas e me sentei perto, dando um beijo na minha filha. Ela estava enjoadinha hoje, pois, com seus mais de 6 meses, estavam nascendo dois dentinhos de uma vez só. Nina estava nervosa e queria morder tudo o que via.

— Amor, leva o Alcapone lá fora para ir ao banheiro, acho que ele tá apertado. Olha a carinha dele, só fica me olhando assim.

— Esse cachorro é maluco e, pela cara, deve ser dor de barriga. Leva você, eu fico com a Nina.

— Tá bom, seu preguiçoso.

Ela foi andando para a porta e o cachorro foi atrás dela. Eu deitei no tapete, próximo à Nina e ela automaticamente veio engatinhando na minha direção tentando me morder.

— Não, filha! Papai está sujo. Não pode morder o papai.

Eu a levantei e a joguei para o alto, na tentativa de distraí-la, pois ela

adorava quando eu fazia isso. Quando Lili voltou com o Alcapone, minha mãe entrou junto com ela.

— Cadê o bebê mais lindo da vovó? Vamos passear na casa da vovó, meu amor? Vamos ver seu vovô?

Minha mãe falou para Nina com uma voz infantil, já esticando os braços para pegá-la, e minha filha se derreteu toda em sorrisos para a minha mãe. Ela adorava a avó.

— Espera aí, sogra, deixa só eu pegar uma fralda, mais uma roupa e a mamadeira de água para você levar — Lili falou e saiu em disparada para arrumar as coisas da Nina.

— Está nascendo dois dentinhos nela, tadinha. A Lili está passando um medicamento na gengiva dela que a pediatra receitou, mesmo assim ela está meio enjoadinha. Essa noite teve até um pouquinho de febre. Cuidado com ela, mãe, e se ela chorar, traz minha filha de volta.

— Enzo, meu filho, eu criei você e seu irmão e nenhum dos dois morreu. Além disso, ela não vai chorar, porque ama a vovó. Quer ensinar o padre a rezar uma missa?

— Só estou falando, ué?

— Deixa comigo, ela está em boas mãos.

Lili voltou com as coisas de Nina, entregou para a minha mãe e ela foi embora roubando minha filha, mas, antes de sair, ainda falou:

— Dá tchau para o papai e para mamãe.

A safadinha nos olhou e abriu um sorriso enorme no colo da avó. Nina adorava uma rua.

Era sábado, então dona Beatriz não estava trabalhando. Ficamos em casa, só Lili e eu. Olhei para ela já cheio de maldade e recebi um sorriso de volta. Nina não nos dava muita folga — ela era agitada —, pois praticamente não dormia mais durante o dia e, à noite, sempre acordava na melhor hora. Então quando minha mãe ou Melissa levavam nossa filha, eu aproveitava.

— Enfim, sós! — falei.

— Está cheio de maldade, né?!

— E você não? Não podemos perder nenhuma oportunidade, porque a Nina está empenhada em ser filha única, sempre acorda na hora boa.

— Safado! — Lili falou e riu

Eu parti para cima dela, cheio de desejo, e a beijei. Em seguida, peguei minha esposa no colo e a levei para o quarto, pois não queria correr o risco de algum soldado vê-la pelada.

Quando chegamos ao quarto, eu a deitei na cama e já fui tirando minha roupa. Depois fui para a cama e comecei a tirar a roupa dela, apreciando cada curva do seu corpo. A gravidez tinha deixado Lili ainda mais gostosa e com mais curvas. Os seios dela ainda estavam enormes, pois amamentava a Nina e a mim também, claro.

Deitei em cima dela e comecei a beijá-la. Desci os beijos pelo pescoço dela, depois beijei os seios, a barriga e finalmente cheguei ao meu paraíso particular. Minha mulher tinha a boceta mais cheirosa, quente e gostosa do mundo, era de dar água na boca. Eu comecei lambendo-a e, quando cheguei ao clitóris, brinquei ali com a minha língua. Com isso, senti Lili tremer e abrir ainda mais as pernas para mim. Então segurei em suas coxas e me dediquei ao clitóris, alternava entre lambe suavemente e com um pouco mais de intensidade.

Minha mulher se contorcia e tremia e meu pau ficava cada vez mais sedento, vendo o quanto ela estava excitada. Lili segurou forte no meu cabelo e gozou me xingando e tremendo todo o corpo. Após sugar tudo dela, eu não pude esperar mais e, de uma vez só, entrei nela. *Putá que pariu, que boceta quente e apertada.*

Ela engolia meu pau, me apertando, e eu precisava sempre me segurar para não gozar rápido igual a um adolescente. Lili era minha perdição, ela poderia fazer o que quisesse de mim e eu simplesmente não resistia a ela. As sensações e sentimentos que ela me causava só aumentavam com o passar do tempo, ela me tinha nas mãos.

Parei de meter e virei Lili de costas, dando um tapa em sua bunda e metendo novamente. Ela gemia igual a uma louca e estava encharcada, o que fazia meu pau deslizar dentro dela fazendo barulho. Minha mulher era gostosa demais e ver o que eu causava nela me deixava maluco.

Coloquei a mão por baixo do corpo dela, massageei seu clitóris com o dedo e meti com força nela. Senti sua boceta me apertando, o que significava que ela já estava perto, então intensifiquei os movimentos e as estocadas, pouco tempo depois ela gozou forte, apertando o meu pau, e eu também não aguentaria por muito mais tempo.

Suspendi o corpo de Lili, puxando-a pela barriga e a coloquei de quatro, depois meti com vontade até gozar tudo dentro dela.

Alguns minutos depois, levantamos e fomos tomar banho juntos. Assim que saímos do *box*, ainda pelados, escutamos batidas na porta. Coloquei uma toalha na cintura e fui atender, era minha mãe carregando a Nina no colo com a carinha chorosa. Assim que me viu, minha filha esticou os bracinhos para mim.

Eu a peguei e perguntei à minha mãe, preocupado:

— O que houve, mãe? Por que ela chorou?

— Ela está muito irritada e querendo morder tudo, mas a gente não pode deixar porque é sujo, né?! Aí ela se irrita e faz pirraça.

— É mesmo, dona Patrícia? Nem preciso falar quem deixou a minha filha pirracenta e mimada assim, né, mãe?! Ela tem um mordedor que eu comprei, Lili devia ter mandado. Mas tudo bem, já deu tempo. Pode deixá-la aqui.

— Deu tempo de quê? E eu não quero deixar minha neta aqui, vim apenas pegar o mordedor.

Quando eu ia responder sobre como matamos o nosso tempo e, provavelmente, matar minha mãe de vergonha, coisa que eu adoro, a intrometida da Lili saiu do banheiro acabando com a minha graça.

— Tempo de tomarmos banho tranquilamente, sogra. Com Nina acordada fica difícil. Eu vou buscar o mordedor dela, espera só um minuto.

— Ah, sim! Quando quiserem eu fico com ela, minha querida, para vocês tomarem banho em paz.

— E para eu comer, mãe, você olha ela? — falei mais rápido do que Lili. — Tenho passado fome ultimamente, porque a Nina sempre acorda na hora do banquete. Tenho andado faminto, muito faminto.

— Claro, filho. Daqui a pouco vai emagrecer... Não, pera, Enzo. Você está sendo sarcástico comigo, seu depravado? Não sei a quem esse menino puxou!

Dei uma gargalhada, pois minha mãe já estava ficando vermelha.

— Aqui, mãe, acho que estou até mais magrinho mesmo — falei mostrando a barriga. — Talvez a gente precise que ela durma na sua casa para eu conseguir me alimentar melhor!

— Enzo, seu safado! Não fala assim da minha netinha, porque ela é o anjo da vovó, nunca atrapalha.

— Ela é o meu anjo também, mas gosta de acordar nas horas mais impróprias.

— Tadinha da minha neta, não tem essas maldades.

Olhei para a Nina e dei um beijo na bochecha dela. Minha filha, inocentemente, riu para mim. *Tadinha, realmente não tinha maldade nenhuma.*

Lili voltou trazendo o mordedor da nossa filha e, quando ela o pegou, levou direto à boca. No mesmo instante, minha mãe pegou Nina no colo novamente para levá-la para a casa dela e disse que só retornaria na hora de ela mamar.

Eu fui abrir a porta do quarto para minha mãe, ainda rindo. Depois que

ela saiu, olhei para a Lili com cara de tarado e ela se apressou em falar:

— Nem vem, Enzo, estou morrendo de fome. Deixa para depois, vai colocar uma roupa.

— Mas amor, temos que aproveitar.

— Já aproveitamos. Agora, deixa de ser tarado e vai se vestir.

— Assim você machuca o meu pobre coração — falei colocando a mão no peito, fazendo drama.

— Sei! Não é bem o seu coração que estou machucando, né?

Nós dois rimos e descemos para comer antes que Nina voltasse e, claro, antes de mais uma rodada de sexo, porque essa mulher era um vício e eu um viciado incurável.

Matheo

No escritório, eu estava em minha sala com Santiago — o capo da Colômbia —, aguardando Enzo voltar de um trabalho.

— Santiago, eu acho que uma parceria com o grupo *Yardies* pode ser mais proveitosa do que com a Tríade. Eu não gosto da forma como a Tríade atua, porque eles são muito imprudentes e covardes. Estão sempre envolvidos em roubos, assassinatos por encomenda, tráfico de drogas, extorsão, falsificação de moeda chinesa e pirataria, além de outros delitos menores.

— Eu compreendo, Matheo.

— O nosso negócio é apenas tráfico de armas e drogas, então não acho que a *Cosa Nostra* deve ser rebaixado ao nível deles. Se você está interessado mesmo assim, vá por sua conta e risco, porque eu não quero essa aliança. Eu talvez concordasse com os jamaicanos, *Yardies*, mas jamais com os chineses da Tríade. Sendo assim, se você veio aqui apenas pensando nisso, perdeu seu tempo.

— Na verdade, vim principalmente para falar com o Enzo e tratar de interesses pessoais. Estou expondo essa questão da Tríade apenas como uma especulação, porque queria saber a sua opinião.

— Bom, agora você já tem a minha resposta. Para a *Cosa Nostra* a resposta é não. Não nos interessamos por essa aliança.

Nesse momento, a porta abre sem ninguém bater e eu já sabia que era Enzo, é claro.

— Boa tarde, irmão — ele me cumprimenta e depois fala com o colombiano. — Santiago, você por aqui? Não sabia que vinha.

— Boa tarde, Enzo. Na verdade, não tinha nada marcado. Eu vim à Itália para resolver assuntos pessoais, pois a família da minha esposa é daqui e ela veio trazer nosso filho para sua *nona* conhecer. Você sabe, eu tenho um filho pouca coisa mais velho que sua filha, ele tem um ano. Eu estava expondo umas ideias ao Matheo enquanto esperava você chegar, porque realmente preciso falar com você.

Enzo olhou para Santiago com uma cara de desprezo. Meu irmão não gostava e nem confiava muito nele, na verdade, nem eu. A aliança com a Colômbia foi feita apenas por ser muito lucrativa, mas estávamos sempre de olhos bem abertos com Santiago.

— Bom, então você pode falar, porque eu já cheguei — Enzo respondeu encarando o homem.

— Eu gostaria de firmar um compromisso com você. Sei que ainda é muito cedo e que temos bons anos ainda pela frente, mas eu já quero me antecipar na proposta, porque acho que será de grande proveito para nós dois.

— Do que você está falando?

— Eu gostaria de casar sua filha com o meu filho.

Na mesma hora, Enzo se levantou da cadeira em um pulo ficando de pé, e eu fiquei em alerta. *Santiago só pode estar louco!* Contudo eu não iria interferir ainda, deixaria o Enzo conduzir a situação, mesmo percebendo que ele já estava com as mãos em punho ao lado do corpo.

— Você só pode estar de brincadeira comigo! — Enzo falou com uma raiva contida, trincando os dentes.

— Por que estaria? Todos nós sabemos que as meninas das melhores famílias da máfia são criadas para serem boas esposas e que se casam assim que completam 18 anos.

— Nem fodendo! A minha filha ainda é um bebê, você ficou maluco, porra?

— Esse bebê vai crescer e você terá que escolher um noivo para ela, meu amigo. Por que não o meu filho?

— Eu não sou seu amigo e minha filha não vai se casar com o seu filho e nem com filho da puta nenhum. Eu não vou pensar nisso agora, então vou fingir que nem ouvi sua proposta. Agora é melhor você ir embora e procurar outra noiva para o seu filho, porque minha filha está fora do alcance.

— Tudo bem, Enzo, eu vou esperar. Você não vai poder mantê-la debaixo das suas asas para sempre, afinal você sabe que é tudo pelo bem da família. Eu até pensei na filha do Matheo, mas ela já é bem mais velha que o meu filho.

Nessa hora, Santiago deu uma pausa e me olhou, provavelmente querendo testar a minha reação. Como resposta, dei-lhe o olhar mais mortal que já dei a alguém. Ele entendeu o recado, não precisava que eu dissesse mais nada. Então ele continuou a falar:

— Além de sua filha ter praticamente a mesma faixa etária do meu filho, achei que você seria mais flexível com relação a isso. Seria o casamento perfeito.

— Achou errado! Só por cima do meu cadáver. Minha filha não vai casar tão cedo.

Vi que Enzo estava ficando exaltado demais e Santiago ofendido, então

achei melhor intervir.

— Enzo, se acalme. Não haverá casamento nenhum, porque é realmente muito cedo para pensar nisso. — Em seguida, virei para falar com o colombiano.

— Santiago, acho que já terminamos por aqui. Aproveite sua estadia na Itália.

— Obrigado, Matheo! Nós nos vemos por aí.

Santiago saiu sem se despedir de Enzo, e foi melhor assim. No momento em que a porta se fechou, Enzo explodiu, dando um soco forte na mesa e falando cheio de ódio:

— Esse filho da puta só pode estar de brincadeira comigo. Eu realmente queria matá-lo agora. Que porra ele estava pensando? Nina é apenas um bebê! Eu só não o matei agora para evitar uma guerra.

— Ainda bem que você conseguiu pensar friamente, irmão, porque se você matasse esse cara ia me trazer uma grande dor de cabeça. Eu entendo sua relutância, porque eu também não posso sequer pensar em Mia casando. A gente sabe que uma hora vai acontecer e é lógico que eu acho que você está certo de não ter aceitado, mas não é incomum, em nosso mundo, casamentos serem acertados quando os filhos são ainda bebês. Há um tempo, Demétrio também falou informalmente na possibilidade de um compromisso entre Mia e Romeu e eu fiquei tenso na mesma hora. Entendo suas objeções, mas infelizmente, para nós dois, esse dia vai chegar.

— Não com a minha filha, Matheo. Aliás, estou pensando seriamente em colocá-la em um convento assim que completar 18 anos, dessa forma ela não precisará casar.

Nesta hora eu tive que rir, porque é claro que isso não ia acontecer.

— Você sabe que a Liliane nunca permitirá isso, não é? E nem é o ideal. Aceita que dói menos, irmão. A única coisa que podemos fazer é adiar o máximo possível e, quando chegar o momento certo, escolher a dedo o melhor partido.

— Eu não quero mais falar sobre isso, Matheo.

— Tudo bem, nem eu. Vamos para casa?

— Vamos.

Quando cheguei em casa, fui direto procurar Melissa e meus filhos. A casa estava silenciosa e isso era estranho. Então subi para o meu quarto e chamei a minha mulher.

— Mel, onde você está?

— No banheiro, já vou sair.

— Cadê nossas crianças?

— Estão na sua mãe. Ela veio buscá-los ainda a pouco. Falou que Nina já

estava lá e queria todos os netos por perto, então os levou para brincarem juntos.

— Falando em Nina, o Enzo ficou muito puto hoje. Santiago está na Itália e teve a cara de pau de propor um compromisso de casamento entre Nina e o filho dele de 1 ano. Enzo queria matá-lo.

— Compreensível. Nina é só um bebê, foi um tanto absurda essa proposta.

— Nem tão absurda assim, meu amor. Como pai, entendo totalmente o lado de Enzo, mas na máfia existem muitos compromissos de casamento que são firmados assim, às vezes antes mesmo de os filhos nascerem.

— Bom, eu espero que a gente esteja de acordo que é a Mia quem vai escolher o noivo dela. Nós vamos apenas orientá-la, pois não quero minha filha se casando obrigada.

— Estou falando para você a mesma coisa que falei para o Enzo, porque eu sei que é inevitável. Além disso, pelo que vi, Enzo é tão ciumento quanto eu, no entanto não sou tão emocional e impulsivo quanto ele e já estou tentando acalmar os ânimos. Meu lado chefe sabe que é inevitável, mas meu lado pai e tio não quer nem pensar nisso agora. E sobre Mia, eu darei opções a ela, Melissa, mas você sabe que ela terá que se casar com alguém da máfia e eu não vou permitir que ela escolha menos do que o melhor para ela.

Eu realmente não gostaria de estar conversando sobre isso agora, quando minha filha ainda era tão nova, mas era importante que, aos poucos, falássemos sobre o futuro dela.

— Ela pode querer escolher o rosto mais bonitinho, mas essa não é a questão principal. Assim como seu pai fez com você, eu só entregarei a minha filha para um cara que seja capaz de cuidar dela e protegê-la incondicionalmente...

Parei de falar de repente, pois percebi que parecia estar falando sozinho. Minha mulher estava quieta demais e eu me preocupei.

— Amor, você está bem? Por que está demorando tanto, se sente mal?

— Um pouco, mas já estou saindo.

Quando Melissa saiu do banheiro, percebi que havia chorado, ou melhor, ainda estava chorando. Fui até ela rapidamente, muito preocupado. Era insuportável para mim vê-la chorar, pois eu me condenava todos os dias pelas lágrimas que ela já derramou por minha culpa.

— O que você tem? Por que está chorando?

— Eu estou bem, só assustada e surpresa.

— Por quê? Fale pra mim, não me deixe nervoso!

— Eu estou grávida novamente, Matheo.

Fiquei totalmente surpreso. *Porra, eu vou ser pai novamente!* Não pude deixar de me derreter pela novidade, então sorri e tive vontade de me jogar aos pés da minha mulher.

— Você não está bravo comigo?

— Bravo? É claro que não! Eu diria surpreso, porque achei que você estava tomando pílula, mas por que eu ficaria bravo?

— Porque a culpa é toda minha. Eu esqueço com frequência de tomar a pílula e... enfim, você não reagiu muito bem da primeira vez.

Eu cheguei mais perto e a abracei com carinho, antes de falar.

— Aquilo foi diferente, amor. Nós estávamos sendo ameaçados, não era o melhor momento. Na verdade, eu estou sempre alerta, porque tenho muitos inimigos e ainda tem essa história com o pai da Liliane, que não é diretamente com a gente, mas não deixa de ser uma ameaça. Ainda assim, Mel, eu nunca a trataria da mesma forma que tratei antes. Eu te amo, Melissa! Você me jogou na lona e me arrependo amargamente das vezes que não te tratei como a rainha que você é. A minha rainha. E não há nada que eu não faria para te ver feliz. Acredite em mim, estou mais do que feliz porque teremos outro bebê.

Melissa sorriu, me abraçou mais forte e eu suspirei — acho que pela primeira vez em toda a minha vida.

— Amor... Eu... — pigarreei, porque parecia que, por ter demorado tanto para falar, tinha se formado um nó no meio da minha garganta, não que eu tivesse qualquer orgulho, eu apenas hesitava em reviver aqueles momentos e gostaria de apagar de sua memória.

— O quê, amor? Está tudo bem?

— Não fale nada até que eu termine de falar, por favor. Durante todo esse tempo, desde o nosso casamento, eu venho guardando um sentimento muito doloroso dentro de mim. Eu fui criado para ser assim, esse cara ogro, quase insensível, mas você já sabe que eu também sou um homem de família e amo você e nossos filhos. Eu não consigo me perdoar por ter tratado você de forma tão bruta daquela vez em que você saiu com o Enzo. Não foi só ciúme, na verdade, nem sei o que senti. O que sei é que, apesar de você ser minha mulher e termos transado daquela maneira tão selvagem — como a gente gosta, eu sei —, mas, naquele momento, eu passei do ponto com você. Mel, você ainda era tão inocente, quase sem nenhuma experiência de vida e eu fui...

— Shiii... — Ela colocou um dedo sobre os meus lábios. — Estamos vivendo um novo momento em nossas vidas agora, Matheo, e eu não quero que

você guarde sentimentos assim, pois eu não guardo nenhum rancor. Você vem se redimindo todos os dias e se tornou o melhor pai e marido que eu poderia querer. Não devo e não quero passar a mão na sua cabeça porque, sim, você foi um ogro comigo naquele dia. Eu já queria muito você e amei sentir todo o seu desejo por mim, mas não queria que tivesse sido daquela forma. Apesar de ser sua mulher, no dia que eu disser não, é não. E não foi o caso, eu queria você, só queria que tivesse sido de outra maneira. Eu quero que você se perdoe e siga em frente.

— Me perdoa.

— Claro que sim, já passou e eu fico muito feliz que tenhamos conversado sobre isso, mesmo que depois de tanto tempo.

— Eu não sabia como te dizer o quanto eu me arrependi de ter tratado você daquela maneira, também não queria trazer novamente à tona aquelas lembranças que me atormentam todos os dias.

— Eu te amo, meu marido ogro e mafioso.

— Eu te amo, minha Mel.

Eu beijei sua cabeça com carinho e, em seguida, ela me abraçou, pôs a mão por dentro da minha camisa e acariciou minhas costas.

— Vem cá, vamos aproveitar que as crianças não estão em casa e comemorar.

— A melhor coisa de quando você fica grávida são os hormônios da sacanagem, como diz Enzo.

Ela riu e eu a beijei com mais intensidade. Hoje, com certeza, não iríamos foder. Faríamos amor, porque ela estava carregando novamente um filho meu e eu faria com que ela sentisse o quanto é amada e adorada por mim.

Capítulo 37

A semana passou voando e hoje já era sábado. Eu amava os sábados, pois Enzo não trabalhava mais nesses dias desde que engravidei de Nina, então tínhamos o fim de semana inteiro para nós.

Meu bebê já tinha dois dentinhos e era a coisa mais fofa do mundo. Um dia desses, Enzo tinha levado ela para tomar sol, enquanto eu preparava o nosso café da manhã, e ela voltou sorrindo no colo do pai. Ela adorava passear..

— Amor, dê essas frutas para ela — pedi e entreguei a ele o pote com as frutas que a Nina adorava.

Ele a colocou em sua cadeirinha de alimentação e entregou uma fruta na mãozinha dela para ela chupar, como a pediatra nos instruiu.

— Vamos tomar café para depois nos arrumarmos, porque hoje o almoço será na casa de Melissa. Ela quer todos lá, inclusive o tio Bernardo e a tia Elisabete chegaram hoje pela manhã de Nova Iorque.

— Por quê?

— Eu não sei. Ela só pediu que fôssemos e, como adoro a comida dela, topei na hora. Seus pais e minha mãe também vão.

Enzo desviou a atenção de mim e ajudou Nina, que tinha derrubado o pedaço de banana no chão e já ameaçava chorar. Ele pegou outro e entregou a ela. Essa menina era mimada, pirracenta e cheia de vontades. Todos faziam as vontades dela e eu não poderia culpá-la.

Saí de meus pensamentos quando escutei Enzo falando com ela:

— Não, Nina! Não pode, filha, isso é feio.

Minha filha estava jogando banana em cima dele e rindo, mostrando os dois dentinhos. Percebi que Enzo se segurou para não rir e falou sério com ela:

— Não vou te dar mais já que você não quer comer, e sim estragar. Isso é feio, meu amor, Papai do céu não gosta que estrague comida, porque tem muitas crianças por aí passando fome.

Nina olhava seriamente para ele como se entendesse, e eu achava muito fofo. Enzo sempre tinha vários diálogos com ela e eu sabia que, na grande maioria das vezes, ela não entendia, mas eu também achava certo a gente tentar ensinar desde cedo. Segundos depois, Nina fez beicinho para chorar. *Agora eu sabia que seria a prova de fogo, ele nunca resistia a esse beicinho da filha.*

— Você vai comer tudinho ao invés de jogar fora?

Ela continuava olhando para ele com a mesma carinha.

— Vai, né?! Então papai te dá, come.

Na mesma hora, a safadinha desmanchou o beicinho e, dessa vez, não jogou fora e começou a comer.

Terminamos de tomar o café e eu fui me arrumar para o almoço na casa de Melissa. Deixei Nina com Enzo e subi.

Enzo

Olhei para a minha filha, sentadinha no tapete brincando, e lembrei do que o filho da puta do Santiago falou.

Compromisso, vê se pode! Compromisso é meu pau.

Peguei minha menina no colo e comecei a conversar com ela, pois precisava fazer a cabeça dela desde cedo.

— Meu amor, você não vai namorar, muito menos casar. Você é a princesa do papai! O melhor para você é ir para um convento e, até você crescer, eu convenço a mamãe, o que você acha?

Ela me olhou e deu um enorme sorriso para mim, mostrando seus dois dentinhos. Nina gostou da ideia, então seria isso, estava decidido.

Capítulo 38

Todos já estavam na casa de Melissa quando chegamos, inclusive minha mãe, tio Bernardo e a tia Elisabete que, quando nos viu, veio correndo abraçar Nina. Enzo já chegou falando:

— Bom dia, família, chegaram as alegrias da casa!

— Ah, meu Deus, como ela cresceu! Vem cá com a vovó emprestada, vem Nina. Já beijei e apertei muito a Mia e o Pietro, agora é sua vez — falou Tia Elisabete, pegando minha filha no colo.

Nina era uma criança dada, assim como eu fui, então, sorrindo, foi para os braços dela.

Melissa esticou um edredom no chão da sala, espalhou vários brinquedos e deixou Nina sentada junto com Pietro e Mia.

Nós estávamos todos sentados na sala conversando despreocupados, pois Melissa havia pagado a Gorete e dona Beatriz um dia extra para que elas fizessem o almoço.

Notei que minha amiga e Matheo estavam mais agarrados do que o normal e eu fiquei feliz de ver que ela tinha conseguido derreter a geleira que era o coração do marido.

Tio Bernardo perguntou a Matheo como estavam os negócios com Santiago e senti o corpo de Enzo retesar ao meu lado. De início, não entendi, mas logo a explicação veio. Ao invés de Matheo responder, Enzo tomou a frente e disse:

— Por mim, esse filho da puta pode ir direto para o inferno, porque eu não quero cruzar com ele tão cedo.

Meu tio franziu a testa sem entender, então Matheo explicou:

— Ele esteve na empresa essa semana e propôs a ideia absurda de casar Nina com o filho dele.

Eu estava bebendo um refrigerante quando ouvi aquilo, até cuspi o líquido em cima do meu marido.

— Porra, Lili, cuspiu na minha cara.

— Que história é essa, Enzo? Você não me falou nada, minha filha é um bebê.

— Não te falei porque estou evitando lembrar até a raiva passar. Além disso, obviamente que eu não aceitei.

— Que absurdo — esbravejei.

Senti um alívio com as palavras dele. Por mim, minha filha não casaria. Tenho pavor de pensar nela sofrendo na mão de algum homem. Fui interrompida dos meus devaneios quando tio Bernardo falou:

— Sei que parece um absurdo, mas não é incomum no ambiente em que nós vivemos. Obviamente que o casamento só seria firmado quando ambos atingissem a maioridade.

— Mesmo assim, Bernardo, não quero pensar nisso agora — Enzo respondeu.

— Olha, Enzo, é nossa obrigação, como pais, escolher um bom marido para nossas filhas. Eu vivi isso e sei que não é agradável, mas é inevitável.

— Ihhh... Que papo brabo, vamos mudar de assunto.

Todos nós acabamos rindo, mas Enzo continuou emburrado. Minutos depois, Gorete apareceu na sala avisando que o almoço estava servido.

Nos encaminhamos para a mesa, Enzo colocou Nina ao seu lado, sentada na cadeirinha de alimentação que trouxemos de casa, e Gorete trouxe a papinha que tinha feito para ela.

Os gêmeos também estavam em suas cadeirinhas, mas já comiam praticamente a mesma comida que a nossa.

Todos nós nos sentamos e Matheo se levantou para falar:

— Melissa e eu decidimos reunir todos da família, porque temos uma novidade para contar.

Neste momento, ele segurou a mão da minha amiga gentilmente — nem parecia o Matheo que conhecemos antes — e a levantou para que ela ficasse ao lado dele. Ele olhou para ela, sorriu e então voltou a falar.

— Nossa família crescerá novamente. Mais um herdeiro meu está a caminho, Melissa está grávida.

Houve uma comoção geral ao escutarmos aquela notícia. Patrícia e tia Elisabete correram para abraçar Melissa; meu sogro e Enzo foram parabenizar Matheo; Tio Bernardo primeiro beijou e abraçou Melissa, depois parabenizou o genro. E eu, claro, corri para abraçar e beijar minha amiga e, em seguida, peguei Matheo desprevenido dando-lhe um abraço também. Ele ficou meio espantado no início, mas acabou retribuindo e todos riram felizes.

Matheo e Melissa pegaram os gêmeos no colo, disseram a eles que ganhariam um irmãozinho e eles sorriram, pareciam felizes. Olhei para minha filha e até ela sorria assistindo àquela cena. *Nina estava com a boca cheia de papinha e era a coisa mais fofa do mundo.*

Depois de muitos beijos e abraços de alegria, almoçamos a deliciosa massa da Gorete e fomos para a sala tomar um café. Novamente, as crianças ficaram no chão e nós no sofá. Minha sogra sentou com eles no chão e estava tudo bem, até a pirracenta da Nina começar a chorar. Ouvi Enzo alertar a mãe:

— Cuidado, mãe! Ela se joga para trás fazendo pirraça, cuidado para ela não bater a cabeça.

Minha mãe olhou para mim, riu e implicou comigo:

— Igualzinha a Lili quando era bebê, se não fizesse o que essa menina queria, ela se jogava no chão.

— Eu sabia que Nina tinha puxado esse gênio de você — Enzo falou.

— Está falando o que, Enzo? — A mãe dele interrompeu. — Você era igualzinho, muito pirracento. Matheo foi um bebê bonzinho, já você... Não tinha como minha neta ser diferente.

— Melissa também era um amor, por isso que os gêmeos são tão calminhos. Tomara que esse venha igual — tia Elisabete falou.

— Nina sozinha já vale pelos dois — minha sogra falou rindo.



À noite, quando chegamos em casa, eu estava extremamente cansada. Nina é muito esprevitada, então temos que ficar o tempo todo de olho nela e, depois que ela começou a engatinhar, as coisas pioraram ainda mais, ela não para.

Pedi a Enzo que desse banho em Nina, no banheiro do quarto dela, enquanto eu tomava banho em nossa suíte. E poucos minutos depois, eu estava prestes a entrar no box, quando escutei Enzo me chamar desesperado.

— Lili, pelo amor de Deus, me ajuda aqui.

Em seguida, ouvi um som estranho, parecia o barulho de quando meu marido está com ânsia de vômito. Corri até lá preocupada e, quando me aproximei, não aguentei a cena que se desenrolava na minha frente e tive que rir.

Enzo estava com a camisa puxada até o rosto, tapando o nariz, e começou a falar desesperado:

— Lili, isso não é normal. Ela só come coisas saudáveis. Que merda é essa? É pior do que cheiro de cadáveres. Me ajuda aqui, pelo amor de Deus, que eu não consigo.

— Deixa de ser exagerado, Enzo. Eu limpo o cocô da Nina todo santo

dia. Não seja frouxo e limpe logo sua filha.

Ele fez outro barulho de ânsia de vômito e falou agoniado:

— Pelo amor de Deus, tem cocô até nas costas. Quando é com você ela faz só uma bolinha, nem suja a bunda direito, mas comigo ela faz essa maldade. Tem merda por toda parte, já sujei até meu dedo.

Eu estava rindo muito. Enzo me olhou de cara feia e falou com a Nina:

— Por que você está fazendo isso com o seu pai? Eu te dou tudo, trabalho duro para te dar do bom e do melhor e você, por pouco, não joga merda na minha cara. Isso não se faz, Nina Esposito! Estou muito chateado com você, porque quando é sua mãe que vai te limpar, você faz uma coisinha de nada, mas com seu pai, que te ama mais do que tudo, você quer fazer uma patifaria dessas. Eu vou levar você ao médico, isso não é normal.

Eu já estava quase chorando de rir e a Nina, tadinha, totalmente inocente, se derretia toda para o pai.

Deixei os dois lá no banheiro e fui tomar meu banho, plena. Enzo ainda continuou resmungando com Nina.

Enzo

Acordei e Lili já estava amamentando Nina ao meu lado na cama. Levantei, dei um beijo na minha mulher, outro na cabecinha da minha pequena cagona e, na mesma hora, ela parou de mamar para me olhar e rir. Minha filha era um sonho, me matava de amor. Depois de admirar aquela cena, fui tomar banho para me arrumar para o trabalho.

Ontem, tivemos um dia tranquilo. Nosso almoço de domingo foi na casa da minha mãe, pois Elisabete e Bernardo ainda estavam na Itália. Eu me perguntava até quando essa calma duraria, mas mantinha todos os meus instintos em alerta, eu não podia me descuidar.

Quando terminei o banho, desci com Lili e Nina para tomarmos café e, logo depois, saí de casa. Assim que cheguei à empresa, Matheo me chamou na sala dele. Eu sabia que alguma merda havia acontecido.

— Fala, Matheo.

— Bom dia para você também, Enzo. Embora o dia já tenha começado uma merda.

— O que houve?

— Lucca está sumido. Ele estuprou a filha do *consigliere* de Las Vegas e conseguiu fugir antes que o pegassem. Para piorar, a menina era virgem, cara. Ele está sendo caçado, mas você sabe que a responsabilidade maior é nossa, principalmente porque, independente de não o apoiarmos nessas atitudes, ele continua sendo da família. Eu já estou de saco cheio desse filho da puta. Se nós o pegarmos, ele não terá outra chance.

— Eita caralho! Lucca estuprou uma virgem, ainda por cima. Porra! Ele passou de todos os limites.

— Ele nunca teve limites, Enzo, só você não via isso.

— Ele não estava tão descontrolado antes, Matheo.

— Não? E quando ele quase estuprou a Melissa na casa do Antônio?

Meu irmão já estava totalmente exaltado e com o olhar cheio de ódio.

— Sim, eu sei, me refiro a antes disso. E isso foi foda, depois eu nunca mais dei qualquer atenção a ele e deixei claro, no dia em que nos encontramos na boate, que eu não queria papo. Inclusive, por pouco eu não o enchi de porrada.

— Agora, além de caçar o Álvaro, temos que caçar esse bastardo também.

— Aproveita que Bernardo está aqui e pede o apoio dele, Matheo. Vamos expandir as buscas e, para isso, precisaremos de mais soldados, tanto para a segurança quanto para a caça.

— Vou fazer isso, mas eu preciso que você vá a Las Vegas para acalmar os ânimos. Converse com Demétrio e seu *consigliere*, para mediar as coisas.

— Tudo bem, Matheo, eu vou. Embora eu não queira viajar neste momento, se é preciso, eu vou. Agora vou para minha sala, qualquer coisa você me chama.

Voltei para o meu escritório com a cabeça fervendo. *Nós precisamos resolver essa situação com Lucca e Álvaro o mais rápido possível, só assim voltaremos a ter paz.*

A última coisa que eu queria agora era viajar, pois estar longe de casa, da minha mulher e da minha filha me deixava apreensivo.

Lili é difícil. Tem sido um verdadeiro martírio mantê-la presa em casa, porque ela não é do tipo da Melissa — que faz o que o meu irmão fala, porque sabe que é para o bem dela. Lili é arisca, cheia de vontades e faz o que dá na telha, sem pensar nas consequências. Eu gosto de lidar pessoalmente com ela, pois nem sempre os seguranças conseguem administrar a hiperatividade dela.



No fim do dia, ao chegar em casa, encontrei Lili, Nina e Alcapone brincando na sala. *Nina também adora o cachorro, igual à mãe.*

Beijei minhas meninas e subi para tomar banho antes do jantar. Quando já estávamos à mesa, achei melhor conversar logo com minha esposa.

— Lili, eu vou precisar fazer uma viagem amanhã à noite, mas volto o mais rápido possível.

— O quê? Vai para aonde? Nina e eu podemos ir com você?

— Vou para Las Vegas resolver umas merdas que Lucca andou fazendo por lá. E, não, você e Nina não podem ir comigo. Irei apenas a trabalho e volto o quanto antes.

— Enzo, o que você vai fazer é perigoso?

— Não, vou apenas para conversar. Foi o Matheo que mandou Lucca para lá, então nós nos sentimos responsáveis pelo que ele fez e devemos pelo menos uma conversa com Demétrio.

— Então, se é só uma conversa, porque Nina e eu não podemos ir?

— Porque levar vocês a qualquer lugar é sempre perigoso, Lili, pois

tenho que mobilizar muito mais segurança para ir junto e, conseqüentemente, desfalco a segurança daqui. Vocês estarão mais seguras em casa.

— Vai ser sempre isso, Enzo? Já estou de saco cheio de viver como prisioneira. Só vivo trancada em casa e, depois que Nina nasceu, ficou ainda pior. A gente nunca vai poder viajar e curtir a vida como um casal normal? Eu estou sufocando aqui! Quero sair, ver gente, porque eu sempre fui muito livre. Quando a gente era solteiro, aproveitava muito mais do que agora. Você era leve, engraçado, se divertia e me divertia, mas agora parece até o seu irmão. Não casei para me tornar uma prisioneira.

Fui pego de surpresa por seu rompante e acabei me exaltando também.

— Preste atenção no que eu vou falar, Liliane, porque eu não vou repetir. Minha cabeça já está quente, muito quente! Você está sendo injusta e imatura. Lembra, lááá atrás, quando eu não queria casar, sequer ter um relacionamento, muito menos um filho? Pois é, era desta merda que eu fugia, porque eu via como o meu irmão vivia tenso e preocupado. Eu vi tudo o que ele passou com a merda que aconteceu com os gêmeos. E era justamente porque a gente se divertia, era livre e leve, que eu queria manter tudo exatamente como era, mas as coisas aconteceram, você se apaixonou, eu me apaixonei, nós nos casamos e a nossa filha nasceu, agora sim, tudo mudou.

Eu não conseguia compreender o que Lili estava pensando ou sentindo, porque ela não esboçou nenhuma reação, apenas ficou me olhando e ouvindo. Então, continuei:

— Eu vivo tenso e protegendo vocês. Como se não bastasse os inimigos que já tenho, a porra do seu pai é um bicho, um covarde ao invés de um homem. E eu não sei se você lembra, mas ele está solto por aí e a gente não sabe o que aquele bastardo pode fazer. Não vou arriscar a sua vida e a vida da minha filha só pra você ver gente, Liliane. Quando você se casou comigo, sabia quem eu era e isso implica renúncia. Cada escolha é uma renúncia, Lili, mas isso não precisa ser algo ruim.

— Enzo, eu...

— Você acha que eu não sinto falta da minha vida de solteiro, quando eu só me preocupava comigo, não dava satisfações para ninguém e estava pouco me fodendo para qualquer coisa? Por outro lado, eu tenho vocês! Eu durmo todos os dias ao lado da mulher que eu amo, faço amor com ela, porque não tenho só uma boceta quente na cama, tenho uma mulher para dividir a vida. É uma mulher que me irrita e me acalma na mesma velocidade, que me mata de raiva umas vezes, outras de tédio, mas também me mata de amor. E tem a Nina, que chega a ser impossível descrever em palavras. Quando eu olho para ela eu tenho medo de

morrer de amor.

Lili desviou o olhar, mas eu queria que ela compreendesse todos os meus motivos para estar sendo, às vezes, tão insuportável e ranzinza. Toquei seu queixo, levantei seu rosto, fazendo com que nossos olhos voltassem a se fitar.

— Ela tem os meus olhos e o seu sorriso, Lili. Nossa filha é a junção perfeita de nós dois. Ela me fez sentir um amor que eu não sabia que existia, que chega a doer; e a mera possibilidade de que qualquer coisa possa acontecer a ela me destrói. Eu não suportaria perdê-la, eu não suportaria perder nenhuma de vocês, então se, para protegê-las de uma fase difícil, eu precisar trancá-las dentro de um cofre, me perdoe, mas eu vou fazer isso. Vou ser egoísta, sim, porque eu não posso deixar de proteger as únicas pessoas às quais eu não poderia viver sem. Você e ela! Então, por favor, coopere comigo e se comporte, me ajude a protegê-las. Eu não te prometo uma vida normal, porque no nosso mundo você sabe que nunca terá, mas eu te prometo que, assim que eu pegar o filho da puta do seu pai, as coisas ficarão mais fáceis.

Terminei de falar e Lili estava chorando. Ela se levantou da cadeira, sentou no meu colo e começou a me beijar. *Minha mulher sabia que tinha sido injusta comigo.* De repente, fomos interrompidos por um grito, era Nina com ciúmes e querendo atenção. Nós rimos. Lili se levantou, pegou nossa filha e as duas sentaram no meu colo e eu abracei forte as minhas garotas.

Eu poderia até não ir para o céu, mas elas eram meu pequeno pedaço do céu aqui na terra.



No dia seguinte pela manhã, acordei e não fui para a empresa. Já que eu iria viajar à noite, resolvi passar o dia com a minha família.

Almoçamos juntos, passamos o dia grudados, depois Lili fez Nina dormir, colocou-a no berço e nós transamos. Eu precisava dela para aliviar o estresse que eu estava sentindo, mas o sexo não ajudou muito, pelo contrário, quanto mais se aproximava a hora de sair, mais a angústia aumentava.

Meu peito estava apertado em deixá-las e eu odiava essa porra, por isso estava repetindo para mim mesmo que era só o meu instinto protetor aflorado e que elas ficariam bem.

Deixei Lili na cama cochilando e me levantei para tomar banho e me arrumar. Minha pequena mala já estava pronta e, ao sair do closet já pronto puxando-a, tive que rir. Lili continuava dormindo, mas o pestinha do Alcapone

havia tomado o meu lugar na cama.

Fui até minha mulher, dei-lhe um beijo na bochecha. No mesmo instante, ela abriu os olhos e eu me despedi.

— Estou indo. Promete que vai se comportar?

— Prometo. E você promete que vai voltar logo para a gente?

— Prometo.

— Tá bom, então me liga assim que chegar lá. Vai com Deus! Amo você.

— Também amo você.

Fui até o quarto de Nina e ela estava dormindo serenamente. Dei um beijo no meu bebê e saí de casa para ir ao aeroporto.

No caminho, meu telefone tocou, era Matheo.

— Oi.

— *Que desânimo, cara. Você costumava adorar essas viagens.*

— Antes eu não tinha família.

Ficou um silêncio na linha, mas depois de alguns segundos, Matheo falou:

— *Vai ser coisa rápida, irmão. Logo logo você estará de volta.*

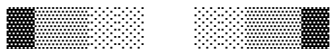
— Eu sei.

— *Assim que chegar lá me liga.*

— Tudo bem. E, Matheo... Cuida delas para mim enquanto eu estiver fora.

— *Tudo bem, Enzo, vai em paz.*

Desliguei o telefone e tentei relaxar. Acho que esse aperto no peito era por ser a primeira vez que viajava depois de Nina nascer, além disso, da última vez que viajei, aconteceu aquela merda com a minha sogra. *É isso, tem que ser só isso.*



Cheguei ao Aeroporto Internacional de Las Vegas no final da noite, então fui direto para o hotel — esse fuso horário acabava comigo.

No dia seguinte, tomei banho assim que acordei, vesti um terno e liguei para avisar a Lili que tinha chegado e soube que estava tudo bem com elas, depois mandei uma mensagem para Matheo e saí para resolver o que tinha que ser resolvido logo para, enfim, voltar para casa.

Capítulo 39

Eu estava sentindo um vazio enorme em casa, pois era a primeira vez que Enzo viajava depois que Nina nasceu. Minha filha ainda dormia tranquilamente no berço, olhei a hora e imaginei que Enzo já deveria ter chegado em Las Vegas.

No mesmo instante em que peguei meu celular para ver se ele tinha mandado alguma mensagem, o aparelho começou a tocar e a foto de Enzo, que eu tanto amava, apareceu na tela. Meu mundo todinho estava ali.

— Oi, meu amor gostoso, tudo bem?

— *Oi, minha gostosa. Tudo bem por aqui, e a minha filha?*

— Sua filha ainda está dormindo e já estamos com saudades de você.

— *Eu também, linda. Estou indo agora resolver essa situação para voltar para casa o quanto antes.*

— Tá bom, amor, volta logo. Te amo.

— *Também te amo.*

— Beijo.

Encerramos a ligação e fui tomar café. Quando estava comendo, escutei um choro na babá eletrônica, Nina havia acordado.

Dona Beatriz falou para eu terminar de comer sossegada, que pegaria minha filha. Agradei e continuei comendo.

Mais tarde, fui almoçar com Nina na casa da minha mãe. Ela estava progredindo bastante com a fisioterapia. Inclusive, hoje à tarde ela faria uma sessão em casa, e amanhã iria ao hospital para uma sessão mais elaborada com equipamentos, como fazia toda semana.

Quase no final da tarde, a fisioterapeuta chegou, então eu me despedi da minha mãe e fui até a casa da Melissa. Cheguei lá e os gêmeos ficaram eufóricos quando viram Nina. Melissa arrumou um colchonete no chão para eles brincarem, eu coloquei minha filha sentada lá com os gêmeos e minha amiga deu brinquedos para distraí-los enquanto conversávamos.

— E aí, amiga, como está essa gravidez?

— Nunca mais eu vou ficar grávida, Lili. Estou falando sério dessa vez. Esses enjôos me matam, é a pior parte, eu não estou aguentando.

— Mas isso é só no início, amiga, daqui a pouco passa.

— Eu sei que passa, mas três filhos já está ótimo, né?! Eu nunca quis um filho só, porque sempre quis ter um irmão e não pude. Eu sempre pensei em dar

um irmão para o meu primeiro filho, mas Deus me mandou dois de uma vez e já estava bom. Agora mandou mais um e estou feliz com a gravidez. Matheo está sendo muito mais carinhoso comigo do que na primeira gravidez, mas eu realmente não planejava ter mais um.

— Sinceramente, eu nem sei se quero outro. Eu nunca quis um irmão, talvez pela violência que eu sofria, eu não queria mais ninguém sofrendo comigo. Eu acho que a Nina já está de bom tamanho, afinal o Enzo é super protetor com uma só, tanto que chega a me irritar, imagina com duas crianças.

— Matheo também é assim, mas eu já estou acostumada. Durante toda a minha vida, sempre fui presa e super protegida pelo meu pai, então para mim não é nenhuma novidade esse comportamento do meu marido.

— Para mim é, Melissa. Confesso que às vezes me sinto sufocada, pois fui criada livre, até sozinha, e eu me sinto presa aqui. Sinto falta da minha liberdade de ir e vir, de sair para me divertir. Claro que eu amo o Enzo, amo minha filha e também estar com eles, mas eu queria que fôssemos uma família normal. Queria sair por aí com a minha filha à tarde, levá-la num parquinho, poder contratar uma babá e cair na balada com o Enzo à noite... Enfim, eu sou feliz, mas gostaria de ser mais livre para viver com a minha família.

— Eu te entendo, Lili. Talvez eu não sinta tanto quanto você por causa da minha criação e, depois do sequestro dos gêmeos, eu fiquei traumatizada. Eu não conseguia sair de casa com eles de jeito nenhum, você sabe, tive até que fazer acompanhamento psicológico, não gosto nem de lembrar. Porém aquela viagem que fizemos para a Grécia foi realmente maravilhosa.

— Nossa, que saudade daqueles dias na Grécia! Agora com minha filha, então, seria perfeito!

Escutei meu telefone tocar, era Enzo.

— Oi, amor da minha vida, já está voltando para casa? Diz que sim!

— *Que animação é essa, hein?* — Enzo falou rindo. — *Não está aprontando nada não né, Liliane?! Cadê minha filha, o que vocês estão fazendo?*

— Estamos na Melissa. Nina está brincando com os gêmeos e eu me juntei com a Mel para falarmos mal dos nossos maridos.

— *Ah, é? Já que eu não presto, então vou ficar mais um pouco em Las Vegas, afinal, estou aqui sozinho na cidade do pecado.*

— Eu corto seu pau, Enzo Esposito Volte para casa agora mesmo!

— *Corta nada, você ama o meu pau, não viveria sem ele.*

Quando eu ia responder, meus olhos viram, em câmera lenta, o exato

momento em que Nina tentou se levantar segurando no sofá, perdeu o equilíbrio, caiu e bateu a cabecinha na quina da mesa. *Putá merda!* Eu gritei de susto e ela abriu o berreiro.

Corri até minha filha e quase tive um mini-infarto, quando vi o galo em sua testa.

Enzo

— *Putá merda!*

Ouçõ um grito de Lili, seguido pelo choro forte da minha filha e eu estou aqui, a quilômetros de distância, sem poder fazer nada e nem saber o que está acontecendo.

— Lili... Lili, o que está havendo?

A ligação não caiu, então tento escutar o que está acontecendo, mas o que sobressai é o choro da Nina ao fundo. Desligo a chamada e ligo para Melissa que não atende. Quando cai na caixa-postal, ligo para Alessandro e ele me atende no primeiro toque.

— *Chefe.*

— Alessandro, vai no meu irmão correndo e veja o que aconteceu com a minha filha.

— *Já estou aqui, chefe. Escutei o choro e entrei. Ela caiu e bateu a cabecinha na mesa, mas já está mais calma.*

— Porra! Está sangrando? Já chamaram a pediatra?

— *Não tem sangue, chefe, mas a senhora Melissa já ligou para a pediatra e ela está a caminho.*

— A Lili pode falar agora?

— *Só um minuto, chefe.*

A linha ficou uns minutos em silêncio, então Lili veio falar.

— *Oi, amor, desculpe. A Nina caiu e eu fiquei muito nervosa. Aparentemente ela está bem, mas ficou com um galo enorme na cabeça.*

— Porra, Lili, onde você estava que deixou ela cair?

— *Nem vem, Enzo! Eu estava falando ao telefone com você e estava de olho nela. Nina estava no colchonete, no chão, com os gêmeos, tentou levantar e acabou caindo. Crianças caem, não ouse querer me culpar.*

— Você está certa, me desculpe. Mas, porra, é horrível estar aqui longe e não poder fazer nada. Vou apressar as coisas aqui para voltar logo para casa.

— *Faça isso, mas fique tranquilo, a pediatra já está chegando.*

— Assim que ela chegar me avisa, por favor. Fiquei aqui preocupado.

— *Tudo bem, eu aviso. Agora deixe eu dar atenção à nossa filha que está ainda mais dengosa.*

— Tadinha da minha filha, deixa eu falar com ela.

— *Nina, é o papai, fala com ele.* — Nesse momento sei que ela colocou o telefone no viva-voz.

— Oi, filha, tá dodói? Você caiu? Papai já está voltando para beijar seu dodói, tá bom?!

Escutei um choramigo dengoso que apertou meu coração, então a linha caiu.

Mais tarde, Lili me avisou que a pediatra havia examinado a Nina e estava tudo bem, foi só um susto. Fiquei aliviado. Saí de um jantar de comemoração na casa do Demétrio já de madrugada, pois não poderia fazer uma desfeita. Ainda assim, decidi não dormir. Fui para o hotel tomar banho, pegar minhas coisas e mandei prepararem o jato para a minha partida. *Eu precisava ir para casa ver minhas meninas.*

Não liguei para Lili para avisar, faria uma surpresa!

Capítulo 40

Acordei com Alcapone lambendo meu rosto. Quando Enzo estava aqui, ele não se atrevia a subir na cama, mas era só meu marido virar as costas que o danado pulava para dormir comigo. Levantei e fui direto ver Nina, que estava ótima e nem parecia que tinha caído, graças a Deus.

Aproveitei que ela ainda estava dormindo, pedi a dona Beatriz para olhá-la e me troquei a fim de dar uma corridinha pelo complexo mesmo.

Trinta minutos depois, eu havia terminado a corrida e estava alongando, quando vi minha mãe sair com dois soldados em um carro, com certeza indo para a fisioterapia.

Nina já tinha acordado quando cheguei em casa e estava na cadeirinha comendo sua fruta. Enchi minha princesa de beijos e subi para tomar um banho bem demorado. Com o corpo limpo e bem mais relaxado, vesti uma roupa fresquinha, pois fazia muito calor.

Antes de descer para o café, olhei meu celular para ver se tinha alguma notícia do Enzo, mas não havia nada, então resolvi enviar uma mensagem.

Bom dia, marido, espero que volte hoje, porque meu coração não aguenta mais de saudades.

Segundos depois, observei que ele não recebeu a mensagem, pois ficou um traço verificado só na minha mensagem. Ele devia estar fora de área, então joguei o celular na cama e desci.

Fiquei na sala com Nina até a hora do almoço. Quando terminamos de comer, deixei dona Beatriz com minha filha e subi para buscar meu celular e ver se Enzo tinha respondido. Assim que ia pegá-lo na cama, ele tocou. Apesar de ser um número desconhecido e eu ter estranhado, atendi.

— Alô.

— Oi, filhinha, é o papai.

Meu corpo inteiro se arrepiou ao ouvir aquela voz. Mesmo tremendo de medo, eu tomei coragem e perguntei:

— O que você quer?

— Papai está com saudades, quero ver você. Agora, seja uma boa menina e escute bem o que vou te dizer.

Depois de tanto tempo sem ouvir a voz desse homem, depois de tudo que ele fez com a minha mãe e de provavelmente ter tentando matar o meu marido,

como ele ainda tinha a audácia de me ligar?

Eu não estava acreditando no que estava acontecendo. Automaticamente, um enjôo tomou conta do meu estômago e meu corpo todo tremeu de medo e raiva.

— O que você quer, Álvaro?

— Álvaro? Não foi essa a educação que eu te dei, Liliane. Me chame de papai!

— Papai é o cacete! Fale logo o que você quer e me deixe em paz!

— Calma, meu amorzinho, o papai está com saudades de ouvir a sua voz.

— Eu vou desligar se você não falar logo, porra!

— Não ouse, sua vagabunda!

Agora sim ele estava mostrando a sua verdadeira face, sua face podre.

— Então fala logo.

— Vocês roubaram a sua mãe de mim, me proibiram de vê-la no hospital e depois a trouxeram para a Itália. Isso não se faz com um marido apaixonado, filhinha. Eu quase morri de saudades dessa ingrata. Mas eu peguei de volta o que é meu! E antes que eu esqueça de comentar, nesse momento o seu marido tem dois soldados a menos. Eles foram para o inferno e a mamãe está aqui com o papai.

Eu sentei na cama, como se ouvir aquilo tivesse me deixado sem chão, sugando todas as minhas forças. Eu só conseguia chorar e queria muito que o Enzo estivesse aqui comigo. *Eu estava desesperada, não sabia o que fazer.*

— Ouça bem, filhinha, se você quer ver a sua mãe viva, terá que fazer tudo o que eu mandar e sem gracinhas. Nem pense em falar nada para o seu marido, cunhado ou para qualquer cão de guarda deles. Eu sei que seu maridinho está longe, então será mais fácil colocar meu plano em prática.

— Não ouse machucar a minha mãe, seu...

— Calminha aí, você ainda não entendeu que agora quem dá as cartas sou eu? Quero que você despiste os soldados do complexo e venha até o endereço que vou te mandar por mensagem. E venha sozinha ou sua mamãezinha...você sabe.

— O que você pretende, Álvaro? Se você quer dinheiro eu posso conseguir quanto você quiser. Eu te dou o dinheiro e você devolve a minha mãe.

— Menina esperta, puxou ao papai! Sim, quero dinheiro, mas eu preciso de você também.

— Eu não vou. Fala logo quanto você quer, eu te dou o dinheiro e você solta minha mãe.

— Não começa a testar minha paciência, Liliane. Eu quero você e o dinheiro, não tem negociação.

— Para quê? Só pelo prazer de me matar?

— Não, meu docinho! Eu tenho planos melhores para você, afinal com você aqui comigo, eu posso conseguir muito mais dinheiro do seu maridinho.

— Quanto você quer?

— Por enquanto eu quero só você. Não tem como você conseguir dinheiro rápido, porque eu sei que o seu marido não guarda dinheiro em casa, então você vem e eu solto a sua mãe, depois seu marido me dá dinheiro e eu solto você. Viu? Nada demais, não é? Não seja medrosa, porque eu te criei para ser uma menina forte.

— Me criou? Que jeito mais estranho de educar uma filha! Além disso, quem me garante que você está falando a verdade e que não vai matar nós duas?

— Estou perdendo a paciência, garota. Se você não fizer o que estou mandando, vou matar a vagabunda da sua mãe e te mandar apenas os pedaços. E, olha só, a culpa será toda sua.

— Não, por favor, não faça nada com ela. Eu vou.

— É assim que se fala, filhinha, até que enfim está obedecendo ao seu pai! Presta bem atenção, você vai despistar os seguranças e vir até mim. Eu vou te mandar o endereço pelo celular agora e você tem 20 minutos para estar aqui.

A ligação caiu. Eu caí aos prantos, ainda mais aflita do que minutos atrás. Sei que Enzo ficaria puto quando descobrisse o que fiz. Se o Álvaro me matasse, como poderia deixar a minha filha e Enzo? Mas se ele matasse a minha mãe, eu nunca me perdoaria.

Levantei da cama e fui até o banheiro lavar o rosto, precisava agir rápido.

Fui até o cofre da casa, peguei uma arma que Enzo mantinha lá e a escondi na minha roupa. Em seguida, fui até onde as chaves dos carros ficavam e peguei a da Lamborghini, porque essa eu tinha certeza que tinha GPS.

Meu celular apitou com a notificação de uma mensagem, era a localização do Álvaro.

Liguei para Alessandro, pedi que ele pegasse Nina e viesse até meu quarto. Ele estava meio hesitante, mas disse que já estava indo. O segurança bateu à porta minutos depois e eu o mandei entrar. Peguei minha filha dos braços dele, fechei a porta e pedi que ele me aguardasse ali.

Fui com Nina para o closet e a abracei forte, com as lágrimas descendo descontroladamente. Ela começou a reclamar, pois eu a estava apertando, mas

não me afastei. Eu a enchi de beijos e falei baixinho:

— A mamãe te ama muito e para sempre, meu amor. Vou buscar a vovó e já volto, então seja uma mocinha e se comporte. Se o papai chegar antes de mim, diga a ele que o amo.

Nina me olhou atentamente, como se entendesse tudo o que eu falava, e depois sorriu para mim. Dei mais um abraço forte nela e me recompus, limpei minhas lágrimas, peguei uma toalha para disfarçar e voltei para o quarto.

— Alessandro, segure a Nina aqui para mim, enquanto eu preparo o banho lá no quarto dela. Fique aqui, está mais fresquinho por causa do ar-condicionado.

— Não é melhor chamar a dona Beatriz, senhora?

— Não, não. Dona Beatriz está ocupada na cozinha. Algum problema, Alessandro? Acho que Enzo ficaria chateado em saber que você não pode me ajudar um minuto com a filha dele.

— O chefe não gosta que eu entre aqui no quarto.

— Fui eu que te chamei, não se preocupe.

— Tudo bem, senhora.

— Pode se sentar na cama, na poltrona, onde quiser.

— Estou bem em pé, senhora.

— *Okay*, você quem sabe.

Abri a porta do quarto para sair, mas antes, enquanto ele estava distraído com Nina puxando sua gravata para morder, tirei a chave devagarinho e disfarçadamente para não fazer barulho. Aproveitei a distração dos dois, tranquei a porta e corri para fora de casa, em direção à garagem.

Entrei no carro, abaixei a capota para não verem de longe que era eu e, quando estava me aproximando da saída do condomínio, abri o portão com o controle. Quando Jason fez menção de tentar parar o carro, eu acelerei e parti, rumo ao endereço que estava no meu celular.

Bônus Alessandro

Fazia uns cinco minutos que a senhora Lili havia saído do quarto. Ela estava agindo de maneira estranha demais, mas eu sempre a achei meio peculiar mesmo. Meu telefone tocou e era Jason. Me atrapalhei um pouco por estar segurando a bebê Esposito, mas consegui atender.

— Fala, Jason.

— *Alessandro, onde você está? Dona Liliane acabou de passar aqui pelo portão, igual um foguete, dirigindo a Lamborghini.*

— Puta que o pariu! Ela me enganou. Estou indo, Jason.

Desliguei a ligação, fui em direção à porta com a bebê no colo e fiquei pasmo quando constatei que estava trancada.

Que mulher terrível, não sei como o chefe aguenta!

Peguei meu telefone novamente, liguei para Jason e mandei ele pedir a alguém para pegar as chaves reservas com dona Beatriz e vir até o meu encontro no quarto do chefe. Quando passei as instruções, tentei ligar para o senhor Esposito, mas o telefone dele estava desligado.

Para piorar a minha situação, a bebê começou a chorar, primeiro um choro dengoso, depois mais histérico.

— Calma, neném! A doida da sua mãe está aprontando, mas a gente já vai sair daqui.

Antônio, finalmente, conseguiu abrir a porta. Entreguei a bebê para dona Beatriz, levei as duas para a casa do chefe Matheo, mas somente a dona Melissa estava em casa.

— Senhora, eu preciso que dona Beatriz e o bebê fiquem aqui. Dona Lili fugiu e eu preciso ir atrás dela.

— Como assim fugiu? Meu Deus! Já ligou para o Enzo ou para o meu marido?

— O celular do seu Enzo está desligado, mas vou ligar agora para o senhor Matheo.

Quando eu ia realizar a chamada, Antônio chegou com a informação de que dona Carmen e os dois soldados que a acompanhavam à fisioterapia haviam desaparecido.

Merda! Merda! Merda!

Olhei para a dona Melissa, que me olhava assustada, e orientei:

— Fiquem dentro de casa. Dante e os outros soldados cuidarão de vocês. Vou ligar para o seu marido.

Nem esperei resposta e saí correndo para pegar um dos carros na garagem. Antônio e Guido foram comigo e, no caminho, liguei para o senhor Matheo, que atendeu no segundo toque.

— Senhor, tem alguma coisa errada acontecendo. Sua cunhada fugiu e a mãe dela e dois soldados desapareceram, quando ela foi fazer fisioterapia mais cedo.

— Inferno! Onde está a minha sobrinha?

— Levei o bebê e dona Beatriz para a sua casa, senhor. Elas estão seguras, Dante e os outros estão lá. A senhora Lili fugiu com a Lamborghini, estou seguindo-a pelo GPS.

— Ótimo, Alessandro. Estou saindo daqui imediatamente, me mantenha informado. Você já tentou ligar para o meu irmão?

— Várias vezes, senhor, mas só cai na caixa-postal. Imagino que ele esteja no jato, voltando para casa.

— É provável que sim.

Encerramos a ligação e eu continuei seguindo o GPS do carro em que a dona Lili estava. De repente, aproximadamente quinze minutos depois, o sinal sumiu. Acelerei o carro e, em menos de dez minutos, cheguei próximo ao local indicado anteriormente, vi a Lamborghini parada e, aparentemente, não tinha ninguém próximo. Poderia ser uma emboscada, por isso parei o carro distante e descemos com as armas em punho, mas não havia mais ninguém, ela havia sido levada.

Olhei para o chão e vi que o celular dela estava tocando, era o chefe. Eu já atendi receoso, pois sabia que estávamos fodidos. *Se essa mulher não aparecesse rápido e inteira, um de nós morreria.*

— Chefe, sou eu, Alessandro. Nós temos um problema.

A linha ficou em silêncio por alguns segundos. Em seguida, ele falou com a voz transformada:

— Onde está a minha mulher, Alessandro? Por que você está atendendo a porra do celular dela? Qual o problema?

— Senhor, eu sinto muito, mas... — eu até hesitei antes de continuar a falar. — Levaram sua esposa.

Mais alguns segundos e ele perguntou, com um pânico que eu nunca

tinha ouvido em sua voz:

— E a minha filha?

— Ela está na casa do seu irmão, com os soldados, dona Beatriz e Melissa. Ela está segura.

— O que mais, Alessandro?

— Sua sogra saiu de manhã, com dois soldados, para fazer fisioterapia e não voltou, também está desaparecida. Chefe, eu não tive culpa. Sua esposa pediu para que eu segurasse sua filha no quarto de vocês, enquanto ela ia preparar o banho dela, mas me trancou lá e fugiu com a sua Lamborghini. Eu encontrei o carro parado há alguns quilômetros do complexo, mas não há ninguém aqui. Alguém a levou, deixando para trás o carro e o celular dela.

— Tragam o carro e o celular de volta para o complexo. Estou no aeroporto, daqui a pouco estarei em casa e quero você lá me esperando.

Sem mais, ele desligou e eu sabia que ele estaria descontrolado quando chegasse em casa. *Estávamos todos fodidos.*

Matheo

Fiquei transtornado ao ouvir de Alessandro que tinham levado Lili. Enzo ia enlouquecer, eu tinha certeza.

Voltei para casa o mais rápido que pude e cheguei em casa antes de Alessandro voltar. O complexo estava lotado, com homens espalhados por todos os lados. Fúria emanava de mim e, por isso, ninguém sequer me deu um olhar enquanto eu passava. Eles sabiam que, naquele momento, eu estava mais enfurecido do que o normal, pois era a segunda vez que ousavam sequestrar alguém da minha família e, ainda por cima, no nosso território.

Quando entrei em casa, meu irmão entrou logo em seguida desesperado.

— Matheo, levaram ela, cara! Como isso foi acontecer?

— Calma, Enzo. Nós vamos resgatá-la, mas você precisa se acalmar.

Enzo estava transtornado, todo vermelho e ofegante. Quando olhei para ele, lembrei de mim mesmo no episódio do sequestro dos gêmeos. *Eu sei bem o quanto é desesperador!*

— Cadê minha filha?

— Está com Melissa e dona Beatriz no quarto.

Ele mal esperou eu terminar de falar e já foi subindo as escadas.

Enzo

Isso não podia estar acontecendo, não era verdade! Eu virei as costas e aconteceu tudo isso. A sensação que eu tenho é de que eu vou morrer. Meu peito está rasgando, eu não quero nem pensar no que possa acontecer a ela. Eu falhei com a minha mulher, levaram ela de mim...

Subi a escada de dois em dois degraus para ver Nina, estava desnorteadado. Eu precisava agir, mas também precisava ver minha filha por alguns minutos, ao menos para tentar me acalmar um pouco e pensar racionalmente.

No momento em que eu soube que tinham levado minha esposa, foi como se o tempo e o meu coração tivessem parado. Eu não conseguia pensar. Não conseguia falar com ninguém. Não podia nem mesmo planejar um ataque a quem quer que fosse, porque eu não estava no meu estado normal.

Quando cheguei no quarto de Melissa, encontrei-a com os olhos vermelhos de tanto chorar e Nina no bercinho que pertenceu aos gêmeos. Fui direto em direção à minha filha, sem falar com ninguém.

Tão inocente, minha princesinha. Ela não imaginava nada do que estava acontecendo, pois quando me viu, sorriu.

Porra, minha filha era tão novinha e precisava tanto da mãe. Eu precisava tanto da Lili que não podia sequer pensar na possibilidade de perdê-la. Agora era hora de agir e minha mente fodida não estava funcionando como deveria estar, porque eu só tinha um pensamento doloroso que me deixava fora dos eixos: levaram-na de mim.

Peguei minha filha no colo, dei um abraço apertado nela, um beijo e coloquei-a de volta no berço, mas ela não quis mais ficar e começou a chorar. Então, retirei-a de lá e a entreguei nos braços de Melissa. Nina continuou chorando e esticando os bracinhos para mim — meu coração doeu —, mas agora eu não podia ficar com ela, pois precisava trazer sua mãe de volta.

Saí do quarto e fui correndo para o escritório, pois precisava de um computador. Se Lili estivesse usando a pulseira que dei a ela, eu teria como rastreá-la. Ela nunca a tirava, espero que não tenha tirado justo hoje.

Capítulo 41

Quando cheguei ao local indicado pelo Álvaro, ele estava me esperando em pé, encostado em um SUV todo preto.

Depois de meses, eu estava frente a frente com o homem que foi meu maior pesadelo durante toda a minha vida, motivo dos meus dias mais tristes e sombrios.

Ele se aproximou, me segurou pelo braço sem nenhuma delicadeza e disse:

— Vamos logo, antes que chegue alguém atrás de você. Me dê seu celular.

Eu entreguei o aparelho, ele o jogou no chão perto do carro e falou olhando para mim.

— Boa garota! Agora vamos, papai tem muitos planos para você.

Eu quase vomitei ao ouvir a forma como ele se denominava “papai”, porque para mim aquele homem não passava de um monstro. Ele jogou-me com ignorância no carro e partimos.

— Para onde estamos indo?

— Daqui a pouco você vai saber, mas agora fica quietinha porque sua voz me irrita.

Andamos de carro por uns 30 minutos até que chegamos em um local totalmente isolado. Não tinha quase nada ali, apenas uma casa muito velha no meio do nada.

Ele desceu do carro, abriu minha porta e, puxando-me pelos braços com força, tirou-me do veículo. Eu já sabia que ficariam marcas em mim, pois já tinha vivenciado muito isso.

Ele me arrastou para dentro da casa e minha mãe estava lá, sentada em uma cadeira, amarrada e amordaçada. Ao me ver, ela começou a chorar e tentar se mexer, mas Álvaro me jogou, praticamente, em cima dela.

— Eu já estou aqui, agora deixe-a ir. Basta entrar em contato com meu marido, que ele te dará o dinheiro.

— Você é tão boba, filhinha. Com a sua mãe, eu ainda vou decidir o que fazer, mas para você, temos outros planos.

— Temos? De quem você está falando?

— Você vai ver.

— Por que você me odeia tanto? Eu nunca te fiz nada!

— Você nasceu e isso é motivo suficiente! Você só veio ao mundo para acabar com a minha felicidade e com meus planos. Você destruiu tudo!

— Do que você está falando?

— Sua mãe nunca te disse, né?! Eu vou te falar, porque você merece saber o quanto foi indesejada! Eu tinha uma vida toda planejada e perfeita pela frente. Estava noivo da menina mais linda e doce que existia e me casaria em alguns meses. Ela era filha de um *consigliere* e, apesar de eu ser apenas um soldado, ela me amava e conseguiu convencer o pai de se casar comigo. Eu também a amava, mas ela era virgem e eu era homem, tinha necessidades. Aí apareceu a vagabunda da sua mãe, dando em cima de mim, e eu não resisti. Ela era igualzinha a você: bonita, fogosa e tinha um corpo que pedia para ser fodido.

— Você é um cretino!

— Cala a boca que eu ainda não terminei. — Ele deu uma bofetada no meu rosto e continuou a falar. — Sua mãe parecia uma feiticeira que tirava os homens dos eixos. Todos os soldados a queriam, mas ela deu mole para mim e eu, como macho que sou, não podia negar fogo. Ela achou que me deu uma chave de boceta igual você fez com o Esposito, mas eu não era trouxa igual a ele. Eu não me apaixonei, porque só queria me fartar de comer a oferecida até o meu casamento com a minha doce Sara. A ardilosa da sua mãe ficou grávida e me deu o golpe da barriga. Ela falou que tomava remédio, mas depois apareceu grávida de você.

Eu estava horrorizada com tudo o que aquele homem falava, porque o ódio em seus olhos era visível. Antes que eu pudesse falar qualquer coisa para defender minha mãe, ele continuou:

— Eu queria que ela abortasse, mas a vadia pretendia me prender e contou para a família, então eu fui obrigado a casar e aguentar esse fardo por todos esses anos. Antes de você nascer eu já te odiava! Por sua causa eu não pude casar com a mulher que eu amava, pois o pai dela não permitiu que eu a visse nunca mais. Depois disso, eu prometi que ia transformar a vida da sua mãe em um inferno, já que ela tinha feito o mesmo com a minha.

Quando ele terminou de falar, minha mãe e eu chorávamos copiosamente. Eu nunca imaginei uma coisa dessas e não acreditava que minha mãe tinha engravidado de propósito, mas, mesmo que fosse, eu era inocente, não tinha culpa de nada! Como ele poderia me odiar tanto?

Pela primeira vez, presenciei alguns sentimentos passarem pelo rosto do meu pai enquanto ele falava, porque ele sempre foi tão frio e nunca deixou transparecer qualquer sentimento, nem bom e nem ruim. Álvaro tinha em seu rosto sempre uma expressão neutra, morta.

Ao mencionar a tal Sara, vi alguma emoção em seu rosto e em sua voz, mas quando mencionou eu ou minha mãe, senti a raiva, nojo, asco em suas palavras e semblante. Aquele homem realmente nos odiava muito e ia nos matar. Comecei a tentar apelar, talvez ainda existisse um pinga de sentimento nele.

— Eu não tenho culpa de tudo o que aconteceu no passado! Querendo ou não, eu sou sua filha e você tem uma neta de 8 meses, um bebê inocente que precisa da mãe. Por favor, peça o valor que você quer e vá refazer sua vida. Deixe-nos ir e nós nunca mais vamos cruzar o seu caminho, eu prometo.

— Nem se eu quisesse, sua idiota. Eu tenho uma dívida e você é o pagamento. Quanto à sua mãe, eu já disse, ainda estou decidindo o que farei.

— Dívida?! Do que você está falando? Eu posso conseguir o dinheiro, é só você nos deixar ir.

— Você já vai saber do que estou falando. Acha que eu sou algum idiota? Eu solto vocês e seu marido chega aqui em 2 minutos e me mata.

— Não, eu não vou deixar, eu prometo. Só precisa devolver a gente viva, que eu consigo o dinheiro para você e convenço o Enzo a não te matar.

— Ah, Liliane, tão esperta e tão burra ao mesmo tempo. Talvez você não morra, talvez sim... Sinceramente, eu não me importo e não está mais em minhas mãos, porque quem vai decidir o seu destino é ele. Eu fiz a minha parte te trazendo até aqui, agora é com ele.

— Ele quem? — perguntei gritando e chorando.

— Já, já, você vai saber. Ele está chegando, querida filha.

O celular do Álvaro tocou e ele pegou para atender. Aproveitei o momento de distração, puxei a arma que eu tinha levado e apontei diretamente para o peito dele.

— Solta a minha mãe agora, seu infeliz. Deixe a gente ir embora. Me dá logo a chave do carro — gritei.

— Abaixa essa arma, sua puta. Você não teria coragem de atirar.

— Não? Me teste!

Eu estava apavorada, mas tentava parecer calma. Continuei apontando a arma para ele e, então, gritei:

— Solta ela agora ou eu juro por Deus que atiro.

Eu estava mirando em Álvaro, mas ele não parecia ter medo, pois não

acreditava que eu seria capaz de atirar. *Se for para salvar minha mãe e poder voltar para casa, para minha filha e meu marido, sim, eu atiro.*

Apesar de ser criada dentro da máfia, eu não era uma assassina. Jamais seria capaz de matar qualquer pessoa, mas hoje era um caso diferente, porque era matar ou morrer. Eu precisava voltar para os braços do Enzo, para cuidar da minha filha e salvar minha mãe.

Vi meu pai dar um pequeno sorriso e minha mãe arregalar os olhos olhando para trás de mim. Imediatamente, percebi a presença de mais alguém e, quando ia virar, senti uma pancada forte em minha cabeça. Em uma fração de segundo, não vi mais nada.

Enzo

— Puta que o pariu! Ela não está usando a pulseira, inferno! Mas não posso culpá-la, porque ela não sabia do chip.

— Chefe, e se tentarmos rastrear o celular da mãe dela? De repente, eles não sabem que ela está com o aparelho, pois ela nem tinha um quando veio para a Itália.

Malone falou, me trazendo um pouco de esperança.

— Bem pensando, Malone. Isso vai demorar bem mais do que se ela estivesse com o chip, mas vamos começar a pesquisar agora mesmo. Andreolli, vou te dar o número da minha sogra para você rastrear, quero tentar as imagens das câmeras próximas ao local onde meu carro foi encontrado também.

Dei o número a ele para começar a busca, fui ao banheiro e, ao sair de lá, escutei o choro de Nina e fui direto para o quarto saber o que estava acontecendo. Assim que me viu, minha filha esticou os bracinhos na minha direção, pedindo colo..

— O que houve? Por que ela tá chorando assim?

— Eu não sei, senhor Enzo. Ela está ficando irritada, deve estar sentindo falta da mãe. Já dei mamadeira e, com muito custo, ela mamou, também troquei a fralda, mas ela não para de chorar.

Peguei o meu bebê e encostei junto ao meu peito. Automaticamente Nina se acalmou e foi diminuindo o choro. Então, comecei a conversar com ela, que estava com os olhinhos cheios de lágrimas. *Porra, um tiro não doeria tanto.*

— Fica calma, filha. Você está com saudades da mamãe? Eu também estou. O papai promete que vai trazê-la de volta. Não chora, tá bom?! Papai promete.

Ela deitou a cabeça no meu pescoço e ficou quietinha. Lili tinha que voltar logo para casa, nós não iríamos aguentar viver sem ela.

Eu fechei meus olhos e encostei a cabeça na cabecinha da minha filha. Os possíveis cenários do que poderia estar acontecendo com ela não saíam da minha mente. Eu precisava logo encontrar a Lili e, quando isso acontecesse, seria um banho de sangue. Não haveria piedade. Se ela voltasse com um arranhão sequer, eu iria até o inferno para me vingar de quem a levou de mim.

Voltei para o escritório com Nina no colo, pois ela não queria me largar e não tive coragem de deixá-la chorando. Já não bastava estar sem a mãe, ela precisava de mim e eu precisava dela.

Quando entrei, Matheo me olhou e perguntou:

— O que houve com ela?

— A Nina está enjoadinha, chorando, não quer ninguém, só meu colo. Com certeza, ela está sentindo falta da mãe.

Difícilmente eu via alguma reação no rosto de Matheo, mas desta vez eu vi: primeiro piedade, depois ódio. Ele estava quase tão irado quanto eu, com o sofrimento que esse fodido estava causando a mim e à minha filha.

As horas foram passando e ainda não tínhamos nenhuma notícia. Eu estava cada vez mais desesperado. Nina, felizmente, acabou dormindo. Matheo, Malone, Alessandro e eu estávamos na sala e não conseguimos descobrir nada. A essa altura, eu já estava enlouquecendo.

Aproximei-me do Alessandro, que estava digitando no computador. Sem saber direito o que eu estava fazendo, mas precisando descontar minha raiva em alguém — e ele tinha sua parcela de culpa por se deixar enganar tão facilmente —, levantei-o pelo colarinho da camisa e o presei na parede.

— Onde ela está?

— Eu não sei, senhor.

— Alessandro, onde está a minha mulher? Como você se deixou enganar tão facilmente por ela? — gritei louco e ele não respondeu.

Esmaguei meu punho em seu rosto, descontando todo o meu ódio. Ele não tentou se defender — sabia que tinha falhado em seu serviço —, e os homens na sala não interferiram.

— Era sua responsabilidade cuidar dela, filho da puta. Você deixou que a levassem para longe de mim e da minha proteção, porra! — gritei na cara dele e depois o soltei.

Meu soldado caiu no chão, mas em poucos segundos levantou e me olhou, esperando meu próximo comando.

— Continue tentando localizá-la.

Capítulo 42

Acordei sentindo uma forte dor de cabeça e levei menos de um segundo para me lembrar da situação em que estava e me apavorar. Sentei rapidamente e me senti zozza. Antes de me dar conta de qualquer presença, ouvi uma voz que me fez gelar:

— Até que enfim a princesinha do Enzo acordou!

Por um milésimo de segundo, eu achei que estava a salvo e que ele poderia estar ali para me ajudar. Contudo, quando consegui focar minha visão no seu olhar, eu soube: a última coisa que ele faria comigo era me ajudar. Eu só pude enxergar puro ódio em seu olhar.

— O que você quer? Por que está aqui?

— Sabe, Lili... Vou te contar uma pequena história — ele falou me olhando atentamente. — Lembra aquele dia na boate, há anos, quando Enzo e eu chegamos em você e na patricinha do Matheo? Eu as vi primeiro e queria você, porque prefiro as que tem cara de safada e a Melissa tem cara de santinha. Quando eu mostrei ao Enzo, automaticamente ele gostou de você e eu, como um bom primo, deixei para ele. As duas eram gostosas, então para mim tanto fazia. Ele chegou em você e se deu bem, mas eu cheguei em Melissa e me fodi.

Ele estava sentado em uma cadeira, em frente a uma mesa no canto do quarto em que estávamos, e, nessa hora, ele deu um soco na mesa e levantou gritando, totalmente alterado:

— A porra da minha vida toda foi assim! Eu me fodia, mas Matheo e Enzo sempre ficavam no bem bom, porque são filhinhos de papai, príncipezinhos da máfia. Eu era só um fodido, órfão de pai que vivia das sobras deles. Matheo acha que é a porra do dono do mundo, depois que Tio Romero passou a cadeira de *Don* para ele. Meu priminho ainda me mandou para Las Vegas, só porque eu quis ficar com a putinha da noivinha dele. Quando nos encontramos no jantar da casa do Antônio, a vagabunda me provocou e, quando eu revidei, ele me fodeu outra vez. Por causa dele, eu perdi meu posto em Las Vegas com Demétrio e comecei a viver como um maldito capacho.

Eu não estava entendendo o que o Lucca queria dizer, afinal nada daquilo dizia respeito a Enzo ou a mim. Mesmo assim, ele continuou:

— Sabe o que o seu marido fez para me ajudar? NADA. Sempre ficou do lado do irmãozinho. Ele me ignorou e quis me humilhar quando nos encontramos na boate naquele dia. Enzo me disse que eu não era bem-vindo no noivado e casamento de vocês. Quem ele pensa que é? Sabe, Lili, meu objetivo era a Melissa, porque eu sempre quis fodê-la para me vingar do Matheo, mas depois daquele dia na boate, em que Enzo fez questão de mostrar que, para ele, eu era menos do que nada, eu passei a não ter preferência. Você ou ela, tanto fazia.

Eu estava perdida. Lucca não estava brincando, pois eu vi sede de vingança em cada palavra que pronunciou. Ele queria machucar Enzo e iria me usar para isso. Eu só pensava na minha filha, então não aguentei e comecei a chorar.

— Foi aí que eu encontrei o seu papai, tão fodido por essa corja quanto eu. Então, fizemos um trato: eu daria dinheiro a ele e o manteria escondido, enquanto isso ele teria um prazo para me trazer você ou Melissa de bandeja. Como conseguir pegar a Melissa seria mais difícil, já que ela é obediente e só faz o que o Matheo fala, e seu pai não queria começar uma guerra com o Bernardo, então ele me prometeu você. Eu aceitei e aqui estamos. Agora você é minha para fazer o que eu quiser.

Lucca veio andando em minha direção e eu me encolhi mais no canto do quarto. Quando ele chegou perto, se abaixou e passou a mão no meu cabelo.

— Calma, princesa, não precisa chorar. Eu não vou te matar. Só vou te usar, te foder de todas as maneiras possíveis, te deixar quebrada e devolvê-la para ele. O Enzo vai experimentar viver como eu, se contentando com as sobras.

O bastardo abriu um sorriso maquiavélico e eu não resisti, cuspi na cara dele.

— Vagabunda!

Ele me deu um tapa forte no rosto e senti imediatamente o sangue escorrer da minha boca. Depois ele me deu um chute no estômago, eu perdi o ar com a dor e deitei no chão.

— Sua burra! Podia facilitar as coisas, ia ser bom até para você, mas não, prefere da maneira mais difícil, porque gosta de apanhar, né?!

Ele me levantou e me colocou sentada, segurou meu rosto com força e me fez olhar para ele.

— Se você lutar contra só vai ser pior, porque vai se machucar mais. Agora, seja uma boa menina e facilite as coisas.

Ele começou a me beijar à força. Eu me debati, tentei virar o rosto e,

quando senti a língua nojenta dele entrar na minha boca, eu a mordi com força. Ele me largou e deu mais um tapa forte na minha cara. Eu não aguentei, virei pro lado e vomitei tudo o que tinha no estômago. *Que nojo desse filho da puta!*

— Cadela, gosta de morder, né?! Você vai se arrepender disso.

Ele saiu do quarto pisando firme e eu fiquei ainda mais aflita, pensando no que essas palavras poderiam significar. *Será que, por hora, ele me deixaria em paz?* Eu olhei para todos os lados, tentando pensar em uma maneira de fugir, mas o bastardo voltou em seguida com uma corda e me amarrou, deixando-me ainda mais desesperada.

— Já que você não sabe se comportar, vai ficar amarrada para aprender.

— Por favor, não! Eu não vou fazer mais nada, eu vou ficar quieta — pedi chorando, mas parecia que o meu desespero o alimentava de prazer.

Ele terminou de me amarrar, pegou meu rosto — me fazendo encará-lo —, e falou:

— Calma, eu vou ser bonzinho com você. É só você colaborar que vai ser bom para você também. Tenho certeza de que eu sou muito mais homem do que o Enzo.

Uma raiva enorme subiu em mim e eu gritei na cara dele:

— Não, você não é! Meu marido é muito mais homem que você, aliás qualquer um é muito mais homem do que você!

Terminei de esbravejar e levei um soco no nariz, no mesmo instante senti minha cabeça girar e tudo ficou escuro.

Acordei e estava sozinha. Eu me sentia fraca física e emocionalmente, sem saber quanto tempo havia passado. Estava deitada no chão, com minhas mãos e pés amarrados. Aproveitei que estava sozinha e comecei a tentar soltar a corda que prendia minhas mãos. Como ela estava muito apertada, toda vez que eu forçava, minhas mãos doíam, mas eu precisava continuar tentando antes que o louco voltasse.

Às vezes, o desespero era tanto que eu pensava em desistir, mas eu lembrava da minha filha e do Enzo e isso me dava forças para tentar fugir dali a qualquer custo.

Antes que eu tivesse qualquer sucesso, a porta se abriu e Lucca entrou carregando um colchonete, colocou-o no chão e caminhou na minha direção. Eu me encolhi e comecei a chorar novamente, mas ele não falou nada, apenas me pegou no colo, me levou para o colchão e me colocou deitada.

— Tá vendo como eu sou bonzinho, trouxe um colchonete para você.

— Cadê minha mãe?

— Não se preocupe, seu pai está cuidando dela.

A cada minuto que passava, meu desespero aumentava. *Será que foi tudo em vão? Será que meu pai ia matar a minha mãe? Será que eu veria minha filha e meu marido outra vez?*

— Bom, Lili, chega de perder tempo! Vou te mostrar o quanto eu sou homem e você nunca mais vai falar essas merdas sobre mim.

Lucca se aproximou e eu comecei a gritar. Ele segurou minhas pernas e as desamarrou. Quando ele terminou, eu comecei a tentar chutá-lo, mas o bastardo segurou minhas pernas e tirou minha calça, me deixando só de blusa e calcinha.

Eu gritava, chorava e tentava me libertar, mas não adiantava. Ele era mais forte do que eu e isso estava me machucando mais. Minutos depois, eu perdi as forças e fiquei parada, então ele me olhou sorrindo e, sentindo-se vitorioso, disse:

— Isso mesmo, seja uma boa menina agora e abra as pernas para mim, princesa.

Enzo

Olhei minha filha ainda dormindo e meu coração doeu. Ela estava no quarto com Melissa e dona Beatriz. Voltei para o escritório do meu irmão, que mais parecia um centro de operações. Assim que entrei, Matheo me olhou.

— Nada ainda?

— Ainda não, irmão.

— Talvez eles entrem em contato e peçam um resgate — Malone falou, mas eu estava tão emocionalmente esgotado que nem respondi.

Quem tinha levado a Lili, não queria dinheiro, queria mexer conosco e desequilibrar-nos. Eu podia apostar que Álvaro estava envolvido. Talvez o alvo não fosse exatamente a Lili, talvez qualquer uma das mulheres servisse, porque todos sabiam que elas e nossos filhos eram nosso ponto fraco.

Matheo protegia Melissa e os gêmeos como um lunático, nunca os deixava saírem sozinhos e sempre tinha uma comitiva montada em qualquer lugar que fossem. Eu casei com a mulher mais escorregadia da máfia, então era difícil segurar Lili. Eu não a deixava totalmente livre para fazer o que quisesse, mas ela também não era tão fácil de cuidar como a Melissa. Claramente, eu escolhi um soldado inútil para cuidar dela, pois minha mulher o engabelava com facilidade. Nunca mais eu confiaria em Alessandro, ele tinha sorte de ainda estar vivo.

— Enzo — Matheo me chamou.

Desviei todos aqueles pensamento a tempo de ouvir meu irmão falar:

— Pegamos a localização.

Meu coração acelerou, parecia que ia pular do peito.

— Onde... Onde ela está? Onde, Matheo? — perguntei eufórico.

— Está a 20 km daqui, irmão. Já mandei organizar os homens e estamos partindo agora mesmo.

Não sei se senti alegria ou pavor: alegria por saber que estava indo para onde Lili estava; e pavor por não saber o que encontraria lá.

Fui até o quarto dar um beijo em Nina antes de sair e Matheo entrou logo atrás de mim para falar com a esposa.

— Melissa, nós a encontramos. Estamos indo buscá-la — falou meu

irmão, indo até Melissa e abraçando-a.

— Matheo, cuidado, pelo amor de Deus! Pensa nos seus filhos, Mia e Pietro precisam do pai e ainda tem um na minha barriga. Eu preciso de você, aliás nós precisamos. Por favor, amor, toma cuidado. — minha cunhada falou chorando.

Meu irmão a abraçou forte e beijou a cabeça dela, segurando delicadamente em seus braços.

— Eu sei, eu sei, eu vou voltar para vocês. Eu te amo! Cuida dos meus filhos enquanto eu estiver fora. Me espera, eu já volto para você — meu irmão respondeu.

Aquilo me deixou pensativo, pois se acontecesse alguma coisa a nós dois, Nina, Mia, Pietro e o neném que ainda nem nasceu ficariam sem pai. Talvez fosse melhor meu irmão ficar em casa.

— Matheo, talvez seja melhor você ficar, irmão. Se acontecer alguma coisa comigo, você toma conta da minha filha.

— Cala a boca, Enzo! Não vai acontecer porra nenhuma com ninguém, a não ser com o filho da puta que levou a sua mulher. Você quer deixar a Melissa nervosa? Confia em mim, cara, ou você acha que vou deixar alguma coisa acontecer? Vamos embora logo, sua mulher está em perigo e cada minuto conta.

Saímos de casa em três carros. Eu, Matheo, Andreolli e Malone em um carro. E mais dez soldados, cinco em cada um dos outros carros.

Quando nos aproximamos do local, parecia só ter mato. Paramos os carros e seguimos a rota do rastreador a pé. Avistamos uma casa sendo vigiada por apenas dois soldados do lado de fora, o que não era de se admirar já que Álvaro era um fodido.

Matar os dois foi a coisa mais fácil do mundo — as armas estavam com silenciadores —, nós simplesmente atiramos. Nos aproximamos mais e, em poucos minutos, invadimos.

A primeira coisa que vimos foi a Carmem sentada e amarrada em uma cadeira, com um dos olhos roxo e a boca amordaçada. De repente, Álvaro entrou no cômodo e arregalou os olhos. Matheo e eu apontamos a arma para ele, que levantou as mãos e se rendeu, como o covarde que era. Andreolli correu até o filho da puta, tirou a arma da sua mão e começou a revistá-lo.

Queria muito matar o Álvaro agora, mas primeiro precisava achar a Lili. Eu ainda tinha muitos planos para ele, um tiro seria fácil e indolor demais para as atrocidades que ele fez. Dois soldados soltaram minha sogra e mandei que a levassem para o carro onde ela ficaria protegida. Matheo me olhou, pedindo

permissão, silenciosamente, para matar o pai da Lili. Ele sabia que eu queria ter esse prazer, queria acertar as contas com ele, então fiz um sinal negativo com a cabeça, e ele entendeu que era para levá-lo para o galpão. Saí correndo e comecei procurar Lili, pois não podia perder tempo. Não via nem sinal dela, mas de repente, ouvi um som abafado de grito e corri para procurar pela casa.

Eu atravessei a porta, mas nada teria me preparado para a cena que encontrei.

— Desgraçado, é agora que você morre!

Capítulo 43

— Agora você vai ser minha, putinha. Anda, Lili, abre essas pernas para mim. Se você colaborar, serei carinhoso.

— Maldito, eu tenho nojo de você! Me mata, eu prefiro morrer do que me entregar a você.

— Você fala demais, sabia? Melhor amordaçar você.

Eu só chorava, porque já não tinha mais forças. Ele pegou um pano, amordaçou a minha boca, depois me segurou pelo cabelo e apontou o dedo no meu rosto.

— Agora você vai ficar quieta e eu vou enfiar meu pau nessa sua boceta gostosa até gozar. Quem sabe eu te faça um filho para o Enzo criar?

Eu balançava a cabeça em negativa, implorando, mas sabia que minha súplica não ia adiantar.

Quando ele rasgou minha calcinha, ouvimos um barulho vindo da sala.

— Mas que porra é essa que o Álvaro está arrumando agora?!

Houve um barulho maior de porta sendo arrombada e então eu escutei a voz que achei que nunca mais ouviria na vida. Para mim era a voz de um anjo que já salvou a minha vida mais de uma vez. Meu anjo negro, meu anjo caído, que sempre me resgatou nos momentos em que mais precisei:

— Desgraçado, é agora que você morre!

Então Lucca foi arrancado violentamente de cima de mim, enquanto eu me arrastei e me encolhi em um canto, escondendo-me de medo e vergonha, pois eu estava nua da cintura para baixo.

Eu chorava copiosamente, de medo, de alívio e de vergonha, mas também de gratidão, tudo ao mesmo tempo. Enquanto isso, Enzo socava meu agressor repetidamente e o enforcava.

Lucca já estava com o rosto todo ensanguentado e praticamente desacordado, quando dois soldados entraram no quarto. Enzo parou e olhou para mim. Na mesma hora, ele largou Lucca e veio para perto de mim. Eu estava encolhida e nua, vulnerável de todas as formas possíveis. Ele tirou o blazer, me cobriu, me colocou em seu colo, tirou minha mordaca e me abraçou. Eu só tive forças para perguntar:

— Minha mãe?

— Ela está salva, meu amor. Os soldados já a levaram para o carro.

Um soluço involuntário saiu da minha garganta e eu chorei toda a minha dor e desespero. Enzo me apertou mais forte junto ao peito e algum tempo depois, Matheo entrou no quarto com a camisa suja de sangue.

— Ela está bem? — ele perguntou.

— Está viva — respondeu Enzo.

Levantei a cabeça, olhei para Matheo e perguntei:

— Meu pai...

— Seu pai está morto, Liliane — Matheo respondeu.

A resposta do meu cunhado não me convenceu, porque eu sabia que Enzo não ia terminar aquilo tão facilmente. Eles apenas queriam me poupar de mais um trauma, mas mal sabiam que eu não me importava mais. Por mim, o Álvaro podia passar o resto da vida no quinto dos infernos, contanto que estivesse longe de mim e da minha família.

Nunca imaginei que sentiria alívio ao ouvir uma notícia dessas sobre meu pai, mas saber que ele morreria me deixou aliviada. mas respirei realmente aliviada antes de falar:

— Foi ele, desde o início. Ele armou tudo isso e me entregou para o Lucca. Ele me ligou, ameaçando matar a minha mãe...

E contei rapidamente a história que tinha me levado até ali, parando apenas por um momento, com a necessidade de respirar fundo para me acalmar. Então continuei a falar friamente:

— Lucca também precisa morrer! Ele queria se vingar de vocês dois. A princípio, ele queria pegar Melissa e estuprá-la para se vingar apenas de Matheo. Depois daquele dia que o encontramos na boate, Enzo, ele disse que você o humilhou e, assim, tanto fazia eu ou Melissa. Então, ele encontrou Álvaro, deu abrigo e dinheiro até ele me trazer para cá. Era o Lucca que o estava ajudando a se manter esse tempo todo. Ele precisa morrer, caso contrário ele não vai parar!

Eu terminei de falar e estava com o corpo todo tremendo.

— Calma, amor! Não fala mais nada, você está salva. Acabou, vamos embora que nossa filha está em casa te esperando.

Quando ele falou o nome de Nina, as lágrimas voltaram com força.

— Meu bebê, como está meu bebê? Quem está cuidando dela?

— Ela está bem, só com saudades de você. Está com Melissa e dona Beatriz.

Matheo saiu do quarto e, um pouco depois, voltou.

— Vamos, Enzo — Matheo nos chamou.

Enzo levantou, carregou-me no colo e saímos daquele quarto do

pesadelo. Quando passamos pelo outro cômodo, reparei que havia sangue, muito sangue, mas não tinha nenhum corpo.

Meu marido me levou para o carro em que Matheo, Malone e Andreolli estavam esperando e saímos dali.

Eu continuava no colo de Enzo. Ele passou a mão no meu cabelo e falou baixinho comigo:

— Sua mãe já foi para o hospital, eu vou te levar para lá também.

— Não, Enzo. Eu quero ir para casa, quero ver minha filha.

— Você vai, Lili, mas primeiro precisamos passar no hospital. Você foi agredida, está com o rosto machucado e toda marcada. Precisamos cuidar de você primeiro.

Eu não protestei mais, porque realmente meu corpo todo doía.

Quando chegamos ao hospital, colocaram uma roupa em mim e começaram a me examinar. Enzo estava perto, acompanhando tudo, muito calado. Eu estava horrível, eu sabia, mas estava viva e ia voltar para a minha filha, era isso o que importava.

Matheo entrou rapidamente, avisando que ia para casa tranquilizar a Melissa e terminar de resolver as coisas.

Fui levada para fazer uma tomografia e mais alguns exames. Os corredores do hospital por onde eu passava estavam cheios de soldados, também tinham alguns guardando as portas e, quando voltei para o quarto, Enzo já estava lá me esperando.

Depois que a enfermeira saiu, ele puxou a cadeira, sentou ao lado da minha cama, pegou minha mão, beijou e ficou segurando. Pouco tempo depois, olhou-me com um brilho no olhar e sussurrou, com a voz cheia de pesar:

— Me perdoa? Me perdoa, amor? Por ter me apaixonado e te arrastado para a minha vida, por não ter conseguido evitar que te levassem e te machucassem no corpo e na alma. Pelo meu egoísmo e por não ser capaz de te deixar livre de mim e dessa vida de merda que eu vivo. Porque eu te amo, Lili, e simplesmente não posso mandar você viver uma vida de paz sem mim, porque enquanto você me quiser, eu vou aceitar o seu amor. Me perdoe, pois eu não posso te perder. Eu... Não consigo enxergar mais uma vida sem você.

— Do que você está falando, Enzo? Não existe nada sem você. Você é tudo para mim. Você me deu uma vida, uma filha, uma família e fui eu quem quis você primeiro. E mesmo que você me mandasse embora, eu não iria, porque você é a minha vida. Você e a Nina são. Nunca mais diga essas besteiras!

Eu terminei de falar aos prantos. Ele secou minhas lágrimas, me deu um

beijo e voltou a falar:

— Tem uma coisa que eu estou até com medo de perguntar, mas eu preciso saber. Ele tocou em você, Lili? Ele, ele... Ele te violentou?

Dava para sentir o horror e a agonia na voz de Enzo, não era o ciúme de sempre. Me apressei em responder:

— Não, não, não, amor! Você chegou a tempo e me salvou mais uma vez, ele não conseguiu.

Enzo fechou os olhos e suspirou, claramente aliviado.

— *Grazie a Dio*, pelo menos isso — ele falou e beijou novamente minha mão.

Poucas horas depois, eu tive alta do hospital. Antes de ir embora, passei para ver minha mãe e ela estava dormindo, pois tinham dado um calmante e ela passaria a noite em observação, pois estava emocionalmente muito abalada, mas fisicamente bem, graças a Deus.

Agora eu só queria ir pra casa ver minha filha.

Capítulo 44

Quando chegamos ao complexo, fui direto para casa de Melissa, precisava ver a minha filha. Cheguei ao quarto, ela estava no colo de Melissa e parecia irritada, então chamei-a.

— Nina, mamãe chegou!

Assim que ouviu o som da minha voz, minha filha virou a cabecinha na minha direção, deu um gritinho de bebê e, sorrindo para mim, esticou os bracinhos.

A emoção que senti foi a mesma do dia do parto, quando vi minha filha pela primeira vez. Parecia que aquela emoção estava se repetindo, mas ali não era ela nascendo, era eu quem tinha renascido.

Peguei-a no colo, abracei-a apertado com todo o meu amor e a enchi de beijos, rindo e chorando ao mesmo tempo. *Finalmente eu estava em casa.*

Enzo juntou-se a nós, abraçou-nos e, então, tudo estava completo.

Depois de conversarmos um pouco por lá, fomos para casa. Alcapone veio correndo eufórico na minha direção, latindo e pulando quando me viu. Dei Nina para Enzo e peguei meu doguinho no colo para dar um abraço, eu o amava.

Subimos para o quarto e eu estava louca por um banho. Como Nina não queria me largar, então fomos os três para a banheira. Enzo sentou, me acomodei na frente dele e coloquei Nina no meu colo, brincando com seus bichinhos.

Enzo me lavava cuidadosamente, cuidando dos meus machucados enquanto beijava meu ombro e meu pescoço. Meu marido estava me tratando com todo o amor e carinho que eu precisava. Eu não queria quebrar o momento perfeito que estávamos compartilhando, mas precisava perguntar:

— Enzo, que fim o Lucca levou?

— Está preso em um dos nossos galpões, mas ainda vivo. Matheo já acertou as contas com ele, mas eu ainda não. Amanhã de manhã, nós teremos uma conversa de homem para homem, porque hoje eu só quero cuidar de você e não quero que se preocupe com isso.

Minutos depois, Enzo saiu da banheira, se secou para vestir o roupão e ficou tentando tirar Nina da água para secá-la também, enquanto eu ia me secar e me vestir.

Nosso bebê começou com a pirraça, pois amava a água e não queria sair. Do *closet*, ouvi Enzo conversar com ela:

— Calma, filha. Você não pode ficar esse tempo todo na água. Olha seus dedinhos como já estão enrugadinhos, está igual a uma velhinha. Papai vai morder, quer ver?

Ouvi uns sons engraçados e logo Nina acalmou o choro e estava rindo para o pai. Suspirei aliviada e feliz e me juntei a eles. Enquanto eu dava mama a Nina, meu marido desceu para fazer um lanche para nós. Em seguida, coloquei minha filha para dormir na cama com a gente, pois hoje eu não seria capaz de me separar dela.

Depois de comermos, Enzo e eu deitamos também para dormir.

Enzo

Mal o dia clareou, eu já estava de pé, pois quase não dormi à noite. Lili teve vários pesadelos e toda hora eu precisava acalmá-la. Quando estávamos quase dormindo, Nina quis mamar, então tive que levantar para fazer a mamadeira, pois apesar de ainda mamar no peito da mãe, ela tomava mamadeira de madrugada e, algumas vezes, durante o dia também. Contudo nem a exaustão fez com que eu dormisse depois que vi o dia clarear.

Levantei, tomei banho e me arrumei. Deixei Lili e Nina dormindo e descii para resolver de uma vez por todas este problema.

Saí de casa com Malone e Guido e, quando estava prestes a entrar no meu carro, ouvi minha mãe chamar e vir correndo na minha direção. Esperei e, quando ela se aproximou, perguntei:

— Aconteceu alguma coisa, mãe?

— Filho, eu nunca me meti nos seus assuntos e do seu irmão. Você sabe que eu nunca nem quis saber o que se passava com vocês no trabalho, eu só rezava para vocês sempre voltarem bem para casa. Mas diferente das outras vezes, hoje eu sei o que você está indo fazer. Sei que Lucca foi o responsável pelo sequestro de Lili e que ele não terá mais nenhuma chance, mas eu sou mãe, Enzo, e uma mãe entende a dor da outra. Sua tia está muito mal, meu filho, só chora e não consegue comer. Que Deus me leve antes que um dia eu possa ver algo ruim acontecer a você e a seu irmão ou aos meus netos. Eu simplesmente não suportaria.

— Mãe, eu...

— Hoje você é pai, Enzo. Você conhece o amor que estou falando e sabe que mesmo que Nina fizesse algo muito errado você sempre a protegeria com a própria vida, porque ela é sua filha e você a ama incondicionalmente. Então, filho, eu quero te fazer um único pedido. Sei que Lucca está no galpão desde ontem e que Matheo esteve lá, então seu primo já deve ter sido bastante torturado. Entendo que a sua intenção é ir lá agora e fazer o mesmo, mas eu te peço, meu filho, acabe logo com isso. Quando sua tia souber que ele se foi sem muito sofrimento, ela terá pelo menos um pouco de paz. Não o torture mais, Enzo!

— Mãe, não coloque minha filha inocente nesse meio, porque ela é só um bebê. Não tem comparação, Lucca sabia exatamente o que estava fazendo. Ele ia

estuprar a Lili se eu não chegasse a tempo e, provavelmente, mataria a minha mulher depois. Sua neta ia crescer sem mãe por causa desse filho da puta e você está me pedindo para ter piedade dele? Você está me pedindo pra não ser homem, mãe. Não tem como deixar isso passar, porque eu quero e preciso machucá-lo muito.

Olhei para a minha mãe possesso. Ela chorava copiosamente e me respondeu:

— Apenas mate-o de uma vez, Enzo. Chega de tortura, meu filho, deixe a sua tia chorar logo a morte do filho.

Vendo o estado em que minha mãe estava, não fui capaz de dizer não, mas tudo ia depender de como eu encontrasse o Lucca e como ele agisse diante de mim.

— Tudo bem, mãe. Agora deixe eu ir resolver logo isso.

— Obrigada, filho.

Entrei no carro e fomos direto ao galpão. Quando cheguei lá, Lucca estava amarrado em uma cadeira, desacordado. Puxei uma cadeira de metal, arrastando no chão para acordá-lo com o barulho, sentei de frente para ele e, ao perceber que ele não despertaria, ordenei aos soldados:

— Acordem-no.

Meus homens jogaram água fria no filho da puta e ele acordou atordoado, tossindo e tentando respirar. Notei que estava muito machucado e totalmente debilitado, Matheo tinha deixado sua rubrica.

— Bom dia, primo, como se sente?

Ao ouvir minha voz, ele me olhou com ódio, mas não respondeu, então eu falei:

— Você achou mesmo que ia sequestrar, estuprar, matar a minha mulher e ia conseguir fugir? Você é mais idiota do que eu pensava, Lucca. Aliás, seu problema sempre foi esse, fazer as merdas sem medir as consequências. Mesmo você errando tanto, Matheo e eu sempre livramos a sua cara, afinal você era da família e da *Cosa Nostra*, mas a partir do momento que ousou mexer com as nossas mulheres, você cavou sua cova, filho da puta.

— Era para Lili ser minha. Naquela noite, na boate, eu a queria, mas deixei a vadia para você.

— Nossa, primo, quanto rancor ao falar da minha mulher. — Dei um soco cruzado naquela cara de pau dele, o ódio crescendo em mim em proporções absurdas. — Você quer o quê agora, que eu te agradeça? Deixou porque não fazia diferença para você, só queria foder, então tanto fazia uma ou a outra.

— E você queria a mesma coisa, mas tomou um chá de boceta e se apaixonou. Se fodeu!

— Cala a boca, filho da puta! Você não vai mais estuprar a mulher de ninguém, porque você morre hoje!

Lucca me olhou sorrindo e cuspidando sangue. Dava para ver que já não tinha mais forças, mas ele não perdia a pose.

— Você não vai morrer porque é ruim, afinal isso todos nós somos. Você vai morrer porque não tem honra, é desleal com a própria família, um covarde filho da puta e estuprador de mulheres do caralho.

Peguei minha arma e atirei no meio da testa dele. Mesmo sabendo que Lucca já estava sem vida, descarreguei toda a munição nele para compensar meu ódio.

Eu queria torturá-lo por dias, mas em consideração ao pedido da minha mãe, acabei logo com essa porra. Minha conversa, agora, seria com meu querido sogro.

Quando cheguei onde o Álvaro foi colocado, achei que ele já estivesse morto, pois seu rosto estava irreconhecível, banhado em sangue. Ao chegar mais perto, percebi que ainda respirava e isso me deu um certo furor.

Eu peguei um balde com água fria e joguei na cara dele, fazendo-o acordar.

— Olá, meu sogro. Como se sente? — falei debochado.

Ele mal conseguiu me olhar, pois os olhos estavam muito inchados, mal ficavam abertos. Meus homens estavam fazendo um bom trabalho.

— Está doendo? — perguntei, mas ele não respondeu. — Eu quero que antes de morrer, você sinta toda a dor que já causou à minha mulher em toda a sua vida. Você vai pagar por cada marca que deixou nela, vai sangrar até morrer e, por mais que você sofra, ainda vai ser pouco, muito pouco.

Peguei a barra de ferro que foi colocada, estrategicamente, perto dele e, com toda força que reuni, bati em seu estômago fazendo-o perder o ar.

— Você deveria tê-la protegido do mundo, seu filho da puta. Deveria ser o primeiro herói da vida dela e tê-la tratado como uma princesa, para que ela entendesse desde cedo o quanto era preciosa — berrei na cara dele.

Em seguida, bati com o ferro em suas pernas. Ele ameaçou desmaiar, mas não deixei. Joguei mais água em cima dele e continuei a falar:

— Acorda, seu covarde! Não aguenta umas porradas, mas sabe bater em mulher, não é?! Você era o cara que devia tê-la mimado, protegido dos marmanjos como eu, que um dia ousassem quebrar seu coração perfeito. Você

não merece a filha que tem e ela não precisa de um verme como você na vida dela, porque agora Lili tem um homem de verdade ao lado dela, que vai amá-la e tratá-la como a rainha perfeita que ela é. E você... Você vai morrer sofrendo e sozinho, exatamente como o ser desprezível que você é, e vai direto para o inferno. Ninguém vai sentir sua falta.

Olhei para os meus soldados e dei a ordem:

— Façam ele sofrer, não deixem que morra fácil. Torturem o máximo que conseguirem, mas não o matem.

Limpem essa bagunça — falei para os soldados do galpão e, em seguida, chamei Malone. — Vamos para casa.

As coisas podiam ser diferentes. Lucca deveria ser nosso aliado, não um inimigo, e Álvaro deveria ser um pai para Lili, talvez ocupar um cargo maior na família, mas eles escolheram o caminho errado e agora lidariam com as consequências.



Cheguei em casa, Lili e Nina ainda dormiam, então fui direto tomar banho para tirar a sujeira. Quando voltei para o quarto, Nina tinha acordado e, ao me ver, sorriu para mim.

— Ei, boneca do papai, já acordou? Agora está feliz, né?! Mamãe voltou. Ela riu novamente e eu a enchi de beijos.

Capítulo 45

Uma semana depois

Enzo alugou uma casa na praia para passarmos um fim de semana, só ele, Nina, eu e os seguranças, claro — mas eu até esquecia que eles estavam ali.

Eu estava feliz da vida, porque minha mãe já recebeu alta e, parecia terrível de dizer, mas saber que meu pai estava morto era um alívio. Além disso, eu estava em um pequeno paraíso, com duas das pessoas que eu mais amava no mundo, Enzo e Nina.

Acordei e eles não estavam no quarto, então levantei para ir ao banheiro, fiz minha higiene matinal e, quando cheguei na sala, olhei pela janela e vi os amores da minha vida brincando. *Meu coração explode de amor.*

Enzo me viu, sorriu e veio falar comigo, carregando nos braços uma Nina eufórica e vermelha de tanto rir.

— Bom dia, meu amor.

— Bom dia, meu amor e minha princesa.

Meu marido me deu um beijinho e minha filha sorriu para mim com seus dois dentinhos solitários.

— Trouxe a Nina para tomar banho de sol, enquanto você não acordava. Vamos tomar café?

— Vamos, estou faminta.

Tomamos café, rindo e conversando com nossa filha, e depois fomos para a praia, onde passamos um dia perfeito em família. Era a primeira vez que Nina ia à praia e ela ficou maravilhada com a sensação da areia no corpo e os castelos que fizemos para ela...desmanchar. Nossa filha brincou o dia todo e, quando chegamos em casa à tarde, dei banho e ela tirou um cochilo.

À noite, saímos para jantar e voltamos para casa já bem tarde. Coloquei Nina para dormir e fui tomar banho, pois queria ficar bem sexy para o Enzo. Desde que fui sequestrada ainda não tínhamos transado, porque eu estava me recuperando dos traumas físicos e psicológicos, mas hoje essa distância acabaria.

Cheguei no quarto e encontrei o Enzo sentado na cama, mexendo no

notebook. Quando me viu, meu marido colocou o aparelho na mesa de cabeceira imediatamente. A cara de faminto dele me fez querer rir, mas eu não podia, pois queria sensualizar.

Caminhei devagar até a cama e, ao ficar bem próximo, subi no colo dele e começamos a nos beijar como se fôssemos nos fundir. Era tanto amor, tanto desejo e saudade que meu corpo até doía.

Enzo rapidamente tirou a minha camisola e se dedicou aos meus seios. Ele os chupava, massageava, apertava de uma maneira que eu já estava ficando louca. De repente, meu marido me jogou deitada na cama e beijou meu corpo inteiro.

Eu quase gozei na primeira lambida que ele deu na minha vagina, porque ele estava tão eufórico quanto eu. Ele me chupava, lambia, massageava meu clitóris deliciosamente. Eu gozei forte, gemendo e gritando o nome dele, e ele sugou até a última gota de mim.

Quando me recuperei do orgasmo, virei nossos corpos para ficar por cima dele e o chupei com vontade, até tê-lo todo em minha boca. Eu lambia a cabeça e o masturbava, tudo ao mesmo tempo e, quando percebi que ele estava quase explodindo de prazer, intensifiquei meus movimentos fazendo com que ele gozasse com força na minha boca e eu engoli tudo que ele tinha para me oferecer.

Estávamos totalmente suados e ofegantes, mas ainda precisávamos um do outro. O tempo foi apenas o suficiente para nossas respirações estabilizarem, Enzo voltou para cima de mim, já totalmente duro outra vez e disse:

— Agora eu quero sentir essa sua boceta gostosa apertando o meu pau.

Ele pegou o pau e posicionou na minha entrada, deu duas pinceladas e eu já me contorcia ansiosa. Quando ele posicionou a cabeça para me penetrar, ouvimos um choro alto e estridente. Nina!

Enzo fechou os olhos, respirou fundo e fez uma cara de dor.

— Não, não, não acredito. Nina está de brincadeira comigo.

— Eu vou lá.

Ameacei levantar, mas ele me impediu e falou:

— Deixa que eu vou, porque eu vou aproveitar e deitar lá com ela para chorar também.

Eu ri muito ao ouvir aquilo. *Meu Deus, o Enzo não perdia uma piada.*

— Ela está com fome.

— Eu sei. Eu também estou, por isso vamos chorar juntos.

— Tadinha, amor.

— Vou buscar a mamadeira. Não dorme, Lili, já volto.

Ele saiu e, logo depois, eu fui atrás. Enzo já estava dando mamadeira e conversando com nossa filha enquanto ela comia. Nina olhava atentamente para o pai enquanto ele falava. Era muito engraçado, um homem daquele tamanho tentando falar a língua de bebê.

— Tá *gotoso*, tá? Bebe tudinho e vai *mimi* porque o papai também tá com fome e a mamãe também quer *mamá*. — De repente, ele mudou a forma de falar: — Filha, você tem que deixar o papai e a mamãe fazerem um irmãozinho, se não você vai acabar crescendo sozinha e isso é triste. Para com essa mania de acordar nas piores horas, meu amor.

Eu ri baixinho. Tadinha da minha filha, tão inocente. Ela não entendia nada, mas terminou de mamar e estava rindo para o pai.

— Tá rindo, né?! Ri não, filha, a coisa está séria aqui. Fecha o olhinho e dorme.

Voltei para a cama feliz da vida para esperar o meu marido, mas minha intuição dizia que a Nina não iria dormir tão cedo.

Epílogo

Enzo

Nem nos demos conta e já haviam se passado três anos.

Entrei em casa falando a mesma frase de todos os dias. Aquele era o melhor momento do meu dia, quando eu chegava em casa e encontrava as minhas garotas:

— Meninaaas... Cheguei!

— Papaaaiiiiiii.

Nina veio correndo com suas tranças balançando e pulou no meu colo como fazia todos os dias. Ela era um sonho, tão linda e perfeita que eu quase morria de amor pela minha filha.

— Oi, minha boneca! Cadê a mamãe?

Falei, enquanto a levantava para o meu colo. Eu a beijei e abracei, sentindo o seu cheirinho que ainda era de bebê.

— Mamãe está terminando de dar banho no Alcapone.

— Banho uma hora dessas?

— É — ela confirmou e fez uma carinha de inocente que eu já conhecia, mas sempre me derretia.

— O que você aprontou, Nina?

— Eu queria que ele fosse menina, papai, aí peguei a tinta rosa da escola e pintei ele todinho, mas não deu muito certo. A mamãe ficou zangada com a Nina e foi reclamando dar banho nele — ela disse, depois me segurou pelo pescoço, aproximando a boca do meu ouvido e disse baixinho: — Eu achei que ele ficou bonitinho.

Eu tive uma imensa vontade de rir, como quase todas as vezes em que ela fazia alguma besteira, mas me segurei. Minha filha era arteira demais e eu amava isso nela, mas isso enlouquecia a Lili, então eu não podia deixar Nina perceber que tinha o meu apoio.

— Não pode pintar o Alcapone, filha. E ele não seria menina por ser

rosa.

— É mesmo — ela falou fazendo biquinho. — Ele não pode ser menina, porque tem pintinho, só depois eu lembrei.

— Quem te falou isso, Nina? — perguntei chocado ao ouvir minha filha falar essa palavra que eu gostaria que ela jamais conhecesse.

— Foi Pietro — ela respondeu imediatamente, entregando o primo mais velho.

— Ah é? E o que mais ele te falou?

— Eu chamei ele para brincar de boneca, comigo e com a Mia, aí ele falou que não podia brincar com a gente, porque ele e Raphael eram machos e machos não brincam de boneca. Aí eu perguntei o que era ser macho e ele respondeu que ser macho é ser menino e ter pinto.

— Nossa... Quanta informação, hein, Nina. Agora escuta o papai. Você vai esquecer tudo isso, porque você é a princesa do papai e não tem porque ficar pensando nessas coisas, entendeu?

— Tá bem, papai, mas você também tem pinto, né?!

Putá merda, ela era curiosa e esperta como a mãe, não ia esquecer.

— Todos os homens têm, mas você não tem que pensar nisso, meu amor. Isso não serve para nada, então esquece, tá bom?

— Tá bom. Papai... e as meninas têm o quê, pinta? E o pinto de vocês é igual à nossa pinta?

Meu Deus, socorro! Eu vou matar aquela miniatura de Don por ficar colocando essas coisas na cabeça da minha filha!

— Lili, cadê você amor?! Corre aqui!

Gritei pela minha mulher, pedindo socorro, e ela logo apareceu na sala com Alcapone já limpo e seco. Lili veio até mim, deu-me um selinho e perguntou:

— Por que você está vermelho, Enzo?

— Nina está fazendo muitas perguntas hoje, porque Pietro andou falando o que não devia para ela. Vou ter uma conversinha com aquele pilantrinha amanhã mesmo.

— Ah, isso? Ela me falou também — Lili disse rindo.

— Pois eu não achei graça nenhuma nessa conversa.

Nessa hora, alguém bateu à porta e entrou, era minha mãe. Nina desceu do meu colo e correu até ela gritando:

— Vovóóó.

— Oi, bonequinha linda da vovó. Está pronta? Vovó veio te buscar.
— Buscar para ir aonde? — perguntei para minha mãe.
— Nina hoje vai dormir com a vovó.
— Hum... Pietro vai também?
— Não, só Nina e Mia. Hoje é a noite das meninas. Além disso, Pietro não larga aquele pai, é a sombra de Matheo; e Raphael a sombra de Pietro. Aqueles três não se desgrudam.
— Melhor assim.
— Por quê? O que tem de errado com meu neto lindo?
— Seu neto andou colocando coisas na cabecinha inocente da Nina.
— Que coisas?
— Deixa pra lá mãe, vamos mudar de assunto.
— Tá bem, ciumento. Está lembrado do churrasco em comemoração ao aniversário do seu pai amanhã, né?!

— Claro que estou!
— Então, até amanhã. Vamos, Nina.
— Vamos, vovó.
— Ei, princesa, não vai se despedir do papai e da mamãe?
— Tchau, papai! Tchau, mamãe! — Ela acenou para nós, enquanto puxava a avó pelo braço em direção à porta.
— Tchau, amor, dorme com Deus — Lili e eu respondemos.
— Enfim, sós — falei para Lili, ela riu e me abraçou.
— Safado!
— O quê? Nina não nos dá um descanso, está cada dia mais empenhada na tarefa de não ter um irmão, só conseguimos fazer sexo de madrugada.
— Não reclama, Enzo. Transamos ontem à noite e hoje de manhã.
— E vamos transar agora novamente, porque fora de hora é muito melhor. Vem cá, minha gostosa.

Peguei Lili no colo e a levei para o quarto. Deitei minha mulher na cama, tirei os sapatos e meias — jogando longe —, a gravata, blusa, depois a calça e, finalmente, a cueca. Meu pau pulou feliz e ereto, doido para se aconchegar na boceta quente e gostosa da minha mulher, então deitei em cima dela e comecei a beijá-la, com todo o meu amor e desejo.

Tirei sua camisola, vendo em seu olhar o desejo que também sentia por mim, e desci o beijo até seus mamilos. Eu chupei os seios da minha mulher que eu tanto amava, desci ainda mais os beijos e, quando parei e lambi aquela boceta

tão minha, ela gritou e arqueou o quadril, pedindo mais. E eu dei, claro. Dei tudo o que ela queria. Lambi e chubei com todo o meu desejo, e ela gemia descontrolada, até que gozou na minha boca, gritando palavras desconexas.

Antes que ela pudesse se recuperar, enfiei meu pau nela de uma vez. Ela gritou mais uma vez e eu meti mais forte e rápido. Eu estava necessitado dela, como sempre.

Sempre desejei a Lili com muita intensidade, mas depois que ela foi sequestrada eu passei a ter mais necessidade dela a cada dia. Eu a amava todos os dias e nunca me cansava de sentir e dizer isso a ela. Minha mulher gemia com as minhas estocadas e eu também. Então, em um movimento rápido, eu a virei e a coloquei de quatro, dei um tapa em sua bunda gostosa e entrei nela novamente. Seus gemidos eram descontrolados, pois hoje a casa era só nossa. Podíamos fazer barulho à vontade e fizemos.

Coloquei Lili de lado e sussurrei no seu ouvido:

— Vou comer sua bunda gostosa, estou com saudades dela.

Minha mulher, que era tão safada quanto eu, quase me matou de tesão respondendo:

— Fode, Enzo. Fode a minha bunda com esse pau gostoso.

Porra! Lili me deixava louco com seu linguajar delicado, pior do que o de um caminhoneiro.

Abri as pernas dela, colocando-me entre elas e penetrei devagarinho no seu cuzinho gostoso. Ela reclamou um pouco e gemeu, mas eu coloquei tudo. Quando estava totalmente dentro dela, comecei a estocar — primeiro devagar, depois aumentando o ritmo —, estimulei seu clitóris e ao senti que ela ia gozar, intensifiquei as estocadas e também a massagem no clitóris, até que ela gemeu alto, tremeu o corpo em um gozo forte e arrebatador, e eu gozei junto com ela.

— Gostosa demais. — falei no ouvido dela e tirei o meu pau devagarinho.

— Vem, meu amor, vamos tomar banho.

Levantei da cama e puxei minha mulher. Tomamos um banho demorado entre beijos e carícias, nos secamos e fomos dormir nus, abraçados e saciados.



Antes de abrir os olhos, escutei vozes. Eu sempre tive um sono muito leve, era treinado para perceber o menor dos movimentos e sons.

— Pode ir, vovó, eu vou acordar eles. Daqui a pouco a gente vai lá para a

festa do vovô, tá bom?

— Está bem, amor. Vovó já vai, tenho que preparar tudo.

Então, antes que eu pudesse ter qualquer reação, a porta do quarto abriu.

Meu primeiro impulso foi puxar o edredom e nos cobrir completamente, pois lembrei que estávamos sem roupa. Minha aflição foi ainda maior quando, em poucos segundos, Nina estava pulando em cima da gente na cama.

— Acorda, papai, tá na hora da festa. Vem, mamãe, levanta logo.

Nina falou tentando puxar o edredom e Lili acordou meio atordoada.

— Acorda, seus *preguicinha*. — ela falou do mesmo jeito que eu falava com ela e tentou novamente puxar o edredom.

— Não, filha, não puxa o edredom! — falei quase desesperado.

— Por quê? Está com frio?

— Estou. Papai está morrendo de frio. Olha... Quem te deu esse laço lindo?

— Foi a vovó. Também estou com frio, vou me cobrir também.

— Nããão, Nina. Vai lá ver onde o Alcapone está e trás ele aqui, bonequinha do papai.

— Mas por quê? — ela perguntou desanimada.

Eu não sabia mais o que dizer, não tive ideia melhor. Finalmente, Lili se manifestou, falando com a Nina:

— Filha, faz um favor para a mamãe. Vai lá no seu quarto, pega seu vestido rosa, aquele que a mamãe comprou na semana passada. Pega também as sapatilhas rosas e uma calcinha, depois volta aqui para a mamãe te arrumar para ir na festa do vovô.

— Ah, tá bom, vou lá — ela falou, pulou da cama e saiu do quarto.

Eu respirei aliviado, levantei rapidamente e fui tomar banho. Quando saí do banheiro, Lili estava arrumando nossa filha com o tal vestido rosa e estava quase terminando de arrumar os seus cabelinhos.

Eu era um pai muito apaixonado. Nina era o reflexo da perfeição, eu amava minha filha de uma maneira indescritível. Ela tinha os olhos grandes, iguais aos de Lili, mas o tom de azul era mais parecido com o meu. E pensar que um dia eu desejei continuar vivendo sozinho, sem esse vínculo, esse compromisso. Agora minha família era tudo de mais valioso que eu tinha!

Nina estava ansiosa, pois quando me viu falou logo:

— Vamos, papai! Vamos logo ver o vovô. Depois a mamãe vai, porque ela demora muito para se arrumar.

Eu ri e Lili se fez de ofendida, brincando.

— Ah, é? Está me largando para trás, Nina?

— Não é isso, mamãe.

— Tudo bem, a gente carrega na barriga durante 9 meses, sofre com enjoos, dores nas costas e as dores terríveis do parto, para ela crescer e ficar agarrada com o pai — Lili falou olhando para mim, depois abaixou a cabeça, fazendo drama. — Podem ir, me deixem aqui sozinha mesmo!

— É que o vovô quer ver a gente logo, mamãe. Ele falou assim quando vim embora: "Nina, volta logo, vovô já está com saudades."

Com certeza eu devia estar com uma cara de abestalhado vendo o quanto minha filha era linda e esperta.

— E hoje é aniversário dele, não posso deixar ele sentir saudades. E a vovó Carmen já está lá também, ajudando a vovó Patrícia!

Lili riu se rendendo e disse:

— Tá bom, vai lá com o papai, daqui a pouco também chego lá.

Nina sorriu e veio correndo puxar minha mão para me levar. Dei um beijo em Lili e fomos caminhando em direção à porta. Alcapone nos seguiu, claro, aquele cachorro adorava uma rua.

Quando chegamos, Matheo também já estava lá com as crianças. Então, Pietro, Mia e Raphael vieram correndo ao nosso encontro quando nos viram chegar.

— Oi, tio, até que enfim vocês chegaram — falou Mia. Minha sobrinha era um docinho de menina, meiga igual à mãe.

Quem respondeu foi a Nina, pois as duas eram muito amiguinhas, apesar dos anos de diferença.

— Oi, Mia! Vem, vamos brincar com o Alcapone. Vem, Pietro. Vem, Raphael.

Eles saíram correndo com o Alcapone e eu fui sentar à mesa de madeira que minha mãe e Matheo arrumaram no gramado, do lado de fora da casa.

— Bom dia! — cumprimentei meu pai e meu irmão. — Feliz aniversário, pai!

Eu me aproximei do meu pai, dei-lhe um beijo e um abraço.

— Cadê a Melissa, minha mãe, minha sogra? — perguntei a ninguém em particular.

— Nossa mãe e sua sogra estão na cozinha, Melissa ainda está se arrumando. — Matheo respondeu.

— Lili também. Não sei o que tanto arrumam se vão ficar em casa.

— Pois é, passam até maquiagem. Já falei a Melissa que ela não precisa de nada disso.

— Coisas de mulher, rapazes. Não tentem entender, apenas aceitem. — meu pai falou e levantou indo para dentro de casa.

— Nosso pai está certo. Elas gostam, cara, então não tem jeito, deixa elas.

Nesse momento, fui interrompido por Matheo, que estava conversando comigo, mas de olho nas crianças.

— Raphael, não faz isso. Ele não te aguenta e pode te morder se você machucá-lo.

Ri muito quando olhei naquela direção e vi o Raphael, filho mais novo do meu irmão, tentando montar em Alcapone como se ele fosse um cavalo.

Raphael era uma criança linda, aliás, todos os nossos filhos eram. Pietro puxou ao Matheo em tudo: cabelos escuros, semblante mais sério, observador, fechado e protetor com os irmãos e a Nina. Assim como o pai, meu sobrinho era meio rebelde e não gostava de obedecer ordens — um perfeito mini Matheo.

Quem tinha que lidar com o mais velho era sempre o pai e ele falava só uma vez, às vezes só o olhava e ele já obedecia, mas meu irmão nunca bateu nele. Melissa era muito mais doce, então Pietro nem sempre a respeitava, e Matheo estava sempre repreendendo-o por isso.

Pietro venerava o pai, dizia que queria ser exatamente como ele quando crescesse. Também era ciumento, tanto que Matheo e Melissa foram chamados na escola, porque ele deu um soco no "coleguinha" que disse que Mia era linda. O moleque era forte, já acompanhava Matheo em alguns exercícios na academia e fazia judô.

Mia era a doçura em forma de criança e uma mescla dos dois na aparência. Pietro tinha os olhos de Matheo, já Mia os de Melissa, além de ser delicada, carinhosa e afetuosa, exatamente como a mãe. Matheo lambia o chão que ela pisava e babava pela garota, e ela também era apaixonada pelo pai, mas dividia a atenção entre ele e Melissa. Minha sobrinha era sempre super protegida, mas não dava trabalho algum, uma criança fantástica.

Já Raphael, veio para enlouquecer Matheo e Melissa. O moleque era atentado demais, deixava-os loucos. Com apenas 3 anos, já tinha quebrado um braço e tido um número incontável de galos na cabeça. Meu irmão e minha cunhada viviam correndo com ele para o médico. O garoto era uma espoleta. Matheo falava que ele puxou a mim, pois não dava sossego, e eu sorria orgulhoso do meu sobrinho mais novo.

Fisicamente, o Raphael era mais parecido com Melissa — o único totalmente loirinho, com os olhos também iguais aos dela —. Ele tinha uma carinha de sonso irresistível.

Eu estava na mesma situação, pois Nina também não era nada fácil. Se por um lado era doce e delicada, por outro vivia aprontando. Alcapone, coitado, era o maior alvo dela. Apesar de amar o cachorro, ela achava que podia fazê-lo de boneca — já tinha cortado os pelos dele, pintado as unhas e tudo mais.

Saí de meus pensamentos quando Nina veio correndo na minha direção e chorando. Levantei na hora e fui encontrá-la. Peguei-a no colo enquanto ela chorava de olhinhos fechados.

— O que foi, filha? Olha para o papai.

— Não posso, papai. Raphael jogou areia no meu olho, está doendo.

Na mesma hora, escutei Matheo chamar a atenção do filho:

— Raphael, vem cá agora!

Levei Nina para lavar os olhinhos e, quando voltei, Matheo estava dando uma bronca no filho mais novo.

Sentei com Nina no meu colo, ainda chorosa, e no mesmo instante Matheo falou:

— Pede desculpas para a sua prima, Raphael.

— *Decupa*, Nina.

— Mas o quê? Ainda falta — meu irmão falou ainda sério.

— Não vô mais *fazê* isso. *Decupa*.

Meu sobrinho fazia uma carinha tão desolada que dava até pena. Nina já tinha parado de chorar, mas ainda magoada, nem respondeu. Eu respondi por ela:

— Ela desculpa você, Raphael, desde que você nunca mais faça isso. Não é, filha? Você o desculpa, né?!

— Não — Nina respondeu invocada.

— Tem que desculpar sim, Nina, porque foi sem querer. Ele já se arrependeu e não fará mais. Todo mundo erra! Outro dia, você deixou cair sabão no olho do Alcapone na hora do seu banho e ele continuou seu amigo, não foi?

— Mas, pai, ele jogou de propósito.

— E também já se arrependeu, então, você deve desculpar.

— Tá bom. Te desculpo, Raphael, chatão.

— Nina não fala assim com seu primo.

Ela nem me respondeu, já foi descendo do meu colo e voltou para onde

estavam Mia, Pietro e Alcapone. Raphael correu atrás.

— Eles não tem jeito, brigam toda hora.

— Cara, o Raphael está demais! Outro dia, ele colocou chiclete no cabelo da Mia. Nem sei onde ele arrumou, porque Melissa e eu evitamos dar doces para eles, mas desconfio que foi nossa mãe quem deu. A sorte foi que grudou só na pontinha do cabelo e deu para cortar sem nenhum estrago, mas ela chorou muito. Eu fico maluco quando vejo a minha menina chorando e, principalmente, quando o próprio irmão foi o responsável. Coloquei-o de castigo, mas no dia seguinte já estava aprontando novamente, quase me fez ter um infarto.

— Cara, não me conta essas coisas. Fico querendo rir, mas não posso, porque minha própria filha pode fazer isso a qualquer momento — eu disse, quase sem conseguir segurar uma risada.

— E quando achamos que ele já aprontou de tudo, fica pior. Um dia desses, ele subiu na cadeira, abriu uma gaveta do armário e pisou nela para subir no armário da cozinha. Não sei o que ele estava procurando, mas quando eu entrei na cozinha e vi a cena, levei um susto e ele, ao se assustar comigo, se desequilibrou e só não despencou de cabeça no chão, porque eu consegui segurá-lo pela camisa. Raphael poderia ter se machucado muito feio, eu fiquei apavorado e ele simplesmente riu. Nesse mesmo dia, mais tarde, ele pegou as tintas da escola dos irmãos e pintou o corpo e as paredes do quarto, Melissa quase chorou quando viu a bagunça. Tudo o que a gente não sofreu com os gêmeos, estamos sofrendo com ele. Lógico que não vou bater no meu filho, mas às vezes dá vontade. Ele é demais. Eu o amo tanto, mas ele não nos dá um minuto de sossego.

Eu morri de rir e Matheo ameaçou rir também, mas antes falou:

— Está rindo, né?! A gente passa por uma prova todos os dias.

— Eu sei como é, estou rindo de nervoso. A Nina também é demais, cara, você não faz ideia. Ela tem aquela carinha de anjo, mas é só enganação, ela apronta todas em casa; até o Alcapone sofre na mão dela, Lili fica doida. Ela coloca os saltos da Lili e fica andando pela casa. Outro dia, tropeçou e caiu feio, ficou um galo enorme na cabeça e a mãe a levou na pediatra e tudo, mas graças a Deus não foi nada. Ela já pegou as maquiagens importadas da Lili, que custam quase meu rim, e fez uma maquiagem estilo palhaça nela. Não satisfeita, ela maquiou o Alcapone e as cortinas do nosso quarto também, irmão. Lili quase chorou.

Nós rimos e fomos interrompidos pela aproximação da Melissa, toda linda como sempre — minha cunhada tinha ficado ainda mais bonita depois dos três filhos —, só perdia para a minha deusa louca, claro.

— Do que vocês estão rindo?

— Das travessuras das crianças — meu irmão respondeu.

— Minha nossa! Raphael está demais, eu fico louca sozinha com ele em casa até o Matheo chegar — ela falou, sentou no colo do meu irmão e deu um beijo na bochecha dele.

Matheo automaticamente abraçou a mulher e beijou o pescoço dela. Logo em seguida, Lili chegou também. Senti o cheiro dela antes mesmo de vê-la. Ela estava linda com seu batom vermelhão, que ela tanto ama. Minha mulher chegou na mesa cumprimentando a todos e sentou ao meu lado.

— Bom dia, família — ela falou da mesma maneira que eu sempre cumprimentava a todos.

Meus pais e a mãe dela vieram para a mesa se juntar a nós e minha mãe chegou anunciando:

— Já está tudo pronto, podemos almoçar quando quiserem.

Fomos todos para a mesa, colocamos comida para as crianças e depois comemos, conversando tranquilamente em um clima feliz em família.

Dentro de casa, a nossa vida era aquilo. Tudo de ruim, sujo e pesado ficava da porta para fora do condomínio, porque ali apenas o amor e a união reinavam. No final das contas, todos nós éramos muito felizes com as nossas crianças.



Lili

Alguns meses depois

Acordei e, ao esticar o braço para o outro lado da cama, percebi que Enzo não estava ali. Não estava me sentindo bem e fui correndo para o banheiro. Depois de tomar banho para ver se melhorava, passei no quarto de Nina e ela também não estava. Como era véspera de natal e ela era muito ansiosa, deve ter acordado cedo para ver se o Papai Noel já tinha passado e, provavelmente, já estava lá embaixo com o pai.

Desci e fui direto procurá-los. Encontrei Enzo com nossa filha no colo, preparando alguma coisa no fogão e aquela cena fez a manteiga derretida em que eu havia me transformado chorar. Meu marido estava de costas, com Nina de lado apoiada na cintura dele e a cabecinha deitada no ombro do pai.

Enzo era o melhor marido e pai do mundo e eu nunca deixaria de agradecer a Deus por isso, eu o amava um pouco mais a cada dia. Depois de tudo o que passei com meu pai, ter esse homem como meu marido e pai da minha filha era mais do que eu jamais pensei que merecia.

Por muitas vezes, perguntei-me o que eu tinha feito para merecer um pai tão cruel e, por isso, eu não acreditava na felicidade de um casamento, mas o Enzo me mostrou como era fácil amar e ser amada. Eu era a mulher, mãe e esposa mais feliz desse mundo.

Caminhei até eles e os abracei por trás, apoiando minha cabeça nas costas de Enzo e fechando os olhos. Aquela era a minha casa, minha família, meu momento de paz.



Enzo

O Natal havia chegado e estávamos todos reunidos na casa de Matheo e Melissa. Elisabete e Bernardo vieram para a Itália passar as festas de fim de ano conosco, então a família estava completa.

As mulheres organizaram uma festa maravilhosa, pois desde que as crianças nasceram nós comemorávamos o Natal com mais afinho. As casas eram enfeitadas, tinham árvores de natal, trocas de presentes, uma farta ceia e tudo mais.

Olhando toda a minha família ali reunida, eu não poderia deixar de observar a minha sogra, que agora era uma mulher feliz. Não tinha mais nada no semblante dela que lembrasse aquela mulher oprimida de antes e isso deixava a Lili muito feliz e, conseqüentemente, eu também.

Quando chegou a hora da troca de presentes, eu não imaginava que receberia um tão maravilhoso. Quem me entregou foi Nina. Ela veio até mim com um envelope branco na mão e disse:

— Papai, esse é o seu presente. Mamãe disse que você vai amar e eu também, então ela pediu para eu te entregar — minha filha falou e esticou a mãozinha para eu pegar o envelope.

Eu achei que seria mais um dos inúmeros desenhos que ela fazia de mim, onde eu era um palito com braços e pernas, uma cabeça enorme e, mesmo assim, ela dizia que eu estava muito lindo. Mas desta vez não era um desenho e eu não estava esperando por aquilo.

Ao abrir o envelope, meu coração pulou forte no meu peito e uma emoção enorme nasceu dentro de mim pela segunda vez na minha vida.

Olhei para Lili, esperando uma confirmação, e ela balançou a cabeça positivamente. Todos estavam em silêncio na sala, esperando eu dizer algo. Então, com um sorriso de orelha a orelha, peguei Nina no colo e exclamei:

— Pessoal, a Nina vai ganhar um irmãozinho. Eu vou ser pai novamente!

A sala explodiu em gritos de felicidade. Minha mãe e minha sogra começaram a chorar. Matheo, meu pai e Bernardo vieram me cumprimentar. Esse foi, sem sombra de dúvidas, o Natal mais feliz da minha vida.

Alguns meses depois, meu filho nasceu. O mais novo membro da família era um menino e lhe demos o nome de Lorenzo, Lorenzo Esposito. Agora a família estava completa.

Não existia na vida um pai de família mais feliz do que eu!

Fim

Sinopse

Meu marido mafioso 3: Pietro, príncipe da máfia (spin-off)

Pietro Esposito, príncipe herdeiro da máfia italiana, sempre teve muita admiração e respeito pelo seu pai, Matheo Esposito — Don do Cosa Nostra —, por quem foi treinado. Ele cresce tendo-o como seu maior exemplo.

Pietro nunca se importou em saber que seu pai era o chefe da maior organização criminosa do mundo, mas sabia que, como filho mais velho, seria seu sucessor e estava pronto para assumir essa responsabilidade.

Aos 27 anos, foi comunicado de que precisava se casar para assumir seu lugar nos negócios da família. O rapaz gostava da vida de solteiro, mas faria o que fosse necessário para cumprir suas obrigações na máfia. Então, ao conhecer a doce Amanda Beraldo, sua futura esposa — filha do capo da Albânia — ele percebe que casar poderia não ser algo tão ruim.

Amanda Beraldo foi criada como uma prisioneira por seu pai, que desde cedo sonhava em casar a filha com um dos irmãos Esposito, com o intuito de criar uma forte aliança e aumentar o seu poder.

Pietro e Amanda eram dois desconhecidos que iriam se casar para concretizar as convenções da máfia... Eles só não imaginavam que, ao se conhecerem, um forte e irresistível sentimento nasceria entre os dois.

O príncipe da máfia fará tudo para proteger sua mulher, mas o destino, sempre cruel, ameaça a vida de sua amada. Pietro promete colocar fogo no mundo para tê-la sempre segura ao seu lado, enfrenta seus inimigos e causa uma guerra para proteger sua família.

Não existe arma mais letal no mundo do que um homem apaixonado.

ARY NASCIMENTO



Ary Nascimento é formada em Farmácia Bioquímica pela Universidade Iguaçu, desde 2017. Ela é carioca, tem 37 anos e se considera uma leitora compulsiva.

Escritora por amor, Ary começou a divulgar sua jornada na escrita em 2018, publicando no Wattpad, onde conquistou milhares de leitores. Essa

experiência a inspirou a escrever mais 4 romances, sendo 3 deles *spin-off* desta obra. Recentemente, realizou mais um sonho ao lançar seu primeiro romance *Meu marido mafioso: Matheo & Melissa* na amazon.

Sua maior inspiração como escritora é a possibilidade de levar um pouco de alegria e leveza ao dia a dia dos seus leitores.

Acompanhe a autora:

Wattpad: AryNascimentoAutora

Instagram: @arynascimento_autora